



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
DOUTORADO EM LETRAS

ALINE NEUSHRANK

Fonologização na diacronia: do Latim ao Português Moderno

PELOTAS, RS

2015

ALINE NEUSCHRANK

Fonologização na diacronia: do Latim ao Português Moderno

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Letras da Universidade Católica de Pelotas
como requisito parcial à obtenção do título de
Doutora em Letras.

Área de concentração: Linguística Aplicada

Linha de pesquisa: Aquisição, Variação e Ensino

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Carmen Lúcia Barreto
Matzenauer

PELOTAS, RS

2015

N494f

Neuschrnk, Aline

Fonologização na diacronia: do Latim ao Português moderno. / **Aline Neuschrnk**. – **Pelotas : UCPEL**, 2015.

181f.

Tese (doutorado) – Universidade Católica de Pelotas, Programa de Pós-Graduação em Letras, Pelotas, BR-RS, 2015. Orientadora: Carmen Lúcia Barreto Matzenauer.

1. fonologização. 2. diacronia do Português. 3. sistema consonantal. 4. traços distintivos. 5. Princípios universais. I. Matzenauer, Carmen Lúcia Barreto, or. II. Título.

CDD 414

AGRADECIMENTOS

Enfim, chegou o momento de agradecer, ainda que pareçam faltar palavras para tanta gratidão que tenho por demonstrar...

Agradeço à minha família, em especial aos meus pais, Cristina e Alvacir, os que primeiro me incentivaram a desenvolver o gosto pelos estudos: sem esse primeiro passo, talvez eu nem estivesse vivendo este momento hoje.

Ao meu esposo, Ricardo, que compartilhou comigo, nesses três anos e meio de Doutorado, meus anseios, angústias, conquistas, e que acima de tudo sempre teve uma palavra de incentivo, nas horas mais difíceis para me motivar, e nas horas boas para conservar a serenidade. Obrigada por todo amor, carinho e compreensão desmedidos.

À minha orientadora, professora Carmen Matzenauer, não somente pelas orientações, que foram fundamentais para a concretização deste trabalho, mas por sempre acreditar que eu seria capaz de vencer os desafios que se apresentavam. Obrigada por compartilhar seu conhecimento e, acima de tudo, sua amizade, em um momento tão especial como este.

Aos amigos, os de longa e os de mais recente data, pelo constante incentivo e carinho. Em especial às amigas Miriam e Roberta, com quem pude dividir alguns receios, mas também muitas alegrias e conquistas da vida acadêmico-científica. Obrigada pelo apoio e pela amizade sincera.

À amiga Liliane Prestes-Rodrigues, pela amizade verdadeira e pelo constante incentivo nessa dura caminhada de crescimento profissional e científico. Obrigada por estar sempre torcendo pelas minhas conquistas.

Às professoras Valéria Monaretto e Susiele Machry, pelo olhar atento ao texto submetido à Qualificação e pelas valiosas contribuições, que com certeza permitiram o amadurecimento deste trabalho. Obrigada por compartilharem seu conhecimento.

À professora Cíntia Alcântara e ao professor Paulo Borges, por terem aceitado o convite para participar da banca e porque mais uma vez se prontificaram a contribuir com minha pesquisa. Obrigada pela disposição de sempre.

Aos professores do PPGL-UCPEL, com quem pude compartilhar reflexões as quais me fizeram amadurecer cientificamente. Em especial, agradeço ao professor Hilário Bohn, exemplo de profissional, a quem tive o privilégio de acompanhar na disciplina de Estágio em Docência e com quem aprendi muito sobre o que realmente significa “ser professor”. Obrigada pela oportunidade de crescimento.

À Rosangela Pereira, secretária do PPGL, pela constante disposição e prontidão para auxiliar em todos os momentos. Obrigada pela presteza de sempre.

À FAPERGS/CAPES, pela bolsa concedida, sem a qual o ingresso no Doutorado provavelmente precisaria aguardar um pouco mais.

Enfim, agradeço a todos que, de uma forma ou de outra, contribuíram para que este trabalho se concretizasse e para que mais essa etapa da minha vida fosse concluída, com a certeza de que, independente da sinuosidade do caminho, o objetivo foi alcançado fazendo-se o melhor.

Não basta saber, é preciso também aplicar.

Não basta querer, é preciso também fazer.

Johann Goethe

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal apresentar pesquisa cujo foco é a descrição e a análise da fonologização na evolução do sistema consonantal do latim ao português, a partir de material coletado por meio de revisão bibliográfica em manuais e gramáticas históricas. A fonologização como centro de um estudo diacrônico justifica-se pelo papel fundamental na constituição da história das línguas, uma vez que é responsável pela alteração dos inventários fonológicos, com o preenchimento de lacunas existentes no sistema, seja pela inserção de novos segmentos ou até mesmo pela criação de toda uma classe de segmentos inexistentes. Apesar de ser um processo essencial na estruturação dos inventários das línguas, poucos são os trabalhos que exploram sua caracterização e funcionamento. A explicitação dos processos fonológicos envolvidos e dos traços distintivos atuantes no referido fenômeno é guiada pelos pressupostos da teoria Autossegmental (CLEMENTS e HUME, 1995), mais especificamente com base no Modelo de Princípios Fonológicos Baseados em Traços (CLEMENTS, 2009). Os dados foram organizados de forma a explicitar a origem dos novos fonemas do português, o tipo de processo atuante (sonorização, fricativização, consonantização, palatalização), o papel dos traços no processo de mudança e as possíveis etapas evolutivas que culminaram na implementação de novos fonemas no inventário do português, em se comparando com o sistema consonantal do Latim. A análise dos dados permitiu concluir que a atuação do Princípio de Economia de Traços e do Princípio de Robustez, segundo o Modelo de Clements (2009), é tendência atestada na diacronia da língua. Além disso, foi possível identificar basicamente dois movimentos que guiam a evolução do sistema consonantal analisado: um que visa à simetria do sistema, favorecendo o preenchimento de lacunas existentes no inventário fonológico pela expansão do uso contrastivo de traço já pertinente na gramática, e outro que milita a favor da expansão do sistema pela criação de novas classes de segmentos. Dos dois movimentos, resultam novas oposições, estabelecidas tanto por meio da atuação de traços não contrastivos no sistema de origem, como por traços que, já pertinentes, passam a figurar em novas coocorrências; nos dois casos, tem-se a atuação de princípios fonológicos universais, influenciando na escolha e no funcionamento dos traços. Como consequência da ação de princípios universais subjacentes à fonologização, as análises evidenciaram que não apenas a estrutura do sistema do latim motivou esse fenômeno na diacronia do português. Os resultados mostraram que o funcionamento dos traços é capaz de tornar explícitas as duas forças que estão subjacentes ao processo de fonologização na evolução do sistema consonantal do português: a estrutura lacunar do sistema que lhe deu origem e os princípios universais que representam tendências na constituição dos inventários das línguas do mundo.

Palavras-chave: Fonologização; Diacronia do Português; Sistema Consonantal; Traços Distintivos; Princípios Universais.

ABSTRACT

This paper aims to present a research which focuses on the description and analysis of phonologization in the evolution of the Latin consonant system to Portuguese, from material collected through literature review on manuals and historical grammars. The phonologization as the center of a diachronic study is justified by its key role in the establishment of the history of languages, since it is responsible for changing the phonological inventories, to fill gaps in the existent system, either by inserting new segments or even creating a whole class of nonexistent segments. Despite of being an essential process in the structuring of language inventories, there are few researches that explore its characteristic and function. The explanation of phonological processes involved and the active distinctive features in the phenomenon is guided by the assumptions of the Autosegmental theory (CLEMENTS and HUME, 1995), specifically based on the Model of Feature-Based Phonological Principles (CLEMENTS, 2009). Data were organized to explain the origin of new Portuguese phonemes, the kind of active process (sonorization, fricativization, consonantization, palatalization), the feature role in the change process, and the possible evolutionary steps that led to the implementation of new phonemes in the Portuguese inventory, when comparing to the Latin consonant system. Data analysis showed that the performance of Economy Feature Principle and the Robustness Principle, according to the model of Clements (2009), is an attested trend in diachronic language. In addition, it can be basically identified two movements that guide the evolution of the analyzed consonant system: one that aims at the system symmetry, favoring the filling of gaps in the phonological inventory by the expansion of contrastive use of features relevant to the grammar, and another that militates in favor of a system expansion by creating new classes of segments. From the two movements, new oppositions are resulted, and both are established through actions of non-contrastive features in the source system, as well as through features that, already relevant, shall be placed in new co-occurrences; in both cases, there is the role of universal phonological principles, influencing features' choice and function. As a result of the action of universal principles underlying phonologization, the analysis did not only show the structure of the Latin system which motivated this phenomenon in the diachronic Portuguese. The results unveiled that the function of features are able to make explicit the two forces that underlie the phonologization process in the evolution of the Portuguese consonant system: the incomplete structure of the system that gave rise to it, and the universal principles that represent trends in the constitution of World languages inventories.

Keywords: Phonologization; Portuguese Diachrony; Consonant System; Distinctive Features; Universal Principles.

SUMÁRIO

RESUMO	6
ABSTRACT	7
SUMÁRIO	8
LISTA DE QUADROS	10
LISTA DE FIGURAS	12
INTRODUÇÃO	13
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
2.1 A LINGUÍSTICA HISTÓRICA E OS ESTUDOS SOBRE MUDANÇA.....	16
2.1.1 <i>O início dos estudos históricos: do método comparativo ao manifesto neogramático</i>	17
2.1.2 <i>A história das línguas sob uma perspectiva imanentista.....</i>	20
2.1.3 <i>Uma concepção mais integrativa para os estudos diacrônicos</i>	24
2.2 DIACRONIA DAS LÍNGUAS ROMÂNICAS	31
2.2.1 <i>Contexto de origem das línguas românicas: Latim clássico e Latim vulgar.....</i>	32
2.2.2 <i>Formação das línguas românicas: fatores internos e fatores externos da mudança</i> 33	
2.2.3 <i>Fases da evolução das línguas românicas: do latim ao português.....</i>	40
2.3 FONOLOGIZAÇÃO	45
2.4 OS TRAÇOS COMO OBJETO DE ANÁLISE DA LINGUÍSTICA.....	49
2.4.1 <i>Modelos não lineares: Teoria Autossegmental</i>	51
2.4.2 <i>Modelo de Princípios Fonológicos Baseados em Traços (CLEMENTS, 2009).....</i>	58
3 DELIMITAÇÃO DO CORPUS E DESCRIÇÃO DOS DADOS.....	67
3.1 DESCRIÇÃO DOS DADOS	69
3.1.1 <i>Sistema consonantal latino: latim clássico x latim vulgar</i>	69
3.1.2 <i>Sistema consonantal do português</i>	72
3.1.2.1 <i>O português arcaico: visão geral e variações do sistema consonantal</i>	72
3.1.2.2 <i>O sistema consonantal do português moderno</i>	82
3.2 DO LATIM AO PORTUGUÊS: SEGMENTOS CONSONANTAIS E PROCESSOS	85
3.2.1 <i>Plosivas surdas.....</i>	87
3.2.2 <i>Plosivas sonoras.....</i>	88
3.2.3 <i>Fricativas surdas.....</i>	90
3.2.4 <i>Fricativas sonoras.....</i>	91

3.2.5 Nasais	93
3.2.6 Laterais.....	93
3.2.7 Vibrantes.....	94
3.2.8 Origens do sistema consonantal português.....	95
3.3 ETAPAS EVOLUTIVAS DO SISTEMA CONSONANTAL DO PB.....	98
3.3.1 Sonorização	98
3.3.2 Fricativização.....	99
3.3.3 Palatalização.....	101
3.3.4 Consonantização	106
4 ANÁLISE DOS DADOS.....	110
4.1 A FONOLOGIZAÇÃO CONSONANTAL: DO LATIM AO PORTUGUÊS	110
4.1.1 Sobre a fonologização da fricativa /v/.....	111
4.1.2 Sobre a fonologização da fricativa /z/.....	114
4.1.3 Sobre a fonologização da fricativa palatal /ʃ/.....	119
4.1.4 Sobre a fonologização da fricativa palatal surda /ʒ/	123
4.1.5 Sobre a fonologização da nasal palatal /ɲ/.....	131
4.1.6 Sobre a fonologização da lateral palatal /ʎ/.....	133
4.2 PRINCÍPIOS FONOLÓGICOS BASEADOS EM TRAÇOS E A CONSTITUIÇÃO DO INVENTÁRIO CONSONANTAL NA DIACRONIA DO PORTUGUÊS	140
4.2.1 Correlações entre traços na constituição do inventário consonantal do Português	140
4.2.2 A fonologização de segmentos do português a partir de sequências do latim	144
4.2.2.1 Coalizão de traços na fonologização de /z/	145
4.2.2.2 Coalizão de traços na fonologização de /ʃ/	148
4.2.2.3 Coalizão de traços na fonologização de /ʒ/	152
4.2.2.4 Coalizão de traços na fonologização de /ɲ/.....	156
4.2.2.5 Coalizão de traços na fonologização de /ʎ/.....	159
5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	162
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	169
BIBLIOGRAFIA.....	173

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – FREQUÊNCIA DE CONTRASTES – UPSID (CLEMENTS, 2009, p.44-45)	62
QUADRO 2: CONTRASTES ROBUSTOS	62
QUADRO 3: ESCALA DE ROBUSTEZ (CLEMENTS, 2009, p. 46-47)	63
QUADRO 4: SISTEMA CONSONANTAL DO LATIM CLÁSSICO.....	69
QUADRO 5: SISTEMA CONSONANTAL DO LATIM VULGAR	70
QUADRO 6: MANUTENÇÃO E FORMAÇÃO DE CONSOANTES GEMINADAS LATIM-ITALIANO	71
QUADRO 7: SISTEMA CONSONANTAL DO PORTUGUÊS ARCAICO (PRIMEIRA FASE).....	75
QUADRO 8: CONSTITUIÇÃO DAS CLASSES DE SEGMENTOS DE ACORDO COM O PONTO DE ARTICULAÇÃO (LATIM X PORTUGUÊS ARCAICO – 1ª FASE)	77
QUADRO 9: CONSTITUIÇÃO DAS CLASSES DE SEGMENTOS DE ACORDO COM O MODO DE ARTICULAÇÃO (LATIM X PORTUGUÊS ARCAICO – 1ª FASE)	78
QUADRO 10: SISTEMA CONSONANTAL DO PORTUGUÊS ARCAICO (SEGUNDA FASE)	80
QUADRO 11: CONSTITUIÇÃO DAS CLASSES DE SEGMENTOS DE ACORDO COM O PONTO DE ARTICULAÇÃO (PORTUGUÊS ARCAICO – 1ª FASE X 2ª FASE)	81
QUADRO 12: CONSTITUIÇÃO DAS CLASSES DE SEGMENTOS DE ACORDO COM O MODO DE ARTICULAÇÃO (PORTUGUÊS ARCAICO – 1ª FASE X 2ª FASE)	81
QUADRO 13: SISTEMA CONSONANTAL DO PB.....	82
QUADRO 14: SISTEMA CONSONANTAL DO PB (MONARETTO, QUEDNAU E HORA, 2005)	83
QUADRO 15: CONSTITUIÇÃO DAS CLASSES DE SEGMENTOS DE ACORDO COM O PONTO DE ARTICULAÇÃO (PORTUGUÊS ARCAICO – 2ª FASE X PORTUGUÊS MODERNO)	84
QUADRO 16: CONSTITUIÇÃO DAS CLASSES DE SEGMENTOS DE ACORDO COM O MODO DE ARTICULAÇÃO (PORTUGUÊS ARCAICO – 2ª FASE X PORTUGUÊS MODERNO)	84
QUADRO 17: CONSTITUIÇÃO DO SISTEMA CONSONANTAL DO PORTUGUÊS A PARTIR DO SISTEMA LATINO (ADAPTADO DE NEUSCHRANK, 2011)	95
QUADRO 18: EXEMPLOS DE SONORIZAÇÃO LATIM>PORTUGUÊS E PORTUGUÊS MODERNO	99
QUADRO 19: DESENVOLVIMENTO DA SEQUÊNCIA TJ, EM CONTEXTO INTERVOCÁLICO (EXEMPLO: RATIONEM > RAZÃO).....	100
QUADRO 20: ESQUEMA DE EVOLUÇÃO DAS SEQUÊNCIAS KL, PL E FL SEGUNDO WILLIAMS (2001)	102
QUADRO 21: SONORIDADE DA SEQUÊNCIA /kl/, SEGUNDO A ESCALA DE SONORIDADE DE BONET & MASCARÓ (1996) ...	102
QUADRO 22: SONORIDADE DA SEQUÊNCIA /kj/, SEGUNDO A ESCALA DE SONORIDADE DE BONET & MASCARÓ (1996) ...	103
QUADRO 23: CONTEXTOS DE ORIGEM DE /ʒ/	103
QUADRO 24: EVOLUÇÃO DA SEQUÊNCIA GJ, SEGUNDO WILLIAMS (2001)	104
QUADRO 25: PROPOSTA DE EVOLUÇÃO DA CONSOANTE VELAR SEGUIDA DE VOGAL CORONAL, DE NEUSCHRANK (2011) ...	104
QUADRO 26: EVOLUÇÃO DA SEQUÊNCIA D_I,J	104
QUADRO 27: CONTEXTOS DE ORIGEM DO /ʎ/	105
QUADRO 28: EVOLUÇÃO DE KL E TL, NO GALEGO-PORTUGUÊS E NO CASTELHANO (TEYSSIER, 2007)	105
QUADRO 29: ORIGENS DA NASAL PALATAL /ɲ/	106

QUADRO 30: ESTÁGIOS DA EVOLUÇÃO DE /gn/	106
QUADRO 31: EVOLUÇÃO DA SEMIVOGAL /j/	107
QUADRO 32: RESULTADOS DA EVOLUÇÃO FONÉTICA DE /w/ NAS LÍNGUAS ROMÂNICAS - ILARI (2008, p. 81).....	107
QUADRO 33: EVOLUÇÃO DA SEMIVOGAL /w/	107
QUADRO 34: FONOLOGIZAÇÃO NA DIACRONIA DO PB — PROCESSOS, ETAPAS E TRAÇOS	110
QUADRO 35: O PROCESSO DE FONOLOGIZAÇÃO DO SEGMENTO /v/	112
QUADRO 36: O PROCESSO DE FONOLOGIZAÇÃO DO SEGMENTO /z/	115
QUADRO 37: O PROCESSO DE FONOLOGIZAÇÃO DO SEGMENTO /ʃ/	119
QUADRO 38: PROCESSO DE FONOLOGIZAÇÃO DA FRICATIVA PALATAL SONORA /ʒ/	123
QUADRO 39: RESULTADO DA EVOLUÇÃO DA SEMIVOGAL /j/ - ADAPTADO DE ILARI (2008, p. 81)	129
QUADRO 40: FONOLOGIZAÇÃO DA NASAL PALATAL /ɲ/	131
QUADRO 41: FONOLOGIZAÇÃO DA LATERAL PALATAL /ʎ/	134

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: DIAGRAMA ARBÓREO DE ACORDO COM CLEMENTS & HUME (1995) FONTE: CLEMENTS & HUME (1995)	53
FIGURA 2: REPRESENTAÇÃO DE SEGMENTO SIMPLES DE ACORDO COM CLEMENTS & HUME (1995) FONTE: MATZENAUER (2005)	54
FIGURA 3: REPRESENTAÇÃO DE SEGMENTO COMPLEXO DE ACORDO COM CLEMENTS & HUME (1995) FONTE: MATZENAUER (2005).....	54
FIGURA 4: GEOMETRIA DE UMA CONSOANTE PRÉ-NASALISADA DE ACORDO COM CLEMENTS E HUME (1995) FONTE: MATZENAUER (2005) 55	
FIGURA 5: UMA RAIZ COM LIGAÇÃO DUPLA PARA A CAMADA TEMPORAL: SEGMENTOS GEMINADOS DE ACORDO COM CLEMENTS E HUME (1995)	56
FIGURA 6: GEOMETRIA DE TRAÇOS DE SEGMENTOS QUE CONSTITUEM UMA CONSOANTE GEMINADA, SEM A OPERAÇÃO DO OCP	57
FIGURA 7: EVOLUÇÃO DA SEMIVOGAL /w/ PARA FRICATIVA /v/	113
FIGURA 8: FRICATIVIZAÇÃO DE /b/	114
FIGURA 9: SONORIZAÇÃO DE /s/.....	116
FIGURA 10: SEQUÊNCIA /tj/ E ESPRAIAMENTO.....	116
FIGURA 11: CONSOANTE AFRICADA ALVEOLAR SURDA /ts/	117
FIGURA 12: GEOMETRIA DE TRAÇOS DA AFRICADA ALVEOLAR SONORA /dz/	117
FIGURA 13: DESLIGAMENTO DE BORDA DA AFRICADA ALVEOLAR SONORA /dz/ E GEOMETRIA DE TRAÇOS DA FRICATIVA ALVEOLAR SONORA /z/	118
FIGURA 14 PROMOÇÃO DA ARTICULAÇÃO SECUNDÁRIA	120
FIGURA 15: GEOMETRIA DE TRAÇOS DA AFRICADA /tʃ/.....	121
FIGURA 16: DESLIGAMENTO DA BORDA ESQUERDA DO /tʃ/	121
FIGURA 17: ESPRAIAMENTO DO TRAÇO [CORONAL]	122
FIGURA 18: GEOMETRIA DE TRAÇOS DA FRICATIVA PALATO-ALVEOLAR	122
FIGURA 19: SEQUÊNCIA [g+ VOGAL CORONAL]	124
FIGURA 20: ESPRAIAMENTO DO NÓ VOCÁLICO PARA O PC.....	125
FIGURA 21: GEOMETRIA DE TRAÇOS DA CONSOANTE PALATALIZADA /gj/	125
FIGURA 22: SUSPENSÃO DO TRAÇO [DORSAL] E REALIZAÇÃO DA ARTICULAÇÃO SECUNDÁRIA	126
FIGURA 23: CONSOANTE PALATALIZADA /dj/.....	127
FIGURA 24: PROMOÇÃO DA ARTICULAÇÃO SECUNDÁRIA	127
FIGURA 25: GEOMETRIA DE TRAÇOS DA CONSOANTE AFRICADA /dʒ/	128
FIGURA 26: DESLIGAMENTO DA BORDA ESQUERDA DE /dʒ/	128
FIGURA 27: RESULTADO DO APAGAMENTO DA ESTRUTURA DO SEGMENTO PLOSIVO	128
FIGURA 28: GEOMETRIA DE TRAÇOS DA SEQUÊNCIA /ni/	132
FIGURA 29: ESPRAIAMENTO DO NÓ VOCÁLICO	132
FIGURA 30: GEOMETRIA DE TRAÇOS DA CONSOANTE NASAL PALATAL.....	132
FIGURA 31: PROCESSO DE ASSIMILAÇÃO-ESPRAIAMENTO DO NÓ DE RAIZ DO /l/	135
FIGURA 32: DISSIMILAÇÃO/MUDANÇA DO TRAÇO [VOCOIDE] E ATUALIZAÇÃO DO NÓ VOCÁLICO:	136
FIGURA 33: ESPRAIAMENTO DO NÓ VOCÁLICO DE /j/ PARA /l/	136
FIGURA 34: GEOMETRIA DE TRAÇOS DA LATERAL PALATAL /ʎ/	137
FIGURA 35: ESPRAIAMENTO DO NÓ VOCÁLICO PARA O PC DA CONSOANTE	137
FIGURA 36: LATERAL PALATAL	138
FIGURA 37: COALIZÃO DE TRAÇOS DA SEQUÊNCIA /kj/ NA FONOLOGIZAÇÃO DE /z/	146
FIGURA 38: COALIZÃO DE TRAÇOS DA SEQUÊNCIA /kl/ NA FONOLOGIZAÇÃO DE /ʃ/	148
FIGURA 39: COALIZÃO DE TRAÇOS DA SEQUÊNCIA /sj/ NA FONOLOGIZAÇÃO DE /ʃ/	151
FIGURA 40: COALIZÃO DE TRAÇOS DA SEQUÊNCIA /gi/ NA FONOLOGIZAÇÃO DE /ʒ/	152
FIGURA 41: COALIZÃO DE TRAÇOS DA SEQUÊNCIA /dj/ NA FONOLOGIZAÇÃO DE /ʒ/	153
FIGURA 42: COALIZÃO DE TRAÇOS DA SEQUÊNCIA /sj/ NA FONOLOGIZAÇÃO DE /ʒ/	154
FIGURA 43: COALIZÃO DE TRAÇOS DA SEQUÊNCIA /ni/ NA FONOLOGIZAÇÃO DE /ɲ/	157
FIGURA 44: COALIZÃO DE TRAÇOS DA SEQUÊNCIA /gn/ NA FONOLOGIZAÇÃO DE /ɲ/	157
FIGURA 45: COALIZÃO DE TRAÇOS DA SEQUÊNCIA /kl/ NA FONOLOGIZAÇÃO DE /ʎ/	159

INTRODUÇÃO

Todas as línguas mudam com o passar do tempo, em todos os componentes que as constituem. A percepção da mudança, aos usuários das línguas, torna-se evidente no nível lexical, quando, por exemplo, é possível verificar a diferença entre palavras de emprego atual e outras utilizadas por gerações anteriores; no entanto, os outros níveis da estrutura das línguas, como o fonológico, o morfológico, o sintático e o semântico, também são alvo de mudança no tempo. A mudança linguística foi, e continua sendo, objeto de estudos históricos, os quais foram também acompanhados de investigações comparativas, que logo de início permitiram, inclusive, falar-se em *famílias* de línguas. Os estudos linguísticos que se preocupam com a mudança ao longo do tempo foram definidos por Saussure como *diacrônicos*, em oposição aos estudos *sincrônicos*, ou seja, estudos sobre um estado da língua (SAUSSURE, 2012[1916], p. 123-124).

A abordagem diacrônica permite a definição de estágios das línguas, com a descrição dos diferentes fenômenos que os caracterizam. A perspectiva diacrônica tem-se mostrado bastante satisfatória quando se busca particularmente a compreensão de certos fenômenos recorrentes nos estágios das línguas, uma vez que as mudanças ocorridas muitas vezes têm como base a repetição de fenômenos já identificados na história. Além disso, conhecer a evolução de uma língua permite também o estabelecimento de comparações entre diferentes sistemas linguísticos provindos de uma fonte comum (como é o caso das línguas românicas, derivadas do latim), permitindo, assim, a identificação de padrões de similaridade entre as línguas e também características de singularidade de cada um dos sistemas. Ainda, a partir da identificação desses padrões, é possível prever que caminhos poderão ser seguidos na evolução linguística, quando identificados determinados comportamentos das línguas, fazendo-se relação do nível da variação com o da mudança.

Reconhecendo a relevância das pesquisas diacrônicas, o presente estudo tem como foco a história interna do sistema linguístico do Português, considerando mais especificamente aspectos fonológicos do sistema analisado, a fim de explicitar como o processo de fonologização atuou no caminho evolutivo dessa língua neolatina. Esta investigação mostra-se importante no sentido de examinar o caminho da inclusão de novos segmentos e o estabelecimento do equilíbrio na constituição do inventário fonológico consonantal da língua em questão, considerando principalmente os

segmentos que, em se comparando o sistema atual do Português com o sistema do latim, se integraram à sua gramática, como parte do processo evolutivo, uma vez que não pertenciam ao inventário fonológico consonantal latino. Ao buscar o foco aqui referido, o presente estudo segue o caminho inovador de propor análises com base em uma teoria fonológica: a Teoria Autossegmental.

A Tese tem, como objetivo geral, propor a descrição, a análise, bem como a formalização do processo evolutivo do sistema consonantal do português, considerando sua constituição a partir do latim, sob a ótica dos pressupostos da Teoria Autossegmental, com foco especial no processo de fonologização.

Mais especificamente, pretende-se:

- (1) caracterizar o sistema consonantal do latim e, desse ponto de partida, traçar o processo evolutivo para o português com foco nos traços e processos envolvidos na mudança, motivadores do processo de fonologização;
- (2) analisar a evolução do sistema consonantal do português, formalizando por meio de traços, em uma visão autossegmental (CLEMENTS e HUME, 1995; CLEMENTS, 2009), o fenômeno da fonologização, que determinou mudanças linguísticas no referido sistema;
- (3) discutir o processo de fonologização de traços e de segmentos consonantais na diacronia do português, à luz do Modelo de Princípios Fonológicos Baseados em Traços (CLEMENTS, 2009), verificando articulações entre princípios universais e a evolução histórica do inventário fonológico do português;
- (4) contribuir para os estudos sobre mudança, especificamente com base na Teoria Autossegmental e no Modelo de Princípios Fonológicos Baseados em Traços (CLEMENTS, 2009).

A fim de buscar atingir os objetivos propostos, esta pesquisa é guiada pelos seguintes questionamentos:

- (1) como se constitui a trajetória evolutiva do latim à língua românica em estudo, em termos de traços e processos envolvidos no fenômeno da fonologização?
- (2) que princípios e que traços, segundo a proposta de Clements (2009), estariam atuando sobre as unidades do sistema consonantal latino, condicionando o fenômeno da fonologização de segmentos na história do português?
- (3) a robustez dos traços, amplamente evidenciada como o princípio que orienta os processos de expansão e solidificação dos sistemas em aquisição, pode ter um papel igualmente fundamental em se tratando das mudanças sofridas pelo sistema consonantal

do latim?

(4) pela coocorrência de traços, é possível explicar os caminhos delineados na evolução das consoantes do latim ao português, em se tratando da expansão do sistema?

O presente trabalho organiza-se da seguinte forma: após apresentada a proposta de pesquisa, bem como sua justificativa, objetivos e questões norteadoras, passa-se, no capítulo 2, a uma explanação com base nos pressupostos teóricos que norteiam este estudo, seção esta dividida em duas partes: a primeira propõe-se tratar das questões relacionadas aos estudos diacrônicos em fonologia necessárias para que se alcancem os objetivos aqui almejados, tratando de maneira geral a respeito das fases de evolução das línguas românicas, mas especificamente do português, apresentando algumas considerações a respeito de trabalhos que tratam do fenômeno da mudança na fonologia, mais especificamente do processo de fonologização; a segunda parte apresenta os fundamentos da Teoria Autossegmental, a fim de tecer considerações importantes sobre o tratamento dado por essa abordagem para a mudança fonológica. Ao capítulo 3 cabe a exposição dos procedimentos empregados no estudo, bem como a descrição dos dados que servirão como base para a análise aqui proposta, caracterizados em termos de traços e processos envolvidos no fenômeno da fonologização, que é o foco do trabalho. No capítulo 4 está exposta a análise dos dados relacionados à constituição do sistema consonantal do português. O capítulo 5 contém as discussões a respeito dos resultados da análise realizada, buscando evidenciar a atuação dos Princípios Fonológicos Baseados em Traços nos fenômenos diacrônicos relacionados à fonologização. No capítulo 6 são apresentadas as considerações finais do trabalho, retomando-se os objetivos, bem como as questões norteadoras da pesquisa, apresentando-se as principais conclusões delineadas após a análise dos dados e discussão dos resultados. Na Bibliografia encontram-se todas as obras consultadas e citadas neste trabalho.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A Linguística Histórica e os estudos sobre mudança

Em se tratando de mudança linguística, apesar de todos os estudos até então elaborados neste âmbito, muitas são as questões ainda no aguardo de uma explanação capaz de resolvê-las. Perguntas como "Por que as línguas mudam?", "Como essas mudanças podem ser mais adequadamente representadas?", "Por que algumas mudanças são absolutas, enquanto outras parecem afetar apenas um subconjunto de potenciais alvos?", "Por que os inventários fonológicos podem ser acrescidos de novos segmentos no decorrer da evolução das línguas?" e muitas outras tornam o terreno, no qual o pesquisador em fenômenos da diacronia circula, bastante fértil em possibilidades de estudo, ainda que esta também nem sempre seja uma tarefa muito fácil, devido ao alto poder de observação da língua em seus mais variados estados ser imprescindível neste tipo de abordagem.

A linguística diacrônica, como proposta por Saussure (2012, [1916]), ocupa-se com o estudo das relações entre os termos sucessivos que substituem uns aos outros no tempo. Todas as partes da língua estariam sujeitas a mudança e a cada período corresponde uma evolução mais ou menos considerável, que varia em rapidez e intensidade: "o rio da língua corre sem interrupção; que seu curso seja tranquilo ou caudaloso é consideração secundária" (SAUSSURE 2012 [1916], p. 193).

De acordo com Mattos e Silva (2008, p. 41), é possível conceber a mudança linguística por dois vieses: no sentido estrito, podendo ser trabalhada sob a orientação da Linguística Sócio-histórica ou da Linguística Diacrônica; e no sentido lato, lidando com dados datados e localizados, "como qualquer Linguística que trabalhe com *corpus*, como a Dialetoлогия e a Sociolinguística Laboviana, a Etnolinguística e mesmo a teoria da conversação, desde que use *corpora*". Dessa forma, cabe salientar que a presente pesquisa se localiza, então, dentro do viés estrito da Linguística Histórica, sob a orientação da Linguística Diacrônica, já que não se vale de dados datados ou informações de cunho social para proceder às análises pretendidas.

Nesta seção, apresenta-se, ainda que de forma sintetizada, o percurso formador da Linguística Histórica, por meio da explanação a respeito dos principais nomes que, de uma forma ou outra, contribuíram substancialmente para o desenvolvimento dos estudos relacionados à história das línguas, tratando-se também sobre a forma como as principais correntes teóricas conceberam os estudos diacrônicos.

Para tanto, essa apresentação está dividida em três partes, que correspondem aos grandes períodos da linguística histórica. A primeira trata do início dos estudos históricos, focando principalmente o método comparativo; a segunda apresenta as principais ideias que conduziram os estudos diacrônicos pautados em uma perspectiva imanentista da língua; a terceira condensa as principais contribuições dos estudos diacrônicos a partir de uma visão mais integrativa, que concebe a mudança como um evento condicionado por uma conjunção de fatores estruturais e sociais.

2.1.1 O início dos estudos históricos: do método comparativo ao manifesto neogramático

O interesse pela história das línguas remonta à antiguidade, quando já os filólogos alexandrinos estudavam as antigas fases da língua, além dos traços distintivos dos dialetos gregos, como bem refere Câmara Jr (1975). Porém, o ano de 1786 é comumente apontado como a data do início dos estudos relacionados à história das línguas. O marco desse período coincide com a comunicação apresentada por William Jones à Sociedade Asiática de Bengala, na qual destaca as muitas semelhanças entre o sânscrito, o latim e o grego. Surge então, dessa percepção de possível parentesco entre diferentes línguas, o interesse por estudos centrados na comparação entre línguas e, conseqüentemente, a criação do método comparativo.

A publicação do texto *Sobre a língua e a sabedoria dos hindus*, de Friedrich Schlegel (em 1808), é tomada como o ponto de partida dos estudos comparativistas na Alemanha. No referido trabalho, Schlegel reforçou a tese de W. Jones de existência de um parentesco entre o sânscrito, o latim e o grego, incluindo ainda o germânico e o persa. Era preciso, então, desenvolver um trabalho de comparação entre as línguas, para assim estabelecer seu parentesco e sua ascendência comum (FARACO, 2012 [2005]).

O desenvolvimento de tal programa de análise das línguas foi amplamente explorado por Franz Bopp que, em 1816, publicou o livro *Sobre o sistema de conjugação da língua sânscrita em comparação com o da língua grega, latina, persa e germânica*. Neste estudo, Bopp demonstrou as correspondências sistemáticas existentes entre as línguas analisadas, o que fundamentou a revelação empírica de seu real parentesco. Estava, assim, criado o método comparativo, o procedimento central nos estudos de linguística histórica. Segundo Câmara Jr (1975), é inegável a importância de Bopp para o desenvolvimento das investigações em linguística histórica, embora, conforme o autor, Bopp não tenha dado a devida importância às questões fonéticas das

línguas, centrando sua preocupação na morfologia como um estudo estrutural da palavra.

[...] Apesar de suas deficiências, temos que atribuir a Bopp o mais importante papel neste tipo de abordagem. Ele abriu o caminho para o desenvolvimento de um dos dois aspectos da ciência da linguagem ou linguística propriamente dita – o “Estudo Histórico da Linguagem” (CÂMARA JR, 1975, p. 40).

Ainda que Bopp tenha desenvolvido ao máximo os estudos comparativos, não focava no percurso histórico: seu interesse estava no estabelecimento de parentesco entre as línguas. Por isso, costuma-se dizer que o estudo propriamente histórico foi desenvolvido por Jacob Grimm que, em seu livro *Gramática alemã*, cuja segunda edição é tomada como ponto de referência, interpretou a existência de correspondências fonéticas sistemáticas entre as línguas como resultado de mudanças no tempo. Ao estudar o ramo germânico das línguas indo-europeias, Grimm trabalhou com dados dispostos em uma sequência de catorze séculos, podendo assim estabelecer a sucessão histórica das formas que estavam sendo comparadas, diferentemente de Bopp, que analisou dados do sânscrito anterior a 1000 a. C. e do latim do século V a. C., por exemplo. A partir dos estudos de Grimm passou-se a considerar que a sistematicidade das correspondências entre as línguas tinha a ver com o fluxo histórico e a regularidade dos processos de mudança (FARACO 2012, p. 135-136).

Cabe ainda fazer menção ao trabalho desenvolvido pelo dinamarquês Rasmus Rask que, paralelamente a Bopp e independentemente dele, desenvolveu importantes estudos comparativos entre as línguas nórdicas, as demais línguas germânicas, o grego, o latim, o lituano, o eslavo e o armênio. Porém, pelo fato de sua obra só ter sido publicada dois anos depois do primeiro trabalho de Bopp e pelo fato de ser escrita em dinamarquês, uma língua pouco acessível, não teve a mesma repercussão.

Nas décadas posteriores ao trabalho pioneiro desenvolvido por Bopp, Rask e Grimm, surgem novas pesquisas comparativas especializadas em cada subgrupo das línguas indo-europeias e a chamada filologia românica destacou-se, encarregada de tratar especificamente das línguas oriundas do latim, tendo como seu precursor o linguista alemão Friedrich Diez. Este ramo dos estudos comparatistas obteve grandes êxitos no processo de reconstrução linguística, uma vez que, diferentemente das demais subfamílias, é vasta a documentação em latim, o que permitiu testar os procedimentos de análise que, em outros subgrupos, se restringiam a dados hipotéticos.

Outro nome de destaque nos estudos comparatistas é o do linguista August Schleicher, cuja orientação era fortemente naturalista, tendo desenvolvido seus estudos na metade do século XIX. Além de propor uma tipologia das línguas e uma classificação genealógica das línguas indo-europeias, Schleicher desenvolveu uma tentativa de reconstrução daquilo que ele chamou de “língua remota”, ou seja, a origem das línguas que formam o grupo indo-europeu. O sistema é representado pelo autor a partir de uma divisão das línguas indo-europeias em ramos cada vez menores, até chegar a uma única língua, e tal esquema tenta representar o desenvolvimento das línguas da família indo-europeia.

Apesar de não considerar em seu estudo inicial a variação dialetal nem as influências entre as diferentes línguas da família, em pesquisa posterior, sobre o lituano, Schleicher foi o primeiro a elaborar um estudo sobre uma língua indo-europeia baseado especificamente na fala, e não em textos, o que representou um avanço metodológico importante nos estudos linguísticos.

O século XIX, mais especificamente sua última metade, ficou conhecido como a época dos neogramáticos, que demarcaram um verdadeiro divisor de águas na linguística histórica: de um lado, pela crítica aos antecessores, imprimindo um rigor muito maior em certos procedimentos metodológicos; de outro, em razão da direção que acabou imprimindo aos estudos linguísticos desenvolvidos a partir de então, que ou seguem, nos seus fundamentos, as trilhas dos neogramáticos, ou polemizam com eles (FARACO, 2012).

Os neogramáticos imprimiram uma nova visão para o tratamento da mudança linguística, indo totalmente de encontro aos pressupostos tradicionais da prática histórico-comparativa. Segundo eles, em vez de tentar encontrar a protolíngua por meio de comparação entre as línguas modernas, os pesquisadores deveriam fixar sua atenção nas línguas vivas, nas quais a mudança linguística poderia ser observada em ação e onde poderia ser captado o papel das forças psicológicas que estão na base do funcionamento e da evolução das línguas.

Além disso, para os neogramáticos, “as ‘leis’ da evolução fonética agem de maneira regular, admitindo exceções apenas quando sua ação é contrariada pela ação da força psicológica da analogia” (ILARI 2008, p.19). Entretanto, essa perspectiva da evolução fonética gerou muitas críticas de estudiosos que não concordavam com a tese

de que as *leis fonéticas*¹ agem de forma cega, ou seja, de que a mudança sonora se subordinava a regras que se aplicavam a todos os casos submetidos às mesmas condições.

Ainda assim, não se pode deixar de considerar a importância do refinamento do método histórico-comparativo proporcionado pelos trabalhos dos neogramáticos em geral. O pensamento neogramático teve seu grande manual no livro de alemão Hermann Paul, *Princípios fundamentais da história da língua*, tomado como obra de referência para a formação dos diacronistas no início do século XX. Paul negava a existência de uma linguística que não fosse histórica, afirmando que aquilo que se considera como um método não histórico, e contudo científico, de estudar a língua, não é no fundo mais do que um método histórico incompleto. O linguista alemão defendia a tese de que a fonte de toda mudança linguística era o falante individual e de que a propagação da mudança se dava por meio do que ele chamava de ação recíproca dos indivíduos. Além disso, outra tese defendida por Paul e também bastante aceita entre os linguistas contemporâneos, principalmente os gerativistas, é a ideia de que a mudança linguística é originada principalmente no processo de aquisição da língua.

Por fim, os estudos de Meyer-Lübke, especificamente as obras *Gramática das línguas românicas* e *Dicionário etimológico românico*, são ainda hoje fundamentais nos estudos linguísticos e merecem destaque. Por representarem um trabalho considerado como exemplo da linguística neogramática e também por sua abrangência, tiveram importância especial para o desenvolvimento dos estudos históricos das línguas românicas.

2.1.2 A história das línguas sob uma perspectiva imanentista

Desde a sua origem, a linguística histórica concedeu considerável atenção a questões fônicas da língua por meio de diferentes trabalhos voltados para esse âmbito da linguagem, recebendo destaque considerável, porém, no estruturalismo diacrônico.

O estruturalismo, concebido como um conjunto de diferentes elaborações teóricas, as quais compartilham a mesma concepção imanentista da linguagem verbal, tem como

¹ No final do século XIX, os neogramáticos formularam uma teoria na qual se assumiu que as mudanças fonéticas tinham um caráter de absoluta regularidade e, portanto, deveriam ser entendidas como leis que não admitiam exceções (as chamadas leis fonéticas). As aparentes exceções eram atribuídas a um processo gramatical denominado *analogia*, pelo qual elementos da língua tenderiam a ser regularizados por força de paradigmas estruturais hegemônicos (FARACO, 2012). O conceito de lei fonética foi apresentado e desenvolvido por Jacob Grimm (1785-1863) e Karl Verner (1846-1896).

nome de referência o linguista suíço Ferdinand Saussure. Em seu projeto teórico, Saussure fixou a rígida separação entre os estudos relacionados aos estados das línguas e às mudanças linguísticas, a conhecida dicotomia sincronia / diacronia. Além disso, também estabeleceu a necessária precedência do estudo sincrônico sobre o diacrônico, e tais diretrizes tiveram um forte impacto nos encaminhamentos dados aos estudos linguísticos no século XX.

Saussure entendia que a mudança das línguas no tempo não se constituía num complexo sistema de dependências recíprocas, mas apenas alterava o valor de elementos do sistema tomados isoladamente. Foram os linguistas do Círculo de Praga os responsáveis pela formulação do princípio estruturalista de que as mudanças da língua deveriam ser analisadas levando-se sempre em conta o sistema afetado por elas (FARACO, 2012), ou seja, passa a imperar a defesa por um tratamento sistêmico das mudanças.

Nasceu, portanto, dentro do Círculo Linguístico de Praga a primeira proposta de aplicação do princípio de abordagem sistêmica da diacronia, apresentada por Roman Jakobson, em 1931, no livro *Princípios de fonologia diacrônica*. Nesse estudo, Jakobson apontou qual seria a maneira estruturalista de se pensar a mudança: cada unidade fonológica no interior de um sistema dado deve ser analisada nas suas relações com todas as outras unidades do sistema antes e depois da mudança fônica sob análise.

André Martinet, em 1955, com a publicação do livro *Economia das mudanças fonéticas*, desenvolveu mais extensamente essa perspectiva sistêmica da dinâmica da mudança. No seu entendimento, ainda que os sistemas linguísticos sejam bem estruturados, ao mesmo tempo nunca estão em perfeito equilíbrio, o que suscita, então, pontos de desequilíbrio latente que favorecem a mudança. Segundo Martinet (1955), o sistema da língua sofre permanentemente a ação de duas forças contraditórias: enquanto que as necessidades humanas de comunicação e expressão exigem a manutenção de oposições distintivas no interior da língua, há a tendência dos falantes a reduzirem ao mínimo sua atividade física e mental, o que acaba forçando a eliminação de diferenças (p. 94). Nesse ambiente “controverso”, a mudança encontra terreno fértil para a sua implementação.

Sob o efeito dessas pressões, ocorrem, então, mudanças que, destruindo e reconstruindo oposições, se aproveitam dos pontos de desequilíbrio latente no sistema, pontos estes que são de duas naturezas: funcionais ou estruturais (FARACO, 2012, p. 158).

Martinet conduz seus estudos com base na ideia de que, para se dar um tratamento coerente às mudanças fônicas, é preciso examinar a economia da língua,

introduzindo, assim, o conceito de rendimento funcional das oposições fônicas: uma dada oposição tem rendimento funcional forte, sendo assim mais resistente à mudança, quando é capaz de distinguir uma grande quantidade de pares de palavras na língua, ao passo que tem rendimento funcional fraco, sendo mais suscetível ao desaparecimento, se o número de pares de palavras diferenciados por ela for reduzido. Além disso, Martinet sinaliza para a existência de um fator de desequilíbrio no sistema de natureza estrutural, que diz respeito às correlações de uma unidade fônica com outras no sistema: são fortes, ou seja, resistentes à mudança, os fonemas que estão em correlação com vários outros, ao passo que são fracos, portanto, mais suscetíveis à mudança, aqueles com um número reduzido de correlações. Assim, por exemplo, ainda que um par opositivo seja de rendimento funcional fraco, por distinguir um número reduzido de palavras, pode ser estruturalmente forte se pertencer, por exemplo, à correlação [+voz] x [-voz], que em boa parte das línguas abrange várias outras unidades e é fundamental na configuração do sistema.

Assim, Martinet propõe que a “função” do fonema é distinguir signos. E explorando ainda a noção de “rendimento funcional”, que estaria em relação direta com a maior ou menor estabilidade do fonema no sistema, entende que quanto mais integrado nesses feixes de correlações e pares opositivos, mais estável é o fonema. Além disso, a antiga noção de “menor esforço” é retomada pelo autor, embora ele a reinterprete como “economia”. Para Martinet, esses são os aspectos internos tidos como basilares para melhor se compreender a mudança fônica. Junto com Edward Sapir e sua teoria da “*deriva*”, proposta no livro *Language: an Introduction to the Study of Speech*, Martinet recebeu duras críticas pelo caráter teleológico dado pelo estruturalismo diacrônico ao fenômeno da mudança: havendo uma direção a ser obedecida, a mudança teria um fim previsível. Além disso, os fatores externos só eram considerados quando se esgotavam todas as possibilidades de condicionamentos estritamente internos, o que praticamente exclui da análise questões relacionadas à história e estrutura social, as quais vêm sendo constantemente evidenciadas como fatores essenciais na realidade da mudança linguística.

No gerativismo, que tem seu início marcado pelas publicações *Syntactic Structures*, de Noam Chomsky (1957), e *The Sound Pattern of English*, de Noam Chomsky e Morris Halle (1968), as reflexões sobre a mudança acabam por perder o seu espaço e, quando se mantêm, são centradas, sobretudo, no processo de transmissão da língua de geração para geração: a mudança é então vista como uma reorganização de

regras na gramática. Tanto os neogramáticos como os estruturalistas diacrônicos e Chomsky/Halle consideram a mudança como intrassistêmica.

Kiparsky (1965) e King (1969) fornecem uma teoria da mudança linguística que difere das teorias anteriores na medida em que implica que a história da língua é bidimensional, ou seja, uma gramática histórica não é simplesmente uma lista de leis de mudança de som em ordem cronológica, mas uma série diacrônica de gramáticas sincrônicas. Cada gramática sincrônica consiste de uma lista de regras ordenadas e mudanças históricas incluem não só regra de adição, mas também regra de perda, regra de reordenação, regra de simplificação e de reestruturação das formas subjacentes. São esses tipos adicionais de mudança, principalmente regra de reordenamento e simplificação, que fazem a fonologia diacrônica diferente da fonologia sincrônica e, portanto, interessante em si mesma (HOLT, 1997).

As alterações teóricas admitidas no gerativismo após o abandono do modelo tradicional de gramática² como um sistema constituído de regras específicas em favor de um modelo em que a gramática opera restringida por alguns princípios gerais, concentrando-se não mais na obtenção de sentenças da língua, mas na justificação de representações gramaticais possíveis, produziram reflexos nos estudos diacrônicos. A história das línguas não é mais tratada como um processo de alterações de regras, mas de eventos submetidos a princípios gerais, e a hipótese inatista da linguística gerativa prevê que as mudanças estruturais estão restringidas por condicionamentos biológicos, os quais cumpre ao linguista explicitar em suas análises.

A mudança, nessa perspectiva, passa então a ser correlacionada com alterações na fixação de parâmetros, ou seja, a história passa a ser vista como um processo de mudança tipológica. Segundo Lightfoot (1981, p. 257), a mudança na fixação de um parâmetro pode estar por trás de um conjunto aparentemente não relacionado de mudanças simultâneas. Esse novo posicionamento retoma a perspectiva estruturalista, que prevê um tratamento sempre sistêmico das mudanças, sendo estas pensadas como constituintes de conjuntos relacionados.

O pensamento gerativista em diacronia, então, identifica-se plenamente com a ideia tradicional em linguística de considerar as mudanças como direcionadas por

² Segundo Faraco (2012, p.167), essa mudança ocorreu no final da década de 1970.

forças internas à língua, retomando-se, assim, aspectos da perspectiva estruturalista. E essa aproximação pode ser confirmada retomando-se os posicionamentos de Jakobson e Martinet frente ao processo de mudança: Jakobson (1963, p. 77) dizia que as leis estruturais do sistema restringem o inventário das transições possíveis de um estado sincrônico a outro; Martinet (1955) falava que as mudanças estavam submetidas aos princípios de economia da língua; os gerativistas tomam as mudanças como submetidas aos princípios restritivos da gramática universal.

Uma das grandes contribuições trazidas pelo gerativismo aos estudos diacrônicos foi certo refinamento metodológico, além de um rigor analítico. Em contrapartida, o ponto de maior divergência em relação às demais perspectivas de análise concentra-se na forma de proceder à interpretação da mudança, valendo-se de critérios fundamentalmente imanentes, excluindo, assim, da história das línguas qualquer perspectiva que leve em consideração os falantes e sua complexa realidade histórico-social. Dessa forma, a interpretação universalista da mudança pretendida pelo gerativismo a partir da concepção de que as restrições propostas teriam fundamento, pressupõe que as possibilidades de mudança estariam definidas a priori para todas as línguas pela estrutura do cérebro, o que é altamente questionável, segundo Lightfoot, já que muitas das mudanças ocorridas se devem a fatores relacionados ao modo como as gramáticas são usadas, e não propriamente à sua estrutura interna (LIGHTFOOT, 1991).

2.1.3 Uma concepção mais integrativa para os estudos diacrônicos

Ainda no século XIX, foram dados os primeiros passos em direção a uma concepção de estudo da mudança linguística que leva em consideração não apenas os fatores internos, mas também os ditos fatores externos à língua. Foi com o linguista francês Antoine Meillet que uma concepção mais sociológica do falante e da língua recebeu uma formulação mais consistente e sólida (FARACO, 2012).

Meillet (1926) concebia a língua como um fato social e elaborou uma perspectiva de análise em que as condições sociais eram vistas como fatores determinantes para a mudança. Segundo sua concepção, a condição principal da mudança é a realidade heterogênea das línguas: considerando que a história dos homens não é linear nem homogênea, como consequência as sociedades são heterogêneas e essa característica do social é determinante da heterogeneidade linguística e condicionante da

mudança (MEILLET, 1951, p.74).

Embora Meillet tenha sido um dos primeiros a tentar incorporar nos estudos de história das línguas uma orientação teórica que levasse em conta sempre a heterogênea realidade sociocultural das línguas, essa orientação ficou por um longo tempo sem receber o seu devido destaque, devido à consolidação da perspectiva estruturalista que se tornou hegemônica no início do século XX.

Porém, mesmo ficando à margem em relação aos estudos de cunho estruturalista, no começo do século XX, surgem os dialetologistas que, segundo Câmara Jr. (1975), desenvolvem um estudo do arrolamento, sistematização e interpretação dos traços linguísticos dos dialetos. Para tanto, utilizam a técnica da *geografia linguística*, que consiste na elaboração de mapas que representem a distribuição geográfica de cada traço linguístico dialetal, constituindo um atlas linguístico, com as isoglossas do território estudado.

O fundamento da dialetologia é o fato de que a distribuição de uma comunidade em uma determinada área geográfica é fator de diferenciação linguística, já que cada parte dessa área tem experiências sociais, históricas, culturais diferentes que acabam repercutindo na linguagem.

Segundo Câmara Jr (op. cit), o verdadeiro criador da geografia linguística foi o estudioso suíço Jules Gilliéron que, entre 1879 e 1901, dirigiu uma alentada pesquisa de campo que consistiu em aplicar um questionário cujo objetivo era levantar não só dados fonéticos, mas também sobre morfologia e sintaxe, aplicados em 639 pontos dos dialetos galo-românicos. Desta pesquisa, surge o Atlas Linguístico da França, publicado entre 1902 e 1912.

Gillieron contribuiu significativamente com seus trabalhos, sobretudo pelas descobertas por ele apresentadas, as quais obrigaram de certa forma que se abandonasse a concepção comparatista segundo a qual a dialeção do latim resultaria de um tratamento fonético diferenciado que as expressões do latim vulgar teriam recebido em cada região. Ao contrário, o linguista suíço mostrou que, além da evolução fonética, operou crucialmente na formação dos dialetos românicos a criatividade dos falantes, particularmente ativa toda vez que se tornava necessário desfazer colisões homonímicas e salvar palavras foneticamente pouco consistentes (ILARI, 2008, P. 26).

Os estudos em dialetologia evidenciaram que, no mesmo ponto do tempo, coexistem, em diferentes pontos do espaço, formas integrantes de uma complexa rede evolutiva. Também, foi possível observar que a distribuição das formas no espaço geográfico pode sinalizar o processo de difusão de mudanças, sendo possível também localizar centros inovadores e difusores de mudança. Ainda foi possível perceber também que as mudanças chegam às vezes mais cedo a algumas palavras, ao passo que a interpenetração dos dialetos pode bloquear a propagação das inovações, criando assim áreas mais conservadoras (FARACO, 2012).

Assim, os estudos históricos passaram a consolidar a ideia de que a contínua heterogeneidade da realidade linguística, bem como o contato entre diferentes realidades, constituem fatores essenciais para a apreensão da dinâmica da mudança linguística.

A sociolinguística representa um avanço nos estudos de variação linguística, ao somar à dimensão geográfica da dialetologia a dimensão social como fator de diferenciação linguística. Para tanto, propõe o estudo das correlações sistemáticas entre formas variantes e determinados fatores sociais, tais como classe social, escolaridade, sexo, entre outros. Esse novo tipo de abordagem passou a ser evidenciadas a partir dos estudos desenvolvidos por Labov, no início da década de 1960, nos Estados Unidos, a partir dos quais se passa a conceber a existência da chamada estratificação social das variantes³.

A sociolinguística também abriu novas perspectivas para o estudo histórico, operando com o conceito de mudança em progresso⁴ e buscando sistematizá-lo. Com esse tipo de abordagem, reforça o princípio de que a mudança não ocorre por meio de mera substituição discreta de um elemento por outro, mas que o processo histórico envolve fases em que variantes, estratificadas socialmente e estilisticamente, coexistem e também fases em que elas competem entre si, até que uma vença a outra. Além disso, a sociolinguística evidencia que, por trás de um processo de mudança, não há só um conjunto de variações, mas principalmente uma motivação social.

³ Labov evidenciou em seu estudo desenvolvido em Nova Iorque que a pronúncia do /r/ pós-vocálico aparece mais frequentemente entre os falantes da classe média alta do que entre aqueles pertencentes a outras classes, o que evidencia uma clara estratificação social da variável.

⁴⁴ Quando se evidencia que formas inovadoras estão mais presentes no uso de falantes mais jovens em relação aos de mais idade, pode haver aí o indício de uma mudança em curso, ou seja, que uma das variantes está sendo abandonada em favor de outra.

Na tentativa de propor uma síntese efetiva da perspectiva imanentista e da perspectiva mais social, a publicação de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) intitulada *Fundamentos empíricos para uma teoria de mudança linguística* constitui-se hoje como uma referência para os estudos sobre mudança linguística, a partir de uma concepção de língua caracterizada por sua heterogeneidade sistemática. Os autores, em suas reflexões, apontam várias considerações relacionadas não somente à análise da estrutura linguística, mas também a questões sociais que estão envolvidas no processo de mudança. Embora o presente trabalho não seja de cunho sociolinguístico, pois tem seu foco voltado para a história interna da língua, encontrará fundamento em muitas considerações feitas nessa linha de argumentação.

Dentre outras explanações, os referidos autores apresentam cinco aspectos que, segundo eles, devem guiar toda e qualquer pesquisa de cunho histórico no âmbito da linguística, e que são constantemente retomadas em trabalhos que tratam da diacronia das línguas. Kiparsky (2012) abre seu texto mencionando esses cinco problemas definidores de uma teoria de mudança: *natureza, transição, encaixamento, avaliação e implementação*, os quais se relacionam diretamente com os cinco princípios empíricos para a teoria da mudança apresentados por Weinreich et al (2006).

Quanto à *natureza* da mudança linguística, entende-se que sejam possíveis duas respostas, que seguem linhas teóricas bastante diferentes: a Hipótese Neogramática⁵ e a Difusão Lexical⁶. A Hipótese Neogramática entende que na mudança os sons se modificam de forma gradual em todas as palavras que apresentam o contexto necessário para isso. Na proposta defendida pelos neogramáticos, a mudança sonora observada em uma determinada língua é a unidade básica na evolução dos sistemas, caracterizando-se por ser foneticamente gradual e lexicalmente abrupta. Ou seja, essa mudança atinge todo o léxico ao mesmo tempo, e o som – entendido como a unidade básica da mudança – passa por um processo de “gradação” (não passa abruptamente de A para B). A mudança é entendida então como o resultado da aplicação de regras que não admitem exceções e, caso haja exceções, são explicadas por analogia ou empréstimo.

Seguindo esta linha, Coutinho (1976) propõe que a mudança apresenta três características fundamentais: ela seria (a) inconsciente, na medida em que as variações

⁵ A chamada Hipótese Neogramática foi sedimentada dentro dos estudos neogramáticos, sobretudo fundada nas ideias de Hermann Osthoff (1847-1909) e Karl Brugmann (1849-1919).

⁶ Wang (1969).

na língua são alheias à vontade do povo e seguem as tendências da época em que vivem, ou sejam, elas não são processadas deliberadamente; (b) gradual, por obedecer a um processo evolutivo que permitiria a existência de formas intermediárias sucessivas para as alterações antes de sua implementação; e (c) constante, uma vez que, preenchidos os requisitos estruturais da mudança, ela deve prevalecer, sem exceções. Desse modo, as mudanças sonoras são tidas por regulares, graduais e motivadas pela configuração fonética das palavras, podendo ser previstas pelas leis fonéticas, dentre as quais se destacam três, que segundo o autor presidiram à evolução das palavras portuguesas:

- 1) Lei do menor esforço ou da economia fisiológica. Caracteriza-se pela simplificação dos processos. Desse modo, as modificações e quedas de fonemas efetivaram-se em obediência a essa lei.
- 2) Lei da permanência da consoante inicial. Na evolução do latim para o português, as consoantes iniciais permaneceram intactas, com raras exceções, ao passo que as consoantes em posição medial e final se mostraram sujeitas a várias alterações.
- 3) Lei da persistência da sílaba tônica. No meio das transformações e quedas dos fonemas, foi o acento tônico que conservou a unidade da palavra. Esta lei se baseia no fato de que o acento permite uma pausa mais demorada da voz, o que o torna mais resistente a variações.

As leis fonéticas marcam, assim, o caráter de constância e inflexibilidade do modelo, pois são concebidas como princípios absolutos de valor preciso e científico. As exceções são descartadas, já que os casos discordantes podem ser explicados pela intercorrência de outra causa, como a analogia e o empréstimo.

Os difusionistas contestam essa visão da mudança, principalmente a questão da regularidade e da gradualidade em termos fonéticos, defendida pelos neogramáticos. Ao contrário do que preconiza a Hipótese Neogramática, segundo Chen e Wang (1975), principais representantes do difusionismo, a mudança seria implementada através do léxico, por difusão lexical, e o que ela afetaria, então, não seria o som, mas a palavra. Isso implicaria considerar que a mudança ocorre inicialmente em algumas palavras e se propaga gradualmente para outras, podendo atingir ou não o léxico como um todo. Nesta visão, o eixo central da mudança deixa de ser o fonema e passa a ser o léxico.

A diferença entre o modelo Neogramático e o Difusionista é que, no primeiro, o elemento controlador da mudança seria o fonema, enquanto que, no segundo, o responsável pelo fenômeno seria o léxico. Para o difusionismo, tal qual proposto por

Chen e Wang, a mudança sonora é devida a um dispositivo fisiológico e perceptivo dos falantes, e sua implementação se processa por difusão lexical. Dessa forma, considera-se a possibilidade de haver itens mais propensos do que outros à mudança.

Além disso, alguns traços lexicais têm sido propostos como favorecedores e/ou inibidores de uma mudança sonora em relação a um item lexical, como, por exemplo, o diminutivo de nomes próprios, que indicaria familiaridade e carinho. Ainda há uma proposta de base difusionista que defende a ideia de que o fator frequência também tenha um papel na marcação dos itens lexicais mais propensos à mudança: elementos com maior frequência de uso estariam mais propensos a sofrer os efeitos de uma mudança, desde que o contexto de uso seja considerado conjuntamente, neste tipo de análise, devido ao fato de um mesmo item lexical não se comportar igualmente de falante para falante (BYBEE, 2002; PIERREHUMBERT, 2001).

Labov (1994), por sua vez, considera que as duas vertentes estariam corretas, de modo que alguns tipos de mudança poderiam ser explicados pela Hipótese Neogramática, devido a sua natureza, e outros tipos poderiam ser explicados pela Difusão lexical. O autor assim define estes dois possíveis tipos de mudança.

Regular sound change is the result of a gradual transformation of a single phonetic feature of a phoneme in a continuous phonetic space. It is characteristic of the initial stages of a change that develops within a linguistic system, without lexical or grammatical conditioning or any degree of social awareness ("change from below").

Lexical diffusion is the result of the abrupt substitution of one phoneme for another in words that contain that phoneme. The older and newer forms of the word will usually differ by several phonetic features. This process is most characteristic of the late stages of an internal change that has been differentiated by lexical and grammatical conditioning, or has developed a high degree of social awareness or of borrowings from other systems ("change from above"). (LABOV, 1994, p. 342)

Em relação à forma como se dá a mudança de uma estrutura para a outra, ou seja, a *transição*, entende-se que a característica mais recorrente nesse aspecto do estudo histórico seja o fato de a mudança não ser discreta: a forma antiga não é simplesmente substituída pela nova; há uma fase de coexistência dessas formas, que vão gradativamente cedendo ou tomando seu espaço. Além disso, observa-se ainda que a difusão dessa mudança não ocorre de forma homogênea, tanto no interior da língua quanto nos espaços social e geográfico, mas em ritmos e direções diferenciados. De acordo com Weinreich *et al.* (2006), a transição de um traço arcaico para um inovador está relacionada à transferência de traços de um falante para outro.

Esta transição ou transferência de traços de um falante para outro parece ocorrer por meio de falantes bidialetais ou, mais geralmente, por falantes com sistemas heterogêneos caracterizados pela diferenciação ordenada. A mudança se dá (1) à medida que um falante aprende uma forma alternativa, (2) durante o tempo em que as duas formas existem em contato dentro de sua competência, e (3) quando uma das formas se torna obsoleta (WEINREICH et al, 2006, p. 122).

A *avaliação* de um determinado conjunto de variantes relaciona-se com a atitude social frente à língua, com o valor atribuído a A, B, C dentro da estrutura sociolinguística, sendo responsável pela definição das variantes de prestígio e estigmatizadas. As reações avaliativas tendem a ser sistemáticas e nem sempre o ouvinte consegue percebê-las de forma consciente, principalmente nas etapas iniciais da mudança. Em estágios mais avançados, é possível já perceber a preferência dada à forma inovadora, especialmente em situações informais de fala, ocorrendo com maior frequência entre os grupos socioeconômicos intermediários.

À medida que a mudança passa a ser mais consciente, observa-se também o surgimento de reações por vezes negativas, atribuindo-se à forma inovadora um status estigmatizado. Paralelamente, ocorrem reações corretivas em direção à forma mais conservadora. A progressiva mudança desses valores é que vai favorecer a difusão da forma inovadora, que começa a ocorrer mais frequentemente entre falantes de grupos socioeconômicos mais altos, em situações mais formais de fala e finalmente passa a integrar também a linguagem escrita.

(...) o estudo do problema da avaliação na mudança linguística é um aspecto essencial da pesquisa que conduz a uma explicação da mudança. Não é difícil ver como traços de personalidade inconscientemente atribuídos a falantes de um dado subsistema determinariam a significação social de alternância para esse subsistema e assim seu desenvolvimento ou obsolescência como um todo (WEINREICH et al, 2006, p. 103).

Segundo Labov (1982), o problema de *implementação* de uma mudança, ou seja, o fato de por que uma mudança é desencadeada ou implementada numa dada época e em um lugar determinado e não em outros constitui-se como uma das maiores dificuldades que o linguista pode ter ao tratar sobre a história de uma língua. Essa dificuldade, segundo Weinreich et al., deve-se ao fato de a mudança envolver os estímulos e restrições tanto sociais quanto linguísticos.

Entendem os autores que a mudança possa começar no momento em que um dos muitos traços característicos da variação se difunde através de um subgrupo da

comunidade de fala. Tal traço assume um significado social, relacionando-se aos valores sociais daquele grupo, ao passo que se a mudança linguística está encaixada na estrutura linguística, é gradualmente generalizada, sem qualquer instantaneidade, intervindo na estrutura social da comunidade antes que o processo esteja completo.

Novos grupos entram na comunidade de fala, de tal modo que uma das mudanças secundárias se torna primária. O avanço da mudança linguística rumo à completação pode ser acompanhado de uma elevação no nível de consciência social da mudança e do estabelecimento de um estereótipo social. Por fim, a completação da mudança e a passagem da variável para o *status* de uma constante se fazem acompanhar pela perda de qualquer significação social que o traço possuía. O alto grau de regularidade que a mudança sonora exhibe é o produto desta perda de significação nas alternâncias envolvidas e da seleção de uma das alternativas como uma constante (WEINREICH et al, 2006 p. 124-125).

O *encaixamento* da mudança é entendido tomando como base dois aspectos, o social e o linguístico, e refere-se ao espaço da mudança na estrutura sociolinguística, inserida numa “cadeia complexa de relações” (WEINREICH ET AL 2006, p.113). Sob o aspecto linguístico, segundo os autores, seria necessário verificar o encaixamento do fenômeno analisado na gramática da língua e sua relação com outros fenômenos. Em termos sociais, o encaixamento seria analisado em relação à estrutura sociolinguística, isto é, se característico de uma faixa etária, de uma classe social, de um grupo étnico, de maior ou menor escolaridade, do sexo feminino ou masculino, do discurso formal ou informal, entre outros aspectos.

Finaliza-se aqui uma tentativa de síntese dos encaminhamentos ocorridos na esfera dos estudos históricos, de modo a apresentar as principais contribuições dos linguistas históricos na formação desta disciplina. As informações apresentadas intencionam refletir as ideias basilares que guiaram e ainda guiam as pesquisas que se interessam pelo fenômeno da mudança linguística e pela história das línguas, sem com isso esgotar as possibilidades de discussão suscitadas pelas diferentes correntes teóricas existentes.

2.2 Diacronia das línguas românicas

Nesta seção, serão apresentadas algumas considerações importantes a respeito das origens, bem como dos fatores de formação das línguas românicas, especificamente do português. Busca-se dessa forma contextualizar o objeto de estudo desta tese, bem como levantar questões que possam ser fundamentais em uma análise que pretende

versar sobre a diacronia dessa língua românica, sem necessariamente com isso esgotar toda a reflexão histórica possível a respeito do tema.

2.2.1 Contexto de origem das línguas românicas: Latim clássico e Latim vulgar

Diferentemente do que por vezes se imagina, o latim clássico e o vulgar coexistiram, sem haver necessariamente uma sucessão entre os dois. Enquanto a vertente clássica era aquela empregada na literatura e dominada pela pequena parcela de romanos alfabetizados e “estudados”, o latim vulgar era empregado no dia a dia, pela maioria dos romanos, e caracterizava-se como sendo uma língua com finalidades práticas e imediatas, diferente do latim clássico, “rebuscado”, de escritores como Cícero e Virgílio.

O latim, assim como qualquer outra língua, foi suscetível a variações dialetais, socioletais e de registro, as quais, conforme Ilari (2008), podem ser chamadas de verticais (socioletos) e horizontais (diferenças geográficas). Logo, é de se esperar que no latim houvesse muitos registros diferentes, dependendo do contexto sociolinguístico, bem como diversos dialetos, principalmente em razão do intenso contato entre a língua latina e as línguas dos diversos povos dominados. A esse conjunto de variações do latim – faladas nas regiões que compreenderam o império romano – é que se refere o termo *latim vulgar*, cunhado pela primeira vez por Diez, em oposição ao latim conhecido através das obras clássicas, o *latim literário* (ILARI 2008, p.58).

É possível afirmar que entre o latim clássico ou literário e o latim vulgar há uma relação paralela àquela estabelecida entre a norma culta do português e o português coloquial nas diversas regiões e extratos sociais do Brasil. Ambas as variantes aparecem na fala e na escrita, ainda que em diferentes níveis (na escrita, há preferência pela norma culta, enquanto na fala, pelas variantes coloquiais).

Os estudos histórico-comparativos das línguas românicas indicam que, tal como a norma culta do português tende a ser arcaizante e conservadora, não refletindo diretamente os dialetos correntemente falados no Brasil, o latim clássico também tinha um caráter eminentemente literário, não refletindo as variedades do latim geralmente faladas pela população do império romano, embora essa variedade (clássica) provavelmente fosse falada pela aristocracia romana em determinados contextos (ILARI, op. cit). Por sua vez, o latim vulgar também teve registro escrito, embora numa escala muito menor, como os estudos históricos evidenciam.

2.2.2 Formação das línguas românicas: fatores internos e fatores externos da mudança

Muitos são os fatores responsáveis pelo surgimento de diferentes línguas a partir de uma variedade razoavelmente uniforme (latim do período imperial). Com a expansão do Império Romano, nas regiões conquistadas o contato com outras línguas foi dando à língua latina novas formas, processo conhecido como “dialetação do latim”, a partir do qual se formaram as conhecidas línguas românicas ou neolatinas. Essas línguas, então, tiveram sua origem nos dialetos latinos que acabaram se sobrepondo aos demais que coexistiam (no final do primeiro milênio), por questões de prestígio político, econômico ou cultural da região em que eram falados. Uma pergunta bastante comum quando se está frente a um panorama como este, em que uma única língua é capaz de “gerar” uma dezena de outras “novas”, é *como ocorre o processo de dialetação, neste caso, do latim vulgar?*

A diferenciação dialetal do latim tem sua motivação em diferentes aspectos, dentre os quais se podem destacar as diferenças de época da romanização; a diversidade dos substratos linguísticos e culturais dos povos conquistados; a descentralização política e administrativa do império, que ocasionou a criação de doze regiões administrativas e levou Roma a perder o poder para ditar a “moda literária e linguística”; divisão do Império Romano. Essa diferenciação regional constitui-se em uma das principais causas da derivação do latim para as línguas românicas. O latim vulgar, diversificado de região para região, é que deu origem aos falares neolatinos regionais, chamado romances, dos quais derivaram as atuais línguas românicas. Essas forças desagregadoras, associadas à invasão dos bárbaros, fizeram com que os falares regionais, no final do século V, já estivessem mais próximos dos idiomas neolatinos que do próprio latim.

Além disso, os falantes também contribuem substancialmente para que uma língua mude ao longo do tempo, assim como ocorreu com o latim. Pressionados pela necessidade de tornar sua fala mais exata ou expressiva, a todo o momento criam novas palavras e padrões sintáticos a partir do material disponível em sua própria língua. Da mesma forma, mudanças fônicas surgem pelas tensões que ocorrem no interior do sistema, porém sempre respeitando a própria estrutura desse sistema, o que evidencia que as alterações ocorridas nos inventários não ocorrem de forma aleatória ou desordenada.

Especificamente em relação às mudanças fônicas⁷, objeto de estudo neste trabalho, pode-se considerar a existência de dois tipos que se distinguem por sua motivação: mudanças determinadas por pressões paradigmáticas e mudanças relacionadas ao entorno (contexto). Considerando que o latim clássico possuía um sistema consonantal lacunar (ver caracterização completa na Seção 3) e, por isso, podia ser considerado como tendo um rendimento funcional baixo⁸ e sendo naturalmente instável, esse sistema abriu-se a muitas alternativas de reestruturação em busca do estabelecimento do equilíbrio pretendido. Assim, o latim vulgar eliminou parcialmente as “falhas” de seu sistema, suprimindo, por exemplo, a aspirada /h/ e atribuindo um correspondente sonoro à fricativa /f/.

Porém, o sistema consonantal do latim vulgar ainda se manteve em certo ponto desequilibrado, pela ausência de uma correspondente sonora para /s/, caso resolvido em todas as línguas românicas, com exceção do castelhano, que adquiriu, e em seguida perdeu, o fonema /z/. O principal tipo de mudança fônica devido ao entorno é a assimilação, quer seja em razão do ponto ou modo de articulação dos segmentos adjacentes (*adversu* > *avesso*), quer seja em razão da sonoridade presente nos segmentos do entorno (*vípera* > *víbora*). As assimilações que contribuíram em todo o território da România para a dialeção do latim foram, por exemplo, a sonorização, a nasalização, a palatalização e a metafoia, conforme aponta Ilari (2008) e ratifica Silva Neto (1979) por meio de seus exemplos sobre o consonantismo.

É importante salientar, porém, que nem sempre o processo de assimilação produziu um mesmo resultado, ou seja, ela não ocorreu com a mesma rapidez e intensidade em todas as regiões, o que fez emergirem sistemas fonológicos distintos, como se pode observar através da comparação entre as línguas românicas: no caso do grupo consonântico *-ct-*, por exemplo, a assimilação motivou soluções diferentes comparando-se o italiano com o português: enquanto no italiano a assimilação ocorreu

⁷ Esse tipo de mudança está relacionado a fatores internos da língua, ou seja, elementos de sua própria estrutura entram em jogo e agem como motivadores da mudança linguística.

⁸ A ideia de pressão paradigmática foi elaborada pelos estruturalistas, segundo a qual o sistema fonológico de uma língua reflete a qualquer momento um equilíbrio precário entre a necessidade de distinguir um número tão amplo quanto possível de unidades significativas e a tendência natural a poupar o emprego dos meios de expressão. Logo, fonemas e traços deveriam ter uma alto rendimento funcional, isto é, cada fonema serviria para distinguir um número relativamente alto de palavras, e cada traço permitiria distinguir um número relativamente alto de fonemas.

da consoante /k/ para a consoante seguinte, resultando *otto*, no português, a assimilação ocorreu de /k/ para a vogal precedente, resultando em uma semivocalização *oito*.

Embora não seja o foco desta pesquisa, apresentam-se a seguir algumas questões de ordem fonético-fonológica do latim relacionadas especificamente ao sistema vocálico, a fim de que a contextualização da diacronia das línguas românicas aqui pretendida possa ser realizada de maneira mais completa.

Em se comparando o latim clássico com o latim vulgar, pode-se discorrer a respeito de algumas características fonológicas importantes que diferenciam estas duas variantes latinas. Por exemplo, quanto à duração, o latim clássico apresentava cinco vogais (/a/, /e/, /i/, /o/, /u/), sendo que cada uma delas podia ser pronunciada com duração breve (/ă/, /ĕ/, /ĭ/, /ŏ/, /ŭ/) ou longa (/ā/, /ē/, /ī/, /ō/, /ū/) que era uma característica fonológica, pois distinguia significado (ös: *osso* / *ōs* = *rosto*; *lūto* = *amarelo* / *lūto* = *lodo*); a pertinência da duração na fonologia fez com que o sistema do latim integrasse dez segmentos vocálicos.

No latim vulgar, a duração deixou de ser uma característica fonológica e acabou sendo substituída pelo traço de abertura, o que é atestado por diferentes estudos, dentre os quais refere-se Câmara Jr (1975), Ilari (2008) e Bassetto (2010). De forma sintetizada, as vogais longas tornaram-se fechadas e as breves passaram a ser pronunciadas mais abertas, daí a existência de um sistema com sete vogais em algumas línguas românicas, motivada também pela confusão entre o /i/ breve e o /e/ longo, além da falta de distinção entre o /u/ breve e o /o/ longo, causada pela perda da duração. Câmara Jr (1975, p. 40) amplia essa questão:

No quadro tônico, as dez vogais latinas evoluíram para um quadro triangular de sete vogais: houve confluências e diferenciações que modificaram todo o sistema de oposições latinas. O dado novo foi o aparecimento de dois graus de elevação da língua em posição intermediária entre a posição baixa (/a/) e alta (/i/, /u/). Com isso, se criou uma oposição distintiva entre um /e/ ou /o/ abertos, com pouca elevação da língua, e um /e/ ou /o/ fechados, com maior elevação da língua. O grau médio aberto resultou de /e/ ou /o/ breves, respectivamente; o grau médio fechado foi a confluência das vogais médias longas e das altas breves. Assim só /i/ e /u/ longos, perdendo a sua quantidade distintiva, continuaram como vogais altas.

Porém, essa mudança não ocorreu de forma homogênea em todo o território de

abrangência do latim vulgar: na região conhecida como Dácia, a distinção entre o /u/ breve e /o/ longo permaneceu, permitindo assim a existência de um sistema composto de oito vogais, ao passo que, na Sardenha, as vogais longas se assimilaram às breves correspondentes, resultando um sistema de cinco vogais.

Além da diferença na composição do sistema vocálico, o latim clássico e o latim vulgar distinguiam-se em relação à natureza do acento. Segundo Ilari (2008, p. 74), “paralelamente à perda da quantidade, desapareceu em latim vulgar o acento tonal do latim literário que foi suplantado pelo acento ‘tônico’, ou seja, o acento de intensidade tal como o conhecem hoje as línguas românicas”. Normalmente o acento de intensidade recaía sobre a mesma sílaba portadora do acento tonal, exceto em três situações: (a) quando a vogal está em posição fraca⁹; (b) nos casos de recomposição¹⁰; (c) nos hiatos formados por /i,e/ + vogal¹¹.

De acordo com Quednau (2000), em latim clássico, a atribuição de acento às palavras baseia-se na quantidade silábica, ou seja, no peso relativo das sílabas. A quantidade das sílabas é determinada em função do tempo despendido em sua pronúncia, podendo ser elas longas ou breves.

O acento em latim vulgar recai normalmente sobre a mesma sílaba portadora do acento no latim clássico. Porém, são evidenciados deslocamentos em três situações principais (MAURER Jr., 1959, p.68-69; QUEDNAU, 2000, p.17-18; WILLIAMS, 2001, p.16; ILARI, 2008, p.74-75):

- a) Vogal da penúltima sílaba seguida de um grupo consonântico de *oclusiva* + *r* em palavras de três ou mais sílabas. Em latim clássico, a posição do acento depende nesse caso da quantidade da vogal, seguindo a regra de acentuação geral do latim clássico: *íntegrum*, *tónitrum*, *álacrem*, *ténebras*, *cólubra*. Já em latim vulgar, o acento cai sempre nessa sílaba: *intégrum*, *tonítrum*, *alácrem*, *tenébras*, *colóbra*.

⁹ A vogal está em posição fraca quando é seguida de oclusiva + r : latim clássico *íntegru*; latim vulgar *intégru*; português *inteiro*; italiano *intero* (ILARI, 2008).

¹⁰ O acento do afixo é deslocado para o radical, por exemplo, *cóntinet* é reanalisado como *cum+tenét*: latim clássico *cóntinet*; latim vulgar *contínet*; português *contém*; italiano *contiene*.

¹¹ Latim clássico *muliere*; latim vulgar *muliére*; português *mulher*; italiano *mogliéra*.

- b) Casos de recomposição (compostos). Em latim clássico, a acentuação dessas formas se regia pela mesma regra de quantidade da penúltima sílaba, que se observava nas palavras simples. Isso quer dizer que, se o último elemento dissilábico de um composto tinha a primeira sílaba breve, o acento tônico deste recuava para a antepenúltima sílaba, portanto para o primeiro elemento; em latim, geralmente um prefixo: *cóntinet*, *récipit*. Já em latim vulgar, recupera-se a acentuação da palavra simples, o que equivale a deslocar o acento dos afijos para o radical, ou seja, *cóntinet* é reanalisado em *cum* + *ténet*, prevalecendo a acentuação da forma simples *ténet*, *contínet*.
- c) ě ou ĭ (breves) em hiato na antepenúltima sílaba, com uma vogal seguinte breve. Em latim clássico, o ě ou ĭ (breves) eram acentuados de acordo com a regra de quantidade latina: *muliere*, *filíolus*, *lintéolum*. Já em latim vulgar, o acento desloca-se para a vogal seguinte: *muliere*, *filiólus*, *linteólum*.

A partir do desenvolvimento do acento de intensidade, as alterações ocorridas no sistema vocálico no desenvolvimento do latim vulgar e na formação das línguas românicas estiveram intimamente ligadas à qualidade tônica ou átona das próprias vogais. Conforme destaca Ilari (2008), duas seriam as tendências verificadas a este respeito. A primeira seria aquela que se caracteriza por uma redução do sistema quando comparadas as posições tônica e átona. Dessa forma, os três sistemas identificados nos parágrafos anteriores (cinco, sete e oito vogais) mantinham-se completos somente na posição tônica, contraindo-se na posição átona. A segunda tendência marcaria a queda das vogais átonas, tanto em posição pretônica como postônica, conforme atesta o Appendix Probi: *speculum non speclum*.

Tendo sido apresentados alguns exemplos relacionados a fatores internos que fizeram parte do processo evolutivo das línguas românicas, passa-se à descrição dos fatores de natureza externa que também marcaram constituição das línguas de origem latina. Dentre eles, destaca-se o papel dos substratos, superstratos e adstratos, sem desconsiderar, porém, a presença do bilinguismo, comum em situações como aquela que se desenhou entre o Império Romano e os territórios por ele conquistados.

“Subjugado um povo de língua diferente e ocupado seu território, segue-se uma fase de bilinguismo, em que dominadores e dominados continuam a usar seu próprio idioma por período de tempo muito variável, sobretudo se não houver disposição do dominador de impor

ao dominado sua própria língua, como aconteceu com os romanos” (BASSETTO 2005, p. 152).

Assim, nessa situação de bilinguismo, era natural que o latim sofresse a influência das línguas pré-romanas que, segundo Ilari (2008), foi sentida basicamente de três formas: (a) através da incorporação completa de palavras que representavam, por exemplo, objetos desconhecidos dos romanos, como os termos gauleses *carrum* e *bracæ*, os quais se referiam, respectivamente, à carruagem de quatro rodas e às calças compridas; (b) por meio dos nomes de lugares e designações aplicadas à fauna, à flora e à cultura material; (c) pela incorporação dos hábitos linguísticos oriundos das línguas utilizadas pelos povos dominados quando estes falavam o latim, ou seja, a pronúncia característica de seu próprio idioma fazia-se presente quando o povo dominado se expressava na “nova” língua. Esse “produto” linguístico, caracterizado como sendo a língua do dominador atravessada por elementos da língua do dominado, é o chamado substrato.

Bassetto (2005, p. 153) define substrato como “as marcas linguísticas advindas do povo que abandona seu idioma, levadas para a língua que passa a adotar”, ao que corrobora Câmara Jr (1985, 1998). Segundo Bassetto, essas marcas estão mais presentes no léxico e, em alguns casos, também na fonética, sendo mais raras na morfologia e muito mais ainda na sintaxe. Isso pode ser comprovado em uma reflexão a respeito do material fornecido pelo substrato tupi¹² ao português: inúmeras são as palavras de origem tupi presentes no léxico do português, as quais compõem o chamado “vocabulário cultural”. Porém, nenhum fato linguístico de influência tupi pode ser encontrado no campo na morfologia, da sintaxe e até mesmo da fonética, “o que pode ser atribuído à grande diversidade dos dois idiomas e ao considerável desnível cultural dos seus falantes”. A ação do substrato costuma ser lenta e depende de causas sociais, políticas, históricas e até mesmo estilísticas, podendo sua força permanecer latente durante séculos, permitindo a coexistência da duplicidade de formas, que seria “a melhor refutação da tese dos neogramáticos de que os sons mudam rapidamente e com precisão mecânica, de que as mutações estão completas tão logo se manifestem”

¹² Convém considerar a controvérsia em relação à existência ou não de um substrato indígena, apontada por Câmara Jr (1963). Segundo o autor, não é possível falar nesse tipo de substrato, dado que as línguas indígenas brasileiras são genética e tipologicamente diferentes. De acordo com o linguista, os defensores da existência desse tipo de substrato buscaram seus argumentos não nas línguas indígenas reais, mas na Língua Geral, denominada pelo autor como um “tupi missionário fabricado” pelos jesuítas.

(BASSETO 2005, p. 156).

Apesar de ser grande a variedade de substratos presentes na história das línguas românicas, fato explicado pela grande diversidade de povos da Itália antiga, não é objetivo deste estudo detalhar exaustivamente estes fatores, mas apenas fornecer um panorama a respeito de tudo o que está envolvido e que o linguista não pode deixar de considerar quando o seu objeto de pesquisa se relaciona ao processo evolutivo das línguas.

Como superestrato entendem-se os vestígios e as influências de um povo dominador no idioma do dominado, o qual acaba sendo usado por ambos no caso de a língua do dominador deixar de ser falada, como o que ocorreu com o franco na Gália, com o godo na Ibéria e com o lombardo na Itália. Diferencia-se do substrato em razão da condição do povo cuja língua vem a desaparecer: dominado no substrato e dominante no superestrato.

Na România, os superestratos germânicos recebem destaque por sua importância. Além dos empréstimos lexicais, aspectos fonéticos também podem ser verificados, como, por exemplo, a aspiração típica do franco emprestada à “palavra românica” e presente ainda no francês (BASSETTO, 2005). Na Itália, o superestrato lombardo teve uma significativa influência, principalmente lexical, atestada pela presença de cerca de 300 palavras no léxico italiano (lomb. *spehon* > it. *spiare*). Especificamente em relação ao romeno, cabe salientar que este recebeu grande influência do superestrato eslavo nos diversos níveis linguísticos: na fonologia, emprestou as vogais posteriores guturalizadas /ă/e /â/; na morfologia, o eslavo legou ao romeno inúmeros sufixos, todos bastante produtivos.

Mattoso Câmara (1970, p. 42) define adstrato como “toda língua que vigora ao lado de outra, num território dado, e que nela interfere como manancial permanente de empréstimos”. Para a ocorrência do adstrato bastaria, então, que dois povos vizinhos cujas línguas fossem diferentes mantivessem uma relação que permitisse a troca entre os idiomas. A diferença do adstrato para o substrato e o superestrato é que naquele não há o desaparecimento de uma das línguas, como ocorre com estes: as línguas convivem e influenciam-se. O árabe foi a língua que talvez mais tenha convivido com a língua latina e suas descendentes na região da Ibéria, fornecendo principalmente elementos lexicais

referentes à matemática, à química, à astronomia, mas também características fonéticas pois, segundo Bassetto (2005), a população românica assimilou em parte o ritmo acentual do árabe, mantendo, conseqüentemente, a tônica nos empréstimos proparoxítonos, nos paroxítonos terminados com líquida e em numerosos oxítonos. “A conservação dessas tônicas de certa forma contraria tendências acentuais do português de eliminar os proparoxítonos pela síncope da postônica e fazer coincidir a tônica com fonemas líquidos e nasais”.

Em face do exposto nesta subseção, ratifica-se a ideia de que as línguas não podem eximir-se do inter-relacionamento a que estão expostas continuamente, algumas mais do que outras, mas mesmo aquelas em condição de isolamento acabam em algum momento recebendo influências de outros idiomas. Conforme explicitado, essa troca é apenas um dos fatores propulsores da mudança nas línguas, a qual é motivada muitas vezes também por questões internas, inerentes a sua estrutura. E o fato é que se deve entender que esse processo evolutivo é marcado pela ação tanto de fatores internos como de fatores externos, atuando na maior parte das vezes ao mesmo tempo, sem a existência de uma ordem ou sucessão necessária entre eles.

Após a explicitação, ainda que de forma geral, dos contextos relacionados às origens das línguas românicas, além dos principais fatores relacionados à mudança, a próxima seção apresentará resumidamente as fases de evolução das línguas românicas, com o interesse voltado para o português, língua que constitui o foco deste trabalho.

2.2.3 Fases da evolução das línguas românicas: do latim ao português

Ao tratar-se da diacronia das línguas românicas, é comum proceder-se a uma divisão que delineia três fases evolutivas nesse processo: a fase latina, a fase romance e a fase das línguas românicas modernas.

Segundo Bassetto (2005), à fase latina corresponde o período em que o latim vulgar e urbano era a língua do Império (aproximadamente do século VI a.C. até o século V ou VI d.C.), a qual já apresentava variações determinadas por razões de diversas ordens, como é característico de toda e qualquer língua em uso. A atuação dos fatores de fragmentação da língua latina¹³ proporcionou uma rápida mudança, de acordo

¹³ Foram tratados na seção 2.2.2: substrato, superestratos, variações dialetais, etc.

com a região, produzindo uma série de variedades do latim vulgar. Embora muitos romanistas defendam a existência de uma homogeneidade absoluta, na busca de uma fonte latina única, as divergências quando do detalhamento das línguas românicas atestam a diversidade das bases latinas, justificadas pelo período em que determinadas regiões estiveram submetidas à latinização¹⁴, pela dificuldade de acesso e comunicação, dentre outras questões já abordadas na Seção 2.2.1, embora também não se possa negar a uniformidade básica existente entre as línguas que se originaram do latim.

Segundo Teyssier (2007) e Silva Neto (1979), embora haja o problema da falta de documentação linguística desse período, a linha geral de evolução não deixa dúvidas quanto à possibilidade de confirmar a acelerada derivação que transformou o latim imperial em proto-romance, além de surgirem certas fronteiras linguísticas. Provavelmente nessa época, desencadeia-se a evolução da sequência /kl/. Nesta posição, a dorsal passa a iode e essa evolução é comum a todos os falares hispânicos. Porém, as consequências não são as mesmas nas diferentes regiões: em galego-português, essa sequência passa a lateral palatal, ao passo que em castelhano passa à africada (dʒ).

A fase romance compreende o período em que o latim vulgar começa a se modificar e vai até o surgimento das línguas românicas modernas. Sabe-se que esse processo de transformação foi muito lento, sendo necessários vários séculos até a sua completa implementação, razão por que se torna quase impossível determinar datas específicas para seu início ou término. Porém, alguns fenômenos fonéticos, como a perda de quantidade vocálica e a sua substituição pelo acento de tonicidade, tem a sua ocorrência admitida entre os séculos IV e V.

Ainda, alterações morfológicas e sintáticas, como a substituição dos casos por sequências preposicionadas, a criação de artigos, entre outros, tornaram-se claras apenas nos séculos VII ou VIII. Assim, tem-se evidente a impossibilidade de precisar o momento em que o latim passou a deixar de ser falado para dar lugar às línguas românicas, pois esse processo, além de lento, foi gradual, sem a presença de um marco divisor ou um limite cronológico. O que ocorreu foi que essa série de modificações fez com que o latim, em um determinado momento, deixasse de ser entendido por grande

¹⁴ Refere-se ao período em que houve a expansão do Império Romano e, conseqüentemente, da Língua Latina que, por sua vez, recebeu influências das línguas dos povos conquistados.

parte da população, ficando restrito apenas àqueles que frequentavam as escolas, normalmente nobres e clérigos.

A essa nova variedade deu-se o nome de *romance* e sabe-se que a atitude das pessoas cultas em relação a ele era parecida como a dos gramáticos latinos em relação ao latim vulgar, ou seja, de certa reprovação¹⁵, porém este se constitui como um grande passo na evolução do latim às línguas românicas. Com a queda do Império, as forças do substrato e do superstrato, além da falta de um fator de unificação (como foi a administração romana, por exemplo), aceleraram o processo de fragmentação linguística na România. Segundo Basseto (2005), no período romance essa desintegração foi tão grande que nenhuma variedade linguística conseguiu a princípio destacar-se como comum a alguma região mais vasta.

De modo geral, as línguas românicas tomaram sua forma literária definitiva nos séculos XV e XVI – é possível identificar uma considerável diferença entre a língua dos primeiros documentos e a literária moderna, como ocorre, por exemplo, no francês e no castelhano¹⁶. Segundo Lima (2008), no conjunto de línguas românicas, as motivações para que uma variedade dialetal seja levada à categoria de língua literária são de ordem cultural e política, porém cada uma delas tem a sua história característica, além de uma trajetória própria.

O galego-português surgiu entre os séculos IX e XII; os primeiros textos escritos apareceram somente no século XIII. Nesta fase, três inovações que interessam ao presente estudo podem ser assinaladas: a passagem dos grupos iniciais /pl/, /kl/ e /fl/ a /ʃ/; a queda de /l/ intervocálico e a queda do /n/ intervocálico. É importante ratificar que, embora o mesmo fenômeno tenha ocorrido em diferentes regiões, nem sempre os resultados acabam sendo os mesmos.

Mais algumas considerações, especificamente em relação à fonética e à fonologia do galego-português merecem ser apresentadas. Por exemplo, o acento tônico

¹⁵ Prova de que havia, em relação ao latim vulgar, certa desaprovação está presente no *Appendix Probi*, uma reunião de 227 verbetes que intencionava preservar o uso da norma culta da língua latina, mas que acabou registrando ainda a língua falada pelo povo (exemplo: *masculus non masclus*). Esta é uma fonte muito consultada também por pesquisadores interessados nos processos fonológicos ocorridos do latim às línguas românicas.

¹⁶ Como pode ser evidenciado nos poemas *Chanson de Roland* e *Cantar del mio Cid*, respectivamente.

podia recair na última sílaba, na penúltima e muito raramente na antepenúltima. Quando tônicos, os fonemas vocálicos do galego-português somavam-se em oito; na sílaba átona final, reduziam-se a quatro, ao passo que na posição átona não final compunham um grupo de cinco fonemas.

No sistema consonantal, destaca-se a presença de consoantes africadas, fator que talvez mais afaste o sistema galego-português medieval do moderno. Segundo Teyssier (2007), nenhuma confusão ocorria entre as africadas e as fricativas, pois ambas possuíam um status fonêmico no sistema. E essa distinção era reforçada também pela grafia: por exemplo, a africada /tʃ/ era escrita com -ch-, ao passo que a fricativa /ʃ/ era escrita com -x-.

O galego começou a isolar-se do português desde o século XIV e, a partir do século XVI, deixou de ser cultivado como língua literária e sobreviveu apenas no uso oral. Além disso, sofreu uma série de “evoluções fonéticas” que o afastaram cada vez mais do português, como o ensurdecimento das fricativas sonoras [z] e [ʒ]. Ao mesmo tempo, acentuam-se no interior do galego algumas diferenças dialetais e o vocabulário acaba sendo largamente influenciado por hispanismos.

O português brasileiro assemelha-se muito ao de Portugal, na norma culta e na popular. Segundo Basseto (2005), o português falado no Brasil (PB) seria mais conservador que o europeu (PE). O autor aponta as principais diferenças fonéticas entre as duas variantes: no Brasil, vogais seguidas de nasal na sílaba seguinte são pronunciadas fechadas, enquanto que em Portugal o timbre é aberto¹⁷ (*contâmos* / *contámos*); o /e/ pretônico no PB é sempre pronunciado, ainda que por vezes¹⁸ seja realizado como [i] ou ainda sofra um abaixamento [ɛ]. Em PE, nessa posição as referidas vogais são sincopadas ou realizadas como [ɪ]: no PB tem-se *fechar* (f[e]char), *menino* (m[e]inino ~ m[i]nino ~ m[ɛ]nino), *redondo* (r[e]dondo ~ r[ɛ]dondo), em PE *f'char* ~ f[ɪ]char, *m'nino* ~ m[ɪ]nino, *r'dondo* ~ r[ɪ]dondo; no PB, o ditongo /ei/ é mantido em sílaba tônica, exceto quando a consoante seguinte é uma líquida ou fricativa

¹⁷ Essa mesma divergência em relação à abertura é verificada em vogais átonas pré ou postônicas, pronunciadas fechadas no PB e abertas no PE, assim como as vogais resultantes de antigas crases, que mantêm a mesma relação (PB: mordomo; PE mòrdomo)

¹⁸ Como nos casos em que atua o processo de harmonia vocálica.

palatal (*leite, falei, leito / terceiro ~ tercero, canteiro ~ cantero, beijo ~ bejo*), enquanto que no PE esse ditongo é pronunciado como [ɐj] (*l[ɐj]te, cant[ɐj]ro, b[ɐj]jo*). Em PE é comum a adição de um [ɨ] ao final de uma palavra terminada por líquida (*sal[ɨ] ~ sal, sol[ɨ] ~ sol, Manuel[ɨ] ~ Manuel*), bem como para se desfazer um hiato, o que não se verifica no PB, que na verdade recorre à epêntese para facilitar a pronúncia de certos encontros consonantais (*advogado ~ ad[i]vogado/ad[e]vogado; corrupto ~ corrup[i]to*), fenômeno este inexistente no PE. Ainda, no Brasil normalmente não há alternância entre /b/ e /v/, cuja “oscilação” é bastante recorrente em Portugal (*[v]ou ~ [b]ou; [v]iste ~ [b]iste*)¹⁹.

Em resumo, pode-se verificar uma tendência à supressão e redução de vogais átonas no PE, ao passo que no PB elas são mantidas. Em contrapartida, no Brasil é comum a supressão de consoantes, principalmente as finais (especialmente /s/ e /r/, este em formas verbais no infinitivo), o que não ocorre em Portugal. De qualquer forma, apesar das generalizações apresentadas em relação às características fonético-fonológicas do português, é imprescindível não deixar de considerar que uma homogeneidade absoluta é completamente inconcebível, devido a diversas questões, como amplitude do território brasileiro, influência de línguas de imigrantes na formação do PB, dentre outros fatores responsáveis pela diversidade linguística que compõe o português falado no Brasil. Porém, essas generalizações intencionam refletir aquilo que pode ser considerado comum a grande parte das variantes do português no Brasil.

Conforme dados oriundos da História, a língua portuguesa foi trazida para o território brasileiro, em sua versão europeia, no início do século XVI. Ao aportar em terra brasileira, a língua imediatamente passou a receber influências das línguas dos nativos e, posteriormente, dos escravos trazidos para o Brasil.

As línguas e dialetos falados pelos índios nativos e pelos escravos africanos exerceram enorme influência na língua consolidada como português brasileiro, sobretudo em aspectos lexicais. Entre as línguas indígenas, por exemplo, a que mais contribuiu com o léxico do português foi o tupi. Dentre as contribuições das línguas africanas, os grupos linguísticos que mais influenciaram o português foram o *yorubá* (ou *iorubá*) falado pelas tribos nagôs, do grupo dos sudaneses, e o *quimbundo* falado pelos

¹⁹ Esta alternância entre [b] ~ [v] ocorre apenas em algumas regiões de Portugal.

bantos. Além disso, é preciso considerar ainda que a formação do português brasileiro recebeu grande influência de outras línguas europeias, como o espanhol, o italiano, o francês e o alemão, trazidas pelo processo de colonização imigrante, amplamente difundido no Brasil.

Não há dúvidas em relação à percepção das diferenças existentes entre o português europeu e o português brasileiro, a ponto de muitos linguistas, hoje, defenderem o status de língua nacional, atribuído ao português do Brasil. Porém, há uma grande divergência ainda em relação à possibilidade de se conceber a existência de duas línguas portuguesas: uma europeia e outra brasileira²⁰, fato, porém, que não se pretende discutir neste trabalho.

Feita essa tentativa de síntese da evolução do latim às línguas românicas, mais especificamente ao português, as Seções 2.3 e 2.4 tratarão especificamente do aparato teórico necessário à análise do processo de fonologização na diacronia do português com vistas à explicitação do funcionamento dos traços envolvidos nesse fenômeno. Assim, em um primeiro momento, serão apresentadas as principais considerações a respeito do processo de fonologização

2.3 Fonologização

O termo *fonologização*, muito recorrente nas explanações apresentadas por Jakobson e Martinet, retoma seu espaço nas discussões atuais principalmente a partir do trabalho desenvolvido por Kiparsky (2012), sendo, também, adotado no presente trabalho. O significado atribuído ao termo é de inclusão de fonema(s) a um determinado sistema, implicando nova oposição distintiva, acarretando, assim, alteração no inventário fonológico da língua.

De maneira geral, a fonologização pode ser definida ainda como a alteração do inventário segmental de determinada língua pela inserção de um fonema e, conseqüentemente, a incorporação de novo contraste na fonologia desse sistema linguístico. Ou, também, como “a formação dos quadros vocálico, consonantal e de estrutura silábica, bem como das alterações desses quadros” (CASTILHO, 2010, p. 145). Porém, o processo de fonologização é na verdade um movimento bastante complexo, cuja formalização envolve uma série de considerações ligadas ao

²⁰ Para um melhor detalhamento dessa discussão, ver Tarallo (1994).

funcionamento da língua, as quais nem sempre são consensuais entre os linguistas. Nesta seção, serão apresentadas diferentes considerações a respeito do tema, propostas por dois dos principais linguistas que se debruçaram sobre a questão: Roman Jakobson e André Martinet.

No estruturalismo, a fonologia diacrônica começou a desenvolver-se a partir dos estudos de Roman Jakobson, um importante membro do Círculo Linguístico de Praga, de quem a linguística recebeu inúmeras contribuições relacionadas aos fatos da linguagem humana. Embora o autor tenha iniciado nesta área propondo restritamente uma taxionomia²¹ das mudanças fônicas, deixando em segundo plano suas pretensões explicativas, as considerações feitas em relação aos tipos de mudança merecem destaque. Jakobson (1970) propõe uma divisão entre as mudanças que causam alteração no sistema (fonológicas) e aquelas que não o modificam (extrafonológicas). Estas últimas, por exemplo, referem-se à mudança que afeta as variantes sem causar modificação no sistema fonológico. Porém, é importante ressaltar que Jakobson já previa a possibilidade de fatos fonéticos serem motivadores de mudança fonológica: “as mudanças fônicas que se manifestam no sistema fonológico podem ser vistas como veículo de uma mutação fonológica ou de um feixe de mutações fonológicas” (JAKOBSON 1970, p. 318).

Por outro lado, as mudanças fonológicas foram categorizadas levando-se em consideração os tipos de processo que implicariam, como desfonologização, fonologização e refonologização. A *desfonologização* provoca a perda de uma distinção fonológica, como o que ocorreu no galego-português, que desfez a distinção fonológica existente entre a africada /ts/ (*cem*) e a fricativa /s/ (*sem*), passando a um único fonema /s/, ou seja, partindo de uma articulação fonética distinta passou-se a uma produção idêntica, cuja distinção semântica se mantém sinalizada por meio da ortografia²². O mesmo ocorreu com os pares /dz/ (*cozer* - *co/dz/er*) e /z/ (*coser* - *co/z/er*), /tʃ/ (*chaga* - */tʃ/aga*) e /ʃ/ (*leixar* - *lei/ʃ/ar*), /dʒ/ (*trager* - *tra/dʒ/er*) e /ʒ/ (*já* - */ʒ/á*), em que a distinção entre africadas e fricativas deixou de ser fonológica, em favor do traço fricativo.

²¹ Cabe lembrar que esta proposta foi duramente criticada por Martinet (1955, p. 46), por considerar que Jakobson fazia “uma exposição na qual praticamente atribuía à fonologia diacrônica fins puramente descritivos”, justamente porque a explicação dos fenômenos descritos não constituía o foco do estudo.

²² No português antigo, grafava-se com a letra “c” o correspondente africado /ts/ e com “s” o que correspondia ao fonema /s/. Embora foneticamente essa distinção tenha se perdido, a ortografia preserva até hoje essa diferença.

Por sua vez, a *fonologização* é caracterizada por Jakobson (1970) como sendo o processo de mudança que implica a formação de uma nova distinção fonológica, antes inexistente. É o que marca no português, por exemplo, o surgimento de toda uma classe inexistente no latim: os fonemas palatais. Os exemplos apresentados por Jakobson referem-se basicamente a variações fonéticas de um mesmo fonema que passaram a ser fonemas distintos, como o que ocorreu no polábio antigo²³, com os fonemas /x/ e /ç/. Originalmente, o fonema /x/ era produzido como fricativa palatal surda [ç] ou como fricativa velar surda [x], dependendo do tipo de vogal que figurava no contexto seguinte, ou seja, essas eram apenas variantes fonéticas de um mesmo fonema. Quando as vogais fracas médias e baixas sofreram o processo de coalescência, provocando assim uma diferenciação em palavras como [sau^xa] (feminino) e [sau^ça] (neutro), o par x,ç passou a constituir uma oposição fonológica (JAKOBSON 1970, p. 322).

Já a *refonologização* seria o único processo de mudança fonológica que não implicaria uma alteração na quantidade de fonemas do sistema, já que consiste em uma reorganização de oposições fonológicas, ou seja, uma reorganização da própria estrutura do sistema.

Embora as reflexões elaboradas por Jakobson, assim como o seu método de base estruturalista e a terminologia proposta, tenham figurado em boa parte dos estudos de análise diacrônica durante décadas, foram contraditados quanto aos fatores causadores das mudanças fônicas pelos trabalhos de Martinet e seus seguidores, por exemplo. Para Jakobson (*op. cit.*), os fatores estruturais e funcionais são capazes de dar conta das análises referentes à mudança fônica; já Martinet (1955) considera ainda a necessidade de uma articulação entre os fatores estruturais e funcionais com os fatores acústico-articulatórios. Logo, tem-se a delimitação de duas versões de uma mesma concepção: a versão ortodoxa do estruturalismo diacrônico, na linha de Jakobson, e a versão heterodoxa, na linha de Martinet.

Ambas têm importante papel na constituição da pesquisa em fonologia diacrônica, até porque, apesar de diferentes, não apresentam qualquer divergência profunda, apenas o foco da análise é que se diferencia: enquanto as formulações de Jakobson seguem uma tendência teleológica, ou seja, voltada para a finalidade da mudança, o modelo de Martinet concentra-se na explicação das causas das mudanças fônicas.

²³ Dialeto eslavo extinto, outrora falado na região do rio Elba.

Para Martinet (1955), assim como Jakobson propôs, haveria três tipos de processos de mudança fonológica. Segundo o autor, a *fonologização* seria o surgimento de um fonema novo, a partir da criação de um traço pertinente inexistente no estágio linguístico anterior. Por exemplo, entre as vogais do latim vulgar não havia dois graus na abertura das médias. O português implementou o traço /+ média aberta/, surgindo assim o /ɛ/ e /ɔ/. Da mesma forma, o latim vulgar não tinha o traço /+ palatal/²⁴configurando o quadro consonantal, ao passo que o português, além de outras línguas românicas, passou a considerar esse traço. Logo, o sistema consonantal português foi enriquecido com os fonemas palatais /ʃ/, /ʒ/, /ɲ/, /ʎ/, figurando juntamente com as vogais médias abertas como casos de fonologização.

Castilho (2011) diferencia *fonologização* e *transfonologização*, definindo a *transfonologização* como “o surgimento de um fonema novo, mediante o aproveitamento de um traço pertinente já existente no sistema” (CASTILHO 2011, p. 67). No português, a influência do traço /+ sonoro/, já existente no sistema, proporcionou o surgimento dos novos fonemas consonantais /v/ e /z/, inexistentes²⁵ no latim, como correspondentes aos análogos surdos /f/ e /s/. Assim, o processo de transfonologização seria fundamental na busca pelo equilíbrio do sistema fonológico, a partir do preenchimento dos “espaços vazios” decorrentes do não aproveitamento integral de um traço existente, o que acaba por corroborar o Princípio de Economia de Traços²⁶ proposto por Clements (2009), no sentido de que as línguas tendem a maximizar as combinações de traços.

Por fim, a *desfonologização* constitui-se como a perda de um traço e o consequente desaparecimento de fonemas. Tomando como base o latim, o português perdeu o traço de quantidade, eliminando do sistema tanto vogais como consoantes

²⁴ Estes traços não são os mesmos considerados por Clements (2009) em seu Modelo, o qual servirá como base para as análises propostas neste estudo. Tais configurações (traço /+média aberta/ e /+palatal/) são apresentadas por Castilho (2011), ao exemplificar com dados do Português aquilo que Martinet definia como fonologização.

²⁵ Isso não quer dizer que o processo tenha produzido os fonemas sonoros exemplificados “ao mesmo tempo”, já que a fricativa sonora /v/ não constituía o sistema consonantal do latim clássico, porém alguns autores entendem que possivelmente já integrava o sistema do latim vulgar, conforme atesta quadro apresentado por Ilari (2008, p. 78).

²⁶ Uma explanação mais completa deste Princípio será apresentada na Seção 2.4.

longas²⁷ com valor fonológico, as quais desempenhavam um papel importante no sistema fonológico latino. No italiano, outra língua românica, diferentemente do português, porém, essa distinção pela quantidade foi preservada, em grande parte no sistema consonantal.

Diferente de Jakobson, que restringe suas observações à descrição da mudança, bem como sua função/finalidade (visão teleológica da mudança) conforme já foi destacado, Martinet recorre à teorização explicativa ao abordar as possíveis causas da mudança, articulando os fatores linguísticos com os fatores que ele chama de externos ou fisiológicos, a fim de apresentar um quadro causal de diversas mudanças. De qualquer forma, especificamente em relação ao processo de fonologização, ambos tecem considerações importantes a respeito do fenômeno, as quais serão acolhidas neste estudo.

Muitas das considerações apresentadas por Jakobson e Martinet em relação aos processos de constituição dos inventários e a estruturação dos fonemas serviram como base para o desenvolvimento de diferentes propostas de análise fonológica, alicerçadas tanto na ideia de que há princípios universais os quais orientam a constituição dos inventários das línguas (MARTINET, 1955) como no fato de que os traços é que se constituem como unidades mínimas no sistema fonológico, conforme propõe Jakobson (1939). Assim, a seguir, são apresentados os pressupostos teóricos que guiam as análises propostas neste trabalho: Teoria Autossegmental (CLEMENTS e HUME, 1995) e Modelo de Princípios Fonológicos Baseados em Traços (CLEMENTS, 2009), que delineiam um constante diálogo com as ideias apresentadas pelos referidos linguistas.

2.4 Os traços como objeto de análise da linguística

Trubetzkoy (1976 [1939]) elaborou detalhadamente o conceito de fonema como conjunto de traços com valor contrastivo, assim como a ideia de arquifonema como resultado da neutralização de dois fonemas, estabelecendo ainda princípios para a análise fonológica, trazendo, para a exemplificação, diferentes línguas (BISOL, 2006).

²⁷ Cabe atentar, porém, para o fato de que há autores os quais defendem a ideia de que o português ainda possui consoantes geminadas: é o caso de Monaretto (1994), que entende haver no português um único fonema vibrante – o r-fraco, também nomeado *tepe* -, sendo que a realização deste segmento em contexto intervocálico, por exemplo, poderia ocorrer na forma geminada, manifestando-se como r-forte; e Wetzels (2000), que considera as soantes palatais como geminadas fonológicas no PB, devido ao seu comportamento particular se comparadas às demais soantes.

O autor apresentou a noção de traços em sua obra intitulada *Grundzuge der Phonologie* (1939), na qual explica que os traços marcam a fronteira entre uma forma e outra na cadeia de fala (LYONS, 2009, p. 167). Para o linguista, a fonologia deveria dar conta da função linguística dos sons como membros de oposições fonêmicas. O fonema era sua menor unidade fonológica, entendido como “oposição” que existia somente dentro de um sistema de língua, não tão autônomo quanto os blocos de constituição segmental, que mais tarde se tornaram os “traços distintivos” de Jakobson, e através dele, aparecem como unidades fundamentais na Fonologia Gerativa de Chomsky e Halle.

Já para Jakobson (1939), os traços (e não os fonemas) são considerados as unidades mínimas. Enquanto a teoria de Trubetzkoy consistia em captar as propriedades fonológicas de contrastes fonéticos mais frequentes, Jakobson, Fant & Halle (1952) e Jakobson & Halle (1956), entre outros, buscavam desenvolver uma teoria fonológica que fosse capaz de prever apenas aquelas oposições possíveis nas línguas. Particularmente, Jakobson, Fant & Halle (1952) e Jakobson & Halle (1956) tinham como hipótese que a presença de determinadas oposições fonéticas excluía a presença de outras oposições, ao mesmo tempo em que haveria um número limitado de traços (12 a 15) que, juntos, dariam conta de todas as oposições encontradas nas línguas do mundo.

Como muito mais que 12 ou 15 características fonéticas são necessárias para distinguir os vários sons das línguas do mundo, Jakobson, Fant & Halle (1952) e Jakobson & Halle (1956) defendem a ideia de que nem sempre o que define uma distinção fonética é capaz também de distinguir segmentos fonologicamente. Assim, assumem a ideia de que o conjunto de traços fonológicos pode não ser o mesmo conjunto de características fonéticas. Para Jakobson, Fant & Halle (1952) e Jakobson & Halle (1956), apenas o conjunto de traços fonológicos é necessário para dar conta das oposições encontradas nas línguas do mundo.

Enquanto a ênfase de Jakobson, Fant & Halle (1952) e Jakobson & Halle (1956) centrava-se na captura de todos os contrastes fonológicos possíveis das línguas, Chomsky & Halle (1968) buscavam, como Jakobson, Fant & Halle (1952) e Jakobson & Halle (1956), captar os contrastes fonológicos das línguas, além de descrever o conteúdo fonético dos segmentos derivados por regras fonológicas, bem como os

segmentos fonêmicos. Ainda que o sistema de traços distintivos de Chomsky & Halle (1968) em *The Sound Pattern of English* (SPE) seja, em grande parte, baseado nos trabalhos de Jakobson, Fant & Halle (1952) e Jakobson & Halle (1956), ele apresenta algumas diferenças, principalmente referentes ao conjunto de traços distintivos utilizados para captar contrastes, bem como em relação ao conceito de tais traços.

Chomsky & Halle (1968) mantiveram traços como *consonantal*, *tenso*, *vozeado*, *contínuo*, *nasal* e *estridente*, e acrescentaram novos traços ao sistema de Jakobson, Fant & Halle (1952) e Jakobson & Halle (1956), tais como *silábico*, *soante*, *alto*, *posterior*, *baixo*, *anterior*, *coronal*, *arredondado*, *ATR* e *soltura retardada*. Com a inserção desses traços no sistema de Jakobson, proposto anteriormente, Chomsky & Halle (1968) tinham o objetivo de substituir do antigo sistema aqueles traços cuja orientação era de base acústica, por traços orientados articulatoriamente.

Embora os referidos autores tenham se debruçado sobre as questões relacionadas à caracterização dos traços que compõem os fonemas integrantes dos inventários das línguas, seus modelos teóricos tratam o segmento como uma coluna de traços, dispostos em uma matriz sem qualquer estrutura interna, por essa razão denominados de *modelos lineares*. Porém, propostas posteriores de análise fonológica com base no sistema de traços evidenciam a possibilidade de se conceber que os traços estejam organizados hierarquicamente, estabelecendo relações de ordem diferente daquelas previstas nos modelos lineares, concebendo assim uma maior autonomia para o funcionamento dos traços. É sobre o que se pretende discorrer a seguir.

2.4.1 Modelos não lineares: Teoria Autossegmental

Diversos estudos têm sido realizados no Brasil com o intuito de compreender o funcionamento das unidades fonológicas mínimas nos processos de aquisição, variação e mudança. Essas pesquisas, normalmente, encontram-se amparadas em teorias fonológicas, dentre elas a Fonologia Autossegmental (GOLDSMITH, 1976), e tal condução tem permitido a confirmação do seu potencial explicativo, no momento em que são capazes de dar conta dos fatos relacionados à aquisição por parte da criança e do adulto, da variação e inclusive da mudança.

Quanto aos modelos *não lineares*, que preponderaram em estudos contemporâneos, talvez a teoria que mais se desenvolveu ou que ainda mais influencia

os estudos fonológicos, particularmente ao tratar-se do comportamento de segmentos, é a Fonologia Autossegmental, que por sua vez é a base para os desdobramentos desenvolvidos por Clements (1985), em sua proposta de Geometria de Traços, e Clements e Hume (1995), na conhecida Teoria Autossegmental .

A diferença da Fonologia Autossegmental proposta por Goldsmith (1976) para os modelos lineares dá-se considerando basicamente dois aspectos. Primeiro, essa proposta deixa de conceber a existência de uma relação bijetiva entre o segmento e o conjunto de traços que o caracteriza, o que permite entender, conseqüentemente, que os traços podem estender-se além ou aquém de um segmento e que o apagamento de um segmento não implica necessariamente o desaparecimento dos traços que o constituem.

O segundo aspecto em que a Fonologia Autossegmental diferencia-se dos modelos ditos lineares está no fato de que os segmentos se compõem de uma estrutura interna organizada em níveis, nos quais estão dispostos os traços, estes ligados por meio de linhas de associação. É essa relação hierárquica que permite o funcionamento autônomo dos traços, evidenciado através da Geometria de Traços (CLEMENTS, 1985), por meio de um diagrama arbóreo.

A partir do reconhecimento de que há um ordenamento nas relações entre os traços, os segmentos podem ser analisados em camadas ou *tiers*, de forma que as partes dos segmentos podem ser tomadas independentemente. Nesta concepção, os segmentos são representados a partir de uma organização interna, evidenciada por meio de configurações de nós hierarquicamente ordenados, sendo que os nós terminais comportam traços fonológicos, enquanto que os nós intermediários se relacionam a classes de traços.

Nessa configuração, além de os traços estarem ligados aos nós de classe por meio de linhas de associação, existe ainda uma relação de dependência entre os traços, ou seja, o traço do nó imediatamente superior domina o nó inferior, e a mudança no nó de classe superior implica mudança no nó inferior. Além disso, tal configuração também permite revelar que os traços podem atuar tanto isoladamente como em um conjunto solidário.

A Teoria Autossegmental, modelo pós-chomskiano, caracterizando-se por integrar o conjunto de teorias fonológicas denominadas não lineares, tem, portanto,

como objeto de estudo o segmento e sua estrutura interna – esse foco torna o modelo teórico de substantiva importância para o presente estudo, cujo objetivo é proceder a uma análise cujo foco concentra-se no comportamento dos traços no processo de fonologização, na diacronia do Português.

A partir do entendimento de que o segmento apresenta uma estrutura interna, isto é, que existe uma hierarquização entre os traços que compõem cada segmento das línguas, é possível apresentá-la através de um diagrama arbóreo organizado em camadas ou *tiers*, tal como se pode verificar no exemplo em (1):

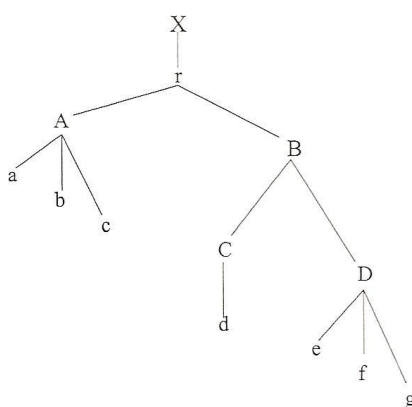


Figura 1: Diagrama arbóreo de acordo com Clements & Hume (1995)
Fonte: Clements & Hume (1995)

No diagrama apresentado, **r** representa o *nó de raiz*, que corresponde ao segmento propriamente dito. Os nós **A**, **B**, **C**, **D** representam *nós de classe*, dominantes de grupos de elementos que funcionam como unidades ou classes naturais em regras fonológicas. Os nós **C** e **D** mantêm a mesma dependência de **B**. Os nós terminais **a,b,c,d,e,f,g** são traços fonológicos. O nó de raiz é dominado por uma unidade abstrata de tempo **X**. As linhas que ligam os nós são chamadas *linhas de associação*.

Essa estrutura é chamada de *geometria de traços*, mostrando cada traço em um *tier*, possibilitando o seu funcionamento independente, como também vinculado a nós de classe, permitindo o seu funcionamento em conjuntos solidários. Essa estrutura interna dos segmentos permite demonstrar a naturalidade dos processos fonológicos que ocorrem nas línguas do mundo. A existência de cada nó de classe e a subordinação de traços no diagrama não é aleatória, ou seja, os nós têm razão de existir quando há comprovação de que os traços que estão sob o seu domínio funcionam como uma unidade em regras fonológicas (MATZENAUER, 2005).

De acordo com os pressupostos da Fonologia Autossegmental, os segmentos deixaram de ser compreendidos como conjuntos desordenados de traços, passando a ser

representados através de uma estrutura hierarquizada. Com essa concepção, é possível estabelecer a distinção entre três tipos de segmentos: segmentos simples, complexos e de contorno.

Segundo Clements e Hume (1995, p. 253), um segmento é simples ao apresentar somente um nó de raiz e ser caracterizado por, no máximo, um traço de articulação oral, como fica atestado pelas representações em (2):

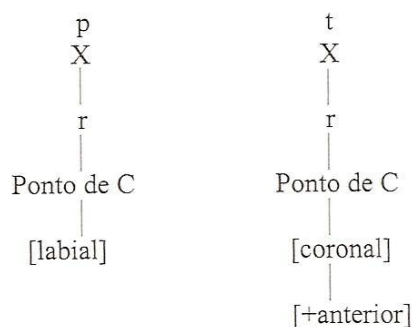


Figura 2: Representação de segmento simples de acordo com Clements & Hume (1995)
Fonte: Matzenauer (2005)

Um segmento é considerado complexo quando apresenta um nó de raiz e é caracterizado por, no mínimo, dois traços de articulação oral. Um exemplo desse tipo pode ser visualizado a partir da velar /kp/ do iorubá (CLEMENTS e HUME, 1995, p. 253), representado em (3):

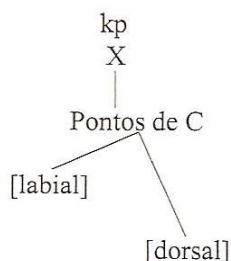


Figura 3: Representação de segmento complexo de acordo com Clements & Hume (1995)
Fonte: Matzenauer (2005)

Um segmento é considerado de contorno quando possui a sequência de valores de um mesmo traço. Há uma motivação clássica para que esse tipo de segmento seja considerado, que é a existência de efeitos fonológicos de borda, ou seja, um segmento pode ter o comportamento, em relação aos segmentos vizinhos em uma borda, conforme o valor (+) de um traço, e, em relação aos segmentos vizinhos da outra borda, pode comportar-se conforme o valor (-) do mesmo traço. As consoantes africadas e as plosivas pré e pós-nasalizadas são os candidatos naturais para apresentar essa estrutura. A geometria de uma pré-nasalizada pode ser visualizada a seguir, em (4):

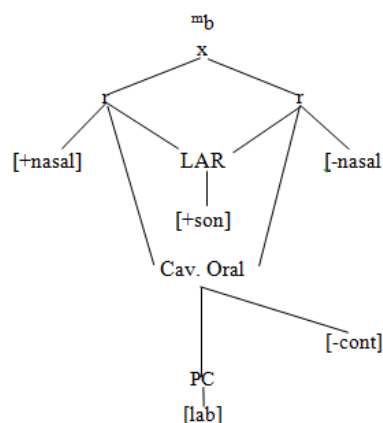


Figura 4: Geometria de uma consoante pré-nasalizada de acordo com Clements e Hume (1995)
Fonte: Matzenauer (2005)

Na Fonologia Autossegmental, há princípios que impõem limites à aplicação de regras. Dentre eles, destaca-se o Princípio do Contorno Obrigatório (*Obligatory Contour Principle* – OCP), segundo o qual elementos adjacentes idênticos são proibidos. Por esse preceito, não só segmentos adjacentes idênticos, mas também traços adjacentes idênticos em um dado *tier*, bem como regras que possam criar violações a esse princípio são evitados. Outro princípio fundamental na teoria, que se constitui em uma condição de boa formação, é o Princípio do Não-Cruzamento de Linhas (*Prohibition on Crossing Association Lines*), pelo qual, em todo processo fonológico, as linhas de associação que ligam os traços, que estão representados em camadas independentes, não se podem cruzar. Há ainda, um princípio denominado Restrição de ligação (*Linking Constraint*), segundo o qual as linhas de associação em descrições estruturais são interpretadas exaustivamente. A referida restrição impõe limite de aplicação de uma regra à forma que nela é representada; desse modo, se contiver uma só linha de associação, é bloqueada em contextos de ligação dupla e vice-versa. Tal princípio, assim, prediz que toda regra se aplica somente a configurações que contêm o número de linhas de associação que a sua descrição estrutural especifica (MATZENAUER, 2005, p.67).

Comumente, a cada segmento corresponde uma posição X na linha temporal ou esqueletal. As consoantes geminadas e as vogais longas, no entanto, ocupam duas posições nessa linha, ou seja, apresentam dois tempos. Esses segmentos, apesar das duas posições X, têm a mesma estrutura interna. Assim, por força do OCP, que proíbe sequências de segmentos idênticos adjacentes ligadas a duas unidades de raiz, os segmentos geminados são representados com um nó de raiz de ligação dupla, ou seja, ligado a duas unidades de tempo, conforme a figura em (5):



Figura 5: Uma raiz com ligação dupla para a camada temporal: segmentos geminados de acordo com Clements e Hume (1995)

Fonte: Matzenauer (2005)

A duração de dois tempos em oposição a um tempo apenas, que era fonológica em latim, tanto para vogais como para algumas consoantes, foi perdida em sua evolução para o português²⁸. De acordo com Coutinho (1973, p.120), as consoantes geminadas latinas, no interior das palavras, reduzem-se a consoantes simples em português. Zágari (1988, p.105) explica que, na evolução do latim para o português, houve um processo de desfonologização da quantidade, ou seja, com exceção do italiano e do sardo, as demais línguas românicas não mantiveram o valor do traço [$\pm$ longo], segundo o modelo de Chomsky & Halle (1968). Perdeu-se no período românico, portanto, uma oposição distintiva, sendo que essa perda foi devida ao seu baixo rendimento funcional.

Em sentido oposto, para analisar a possibilidade de existência de consoantes geminadas no português, especificamente no caso da vibrante em contexto intervocálico (r-forte), Monaretto (1992,1997) apoia-se em Harris (1983) e sua pesquisa sobre a vibrante no espanhol. Segundo a autora, há um único fonema *r* no sistema do português e a vibrante múltipla intervocálica funciona como uma geminada heterossilábica. Na palavra *carro*, por exemplo, haveria dois *r* *fracos* que, em razão do OCP (Princípio do Contorno Obrigatório), seriam reduzidos a um segmento, com uma ligação dupla, indicando que a vibrante ocupa duas posições temporais, característica específica das geminadas. Ainda sobre possíveis geminadas no português, Wetzels (1997) analisa as palatais /*ɲ*/ e /*ʎ*/ como geminadas, argumentando que esses sons ocorrem somente entre vogais e nunca são precedidos por uma consoante ou por um ditongo. Além disso, lembra que, em empréstimos, esses segmentos em início de palavra recebem uma vogal epentética ([i]nhoque, [i]lhama) e que qualquer vogal é nasalizada diante de /*ɲ*/.

Porém, a não manutenção da distinção pela quantidade é fato amplamente difundido na literatura. Segundo Coutinho (1973), o fenômeno que implicou na simplificação das geminadas “já se havia operado no próprio latim vulgar. São

²⁸ Embora haja propostas de que o PB possui consoantes geminadas, conforme já explicitado na Nota 21.

frequentes, em inscrições, exemplos como *mile*, *anus*”. Essa simplificação reescreveu as consoantes dobradas em simples, representada no esquema a seguir, como se verifica no exemplo: ga /t/ o < ca /tt/ u.

$C_1 C_2 \longrightarrow C_3$ onde $C_1 = C_2 = C_3$

Pela representação, é possível entender-se que a consoante resultante (C_3) é igual, em sua estrutura, às consoantes que lhe deram origem ($C_1 C_2$), fenômeno que, na Fonologia Autosegmental, vai poder ser claramente explicado a partir da representação em (6). Nela, vê-se que $C_1 C_2$ são segmentos idênticos, constituídos pelo mesmo conjunto de traços: uma só estrutura interna ligada a duas unidades de tempo.

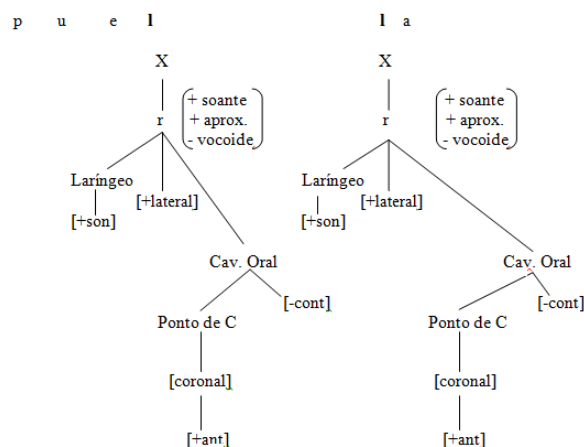


Figura 6: Geometria de traços de segmentos que constituem uma consoante geminada, sem a operação do OCP

A representação em (6) define a estrutura interna das consoantes geminadas. Por sua estrutura melódica ser igual, viola o Princípio do Contorno Obrigatório (pois proíbe elementos adjacentes idênticos), que, então, passa a operar; o resultado é formalizado por uma ligação dupla, portanto não-linear. Dessa forma, surge a estrutura representada em (5), em que se tem dois tempos fonológicos ligados a uma raiz, situação determinada pelo OCP. Na estrutura silábica, a primeira parte do segmento geminado ocupa a posição de coda da sílaba precedente e a segunda parte, o *onset* da sílaba seguinte²⁹.

²⁹ A sílaba apresenta, em sua estrutura, segundo Clements & Keyser (1983), três constituintes: onset, núcleo e coda.

2.4.2 Modelo de Princípios Fonológicos Baseados em Traços (CLEMENTS, 2009)

Ainda com foco no traço como unidade da fonologia, Clements (2005, 2009) propôs que princípios universais fundamentados em traços são responsáveis pela constituição dos inventários das línguas naturais – interpreta-se, portanto, que a noção de fonologização está presente no modelo do autor. Clements propôs um Modelo de Princípios Fonológicos Baseados em Traços, que integra cinco princípios (CLEMENTS, 2009; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2010; MATZENAUER, 2009; 2011):

Limitação de Traços: este princípio faz referência ao poder que os traços possuem para aumentar o número de categorias potencialmente contrastivas em um sistema. Traços estabelecem um limite máximo quanto ao número de sons de uma língua, bem como quanto ao número de contrastes que nela podem aparecer.

De acordo com Clements (2009, p. 24), o número máximo de sons de uma língua é expresso pela fórmula $2n$, em que n se refere ao número de traços. Desse modo, por exemplo, uma língua com 3 traços pode ter no máximo 6 sons contrastivos. Para calcular o número de contrastes possíveis em uma língua, é usada a fórmula $C = (S * (S-1)) / 2$, em que C indica o número de contrastes e S o número de sons. Uma vez que o número máximo de sons é $2n$, o número máximo de contrastes de uma língua com n traços será $2n * (2n-1) / 2$. Dessa forma, uma língua que se constitua por 2 traços terá 6 contrastes.

Economia de Traços: de acordo com esse princípio, os traços, uma vez presentes em um sistema, tendem a ser combinados maximamente, embora nenhuma língua do mundo utilizar todas as combinações possíveis. Nesse sentido, em uma língua determinado traço mostra-se eficiente se os dois valores deste traço integram o sistema.

Segundo Clements (2001), as representações fonológicas não precisam conter todas as informações possíveis, a não ser aquelas necessárias para o entendimento dos padrões das línguas. Nessa perspectiva, os traços e demais informações advindas da gramática universal que não são empregados em uma dada língua permanecem latentes, estando disponíveis para tornarem-se distintivos ou ativos como resultado de influências no desenvolvimento da língua, seja por contato com outras línguas, mudanças históricas internas ou qualquer outro fator dinâmico dessa natureza.

De fato, os sistemas fonológicos estão organizados a partir de somente alguns traços, que dão origem a grande número de contrastes. Desse modo, há a tendência para usar novamente traços que já estejam ativos nessa língua. Segundo Clements (2009, p.28) o traço [voz] é usado com máxima eficiência em inglês, na classe das oclusivas, já que permite duplicar o número de sons. Pelo contrário, o traço [lateral] é usado com mínima eficácia, pois opõe apenas /l/ e /r/. Dessa forma, por exemplo, o índice de economia do português poderia ser melhorado se fossem acrescentados os fonemas /tʃ/, /dʒ/ e /ŋ/, pelo fato de que os traços caracterizadores desses sons já estão ativos no sistema.

O Princípio da Economia de Traços pode ser determinado por meio do cálculo do seu índice de economia, utilizando-se a fórmula $E = S / T$, em que E indica o índice de economia, S indica os sons e T os traços distintivos. Quanto maior o resultado, mais econômica é a língua.

De acordo com o autor, pode-se obter a maximização do índice de economia por meio do aumento do número de sons no sistema, mas não de traços, ou através da diminuição do número de traços, mas não de sons. Segundo Clements (2009, p. 28-29), é possível encontrar exemplos de ambas as estratégias nos sistemas fonológicos. Em primeiro lugar, o aumento do número de sons, mantendo o número de traços reflete-se em mudanças históricas que fonologizam novos segmentos por meio da recombinação de traços existentes (MARTINET, 1955). Em segundo lugar, diminuindo o número de traços e mantendo o número de sons constantes, reflete-se na eliminação histórica frequente de fonemas "isolados", os quais não se enquadram em padrões regulares de correlação com outros sons; sendo esses sons eliminados, o traço que anteriormente os caracterizava torna-se redundante.

Ao propor o Princípio de Economia de Traços, Clements (2009) evidencia entendimento que pode ser considerado análogo ao de Martinet (1973) em relação à maneira como os inventários das línguas se constituem em termos de correlações de traços.

São evidentes as vantagens teóricas da articulação dos fonemas em traços distintivos. Numa língua de 12 fonemas consonânticos, se cada um deles possuir articulação específica, os utentes terão de manter distintas doze articulações; mas se puderem combinar-se sem dificuldade 6 articulações com uma ou com a outra de duas ações diferentes dum mesmo órgão, bastará aos doze fonemas que se mantenham distintas 8 articulações, das quais cada uma das seis primeiras se combinará sempre com uma das outras duas. Assim

procede o português, que, combinando os traços [bilabial], [labiodental], [apical], [sibilante], [chiant] e [dorsal] ora com o traço [sonoro] ora com o [surdo], obtém os doze fonemas /pbtɔkɣfvszʃz/: a existência da correlação de sonoridade permite uma economia marcada pela proporção de 8 para 12 (MARTINET, 1973, p. 209).

O traço [+voz] na classe das obstruintes no português ilustra claramente a utilização do traço com máxima eficiência, pelo fato de dobrar o número de plosivas e fricativas que estão em relação de oposição. Por outro lado, o traço [nasal] é totalmente ineficiente para as fricativas, em razão da dificuldade de obter-se a pressão de ar necessária para produzir o som fricativo e ainda permitir a passagem de ar pela cavidade nasal. Segundo Clements (2009), todas as línguas possuem algum nível de economia e todas tendem a evoluir na direção deste princípio.

Evitação de Traços Marcados: esse princípio afirma que certos valores de traços tendem a ser evitados pelas línguas. A base para a classificação de um traço como marcado ou não marcado é a frequência, ou seja, “o valor de um traço é marcado se estiver ausente em algumas línguas; de outro modo, será não-marcado” (Clements, 2009, p. 35). Assim, de acordo com o referido autor, os seguintes valores de traços correspondem aos mais marcados: [+soante]; [+contínuo]; [+nasal]; [+estridente]; [+posterior]; [+lateral]; [glote aberta].

O Princípio de Evitação de Traços Marcados interage diretamente com o Princípio de Economia de Traços: as línguas tendem a evitar traços marcados, no entanto, uma vez que um valor marcado esteja presente no inventário fonológico, este tende a ser combinado com máxima eficiência, pois o Princípio de Economia cria uma pressão para que o traço seja utilizado.

A interação entre o Princípio da Evitação de Traços Marcado e o Princípio da Economia permite prever que o número de sons marcados numa classe nunca será superior ao número de sons não marcados. Quando esse número é igual, como é o caso das consoantes fricativas [±voz] no português, o Princípio da Economia sobrepõe-se ao Princípio da Evitação de Traços Marcados, maximizando a presença do traço marcado [+voz] no sistema. Essa interação entre os princípios, ainda que de forma antagônica, é possível pelo fato de estes serem entendidos como forças e não como leis invioláveis, admitindo, assim, exceções.

Reforço de Traços: esse princípio refere-se ao fato de valores marcados de traços poderem ser introduzidos em um sistema para reforçar contrastes perceptualmente fracos.

De acordo com Clements (2009, p. 50), o Princípio de Reforço de Traços atua quando é introduzido o valor marcado de um traço para reforçar um contraste já existente entre duas classes de sons, ainda que isso resulte em uma violação ao Princípio de Evitação de Traço Marcado. Dessa forma, o reforço do contraste é alcançado com a introdução de um traço redundante que aumenta as diferenças acústicas entre os sons. A adição do traço [+ estridente] às plosivas com traço [coronal] pode servir como um bom exemplo para ilustrar este princípio, pois o traço [+estridente] aumenta a distância auditiva entre /tʃ/, que é estridente, e /t/, que não é estridente. Clements (2009, p. 51) exemplifica uma possibilidade de atuação do Princípio de Reforço no sistema do português, a partir do traço [+nasal]:

(...) [+nasal] reforça [-contínuo] em consoantes soantes; assim, a plosiva nasal /n/, com sua ressonância nasal pronunciada, é mais distinta das contínuas orais como /r/ ou /ɹ/ do que das não contínuas orais como /l/.

Robustez: esse princípio diz respeito ao fato de certos contrastes, relativos a traços mais robustos, apresentarem a tendência de serem mais frequentes, se comparados a contrastes relativos a traços menos robustos. Em uma hierarquia universal de traços, os contrastes de traços de valor mais alto tendem a ser empregados antes daqueles de valor mais baixo (valor corresponde à posição na hierarquia de robustez).

Com base no Princípio da Robustez, Clements (2009) procura explicar o modo como as línguas elegem quais traços estarão ativos em seus inventários, considerando o conjunto tão variado existente. A seleção dos traços na constituição dos sistemas fonológicos, segundo esse princípio, toma como referência os contrastes estabelecidos entre os traços. Clements (2009) fez essas previsões a partir do levantamento apresentado no Quadro 1, no qual o autor demonstra quais os contrastes mais e menos frequentes nas línguas descritas no UPSID (University of California Los Angeles – UCLA - Phonological Segment Inventory Database)³⁰

³⁰ Banco de dados disponível em <http://www.linguistics.ucla.edu/faciliti/sales/software.htm>

Quadro 1 – Frequência de contrastes – UPSID (CLEMENTS, 2009, p.44-45)

	Exemplo	Porcentagem (UPSID)	Traço(s)
a. obstruente dorsal x coronal	K/T ⁵	99.6	[dorsal], [coronal]
soante x obstruente	N/T	98.9	[±soante]
obstruente labial x coronal	P/T	98.7	[labial], [coronal]
obstruente labial x dorsal	P/K	98.7	[labial], [dorsal]
soante labial x coronal	M/N	98.0	[labial], [coronal]
b. soante contínua x não-contínua	J/N	93.8	[±contínuo]
obstruente contínua x não-contínua	S/T	91.6	[±contínuo]
soante posterior x anterior	J/L	89.6	[±posterior]
c. obstruente sonoras x surdas	D/T	83.4	[±voz]
soante não-contínua oral x nasal	L/N	80.7	[±nasal]
d. obstruente posterior x anterior	Tʃ/T	77.6	[±posterior]
consoante glotal x não-glotal	H/T	74.5	[glotal]

Fonte: Clements (2009)

Dessa forma, traços que se constituem em uma frequência maior de contrastes são posicionados na parte superior da escala, enquanto que aqueles traços menos frequentes em termos de contrastes são posicionados na parte inferior da escala. Em relação à aquisição, o autor afirma que os contrastes mais altos na hierarquia, ao longo do processo, são adquiridos mais cedo do que os contrastes mais baixos. O autor salienta ainda que os traços robustos, geralmente, potencializam características como saliência e economia a um custo articulatorio baixo e que, quanto maior a robustez de um traço, maior sua capacidade em se combinar livremente com outros traços. No Quadro 2 são apresentados exemplos de contrastes mais e menos robustos, segundo Clements (2005, 2009, p. 43).

Quadro 2: Contrastes robustos

Mais robusto	Menos robusto
soantes <i>versus</i> obstruintes	apical <i>versus</i> não-apical
labial <i>versus</i> coronal <i>versus</i> dorsal	central <i>versus</i> lateral
nasal <i>versus</i> oral	aspirado <i>versus</i> não-aspirado
plosivas <i>versus</i> fricativas (contínuas)	glotalizado <i>versus</i> não-glotalizados
sonoras <i>versus</i> surdas	implosivo <i>versus</i> explosivo

Fonte: Clements (2009)

Assim, a partir da análise dos dados e do comportamento dos traços na constituição do inventário das línguas, Clements (2009, p. 46-47) propõe a Escala de Robustez para os traços apresentada no Quadro 3:

Quadro 3: Escala de Robustez (Clements, 2009, p. 46-47)

a)	[±soante] [labial] [coronal] [dorsal]
b)	[±contínuo] [±anterior]
c)	[±voz] [±nasal]
d)	[glotal]
e)	outros

O autor salienta que os traços apresentados dentro de cada nível não estão ordenados e que para o grupo “e” podem ser apontados como possibilidades os traços [lateral], [±estridente], [±distribuído] e [glote aberta]. A partir dessa escala, o autor propõe o já referido Princípio de Robustez, entendendo que qualquer classe de som na qual dois traços são potencialmente distintivos, contrastes mínimos envolvendo o traço ranqueado mais abaixo estarão presentes somente se contrastes mínimos envolvendo o traço mais altamente ranqueado também estiverem presentes (LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2010, p. 6).

Estudos sobre a aquisição fonológica têm se baseado no Modelo de Princípios Fonológicos proposto por Clements no sentido de explicitar tendências universais de constituição dos inventários fonológicos. Além da explicitação desses princípios, tais estudos têm buscado explicar a gradativa construção dos inventários fonológicos pelas crianças, seja em processo de desenvolvimento linguístico considerado típico ou atípico, bem como estabelecer paralelos entre três fatos relevantes para o estudo do funcionamento dos sistemas fonológicos: a aquisição de contrastes pelas crianças, a variação linguística na fala de adultos e tipologias de línguas (MATZENAUER, 2008; 2009; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2009; AMORIM, 2015). Muitas destas pesquisas centram seu foco em um desses princípios, particularmente relacionado à

robustez dos traços, incluindo ainda sua interação com outros dois, que conforme apontado por Clements (2009) estão intimamente relacionados: o Princípio de Economia de Traços e o Princípio de Evitação de Traços.

Os referidos estudos, a partir de Clements, guiam-se pela premissa de que há uma hierarquia universal de traços respeitada pelas línguas na constituição de seus inventários fonológicos: os traços em posição mais alta na hierarquia são licenciados antes de os traços em posição mais baixa serem utilizados nos sistemas de segmentos. Assim, o Princípio de Robustez explica o fato de as línguas não terem apenas plosivas, ou apenas fricativas ou apenas nasais, por exemplo, além de dar conta ainda do fato de as línguas não terem apenas consoantes não marcadas (Clements, 2009). Ainda, a Robustez tem base na observação de que alguns contrastes são mais favorecidos e outros menos favorecidos nos sistemas de sons (CLEMENTS, 2009; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2010). É preciso atentar para a distinção que deve ser feita entre Robustez e Marcação: a robustez é uma propriedade de contrastes com base em traços, enquanto que a marcação é uma propriedade de valores de traços.

Segundo Matzenauer (2009; 2011), os princípios de Economia de Traços e de Robustez efetivamente parecem dar forte substrato a *generalizações* ou *tendências universais* identificadas na constituição de inventários fonológicos de línguas naturais, além de poderem também oferecer bases estruturais para a determinação de tipologias de línguas. A autora entende ainda que parece haver uma forte relação entre os princípios e o processo de aquisição.

(...) a criança encaminha-se de um sistema muito pouco econômico para um sistema que vai mostrando aumento do emprego contrastivo dos traços, atendendo, gradativamente, em cada etapa com maior eficácia, ao Princípio de Economia de Traços.

(...) a criança vai ativando traços e incrementando seu inventário fonológico, atendendo plenamente à Escala de Robustez, uma vez que se mostra evidente a tendência ao estabelecimento dos contrastes do nível mais alto, e, consecutivamente, vão sendo incorporados os outros níveis da Escala (MATZENAUER, 2009; 2011).

Ainda, no licenciamento de alofonias, estes mesmos princípios mostram-se determinantes. Segundo a referida autora, a partir de análises feitas nos sistemas variáveis do português, do espanhol do Prata e do inglês, é possível identificar a busca da manutenção do índice de Economia de Traços e, nos casos em que é verificada a

alteração desse índice, os traços ativados nas formas alofônicas integram os níveis mais baixos da Escala de Robustez.

O Princípio de Economia de Traços e o Princípio de Robustez, em interação entre eles e com os outros propostos por Clements, parecem responder não apenas pela constituição de inventários fonológicos, mas também pelo funcionamento de formas alofônicas – a variação intralinguística mostra-se limitada pelo sistema e por tendências universais (MATZENAUER, 2009; 2011).

Em se tratando do processo de aquisição, Matzenauer (2015) aponta para o fato de que “a expansão do inventário exige o espalhamento de traços, com a consequente formação de classes de segmentos”. Dessa forma, a autora propõe a possibilidade de se atentar também para a robustez do(s) traço(s) compartilhado(s) pelos segmentos que gradativamente vão sendo adquiridos. Considerando que os traços compartilhados é que estão subjacentes à constituição de uma classe de segmentos e que, ao se expandirem, aumentam a classe, a autora entende então que “a ordem de aquisição de segmentos poderia ser explicada por um conjunto de ‘forças’: a robustez dos traços no estabelecimento de contrastes e a robustez de coocorrências de traços compartilhados como base da expansão do inventário de segmentos (e da formação de classes naturais)”. Matzenauer (op. cit) conclui em seu estudo que, em se comparando tipologias de línguas e o processo de aquisição fonológica típico, é possível identificar uma tendência “ao papel decisivo, na construção da gramática (na constituição de inventários fonológicos e na expansão de classes de segmentos), de traços robustos na aquisição de contrastes e também de coocorrências robustas de traços”. Dessa forma, conclui ainda que coocorrências robustas de traços tendem a impulsionar precocemente o processo de expansão do inventário fonológico durante o desenvolvimento fonológico da criança.

Assim, cabe ressaltar que neste estudo é dada especial atenção às conclusões apresentadas por trabalhos relacionados à aquisição, à variação e às tipologias de línguas pelo fato de saber-se que os fenômenos evidenciados nesses níveis se relacionam diretamente com a diacronia das línguas e constituem o próprio processo de mudança. A partir do Modelo de Princípios Fonológicos Baseados em Traços (Clements, 2009) e a partir dos estudos principalmente sobre aquisição do inventário fonológico do português, é possível ampliar algumas questões que se pretende sejam respondidas por meio das análises dos dados de diacronia do português:

- Em que medida é possível estabelecer uma articulação entre princípios universais e a evolução histórica do inventário fonológico do português?
- Haveria relação entre as forças que atuaram sobre os segmentos do sistema consonantal latino, condicionando o fenômeno da fonologização, e os Princípios do Modelo proposto por Clements?
- A robustez dos traços possui na diacronia o mesmo poder de orientação dos processos de expansão e solidificação dos sistemas, evidenciado em estudos de aquisição?
- Qual o papel da coocorrência de traços nos casos de fonologização identificados na evolução do sistema consonantal do latim ao português?

Na busca de respostas para estas indagações, que se constituem em especificações das questões trazidas na introdução desta Tese, encaminha-se nas próximas seções a descrição dos dados de diacronia do português, bem como a análise parcial desses dados.

3 DELIMITAÇÃO DO CORPUS E DESCRIÇÃO DOS DADOS

Até o presente momento, objetivou-se explicitar, além da estruturação desta pesquisa, também os pressupostos teóricos que orientam e sustentam as análises desenvolvidas. Após a delimitação da temática central desta pesquisa – o processo de fonologização na diacronia do português –, bem como a elaboração dos objetivos e questões que guiam este estudo, passou-se à construção do referencial que tem como principal função viabilizar uma reflexão teórica, objetivando o processo de amadurecimento deste trabalho.

Com a primeira parte do referencial, buscou-se elaborar uma breve retomada do desenvolvimento dos estudos linguísticos centrados na história das línguas, passando em seguida a uma reunião de alguns dos principais trabalhos recentes sobre diacronia que utilizam dados de ortografia para a elaboração de análises sobre a evolução histórica do português, por considerar-se este um importante tipo de material inclusive para o desenvolvimento de pesquisas sobre a mudança na fonologia das línguas. Logo após, resumiu-se o contexto evolutivo das línguas românicas, especificamente do português, como forma de caracterizar o cenário de desenvolvimento do latim até a referida língua, apresentando-se por fim algumas considerações importantes especificamente sobre o processo de fonologização. A segunda parte do referencial foi elaborada a fim de que fossem apresentados os pressupostos da Fonologia Autossegmental, que servem como base para a análise pretendida nesta Tese.

Com foco no desenvolvimento diacrônico das consoantes da língua, é possível delimitar claramente o material a ser analisado nesta pesquisa, visando à discussão da fonologização de segmentos e de traços. Dessa forma, reserva-se uma seção especificamente para proceder-se à descrição dos quadros do sistema consonantal latino, do português arcaico e do português brasileiro, além da identificação das etapas evolutivas considerando os processos ocorridos e os traços envolvidos na evolução dos segmentos consonantais do português.

Os dados de língua latina aqui analisados têm sua origem no *Appendix Probi*, obra elaborada por um autor desconhecido (atribuída ainda assim ao gramático latino Probo), a qual possui grande valor para o estudo não só do latim, mas de todas as línguas românicas, já que permite observar alguns processos recorrentes no latim vulgar e que prosseguiram ao longo do tempo, transformando-o em outros idiomas, dentre eles

o português. Trata-se, na verdade, de uma lista contendo 227 palavras do vocabulário culto latino e suas formas correspondentes na língua popular, com a orientação expressa para que as mesmas não fossem utilizadas.

Além disso, uma gama de outros trabalhos proporcionou o aporte necessário para esta pesquisa no que se refere à base de dados para análise. Dentre eles, destacam-se os textos de Rosa Virgínia Mattos e Silva, *Como se estruturou a língua portuguesa e O Português Arcaico: fonologia*; Paul Teyssier, *História da Língua Portuguesa*; Edwin B. Williams, *Do latim ao português*; Ernesto Faria, *Fonética Histórica do Latim*; Mario Roberto Lobuglio Zágari, *Fonologia diacrônica do português*, Rodolfo Ilari, *Linguística românica*; Bruno Gregni Bassetto, *Elementos de Filologia Românica vol. 1 e 2*; Ismael de Lima Coutinho, *Gramática Histórica*; Serafim da Silva Neto, *História da Língua Portuguesa*; Joaquim Mattoso Câmara Jr, *História e Estrutura da Língua Portuguesa*, dentre outros, citados ao longo do texto.

Além disso, a Dissertação desenvolvida pela autora, intitulada *Do latim ao Português: um continuum à luz de teoria fonológica* também contribuiu significativamente para o atual estudo, já que nela, além de uma descrição dos dados referentes à evolução do sistema consonantal do latim ao português, também é apresentada uma análise destacando os processos fonológicos presentes, além dos traços e seu comportamento mediante os contextos de mudança.

Logo, evidencia-se que a coleta de dados para este estudo baseia-se principalmente na revisão bibliográfica realizada a partir de trabalhos que têm como foco a diacronia, além das gramáticas históricas, também ricas em informação relevante para este tipo de análise. Assim, com base na delimitação de análise fornecida pelo foco do estudo, procedeu-se a uma reunião de informações suficientes para a construção dos quadros que representam o estado do sistema consonantal do português, especificamente em três fases distintas, baseadas em diferentes trabalhos sobre a história do português.

Com a determinação destas fases, além dos dados fornecidos pelos estudos consultados, é possível a explicitação das etapas evolutivas que constituem a diacronia do sistema consonantal do português. A partir disso, e com o suporte fornecido pelo estudo de Neuschrack (2011), construiu-se o quadro evolutivo do sistema consonantal

em estudo, que retrata quais traços estiveram envolvidos nos processos identificados, além dos contextos de atuação dos mesmos, para, então, na seção que trata da análise, submeter, ao tratamento dos pressupostos da Teoria Autosegmental (CLEMENTS e HUME, 1995), os dados referentes ao processo de fonologização. Ao mesmo tempo, vão sendo estabelecidas relações entre os resultados e os Princípios Fonológicos Baseados em Traços (CLEMENTS, 2009).

3.1 Descrição dos dados

Nesta seção, são apresentados de forma descritiva os dados coletados para o estudo desenvolvido nesta Tese. Muitos são os processos reconhecidos nos estudos linguísticos no que concerne à evolução fonológica do latim (palatalização, sonorização, síncope) e muitos deles são retomados nesta pesquisa. Porém, o olhar lançado para os mesmos diferencia-se em relação ao suporte do modelo teórico que possibilitará explorar tais processos e torná-los mais explícitos.

3.1.1 Sistema consonantal latino: latim clássico x latim vulgar

O sistema consonantal latino é apresentado no quadro a seguir, com base nas palavras de Zagari (1988, p.104) e no exposto por Ilari (2008, p.77):

Quadro 4: Sistema consonantal do latim clássico

	Bilabiais	Labio-dentais	Alveolar	Palatal	Velar	Labio-velar	Uvular
Plosivas su	p		t		k	k ^w	
Plosivas so	b		d		g	g ^w	
Fricativas su		f	s				h
Fricativas so							
Nasais	m		n				
Laterais			l				
Vibrantes			r				
Semivogais	w				j		

O sistema consonantal do latim clássico era composto de 17 consoantes, dentre elas as semivogais /j/ e /w/ e a aspirada /h/, as oclusivas /p/ e /b/, /t/ e /d/, /k/ e /g/, as labiovelares /k^w/ e /g^w/ nasais /m/ e /n/, a lateral /l/, a vibrante /r/, além das fricativas /f/ e /s/. Algumas lacunas existentes no sistema consonantal do latim clássico, com o passar do tempo, foram sendo preenchidas de modo a formar uma série de pares contrastivos,

possivelmente já presentes no latim vulgar. Muitas dessas alterações foram introduzidas por influência do próprio contexto fonológico no qual as consoantes estavam inseridas. Importante salientar que o sistema consonantal do latim se caracteriza também pela presença das consoantes geminadas, em consonância com suas homorgânicas simples.

Porém, pelo fato de ser a oposição de quantidade latina pertinente apenas em contexto intervocálico, as consoantes geminadas, concebidas por Zágari (1988) como fonemas de baixo rendimento funcional, acabam por desaparecer do sistema no processo de mudança, dando lugar, normalmente, às suas correspondentes simples³¹. Segue a seguir o quadro dos possíveis fonemas que compunham o sistema consonantal do latim vulgar, com base nas informações apresentadas por Câmara Jr (1985, p.50) e Silva Neto (1979, p.201)

Quadro 5: Sistema consonantal do latim vulgar

	Bilabiais	Labio-dentais	Alveolar	Palato-alveolar	Palatal	Velar
Plosivas su	p		t			k
Plosivas so	b		d			g
Fricativas su		f	s			
Fricativas so						
Nasais	m		n			
Laterais			l			
Vibrantes			r			
Semivogais	w				j	

Segundo Ilari (2008, p.77-82), no latim clássico, os sons representados pelas letras **c** e **g** correspondiam a uma pronúncia velar que, já em latim vulgar, passou a palatal diante das vogais anteriores. A fricativização da labial sonora /b/ ocorreu especificamente em posição intervocálica, ao passo que em posição inicial ela não se efetivou. O i-semivogal acaba adquirindo uma pronúncia mais palatalizada no latim vulgar e evolui de maneira diferente nas línguas românicas: o sardo conserva a semivogal, no romeno e no italiano passa a africada e no português e no francês passa à fricativa. A transformação do u-semivogal em fricativa labiodental, desconhecida no sistema do latim clássico, segundo o autor, ocorreu já no latim vulgar.

³¹ Rever Nota 21 sobre possíveis geminadas no português.

Porém, é importante salientar que os casos destacados pelo autor se referem à pronúncia, ou seja, a questões fonéticas, o que não implica que no sistema fonológico do latim vulgar já se tenham operado essas mudanças. Um ponto bastante controverso entre os autores que investigam o assunto é a presença ou não da fricativa labiodental vozeada /v/ já no sistema do latim vulgar: enquanto Ilari (2008) apresenta o referido fonema como já integrante do sistema consonantal latino, autores como Câmara Jr (1985), Zágari (1988) e Silva Neto (1979) não o reconhecem como fonema no latim.

Quanto às consoantes geminadas, no latim clássico, grafavam-se como geminadas as consoantes que eram pronunciadas “prolongando a fase de intensão. O limite de sílaba passava então entre a intensão e a distensão da consoante longa, do que resultava a impressão de duas consoantes” (ILARI, 2008, p.82). Segundo o autor, o latim vulgar manteve a distinção de quantidade nas consoantes, o que pode ser comprovado pelo fato de que as inovações que afetaram as consoantes simples não se aplicam às geminadas. “Por outro lado, em todos os ambientes onde é relevante a distinção entre sílabas travadas e sílabas livres, a sílaba que precede consoante geminada comporta-se como sílaba travada”.

Ao longo do tempo, essa diferenciação foi perdendo-se nas línguas derivadas do latim, mantendo-se como característica apenas do sardo e do italiano, língua esta que inclusive registra a formação de geminadas em contextos antes não identificados, motivada principalmente pelo processo de assimilação. O Quadro 6 apresenta exemplos de manutenção de consoantes geminadas, bem como a sua implementação, no italiano que, como o português, é língua derivada do latim.

Quadro 6: Manutenção e formação de consoantes geminadas latim-italiano

Manutenção		Formação	
Latim	Italiano	Latim	Italiano
flamma	Fiamma	rupto	rotto
bucca	Bocca	fragmentu	frammento

Quanto aos grupos consonantais, alguns deles destacam-se pelo seu comportamento diferenciado, considerando o latim clássico e o latim vulgar. Sequências como /kl/, /pl/, /tl/ e /fl/, por vezes, passaram a ter uma pronúncia fortemente palatalizada, culminado em diferentes segmentos, dependendo do contexto (*onset* absoluto ou medial). Também sofreram processo análogo os grupos formados por

consoante mais glide palatal, fonologizando-se em segmentos africados ou fricativos, dependendo da língua românica.

No que se refere às labiovelares /k^w/ e /g^w/, no período latino, passam a velares ou palatais antes de /o/, /u/ e /j/, mantendo-se o apêndice labiovelar antes de /e/, /i/ e /a/. No período românico, a característica labial tende a cair também nos contextos remanescentes, preservando-se em algumas regiões. Zágari (1988) ratifica em seu texto a presença das labiovelares como integrantes do inventário fonêmico da língua latina, ainda que cedo tenham perdido a labialidade envolvidas em um processo de desfonologização.

3.1.2 Sistema consonantal do português

Em relação ao sistema do português, é importante considerar um momento anterior ao atual: o período arcaico da língua portuguesa. Os trabalhos de Rosa Virgínia Mattos e Silva, Clarinda Maia, Edwin Williams, Leite de Vasconcelos contribuem significativamente para uma descrição desta etapa da evolução do português moderno.

3.1.2.1 O português arcaico: visão geral e variações do sistema consonantal

Os registros mais antigos do português, dos quais se tem conhecimento, surgiram no final do século XII (Testamento de Afonso II e a Notícia do Torto), marcando, assim, o início histórico do português arcaico. Desde então, foram quatro séculos de intensas modificações e, embora a delimitação desse período seja mais difícil, no final do século XVI a essência da língua, por causa do desaparecimento de praticamente todas as características distintivas do português arcaico, já se equiparava à mesma de hoje em dia (WILLIAMS, 2001, p 27). Assim, é possível tomar este ponto como a partida para um novo momento histórico da língua, sem necessariamente tomá-lo como referencial de término do período arcaico, pelo menos até que sejam apresentados fatos linguísticos que permitam fazê-lo.

É possível conhecer a composição do sistema consonantal do português arcaico através de uma comparação entre os sistemas do latim e do português atual, método através do qual é possível ainda uma análise de variações atuantes no momento histórico analisado, considerando, como referência, a grafia da documentação remanescente, além de pistas depreendidas através das considerações dos gramáticos do século XVI (MATTOS E SILVA, 2006).

Porém, o conhecimento de um sistema anterior ao efetivamente utilizado não se

esgota exclusivamente na comparação: o uso de uma teoria fonológica que dê conta dos processos evolutivos mostra-se bastante eficiente quando da organização de sistemas desse tipo, pois trabalha com hipóteses de mudança baseadas em aspectos representacionais e funcionais que possam estar subjacentes aos dados concretos da língua e é exatamente este o papel que se pretende dar à Teoria Autossegmental nesta pesquisa.

É importante considerar que o período histórico sobre o qual se pretende tratar nesta Seção, o português arcaico (ou medieval, ou ainda antigo) tem início em fins do século XII, porém não há consenso em relação à sua delimitação com o português clássico (ou moderno). Não interessa a este trabalho demarcar uma periodização desta fase evolutiva do português, porém julga-se pertinente uma possível divisão, à qual correspondem dois possíveis inventários consonantais distintos.

A subperiodização desse período entre os séculos XII e XVI também é um ponto de discussão entre os estudiosos dos fatos históricos da língua portuguesa, daí a diversidade de nomenclaturas para fazer-se referência a essa fase. Enquanto Leite de Vasconcelos (1959) denomina todo esse período como *português arcaico*, Silva Neto (1979) entende que seja possível uma subdivisão do mesmo em *trovadoresco* e *português comum*. Neste trabalho, será feita referência a este período denominando-o como *português arcaico*, subdividido em primeira e segunda fase, sem se proceder a uma definição de limites temporais, já que não é este o objetivo da pesquisa.

Presume-se que esta divisão do *português arcaico*, feita nos moldes aqui pretendidos, seja pertinente para o tipo de análise proposta nesta Tese, sendo que ela encontra respaldo nos dados oferecidos pelas gramáticas históricas, bem como nos manuais de filologia consultados, a partir dos quais se entende que seja pertinente apresentar um sistema consonantal que se refere a cada um dos períodos. O conhecimento dos processos responsáveis pela reestruturação do então sistema latino para a configuração do português arcaico faz-se também importante para que haja uma perfeita compreensão das composições a serem abordadas neste estudo, por isso serão brevemente tratadas nesta Seção a fim de caracterizar a passagem do latim ao português arcaico³².

³² Não há como negar que essa passagem não tenha ocorrido de forma tão direta como possa parecer, já que séculos de evolução linguística separam cada uma dessas manifestações. O que se pretende aqui é

Através da representação gráfica do português, encontrada no início do século XIII, é possível constatar a já ocorrência de certos fenômenos como simplificação das geminadas, sonorização das surdas intervocálicas (*caput* > *cabo*) e queda das sonoras intervocálicas (*vedere* > *veer* > *ver*), que não ocorreu necessariamente de maneira categórica, como é o caso da velar sonora /g/, como se pode verificar em palavras como **negar** < *negare* e **legume** < *legumem*. Considera-se a simplificação das geminadas como a força desencadeadora das demais lenizações, ocorridas em momentos posteriores.

Em relação à consonantização, sabe-se que os fonemas /ʒ/ e /v/ provêm do /j/ e /w/ seguidos de vogal, no contexto de início da sílaba. Ainda, as palatais /ʃ, ʒ, ɲ, ʎ/ e as africadas /ts, dz, tʃ, dʒ/ possuem sua origem em plosivas seguidas de vogal ou semivogal palatal /e, i/ em boa parte dos casos, ou em sequências formadas por /k/, /f/, /p/, seguidos de /l/. O fenômeno da anteriorização das velares e a posteriorização das dentais seguidas de /i/ e /e/, que resultou nas africadas /ts, dz, tʃ, dʒ/, posteriormente /s, z, ʒ/, no início e no meio da palavra, segundo Teyssier (2007, p.9-15), ocorreu no latim imperial, momento no qual, segundo o autor, é muito provável que se tenham desenvolvido também as demais palatalizações, provindas das sibilantes latinas seguidas de vogal ou semivogal palatal e de nasais e líquidas também seguidas de elemento vocálico palatal.

Já as palatalizações advindas de consoantes seguidas de /l/ são mais recentes. Entre os séculos V e VIII situa-se o surgimento de sequências /kl/ a partir do apagamento de uma vogal não acentuada:

apicula > *apic'la* > *abe/ʎ/a*
ovicula > *ovic'la* > *ove/ʎ/a*
scopulu > *scop'lu* > *esco/ʎ/o*

As palatalizações das sequências latinas /kl/ podem ser situadas em um momento posterior ao século VIII, resultando na africada /tʃ/, depois fricativa /ʃ/, como em *flamma*>*chama* e *clamare*>*chamar*. Porém, tais sequências nem sempre sofreram este processo: (a) houve a mudança da líquida lateral para vibrante e (b) em palavras

confrontar essas duas realidades linguísticas a fim de que se possa traçar, ainda que de forma bastante sutil, o percurso evolutivo que constitui a formação do inventário consonantal do português.

consideradas empréstimos cultos (MATTOS e SILVA, 2006, p.82), há a permanência da sequência latina:

(a) *flaccu* > *fraco* , *clavu* > *cravo*

(b) *plenus* > *pleno* , *clarus* > *claro*

Em resumo, considera-se importante atentar para o fato de que nem todos os casos de palatalização ocorreram simultaneamente no tempo e sua difusão pelo léxico também não ocorreu da mesma forma para todos os contextos. Porém, como o interesse desta pesquisa não é estabelecer uma localização temporal precisa a respeito da consolidação dos fenômenos ocorridos na evolução do latim ao português, essa assimetria temporal em que os processos fonológicos evidenciados estão inseridos não implica qualquer problema para as análises pretendidas.

Com base nas discussões propostas por Maia (1986, p.502) e Teyssier (2007, p.26), apresenta-se o Quadro 7, que reflete o provável sistema consonantal do português arcaico, primeira fase, seguido de algumas considerações a respeito de sua formação.

Quadro 7: Sistema consonantal do português arcaico (primeira fase)

	Bilabiais	Labio-dentais	Alveolar	Palato-alveolar	Palatal	Velar
Plosivas su	p		t			k
Plosivas so	b		d			g
Africadas su			ts	tʃ		
Africadas so			dz	dʒ		
Fricativas su		f	s	ʃ		
Fricativas so	β		z	ʒ		
Nasais	m		n		ɲ	
Laterais			l		ʎ	
Vibrantes simples múltipla			r ʀ			

Comparando-se os inventários do latim vulgar e do português arcaico, em sua 1ª fase, é possível identificar consideráveis diferenças entre esses dois sistemas. A simplificação das geminadas, processo característico da diacronia do português e ainda

presente nos dias de hoje³³, implicou dois outros grandes movimentos no sistema, mas que pouco impacto tiveram em termos de estruturação do inventário: a desfonologização do traço de quantidade³⁴ afetou as consoantes geminadas surdas e sonoras; a partir dessa simplificação, os fonemas sonoros “caem”, ao passo que os surdos sonorizam-se e ocupam o lugar das consoantes “perdidas”, atestando a atuação do traço [+voz] na configuração do sistema. Segundo Zágari (1988), “o debilitamento da articulação das geminadas, até o ponto de igualarem-se à simples, determinou, periodicamente, a sonorização das surdas simples e, por consequência, o apagamento das sonoras em igual posição. Um caso de cadeia de propulsão”.

Essa desfonologização da quantidade, caracterizada como um fato fonêmico e acústico-articulatório, causado pela pouca distintividade e pequena percepção auditiva, teve como consequência ainda, na classe das obstruintes, que os fonemas portadores dos traços [-contínuo] e [-voz] passassem a ser caracterizados pelo traço [+voz] (por exemplo, p > b; t > d; k > g); e que aqueles portadores dos traços [+contínuo, +anterior, -voz, labial] e [+contínuo, -anterior, -voz, coronal] formassem um novo par opositivo com suas homorgânicas marcadas pelo [+voz] (f v; s z).

Além da simplificação dos fonemas geminados, há também a fonologização das africadas (ts dz tʃ dʒ), marcadas pelo contraste opositivo do traço [± anterior], até então inexistente na classe das consoantes que compartilham o traço [coronal]. Convém lembrar que estas consoantes são caracterizadas como segmentos de contorno³⁵, segundo a Fonologia Autossegmental, pois apresentam uma sequência de valores diferentes de um mesmo traço, no caso o [±contínuo]. Sabe-se que há uma tendência das línguas a “simplificarem” esse tipo de segmento, desligando-se a sua borda esquerda, perdendo assim o traço [-contínuo]. A questão que se poderia colocar é: o que motiva a perda de um ou outro valor de traço, neste tipo de processo? Possivelmente, assim como

³³ A degeminação está presente na fonologia das vogais da língua. Bisol (1992) afirma que a degeminação no português ocorre como resultado de sândi vocálico, que corresponde a um processo de ressilabificação, o qual ocorre no domínio de um mesmo enunciado, entre duas palavras, desencadeado pela junção de vogais idênticas. Tal sequência provoca um choque dos núcleos silábicos envolvidos e, assim, os segmentos adjacentes iguais no mesmo nível são inibidos pelo Princípio do Contorno Obrigatório.

³⁴ O traço de *quantidade*, por sua natureza prosódica, não figura dentre aqueles usados por Clements (2009), mas seu uso é recorrente nos trabalhos de Linguística Histórica que tratam das mudanças ocorridas no sistema fonológico.

³⁵ Sobre os tipos de segmentos, de acordo com Clements e Hume (1995), ver Seção 2.4

Clements (2009) propõe uma escala de Robustez de Traços, indicando quais são os contrastes preferidos nas línguas, é possível pensar se o Princípio da Marcação, estabelecendo uma hierarquia também entre esses valores, justificaria a preferência pela manutenção de um ou outro valor.

Em relação às fricativas, fonologiza-se uma bilabial [+voz] /β/, que, na classe das obstruintes, contrastaria com o segmento bilabial [-voz], de acordo com o que atesta Castro (1991, p. 108), ao tratar do caminho evolutivo traçado pela semivogal /w/: “o /w/ passou a uma bilabial fricativizada [β], que não teve dificuldade em servir de correspondente sonora de /f/, tornando-se assim um fonema. Isto estava consumado no século I d.C”.

O mesmo traço [+voz] é responsável pela implementação do par opositivo /s, z/, que no latim era lacunar; por fim, surge o par de palato-alveolares /ʃ, ʒ/ que contrastam com as também coronais [+anteriores] por meio do traço [+contínuo]. Compondo ainda a classe das coronais, fonologizaram-se duas palatais: a nasal /ɲ/ e a lateral /ʎ/, ambas contrastando com /n/ e /l/ por meio do traço [±anterior].

Assim, o sistema consonantal do português arcaico passa a ter a composição apresentada nos Quadros 8 e 9, contrapondo-se ao sistema latino, considerando as classes de segmentos formadas de acordo com os traços de ponto [labial], [coronal] e [dorsal] e de modo:

Quadro 8: Constituição das classes de segmentos de acordo com o ponto de articulação (Latim x Português arcaico – 1ª fase)

Classe/ponto	Latim	Português arcaico (1ª fase)	Número de fonemas	
			Latim	Português Arcaico (1ª fase)
Labial	p b f m w	p b f β m	5	5
Coronal	t d s n l r j	t d ts dz s z n l r ʎ tʃ dʒ ʃ ʒ ɲ ʎ	7	16
Dorsal	k g ³⁶	k g	2	2

³⁶ Considerando o sistema do latim clássico, haveria ainda os fonemas labializados k^w e g^w e a aspirada h, que acabaram se desfonologizando já na passagem para o latim vulgar.

Quadro 9: Constituição das classes de segmentos de acordo com o modo de articulação (Latim x Português arcaico – 1ª fase)

Classe/modo	Latim	Português arcaico (1ª fase)	Número de fonemas	
			Latim	Português Arcaico (1ª fase)
Obstruintes	p b f t d s k g	p b β f t d ts dz s z tʃ dʒ ʃ ʒ k g	8	16
Nasais	m n	m n ɲ	2	3
Laterais	l	l ʎ	1	2
Vibrantes	r	r ʀ	1	2

Tomando como base a distinção que pode ser feita entre o galego-português e o português atual, vê-se a presença das africadas alveolares e palatais, ausentes no sistema moderno, além da presença de uma bilabial fricativa sonora e a ausência da labiodental fricativa sonora. Estas são as situações que distinguem a primeira fase do português arcaico do português utilizado atualmente (MATTOS e SILVA, 2006).

Houve sempre muita discordância em relação à existência ou não da oposição /b/ : /v/ no português arcaico. Mattos e Silva chama a atenção para a controvérsia existente entre os autores a respeito de existir ou não a possibilidade dessa oposição, tanto que registra em seu quadro de consoantes, referente à primeira fase do português arcaico, a ausência da fricativa labiodental sonora /v/ e a presença de uma bilabial sonora /β/, a qual é acompanhada de uma interrogação, justamente pela natureza controversa da existência ou não de uma fricativa bilabial sonora no português arcaico. Com base no estudo de Maia (1986), a autora conclui que a análise de documentação da época e a observação das zonas geográficas em que se registravam tais dados permitem chegar-se à conclusão de que haveria, no português arcaico, duas áreas dialetais, sendo que o dialeto padrão prestigiado manteve a oposição em questão e fez recuar a mudança proposta pelo dialeto de menos prestígio.

Há autores, como Teyssier (2007) por exemplo, que apresentam a fricativa labiodental já como integrante do sistema consonantal do português arcaico em sua fase inicial; outros, como Ilari (2008), acreditam que este fonema já integrava o sistema consonantal do latim vulgar. O fato é que se torna uma tarefa bastante difícil precisar o início e/ou o fim de predomínio de um sistema, principalmente quando a época em que os estudos sobre o comportamento das línguas eram escassos ou inexistentes, ou quando

até mesmo o próprio registro escrito não se fazia presente.

Assim, é importante reconhecer a existência de uma possível imprecisão em relação à definição do que se constituía distintivo de significado, ou seja, como fonema, e o que se manifestava apenas como uma variação fonética, o que justifica a falta de consenso entre os estudiosos da área que, mesmo através de numerosos levantamentos que tentam refletir a realidade linguística de uma determinada época, por vezes acabam forçados a lançar mão de “possibilidades linguísticas” que nem sempre podem ser atestadas a ponto de não sofrerem contestação. Neste trabalho corroboram-se com os dados apresentados por Maia e Castro em relação à existência, na primeira fase do português arcaico, de uma fricativa bilabial, sem desconsiderar, porém, a existência de outras possibilidades de análise para a referida questão.

Outro questionamento que pode ser levantado em relação às variantes do português arcaico dá conta da existência ou não das africadas sibilantes /ts/ e /dz/ e palatais /tʃ/ e /dʒ/. Dados históricos comprovam que à fricativa /ʃ/ opunha-se a africada /tʃ/ e esta oposição só é neutralizada após o século XVI, apesar de, em algumas variantes regionais arcaizantes, ela ainda manter-se inalterada. Já a localização no tempo da africada palatal sonora torna-se mais complicada, pois os registros escritos não apresentam uma uniformidade em sua representação.

Os poucos indícios apontam para o seu desaparecimento já no início do século XIII, sendo totalmente apagada do dialeto padrão no século XVI. Pequena também é a documentação disponível para que se possa afirmar em que momento ocorreu a perda das africadas sibilantes, embora seja possível demonstrar com segurança a existência de quatro fonemas sibilantes no período estudado, em função da existência de uma razoável sistematicidade em sua representação (MATTOS E SILVA, 2006, p.89).

Embora seja difícil haver uma exata determinação do momento histórico em que os processos citados tenham ocorrido, é possível propor um quadro³⁷ de consoantes representativo do período final do português arcaico:

³⁷ Quadro adaptado de Mattos e Silva (2006, p. 91).

Quadro 10: Sistema consonantal do português arcaico (segunda fase)³⁸

	Bilabiais	Labio-dentais	Alveolar	Palato-alveolar	Palatal	Velar
Plosivas su	p		t			k
Plosivas so	b		d			g
Africadas su				tʃ		
Africadas so						
Fricativas su		f	s	ʃ		
Fricativas so		v	z	ʒ		
Nasais	m		n		ɲ	
Laterais			l		ʎ	
Vibrantes			r			
Simples			ʀ			
múltipla						

Comparando-se os dois sistemas do português arcaico, é possível identificar a desfonologização de quase toda a classe das africadas, com exceção de /tʃ/; além disso, há a fonologização da fricativa labiodental sonora /v/, que passa a contrastar com sua homorgânica [-voz] surda. Assim como na fase anterior (do latim ao português arcaico 1ª fase), mantém-se o alto índice de contraste do traço [coronal] que, em coocorrência com o [+ contínuo], o [-anterior] e o [+voz], é responsável pela expansão do sistema consonantal do português.

Da mesma forma como apresentado anteriormente, contrapondo-se os sistemas consonantais das duas fases do português arcaico, tem-se a composição apresentada nos Quadros 11 e 12, considerando-se novamente as classes de segmentos formadas de acordo com os traços de ponto [labial], [coronal] e [dorsal] e de acordo com o modo de articulação:

³⁸ Mattos e Silva (2006) e Maia (1986) apresentam, em seu quadro de consoantes da segunda fase do português arcaico, as fricativas pre-dorsodentais /ʃ ʒ/ e ápico-alveolares /s z/. Questiona-se, porém, o estatuto fonológico deste grupo: parece não natural o sistema abrir mão das fricativas alveolares /s z/, já integrantes do sistema do galego-português, para depois reintegrá-las novamente. É possível que o que as autoras apresentam sejam apenas manifestações fonéticas que integram a passagem das africadas /ts dz/ para as correspondentes fricativas /s z/.

Quadro 11: Constituição das classes de segmentos de acordo com o ponto de articulação (Português arcaico – 1ª fase x 2ª fase)

Classe/ponto	Português arcaico (1ª fase)	Português arcaico (2ª fase)	Número de fonemas	
			Português arcaico (1ª fase)	Português arcaico (2ª fase)
Labial	p b f β m	p b f v m	5	5
Coronal	t d ts dz s z n l r ř tʃ dʒ ʃ ʒ ɲ ʎ	t d s z n l r ř tʃ ʃ ʒ ɲ ʎ	16	13
Dorsal	k g	k g	2	2

Quadro 12: Constituição das classes de segmentos de acordo com o modo de articulação (Português arcaico – 1ª fase x 2ª fase)

Classe/modo	Português arcaico (1ª fase)	Português arcaico (2ª fase)	Número de fonemas	
			Português arcaico (1ª fase)	Português arcaico (2ª fase)
Obstruintes	p b β f t d ts dz s z tʃ dʒ ʃ ʒ k g	p b f v t d s z tʃ ʃ ʒ k g	16	13
Nasais	m n ɲ	m n ɲ	3	3
Laterais	l ʎ	l ʎ	2	2
Vibrantes	r ř	r ř	2	2

De acordo com Mattos e Silva (2006, p. 92), em relação às consoantes do latim ao português,

(...) vimos aquelas que atravessam séculos e não estão concluídas no diassistema do português. É o caso da mudança de quatro para duas sibilantes e da africada palatal surda para a constrictiva correspondente. Outras consoantes permanecem durante séculos estáveis, começam então a mudar e se difundem com rapidez, como no caso da vibrante anterior múltipla para as realizações posteriorizadas e não vibrantes.

O resultado “momentaneamente” final deste percurso de expansão e mudança dos segmentos consonantais é apresentado a seguir.

3.1.2.2 O sistema consonantal do português moderno

Em relação ao sistema latino, o sistema consonantal do português apresenta a inserção de fonemas no inventário fonológico, como as fricativas sonoras, apresentando poucas alterações se comparado ao sistema do português arcaico em sua fase final:

Quadro 13: Sistema consonantal do PB

	Bilabiais	Labio-dentais	Alveolar	Palato-alveolar	Palatal	Velar
Plosivas su	p		t			k
Plosivas so	b		d			g
Fricativas su		f	s	ʃ		
Fricativas so		v	z	ʒ		
Nasais	m		n		ɲ	
Laterais			l		ʎ	
Tepe			r			
Vibrante			r			

Em relação ao quadro do sistema consonantal do PB, comparado ao do Português arcaico (2ª fase), nota-se um maior equilíbrio dentro da classe das obstruintes, composta por seis plosivas e seis fricativas, já que a africada /tʃ/ perdeu seu *status* distintivo, realizando-se hoje apenas como uma variante da plosiva alveolar surda. Essa desfonologização provavelmente tenha ocorrido motivada pela busca da simetria no interior do sistema, considerando que as [-soantes] são marcadas pela oposição [$\pm$ voz]. Além disso, é possível considerar que o baixo rendimento funcional das africadas tenha também endossado a desfonologização de toda a classe, além do fato de que, em contraste com suas homorgânicas fricativas, possuem um baixo grau de distintividade, se forem levados em consideração os efeitos acústicos de sua articulação.

Monaretto, Quednau e Hora (2005) apresentam o sistema consonantal do PB de acordo com a proposta de Câmara Jr, elencando a posição que esses elementos poderão ocupar na palavra, mostrando que o número e o tipo de oposições encontrados no sistema consonantal do PB dependem dos contextos apresentados a seguir:

Quadro 14: Sistema consonantal do PB (Monaretto, Quednau e Hora, 2005)

Intervocálico	Pré-vocálico		Pós-vocálico
	CV	Segunda consoante CCV	
/p/ /b/ /f/ /v/ /m/	/p/ /b/ /f/ /v/ /m/		
/t/ /d/ /s/ /z/ /n/ /l/ /r/	/t/ /d/ /s/ /z/ /n/ /l/	/l/ /r/	/S/ /N/ /l/ /r/
/k/ /g/ /ʃ/ /ʒ/ /ɲ/ /ɰ/ /r/	/k/ /g/ /ʃ/ /ʒ/ /r/		

Assim como todas as línguas naturais, o português falado no Brasil possui algumas variações em seu sistema consonantal. De acordo com a proposta de Monaretto, Quednau e Hora (2005, p. 214), as consoantes variáveis do PB são:

- “l” pós-vocálico, que pode ser pronunciado como alveolar [l], velar [ɫ] ou vocalizado [w];
- “s” pós-vocálico, pronunciado como sibilante [s] ou chiente [ʃ] de acordo como dialeto, surdo [s] ou sonoro [z], conforme o contexto seguinte;
- “r”, pronunciado como vibrante [r], fricativa velar [x], uvular [R] e aspirada [h], como vibrante simples [r] ou ainda como som retroflexo [ɻ];
- “t” e “d” antes de “i” podem ser pronunciados como africados [tʃ], [dʒ], alveolares [t], [d] ou dentais [t̪], [d̪];
- nasal pós-vocálica, cuja pronúncia depende do contexto seguinte.

É possível novamente, estabelecendo uma comparação entre os sistemas do português arcaico e do português brasileiro, compor os quadros que explicita a composição do sistema consonantal do PB, apresentando a distribuição dos segmentos de acordo com as classes formadas pela presença dos traços [coronal], [labial] e [dorsal] e também de acordo com o modo de articulação:

Quadro 15: Constituição das classes de segmentos de acordo com o ponto de articulação (Português arcaico – 2ª fase x Português moderno)

Classe/ponto	Português arcaico (2ª fase)	Português brasileiro	Número de fonemas	
			Port. arcaico	Port. brasileiro
Labial	p b f v m	p b f v m	5	5
Coronal	t d s z n l r ʀ tʃ ʃ ʒ ɲ ʎ	t d s z n l r r ʃ ʒ ɲ ʎ	13	12
Dorsal	k g	k g	2	2

Quadro 16: Constituição das classes de segmentos de acordo com o modo de articulação (Português arcaico – 2ª fase x Português moderno)

Classe/modo	Português arcaico (2ª fase)	Português moderno	Número de fonemas	
			Português arcaico (2ª fase)	Português Moderno
Obstruintes	p b f v t d s z tʃ ʃ ʒ k g	p b f v t d s z ʃ ʒ k g	13	12
Nasais	m n ɲ	m n ɲ	3	3
Laterais	l ʎ	l ʎ	2	2
Vibrantes	r ʀ	r r	2	2

Feita a descrição inicial dos dados, já é possível apontar alguns “movimentos” realizados dentro do sistema de consoantes do latim ao português, que servirão também para orientar as análises pretendidas neste trabalho:

- a classe das labiais manteve-se com cinco fonemas ao longo da evolução do sistema;
- a classe das dorsais, depois de reduzir-se de cinco para dois fonemas, ainda no latim, manteve-se estável até a constituição do sistema do português brasileiro;
- a classe das coronais ampliou-se de sete para doze fonemas, o que confirma o possível alto grau de robustez do traço [coronal] em se considerando a evolução do sistema consonantal do latim ao português (veja-se Quadro 3);
- na classe das obstruintes, as lacunas existentes foram preenchidas por força do traço [+voz], em busca da simetria do sistema, verificada também no equilíbrio adquirido pela implementação de seis fonemas plosivos e seis fonemas fricativos.

Na próxima seção, são descritos os segmentos consonantais do português em relação direta com os processos fonológicos ocorridos, motivadores das mudanças identificadas na evolução do sistema consonantal do latim ao português.

3.2 Do latim ao português: segmentos consonantais e processos

Nesta seção, são apresentados os segmentos constituintes do latim e do PB, traçando-se um *continuum* evolutivo entre os sistemas, a fim de que sejam delineadas as mudanças ocorridas. A descrição aqui apresentada toma como base os dados fornecidos por Neuschrnk (2011), cujo foco de análise se concentrou na identificação das possíveis etapas evolutivas relacionadas aos segmentos consonantais, do latim ao português, tratando especificamente do funcionamento dos processos na constituição do inventário consonantal do português. Trazer a referida descrição para este trabalho permitirá a organização dos quadros evolutivos que serão apresentados e servirão como base para a análise pretendida nesta pesquisa. Antes, porém, será apresentado um breve resumo comparativo entre os sistemas do latim e do português, com foco nos segmentos constituintes destes sistemas.

Em se comparando o sistema de consoantes do português com o do latim (vejam-se os dados dos Quadros 4, 5 e 13), dois pontos são aqui destacados: (a) os espaços lacunares do sistema latino que foram preenchidos na fonologia do português; (b) os processos fonológicos que predominantemente caracterizaram a evolução do sistema consonantal latino para o do português.

Com relação às lacunas do sistema latino, verifica-se a ausência das fricativas alveolar /z/, labiodental /v/, palatal surda /ʃ/ e sonora /ʒ/, além da nasal palatal /ɲ/ e da lateral palatal /ʎ/, segmentos que foram surgindo ao longo do processo evolutivo da língua portuguesa, conforme pode ser verificado na seção sobre o sistema consonantal do português arcaico (Seção 3.1.2.1).

Em relação aos processos que caracterizaram a evolução do sistema consonantal latino para o do português, três apresentaram-se predominantes: a degeminação, a fricativização e a palatalização; outros fenômenos que ocorreram nesse *continuum* evolutivo foram a sonorização das surdas e, em alguns casos, o desaparecimento das sonoras, tanto no caso das oclusivas como das fricativas.

Com relação ao primeiro processo cuja ação foi prevalente – a degeminação –, tem-se que as consoantes geminadas do latim, as quais ocorriam sempre em posição intervocálica, sofreram o processo de simplificação, dando origem às suas correspondentes simples no português. Este movimento é considerado por Martinet (1955) decisivo para o romance das Gálias e da Ibéria, por todos os efeitos no sistema, que vão além da desfonologização do traço [quantidade]. O processo de degeminação fez surgirem consoantes simples em muito maior número, para cada tipo, ao mesmo tempo em que suprimiu as oposições /pp/:/p/, /kk/:/k/, e assim por diante. Segundo Câmara Jr (1985, p. 52), a reação a esse movimento pode ter sido a manutenção das oposições por meio de lenização da antiga consoante simples, que acaba sonorizando-se. Por consequência, boa parte das consoantes sonoras acaba caindo, ainda que com algumas exceções (*digitum* > *dedo*; mas *plaga* > *chaga*). Esse *continuum* evolutivo também é atestado por Castro (1991, p. 108).

Quanto ao processo de fricativização, mostrou-se produtivo, considerando-se a ausência das fricativas no sistema latim; geralmente, a fricativização ocorreu em determinados contextos fonológicos, principalmente naqueles em que se faziam presentes as vogais /i,e/ após as plosivas. Pode-se observar essa constituição em vocábulos como *fa[k]io* > *faço*; *judi[k]iu* > *juízo* ; *gra[t]ia* > *graça* ; *belli[t]ia* > *beleza* ; *pla[t]ea* > *praça*.

Em se tratando do processo de palatalização, entende-se a relevância do fenômeno ao verificar-se a inexistência de fricativas e soantes palatais no sistema latino e a sua presença na fonologia do português. Verifica-se atuar, no sistema consonantal latino, o fenômeno da palatalização de anteriores dentais e labiais e posteriores velares, processo que resulta em constituições como *russeu* > *roxo* ; *ecclesia* > *igreja* ; *angelu* > *anjo* ; *hodie* > *hoje* ; *inflare* > *inchar* ; *flagrare* > *cheirar*. Ainda, há a palatalização de nasal e lateral anterior, percebida em palavras como *scopulu* > *iscoplu* > *escolho*; *oculu* > *oclu* > *olho*; *coagulare* > *coaglar* > *coalhar*; *filius* > *filho*, *pugnus* > *punho*, *ciconia* > *cegonha*.

Comparando o sistema do latim clássico com o do português brasileiro de hoje, algumas são as lacunas existentes naquele que, com o passar do tempo, foram sendo preenchidas por este, de modo a formar uma série de pares contrastivos, alguns deles possivelmente se fazendo presentes já no latim vulgar. A seguir, apresentam-se

considerações sobre o processo evolutivo de classes de segmentos consonantais, considerando-se a distinção de vozeamento - plosivas (surdas e sonoras); fricativas (surdas e sonoras); nasais e líquidas, e a posição³⁹ em que se encontram na palavra (onset absoluto e onset medial). O ponto de partida é o sistema consonantal do latim exposto nos Quadros 4 e 5.

3.2.1 Plosivas surdas

Em posição inicial de palavra o sistema consonantal latino compunha-se, além das outras consoantes, das plosivas surdas simples /p/, /t/ e /k/, como podemos observar em palavras como *patria*, *pecúnia*, *paucus*, *tristitia*, *taurus*, *tegula*, *corona*, *campus*, *carrus*. No processo evolutivo que engloba o português arcaico e o brasileiro, há a manutenção desses elementos no referido contexto, salvo raras exceções, devido ao que parece ser um processo de sonorização, presente, por exemplo, em: *polire* > *buir*, *cattu* > *gato*, assim como verifica-se também uma fricativização de /k/, como em /k/ingere > /s/ingir, e uma palatalização de /g/, como em /g/eneru > /ʒ/ênero (NASCENTES, 2009).

Considerando-se a posição medial de palavra, observa-se a ocorrência dos mesmos segmentos simples acima referidos, apresentando-se em palavras como *copia*, *epicus*, *emporium*, *catenas*, *natam*, *veritatem*, *pacatus*, *ancora*. É importante lembrar que, no latim, para cada segmento consonantal simples havia uma consoante geminada que ocorria apenas na posição intervocálica: *appetitus*, *appendix*, *sagittam*, *vitta*, *buccam*, *siccum*. Tal configuração já não se fez mais presente no período evolutivo em que se encontra o português arcaico, no qual a distinção pela quantidade já não era mais significativa (veja-se Quadros 7 e 10).

A posição medial da palavra é significativamente suscetível a propiciar mudanças nos segmentos fonológicos que a constituem. Assim, esse contexto apresenta no português os mesmos segmentos simples existentes no sistema latino, porém, quando no latim eram segmentos simples e se encontravam no contexto intervocálico, deram lugar aos seus homólogos sonoros, em alguns casos, como por exemplo: /p/ > /b/: *ripa* > *riba* (ribanceira); *lúpus* > *lobo*; *sapere* > *saber*; /t/ > /d/: *vita* > *vida*; *rota* > *roda*; *mutus* > *mudo*; /k/ > /g/: *pacare* > *pagar*; *acutus* > *agudo*; *focu* > *fogo*

³⁹ Coutinho (1979, p.111) chama a atenção para a necessidade desse tipo de apresentação no estudo das consoantes.

Na classe das plosivas surdas, o processo de **sonorização** foi frequente na evolução do inventário consonantal do latim para o do PB, com menor recorrência em *onset* absoluto e maior em posição medial de palavra. Além disso, houve também o processo de **degeminação**, especificamente relacionado às consoantes geminadas do latim que passaram a consoantes simples.

3.2.2 Plosivas sonoras

O sistema consonantal latino já apresentava como constituintes do *onset* silábico as plosivas sonoras /b/, /d/ e /g/ no contexto inicial de palavra: *bucca*, *bene*, *bonus*, *debere*, *dare*, *dolorem*, *gutta*, *gentem*, *gallum*. Essa classe de segmentos, assim como as demais, manteve-se praticamente inalterada nos sistemas arcaico e brasileiro.

No entanto, nem todas as plosivas sonoras do português derivam de plosivas do latim: há casos em que a plosiva /b/ do português resulta de uma semivogal labial do latim, ou seja, da semivogal /w/ ortograficamente representado pela letra “v”. São exemplos dessa ocorrência: *bexiga* > *vesica* e *vota* > *boda*. Em alguns casos, na posição de *onset* absoluto, a sequência formada pela plosiva /g/ seguida de /e/ ou /i/ acabou por configurar-se, no português, como um novo fonema, pertencente à classe das fricativas *gentem* > *gente*; *genius* > *zênio*; *gingivam* > *zenziva*.

As plosivas sonoras, como segmentos simples intervocálicos, ocupam também a posição de *onset* interno. Vê-se essa confirmação em palavras como *gubernare*, *caballus*, *palpebrae*, *tardus*, *traditio*, *trepido*, *bigae*, *rigor*. Também ocupam o referido contexto as consoantes intervocálicas longas pertencentes a essa classe de segmentos: *additione*, *addere*, *adductus*, *aggravare*, *exaggerare*, *suggestum*, *abbatem*, *abbatissa*. Assim como as plosivas surdas geminadas, a partir do português arcaico as plosivas sonoras geminadas deram lugar às suas correspondentes simples, como pode ser observado em *abade* (*abbatis*), *adição* (*additionem*) e *sábado* (*sabbatus*).

Em relação aos segmentos simples, as plosivas sonoras desapareceram na posição de *onset* interno (*ibam* > *ia*; *regale* > *real*), ou alteraram-se ou, ainda, no caso específico do **g**, mantiveram-se:

/b/ > /v/ : *faba* > *fava*; *caballu* > *cavalo*; *debet* > *deve*

/g/ seguido de /e/ ou /i/ > /ʒ/: *reginam* > *rainha*; *magister* > *mestre*; *legem* > *lei*

/g/ seguido de /a/, /o/ ou /u/ : legumem>legume; negare>negar

No português arcaico, algumas palavras apresentavam já o segmento /v/ em contexto no qual, considerando a palavra latina, figurava a plosiva /b/. No português moderno, porém, esses mesmos vocábulos, por regressão, voltaram a apresentar o segmento plosivo sonoro referido. O /b/ intervocálico do latim permaneceu em palavras eruditas ou semieruditas (WILLIAMS, 2001, p.77).

bibere > **b**ever > beber

sebum > **s**evo > sebo

tabulam > **t**avoa > tá**b**ua

Cabe aqui fazer uma observação mais específica em relação ao /d/, que no latim aparecia de forma recorrente na posição de onset interno, conforme exemplos anteriormente apresentados. Contudo, na evolução da língua, podem-se referir alguns exemplos que confirmam o apagamento deste elemento, mais especificamente no português arcaico, sendo que posteriormente o português brasileiro se encarregou de inseri-lo novamente nesse contexto, porém não de uma forma categórica, já que se veem novos segmentos surgindo na posição referida.

lampadis > lampa > lâmpada

nidum > **n**ão > nin**h**o

Logo, a análise inicial permite atribuir à classe das plosivas sonoras três processos fonológicos recorrentes: a **lenização**, em posição medial, responsável pelo surgimento da fricativa /v/, inexistente no latim⁴⁰, advinda do segmento /b/ em contexto intervocálico; a **palatalização**, que propiciou o surgimento de um novo segmento consonantal, a palatal /ʒ/, processo esse ocorrido quando o /g/ se encontra em onset absoluto ou medial, seguido de /e/ ou /i/; por fim, registra-se também o processo de **degeminação** das plosivas sonoras geminadas. Além disso, a degeminação das surdas

⁴⁰ Segundo Maurer Jr. (1959), “mesmo não sendo totalmente uniforme, em latim o /u/ consonântico sofreu processo análogo ao /i/ - a lábio-dental sonora /v/ já estaria no sistema do latim vulgar. Ainda segundo Ilari (1992), “no período do latim vulgar desenvolveu-se a fricativa labial /v/, que o latim clássico desconhecia”. Logo, fica evidente que possa haver indícios de que já no latim vulgar essa consoante se fazia presente, merecendo esta questão, porém, estudos mais específicos para um melhor esclarecimento.

teve como consequência a **sonorização** dos segmentos simples, que impulsionaram a queda das sonoras já existentes.

3.2.3 Fricativas surdas

O sistema consonantal latino apresentava apenas as fricativas /f/ e /s/ no contexto inicial de palavra (*filius*, *fraternus*, *fortuna*, *sinus*, *subitus*, *salutem*) e o surgimento do segmento /ʃ/ ocorre apenas a partir do português arcaico, no qual há ainda a presença de africadas alveolar /ts/ e palatal /tʃ/, ausentes no sistema moderno (veja-se Quadro 13). Estas são as situações que distinguem a primeira fase do português arcaico do português utilizado atualmente (MATTOS e SILVA, 2006), ainda que não considerem necessariamente o contexto de atuação dos referidos segmentos. A surda /ts/ tem origem no /t/ e /k/ palatalizados (*kivitate* > *tsidade* > *sidade*) e em alguns casos do /d/ (*audio* > *autso* > *ouso*). A surda /tʃ/ é o resultado peculiar e particular do português da evolução dos grupos consonânticos iniciais **kl pl fl** (*klamare* > /ʃ/amar; *plenu* > /ʃ/cheio; *flama* > /ʃ/ama) (CASTRO, 1991, p.111), representando a fase mais palatalizada na cadeia de alterações ocorridas nesses grupos, os quais se conservaram totalmente no catalão (*flama*) e no francês (*flamme*) e parcialmente palatalizados no italiano (*fiama*) e no castelhano (*llama*) (NASCENTES, 2009, p. 51)

No português brasileiro, ocorrem os segmentos surdos /f/ e /s/ na posição de onset absoluto, marcando a manutenção dos elementos já existentes no latim (*filho*, *fraterno*, *fortuna*, *sinuosidade*, *súbito*, *saúde*), além da palatal /ʃ/, que surge, por exemplo, a partir de grupos consonantais como **kl, pl e fl**:

/kl/ > /ʃ/: *klave* > /ʃ/ave; *klamare* > /ʃ/amar

/pl/ > /ʃ/: *pluvia* > /ʃ/uva; *plenu* > /ʃ/eio; *plagam* > /ʃ/aga

/fl/ > /ʃ/: *flamma* > /ʃ/ama; *flagarre* > /ʃ/eirar

Em posição medial, os segmentos que compunham o sistema latino eram os mesmos que marcavam presença em onset absoluto. Confirmam essas informações palavras como *infância*, *defensão*, *profundo*, *caseus*, *causam*, *sponsus*. O fonema /ʃ/, em onset interno, possui as seguintes origens, sendo apenas o primeiro contexto o mais produtivo, visto que os demais representam um número reduzido de exemplos:

/kl/, /pl/ e /fl/ precedidos de consoante > /ʃ/: *mas/k/ulu* > *mas/kl/u* > *ma/ʃ/o*;
in/fl/are>*in/ʃ/ar*;

/ks/>/ʃ/: *co/ks/am*>*co/ʃ/a*; *fra/ks/inus*>*frei/ʃ/o*;

/ski/>/ʃ/: *fa/ski/am*>*fai/ʃ/a*

Em relação às geminadas do latim, é possível identificar os segmentos /ff/ e /ss/, presentes na constituição de palavras como *a/ff/ectus*, *di/ff/erentia*, *su/ff/ragium*, *o/ss/eum*, *pa/ss/um*, *gre/ss/us*, que deram origem às homorgânicas simples. A sequência /ssi/ é também motivadora do surgimento do fonema /ʃ/ no sistema consonantal do português (*passionem*>*paixão*), assim como /ks/ e /sk/ (*bu/ks/u*>*bu/ʃ/o*; *mi/sk/ere*>*me/ʃ/er*), porém, como já referido, em um número pouco significativo.

Assim, os processos identificados na evolução do sistema, considerando as fricativas surdas, resumem-se à **palatalização**, pela qual surge a palatal /ʃ/, motivada pelas sequências kl pl fl em onset absoluto ou medial da palavra, e /ks sk ssi/ em onset medial; e a **degeminação** das fricativas geminadas, sempre recorrente nos segmentos “duplos” do sistema latino, os quais não se configuram mais no português.

3.2.4 Fricativas sonoras

O sistema consonantal latino não apresentava nenhum elemento fricativo sonoro, em qualquer contexto. Segundo Mattos e Silva (2006), em posição inicial, os elementos /v/ e /ʒ/ provêm de um processo de consonantização da semivogal /w/ posterior (*winu*>*vinho*, *wano*>*vão*, *widere*>*ver*), bem como da semivogal /j/ (*jā*>*3á*, *jācere*>*3azer*), assim como também atesta Castro (1991, p. 106). Ainda, o /ʒ/ em contexto inicial de palavra origina-se também do processo de palatalização sofrido pelo /g/ velar inicial seguido das vogais palatais /e,i/ (*gēnte*>*3ente*, *gēneru*>*3ênero*). Já a fricativa /z/ ocorre em latim, na referida posição, apenas nas palavras adquiridas por empréstimo de outras línguas, como o grego (*zephyrum*>*zéfiro*).

O sistema consonantal do português arcaico, em determinado momento, tinha como componentes as africadas, possivelmente a característica que mais o difere do português usado atualmente. Segundo Teyssier (2007), havia um par de africadas (uma surda e uma sonora) /ts/ e /dz/, bem diferentes e /s/ e /z/, o que fica evidenciado também

na grafia: para representar na escrita a africada /ts/, usava-se o “c”; para o fonema /s/, a letra “s”; para a africada /dz/, a letra “z”; e para o fonema /z/, a letra “s”.

Segundo o autor, não havia nenhuma alternância entre as africadas e as fricativas, fenômeno que se verificou no português moderno⁴¹. No caso das palatais, a africada /tʃ/, escrita *ch*, também se distinguia da simples /ʃ/, escrita *x*, ao passo que hoje o *ch* de *chamar* se pronuncia como o *x* de *deixar*. A essas duas surdas correspondia uma única sonora representada /ʒ/, como em *já*. Este fonema foi inicialmente a africada /dʒ/ que perdeu, muito cedo, o elemento oclusivo inicial, passando a /ʒ/ (TEYSSIER, 2007, p. 32-33).

Na posição medial da palavra, as fricativas sonoras /v/, /ʒ/ e /z/ apresentam-se no português moderno por meio de processos de simplificação das geminadas e sonorização das surdas (MATTOS e SILVA, 2006). Cabe ressaltar, porém, que no caso da fricativa labiodental /v/, além da origem em um processo de sonorização de sua correspondente surda /f/ a partir de um contexto intervocálico, como em *pro/f/ectum*>*pro/v/eito*, e a consonantização de /w/ intervocálico (*nowe*>*nove*, *laware*>*lavar*), há também casos em que a plosiva sonora /b/ intervocálica abriu caminho para o surgimento da fricativa surda /v/ (CASTRO, 1991, p. 107): (*debet*>*deve*, *nubem*>*nuvem*, *habere*>*haver*).

O surgimento da fricativa palatal /ʒ/ no português tem sua origem em processos de palatalização das plosivas sonoras /d/ e /g/ seguidas da semivogal /j/, assim como /g/ seguido de vogal /e,i/, fricativa surda seguida de semivogal *sj* e também por um processo de consonantização da vogal /i/. Por fim, a fricativa alveolar /z/ apresenta-se como uma das possibilidades de realização a partir das plosivas surdas /t/ e /k/ seguidas de semivogal /j/, ou ainda como resultado específico da plosiva /k/ anterior às vogais palatais /e,i/ (*dikis*>*dizes*, *plakere*>*prazer*, *uikes*>*vezes*).

Por ter a classe das fricativas sonoras surgido por inteira na evolução do sistema latino para o português, os processos identificados, a partir dos constituintes referidos, ocorrem motivados por diferentes contextos (onset absoluto e medial de palavra) e

⁴¹ Teyssier (2007, p. 46-47).

segmentos. Faz-se importante ressaltar, no entanto, que a presença das vogais palatais /i,e/ e da semivogal /j/ é determinante para os processos de **palatalização** e **consonantização**, ainda que não apenas na classe das fricativas.

3.2.5 Nasais

As consoantes nasais /m/ e /n/ do latim permanecem inalteradas no PB, em contexto inicial de palavra (/m/ale > /m/al, /m/ensis > mês, /n/idu > /n/inho, /n/egatus > /n/egado) . O sistema latino não apresentava a nasal palatal /ɲ/, salvo algum caso em que a palavra provinha de um empréstimo de origem não latina.

No contexto medial da palavra, o latim apresentava ainda as geminadas /mm/ e /nn/, que deram origem no PB às suas correspondentes simples (co/mm/unem > co/m/um, fla/mm/am > cha/m/a, a/nn/um > a/n/o, pa/nn/um > pa/n/o). Quanto à nasal palatal /ɲ/, presente no sistema consonantal do português e inexistente no sistema latino, nota-se sua origem principal no contexto medial que apresenta uma nasal alveolar seguida de uma semivogal **nj** (ceconja > cego**ɲ**a, teneo > ten**j**o > te**ɲ**o, linea > lin**j**a > li**ɲ**a). Também a sequência **gn** é motivadora do surgimento da nasal palatal, como é possível perceber em palavras como lignosus > le**ɲ**oso, pug**ɲ**us > pu**ɲ**o, assim como quando o /n/ é antecedido pela vogal palatal /i/ (vicinus > viz**ɲ**o, vinu > vi**ɲ**o) (WILLIAMS, 2001).

As nasais do sistema consonantal latino sofrem, então, o processo de **degeminção**, no caso das geminadas, e também de **palatalização**, especificamente nas sequências **nj**, **in** e **gn**, processo este que faz surgir a nasal palatal /ɲ/, inexistente no latim.

3.2.6 Laterais

Em onset absoluto, o sistema consonantal latino apresentava apenas a lateral alveolar /l/, observada em palavras como lupus, lacus, legatum, liber, longus, mantendo-se inalterada no grupo de consoantes do PB (lobo, lago, legado, livro, longo). Assim como ocorreu com a nasal palatal, a lateral palatal /ʎ/ só aparece em onset interno, sendo observada em início de palavra apenas quando a mesma provém de um empréstimo linguístico.

Já na posição medial, além da lateral alveolar, compunha também o sistema latino a geminada correspondente /ll/, presente em palavras como *puella*, *gallinam*, *caballum*, e que no PB acabou por ser substituída por sua correspondente simples (*caballum* > cavalo, *gallinam* > galinha). Surge então, no contexto referido, um novo constituinte desse sistema: a lateral palatal /ʎ/, que por sua vez tem origem em sequências como **kl**, **pl**, **gl**, **bl** e **tl**, desde que as mesmas sejam antecedidas por uma vogal:

scopulu > iscop**lu** > esco/ʎ/o

oculu > ok**lu** > o/ʎ/o

apicula > apik**la** > abe/ʎ/a

tribulo > trib**lu** > tri/ʎ/o

tegula > teg**la** > te/ʎ/a

vetula > vet**la** > ve/ʎ/a

Ainda, quando a palavra latina apresenta a consoante lateral alveolar seguida de semivogal, no PB tem-se a lateral palatal como produto dessa sequência, conforme podemos analisar em palavras como *filiu* > fil**ju** > fiʎo, *palea* > pal**ja** > paʎa (WILLIAMS, 2001).

Da mesma forma como o ocorrido com a classe das nasais, as laterais sofreram ora o processo de simplificação da geminada /ll/, resultando em sua homorgânica simples /l/, ora o processo de palatalização das sequências **kl**, **pl**, **gl**, **bl**, **tl** e **lj** intervocálicas, resultando na lateral palatal /ʎ/.

3.2.7 Vibrantes

Em relação à vibrante /r/, Zágari (1988) considera ser a única oposição de quantidade que permaneceu na evolução do latim para o português. Segundo o autor, /rr/ se diferencia de /r/ não somente pela quantidade, mas também pela sua pronúncia mais forte. Abaurre e Sandalo (2003), ao tratarem do estatuto da vibrante no português, fazem um apontamento a respeito da existência, no latim, de apenas um fonema vibrante que, em contexto intervocálico, poderia geminar-se. A oposição entre r-forte e r-fraco seria, portanto, aparente, já que sua motivação real estaria concentrada na

ocorrência ou não de dois segmentos idênticos adjacentes. Há uma clara divergência em relação ao número de fonemas vibrantes no português: enquanto há propostas de que a forma subjacente para a única vibrante do PB seja o r-fraco – o valor contrastivo no contexto intervocálico é resultado de uma geminação, e no contexto de início de palavra e após consoantes a variante do r-forte é resultado de uma Regra de Reforçamento (MONARETTO, 1996, p.155) –, há também a proposta de Câmara Jr (1953) que aponta a existência de do r-forte na subjacência e ainda há as propostas subsequentes do autor, defendendo a presença de dois fonemas róticos no sistema do português.

3.2.8 Origens do sistema consonantal português

A partir da descrição dos dados apresentada ao longo da Seção 3.2, é possível visualizar-se a constituição do sistema consonantal do português a partir do sistema latino, considerando-se ainda um constituinte da sílaba: o onset silábico absoluto ou medial, conforme o Quadro 17.

Quadro 17: Constituição do sistema consonantal do português a partir do sistema latino (adaptado de Neuschränk, 2011)

CONS. DO PB	ORIGEM: LATIM	EXEMPLOS		PROCESSO FONOLÓGICO LATIM > PORTUGUÊS	TRAÇOS ENVOLVIDOS
		FORMA EM LATIM	FORMA EM PB		
p t k <	p t k (onset absoluto) pp tt kk (medial)	/p/atria; /t/ristitia; /k/orona a/pp/endix; sagi/tt/arius; bu/kk/am	/p/áttria; /t/risteza; /k/oroa a/p/êndice; sagi/t/ário; bo/k/a	- - degeminação	[quantidade]
b d g <	p t k (medial) b d g (onset absoluto) b d g (medial)	sa/p/ere; vi/t/a; a/k/utus /b/onus; /d/ebere; /g/utta palpe/b/rae; tra/d/itio; ; ri/g/or	sa/b/er; vi/d/a; a/g/udo /b/om; /d/ever; /g/ota pálpe/b/ra; tra/d/ição; ri/g/or	sonorização - -	[+voz]
f s <	f s (onset absoluto) f s (medial) ff ss (medial)	/f/ilius; /s/alus pro/f/undus; cen/s/ura a/ff/ectus; o/ss/eum	/f/ilho; /s/aúde pro/f/undo; cen/s/ura a/f/eto; ó/s/eo	- - degeminação	[quantidade]

ʃ	<	kl pl fl (onset absoluto)	/k/ amare ; /p/ uvia ; /f/ amma	/ʃ/ amar; /ʃ/ uva; /ʃ/ ama	palatalização	[coronal, -anterior]
		kl pl fl ks sk (medial)	mas/k/ulu>mas/k/ u ; in/f/ are ; co/k/ am ; fa/sk/ iam	ma/ʃ/ o; in/ʃ/ ar; co/ʃ/ a; fai/ʃ/ a		
		ssi (medial)	pa/ssi/ onem	pai/ʃ/ ão		
v	<	f (medial)	pro/f/ ectus	pro/v/ oito	sonorização	[+voz]
		w (onset absoluto) b (medial) V_V	/w/ idere ha/b/ ere	/v/ er ha/v/ er	consonantização fricativização	[-voc, -soante] [+contínuo]
ʒ	<	j (onset absoluto e medial)	/j/ acere	/ʒ/ azer	consonantização	[-voc, -soante]
		g (onset absoluto e medial)	/g/ ente	/ʒ/ ente		
		_ /e/, /i/ d ; g_j (medial) sj (medial)	ho/dj/ e ba/sj/ um	ho/ʒ/ e bei/ʒ/ o	palatalização	[coronal, -anterior]
z	<	s (medial)	ou/s/ are	ou/z/ ar	sonorização	[+voz]
		t k _j (medial) k_e,i	ra/tj/ onem di/k/ ere	ra/z/ ão di/z/ er	fricativização	[+contínuo]
m n	<	m n (onset absoluto)	/m/ ensis ; /n/ egatus	/m/ ês; /n/ egado	degeminação	[quantidade]
		mm nn (medial)	co/mm/ unem ; fla/mm/ am	co/m/ unidade; cha/m/ a		
ɲ	<	nj (medial)	ceco/nj/ a	cego/ɲ/ a	palatalização	[coronal, -anterior]
		in (medial) gn (medial)	v/in/ u pu/gn/ us	vi/ɲ/ o pu/ɲ/ o		
l	<	ll (medial)	caba/ll/ um	cava/l/ o	degeminação	[quantidade]
		l (onset absoluto)	/l/ iber	/l/ ivre	-	
ʎ	<	l_e,j (medial)	pa/le/ a; fi/lj/ u oculu > o/k/ u scopulu > isco/pl/ u tegula > te/gl/ a tribulo > tri/bl/ u vetula > ve/tl/ a	pa/ʎ/ a; fi/ʎ/ o o/ʎ/ o esco/ʎ/ o te/ʎ/ a tri/ʎ/ o ve/ʎ/ ota	palatalização	[coronal, -anterior]
		kl pl gl bl tl (medial)				

O Quadro 17 permite visualizar a origem das consoantes que passaram a configurar o sistema consonantal do PB, inclusive daquelas inexistentes no latim. O estudo das consoantes na posição de onset absoluto e medial permite a análise da ocorrência dos processos fonológicos responsáveis pelo surgimento dos novos segmentos consonantais, bem como das classes de segmentos a que os processos são aplicados. Para o estudo da mudança do sistema consonantal do latim ao sistema consonantal do português, se mostram fundamentais as noções de “classes de segmentos”, “processos fonológicos” e “traços”.

O contexto silábico é determinante para a ocorrência de certos processos fonológicos, identificados na diacronia das línguas. Considerando dois contextos principais, onset absoluto e medial, constata-se que os principais processos ocorreram no contexto medial de palavra, mais suscetível a mudanças. Em onset absoluto, os constituintes sofreram mudanças em situações bastante específicas, como no caso de sequências que sofreram processo de palatalização (*kl pl gl bl tl*), semivogais as quais se consonantizaram /w, j/ e ainda a plosiva sonora /g/ seguida de /e/ ou /i/, também palatalizada.

A partir da exposição sistemática do Quadro 17 é possível determinar quais foram os processos mais recorrentes na evolução do sistema consonantal latino e a que classes de segmentos foram aplicados. Ainda é possível observar com mais clareza quais consoantes não sofreram nenhum processo fonológico em toda a diacronia da língua, como, por exemplo, aquelas presentes em onset absoluto, excluindo-se desse grupo as já mencionadas, que são alvos de processos de palatalização e consonantização.

A palatalização, por exemplo, ocorre em onset absoluto apenas em um dos grupos: quando as sequências **kl**, **pl** e **fl** dão origem à palatal /ʃ/ em início de palavra. Nos demais casos, o referido processo ocorre sempre no interior do vocábulo, assim como a sonorização e a degeminação. Referindo apenas alguns dos processos ocorridos na evolução do sistema consonantal latino abordados nesta pesquisa, é possível ratificar a importância de considerar-se o contexto silábico em que os processos são identificados, já que o constituinte da sílaba pode mostrar-se determinante para a efetivação de mudanças nos segmentos fonológicos.

Por fim, ficam evidenciados também os traços envolvidos em cada um dos processos identificados na evolução do sistema consonantal do latim ao português. É importante salientar que, além de traços isolados, operam nesse movimento de constituição do inventário também certas coocorrências de traços, evidenciando a importância de se considerarem não apenas as possíveis correlações entre segmentos de um sistema, mas também as correlações entre os traços que constituem esses segmentos.

3.3 Etapas evolutivas do sistema consonantal do PB

Considerando que a mudança no sistema consonantal do latim constituiu-se como um processo lento e gradual, no sentido de que não ocorreu em um curto espaço de tempo e que essa transformação se compôs de diferentes momentos em termos linguísticos, é possível identificar as etapas evolutivas que integram a diacronia do quadro de consoantes do português, dando destaque aos novos elementos presentes no sistema atual.

Para esta tarefa, tomam-se como suporte os dados trazidos por Williams (2001), que apresenta as origens do sistema consonantal do português a partir de um estudo histórico que relaciona aspectos da fonética e da fonologia com dados de escrita, traçando uma linha evolutiva entre o latim e o português. Além disso, foram consultadas também as considerações tecidas por Castro (1991), Silva Neto (2009), que, da mesma forma, apontam possibilidades de caminhos evolutivos para a constituição do inventário consonantal do português. A justificativa para esta consulta reside no fato de que estes estudos apresentam um alto grau de importância para análises de cunho histórico-linguístico, comprovado pela recorrente citação dos mesmos em diversos trabalhos que tratam deste tema e de seus congêneres. Também, são utilizados os dados de Neuschrack (2011), que analisa, com o suporte da Teoria Autossegmental, os processos ocorridos na fonologia diacrônica do português a partir do comportamento dos traços caracterizadores dos segmentos envolvidos. A importância desses estudos para a presente pesquisa consiste na organização das etapas evolutivas do sistema fonológico do português, material fundamental para a análise proposta nesta Tese.

Dentre os diversos processos ocorridos na evolução do sistema consonantal do português, são apresentados a seguir apenas aqueles que constituem um fenômeno mais abrangente e que é o foco desta pesquisa: a fonologização. Assim, somente os processos que motivaram o surgimento de novas consoantes no sistema fonológico são expostos a seguir.

3.3.1 Sonorização

A sonorização consiste em um fenômeno que afeta as consoantes surdas. Na evolução do latim, especificamente as oclusivas /p t k/ e as fricativas /f s/ são alvo de sonorização. Ocorre que nesse processo há a atribuição do traço [+son], que representa a

característica acústica proveniente da vibração das cordas vocais, fenômeno que transforma consoantes surdas em sonoras. A sonorização, na evolução do latim ao português, mostra-se como um tipo de assimilação, uma vez que ocorre continuamente com consoantes em posição intervocálica, as quais acabam recebendo o traço de sonoridade característico das vogais que estão em seu entorno. É um fenômeno importante na evolução histórica do português e ainda observável no português moderno, que apresenta a sonorização da fricativa surda quando esta se encontra em final de palavra, antecédida e seguida por vogais.

Quadro 18: Exemplos de sonorização latim>português e português moderno

Latim>PB	Português Moderno
lu/p/um>lo/b/o vi/t/a>vi/d/a pa/k/are>pa/g/ar	Quando o morfema de plural se encontra em situação intervocálica <olhos [z] abertos>.

Sendo a sonorização um processo de assimilação, grandes são as contribuições de Borges (1996) na análise diacrônica desse fenômeno. O autor salienta que a simetria já existente nas oclusivas do latim torna-se pertinente, também, para as constritivas do português, já que, segundo ainda Câmara Jr (1979, p.48), o processo “forma mais dois pares opositivos de surda e sonora a partir do surgimento de uma constritiva labial sonora /v/, que ficou em simetria com /f/, e uma constritiva sibilante sonora /z/, que ficou em simetria com /s/”. Ainda de acordo com Borges, não apenas o contexto intervocálico mostra-se como responsável para o processo de sonorização. Consoantes sonoras, que também contêm o traço [+soante], como /r/, /m/ e /n/, pertencentes ao ambiente fonológico de palavras que apresentam esse fenômeno, são facilitadoras da sonorização de /s/, por exemplo (spon/s/u > espo/z/o).

A sonorização é um processo responsável pela inserção de novos segmentos no sistema consonantal, como é o caso da fricativa /z/; este fenômeno pode ser entendido, como aponta Castilho (2011), como um caso de transfonologização, em que um traço já atuante no sistema, porém ainda não combinado maximamente, passa a contrastar em um espaço lacunar, fazendo emergir um segmento até então inexistente. Nos casos de sonorização, o responsável pela emergência deste processo é o traço [+voz].

3.3.2 Fricativização

A fricativização é considerada um processo de lenização, ou seja, de

enfraquecimento, já que uma consoante plosiva se transforma em fricativa, processo no qual há uma alteração no traço [$\pm$ contínuo]: um segmento [-contínuo] passa a ser [+contínuo]. Considerando-se a escala de sonoridade⁴², vê-se que a lenização implica que o segmento sofra alteração na escala, com aumento de sonoridade. A diferença entre o processo de fricativização e sonorização, ambos exemplos de lenização, está principalmente na atuação dos traços envolvidos: enquanto que a sonorização está relacionada ao aproveitamento do traço [+voz], a fricativização compreende a maximização do traço [+contínuo].

O fonema /z/ provém de sequências formadas por plosiva alveolar seguida das vogais /i, e/ ou semivogal /j/, especificamente em contexto intervocálico. Por vezes, esse tipo de sequência com a plosiva velar /k/ também deu origem à fricativa alveolar sonora /z/. As referidas sequências seguem o mesmo desenvolvimento, segundo Williams (2001, p. 90), devido a uma confusão decorrida do uso comum em latim vulgar de /k/ mais iode pelo /t/ mais iode.

Assim, toma-se como exemplificação do desenvolvimento dessas sequências o esquema a seguir:

Quadro 19: Desenvolvimento da sequência tj, em contexto intervocálico (exemplo: rationem > razão)

/t j/ > /ts/ > /dz/ > /z/

Assim, uma sequência de dois segmentos distintos passa a um segmento único (africada) caracterizado pelo traço [-sonoro], que a seguir se sonoriza e por fim deixa de ser um segmento de contorno⁴³ e passa a simples.

O fonema /v/ tem uma de suas origens também em um processo de

⁴² A Escala de sonoridade de Bonet e Mascaró (1996) apresenta o grau de sonoridade das classes de segmentos: plosivas – 0; fricativas e “r” forte – 1; nasais – 2; líquidas laterais – 3; glides e “r” fraco – 4; vogais – 5.

⁴³ Na Geometria de Traços, segundo Clements e Hume (1995), um segmento é considerado de contorno quando possui, em sua estrutura interna, a sequência de valores de um mesmo traço. Há uma motivação clássica para que esse tipo de segmento seja considerado, que é a existência de efeitos fonológicos de borda, ou seja, um segmento pode ter o comportamento, em relação aos segmentos vizinhos em uma borda, conforme o valor (+) de um traço, e, em relação aos segmentos vizinhos da outra borda, pode comportar-se conforme o valor (-) do mesmo traço. As consoantes africadas e as plosivas pré e pós-nasalizadas são os candidatos naturais para apresentar essa estrutura (NEUSCHANK, 2011).

abrandamento, em que a bilabial /b/, no latim, se encontra em contexto intervocálico e, a partir do processo referido, com a atuação do traço [+cont] da vogal, tem-se o novo segmento: a fricativa sonora /v/. Porém, conforme salienta Borges (1996), não apenas o contexto intervocálico alimenta a sonorização. Um exemplo trazido pelo autor são as palavras *arbore* > *árvore* e *sorbere* > *sorver*: em seu estudo, Borges constata a presença do traço [+cont] no ambiente fonológico de palavras desse tipo, no caso dos exemplos citados seria a consoante /r/, que, *associada ao ambiente intervocálico, facilita ainda mais a assimilação do referido traço* responsável pela mudança em questão. Ainda, é possível considerar também que o traço [+soante] seja favorecedor do processo aqui referido.

3.3.3 Palatalização

O fenômeno da palatalização, no português dos dias de hoje, tem a característica de ser alofônica, tendo como alvo ou a fricativa em coda silábica ou as plosivas coronais que antecedem a vogal /i/ em posição de onset. Assim, a palatalização que afeta as plosivas coronais ocorre em um contexto bastante específico: quando as plosivas /t/ e /d/ são seguidas da vogal alta /i/ (vogal palatal), sendo este o gatilho para a mudança estrutural. Na evolução da língua, o processo de palatalização também se fez presente, e pode ser considerado o mais produtivo, uma vez que a fonologia do português passou a integrar toda uma classe de novas consoantes (palatais), os quais não pertenciam à fonologia do latim.

Os segmentos palatais /ʃ/, /ʒ/, /ɲ/, /ɫ/, na evolução da língua portuguesa, surgiram por meio do processo de palatalização e, ao que muitos estudos indicam, pela mesma motivação, ou seja, a presença de um segmento vocálico palatal. Porém, há também casos em que o gatilho para o referido processo não se restringe à presença de um segmento vocálico palatal: a estrutura silábica, ou seja, a sequência de sonoridade na formação de um constituinte silábico (no caso, o *onset*) é o que parece determinar a mudança.

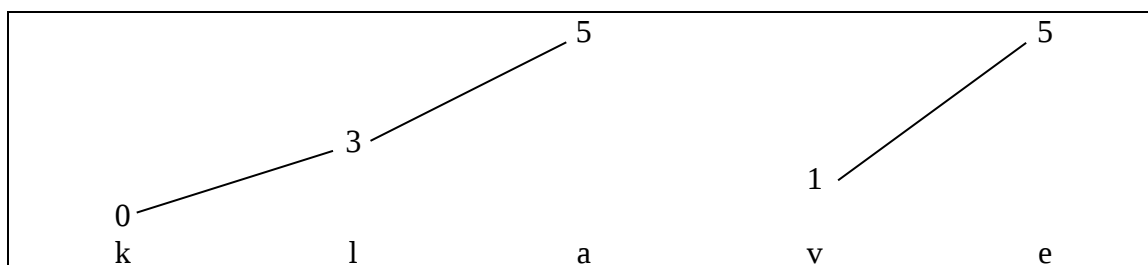
O segmento /ʃ/, presente no português e inexistente no latim, tem como uma de suas origens as sequências latinas **kl**, **pl** e **fl**. A palatalização sofrida por esses elementos encontra inicialmente na estruturação da sílaba a sua motivação de ocorrência. Segundo proposta de Williams ([1961] 2001, p 75), o desenvolvimento da fricativa palatal surda, do Latim ao Português, teria ocorrido de acordo com o seguinte esquema:

Quadro 20: Esquema de evolução das sequências kl, pl e fl segundo Williams (2001)

/k,p,f/ + /l/ > /k,p,f/ + /j/ > /tʃ/ > /ʃ/
 Logo,
 klave > kjave > tʃave > ʃave

De acordo com o estudo de Neuschrack (2011), que analisou a evolução das etapas propostas por Williams considerando a atuação dos traços dos segmentos, nas sequências consonantais cujo segundo elemento é a líquida lateral /l/, a primeira etapa do processo concentra-se no enfraquecimento da consoante líquida, que passa a glide⁴⁴. Considerando a escala de sonoridade na formação da estrutura silábica, esse fenômeno é explicável: a segunda consoante do onset complexo tem sua sonoridade aumentada, a fim de alcançar maior distância no grau de sonoridade entre C1 e C2 – comparem-se os quadros 21 e 22.

Quadro 21: Sonoridade da sequência /kl/, segundo a Escala de Sonoridade de Bonet & Mascaró (1996)



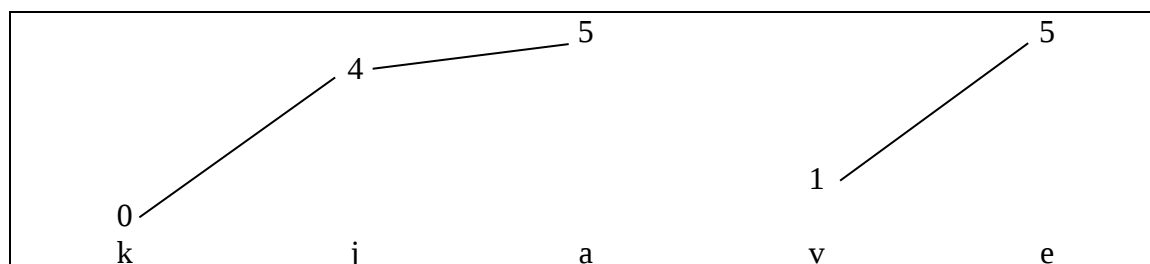
No quadro 21, é possível visualizar-se o distanciamento de sonoridade provocado, entre os dois elementos do onset, pelo fenômeno de enfraquecimento da líquida. Segundo estudos diacrônicos, no latim, quando uma líquida se apresenta em posição seguinte a um outro segmento consonantal, o /l/ nestes casos é considerado “turvo”, suscetível à vocalização – há, pois, no latim, a tendência à busca de maior distância de sonoridade entre segmentos que constituem onset complexo. Ainda, Kolovrat (1923) apresenta a hipótese de /l/, diante de consoante ou em final de palavra, ser “duro”⁴⁵ em latim, o que poderia explicar a sua vocalização nessa posição,

⁴⁴ O enfraquecimento de uma líquida para um glide pode ser considerado processo natural também em se considerando a estrutura interna dos segmentos: Matzenauer-Hernandorena (1996) propõe que todas as consoantes líquidas têm potencialmente, em sua estrutura interna, o nó vocálico. Ao superficializar-se o glide, o nó vocálico se atualiza, desligando-se, nesse caso, o traço de ponto ligado diretamente ao nó PC.

⁴⁵ Conforme Callou, Leite e Moraes (2002), /l/ “duro” é equivalente a /l/ velar.

reforçando o que ocorre quando a líquida se encontra como parte de uma sequência consonantal.

Quadro 22: Sonoridade da sequência /kj/, segundo a Escala de Sonoridade de Bonet & Mascaró (1996)



A etapa posterior concentra-se na passagem da sequência /kj/ para /ʃ/, motivada por um processo de assimilação do traço [coronal] do glide. Após, há a implementação de uma consoante palatalizada, a qual passa a africada e posteriormente manifesta-se como a fricativa palatal. Ainda sobre a fricativa /ʃ/, a mesma também tem origem na sequência /ssi/, que sofre um processo de simplificação da geminada /ss/, tendo a atuação do traço [coronal] funcionando como gatilho do processo de palatalização.

Passando à análise das origens da fricativa alvéolo-palatal /ʒ/, de acordo com Williams (2001, p. 72-101), esse segmento surgiu basicamente a partir de três contextos, apresentados a seguir:

Quadro 23: Contextos de origem de /ʒ/

1º) /g/ inicial ou medial antes de /e/ ou /i/: **gentem** > /ʒ/ente; **gingiuam** > /ʒ/en/ʒ/iva; **vigilantia** > vi/ʒ/ilância; **fugio** > fu/ʒ/o

2º) /i/ inicial ou intervocálico: /i/urare > /ʒ/urar; cu/i/um > cu/ʒ/o

3º) /d/ seguido de /i/, precedido de vogal: ho/di/e > ho/ʒ/e; a/di/utare > a/ʒ/udar; vi/de/o > vi/di/o > ve/ʒ/o

Para o primeiro contexto de origem de /ʒ/, Williams (2001) propõe as seguintes etapas evolutivas:

Quadro 24: Evolução da sequência gj, segundo Williams (2001)

$$g > gj > j > dʒ > ʒ$$

Neuschrnk (2011), porém, propõe que haja etapas intermediárias àquelas propostas por Williams, considerando que tenha havido ainda consoantes palatalizadas, o que refletiria maior naturalidade no processo de fonologização.

Quadro 25: Proposta de evolução da consoante velar seguida de vogal coronal, de Neuschrnk (2011)

$$g + V \text{ coronal} > g^j > j > d^j > dʒ > ʒ$$

Assim, com o suporte da Teoria Autossegmental, a autora explicita como a atuação dos traços dos segmentos envolvidos reflete o funcionamento do processo de palatalização. Na seção de análise dos dados, estas “etapas” serão retomadas e, na medida do possível, reconsideradas.

O segundo contexto de origem do segmento /ʒ/ proposto por Williams ([1961]2001) e apresentado no Quadro 23 será tratado na seção seguinte já que, além de um processo de palatalização, é caracterizado, sobretudo, como um processo de consonantização.

No terceiro caso apresentado no Quadro 23, o contexto menos produtivo, visto que os resultados do processo podem ser visualizados em um número bem menor de palavras do que nos dois primeiros, o processo de palatalização assemelha-se ao apresentado por Williams como uma das etapas na transformação ocorrida com a plosiva velar sonora, tendo como um dos estágios da evolução a presença de uma consoante africada, no caso /dʒ/, o que pode ser visto no esquema abaixo.

Quadro 26: Evolução da sequência d_i,j

$$d+i,j > d^j > dʒ > ʒ$$

Outro elemento surgido no sistema consonantal do português a partir do processo de palatalização foi a lateral palatal /ʎ/. Conforme o Quadro 27, sabe-se que

esse segmento tem origem na presença de uma lateral alveolar (simples ou geminada) seguida de vogais altas ou médias anteriores ou, ainda, quando a uma plosiva bilabial, velar ou alveolar surda sucede o segmento lateral alveolar, sempre em posição medial de palavra. O quadro a seguir ilustra tais contextos:

Quadro 27: Contextos de origem do /ʎ/

1º) /l/, /ll/, /e/, /i/ > /ʎ/ : <i>filium</i> > fiʎo; <i>allium</i> > aʎo ou 2º) kl, pl, gl, bl, tl > /ʎ/ : <i>auri/k/u/l/a</i> > <i>auri/kl/a</i> > <i>ore/ʎ/a</i>; <i>scopulu</i> > <i>isco/pl/u</i> > <i>esco/ʎ/o</i>; <i>tegula</i> > <i>te/gl/a</i> > <i>te/ʎ/a</i>; <i>tribulo</i> > <i>tri/bl/u</i> > <i>tri/ʎ/o</i>; <i>vetula</i> > <i>ve/tl/a</i> > <i>ve/ʎ/ota</i>

Teyssier propõe que, por exemplo, na sequência **kl**, formada a partir da síncope da vogal /u/, a plosiva teria passado a iode, formando uma nova sequência: **jl**. Apesar da escassez de registros escritos que comprovem que a proposta sugerida por Teyssier retrata fielmente o caminho seguido pela evolução de sequências do tipo /kl/, segundo o autor essa evolução é comum a todos os falares hispânicos, porém com consequências bem diferentes dependendo das regiões: em galego-português /jl/ passa a /ʎ/ (conforme apresentado na última análise); já em castelhano, segundo o autor, a sequência passa à africada /dʒ/, em uma etapa do processo de evolução desse sistema.

Quadro 28: Evolução de kl e tl, no galego-português e no castelhano (TEYSSIER, 2007)

Latim clássico	Latim vulgar	Galego-português	Castelhano
Oculum	oc'lu	olho	ojo
Auricula	auric'la	orelha	oreja
Vetulum	vet'lu	velho	viejo

Como último segmento provindo de um processo de palatalização, tem-se a nasal palatal /ɲ/, também inexistente no sistema consonantal latino. Os contextos favorecedores para a implementação desse novo segmento podem ser visualizados no quadro a seguir.

Quadro 29: Origens da nasal palatal /ɲ/

1º - nasal coronal alveolar seguida de semivogal palatal nj
2º - vogal palatal seguida de nasal coronal alveolar in
3º - plosiva velar sonora seguida de nasal coronal alveolar gn

De acordo com Ilari (2008), grupos consonantais nos quais a segunda consoante é uma dental, especificamente no período latino, tendem a desfazer-se pela queda da primeira consoante, que pode assimilar-se à segunda, vocalizar-se ou simplesmente cair; dentre os grupos referidos por Ilari, encontra-se a sequência /gn/, o último foco de análise sobre as origens da nasal palatal /ɲ/. O autor, porém, não especifica exatamente qual caminho foi percorrido pela sequência /gn/ até o surgimento do novo segmento palatal em análise. De mesma forma trata Coutinho (1979, p. 125), acrescentando, porém, exemplos do português arcaico para corroborar a ideia de que a plosiva dorsal pode vocalizar-se ou cair.

Já Williams (2001, p.94), quando trata especificamente da sequência /gn/, apresenta os seguintes estágios do processo de evolução:

Quadro 30: Estágios da evolução de /gn/

gn > jn > jñ > ɲ

Assim, tem-se confirmada a informação referida por Ilari e Coutinho, de que, em grupos como /gn/, uma das possibilidades da cadeia evolutiva é a vocalização do primeiro segmento, neste caso o /g/.

3.3.4 Consonantização

Na variante culta do latim, havia ditongos crescentes formados pelas semivogais /j/ ou /w/ seguidas de alguma vogal, como, por exemplo, nas palavras **j**am e **w**inu. Porém, já na variante popular latina, as semivogais mencionadas consonantizaram-se.

Segundo Castro (1991, p. 105-106), a consonantização da semivogal /j/ do latim é uma das origens da fricativa alveolar /ʒ/, assim como a intensificação da semivogal /w/ é entendida como uma das raízes da fricativa labial /v/, consoantes estas inexistentes no sistema latino. O processo de consonantização remete a uma alteração do traço de

raiz do fonema vocálico [+vocoide] → [-vocoide], à luz da geometria de traços proposta por Clements & Hume (1995) (veja-se representação em (6)).

Quadro 31: Evolução da semivogal /j/

$j \rightarrow /d^j/ \rightarrow /d_3/ \rightarrow /_3/$

Conforme aponta Williams (2001), a realização da semivogal inicial /j/ acabou, em certo momento, sendo a mesma de /g/ seguido de /e/ ou /i/, cujos processos envolvidos em sua evolução, na medida do possível, acabam sendo os mesmos na evolução do /j/ inicial.

Em relação à semivogal /w/, Ilari (2008) apresenta o seguinte quadro de resultados da evolução desse segmento nas línguas românicas:

Quadro 32: Resultados da evolução fonética de /w/ nas línguas românicas - Ilari (2008, p. 81)

Latim vulg. [cláss]	sardo	romeno	italiano	francês	espanhol	português
<i>Vinu</i> [winu] [v] [u]	<i>vinu</i> [b]	<i>vin</i> [v]	<i>vino</i> [v]	<i>vin</i> [v]	<i>vino</i> [β]	<i>vinho</i> [v]

Como pode ser visto no Quadro 7 (ver Seção 3.1.2), o galego-português (primeira fase do português arcaico) apresentava em seu sistema uma possível fricativa bilabial /β/, porém a ausência da fricativa labiodental sonora /v/ também é percebida. Já na segunda fase do português arcaico, há uma inversão nessa apresentação: o sistema passa a ter como constituinte a fricativa labiodental sonora e perde a fricativa bilabial. A partir dessas configurações e dos dados do Quadro 32, é possível conceber que a evolução da semivogal /w/ não ocorreu diretamente para /v/, mas primeiramente para uma fricativa bilabial sonora /β/ e posteriormente para a fricativa labiodental sonora, o que também é referido por Ilari. Logo, temos a seguinte configuração para a evolução da semivogal /w/:

Quadro 33: Evolução da semivogal /w/

$w > \beta > v$

De acordo com os quadros do sistema consonantal das duas fases do português arcaico, apresentados por Mattos e Silva (2006), a plosiva bilabial /b/ e a fricativa bilabial /β/ eram fonemas distintos, tanto que se reconhece uma oposição /b/:/β/ na

primeira fase do galego-português, a qual desaparece na segunda fase, mantendo-se posteriormente apenas a oposição /b:/v/. A mudança da fricativa bilabial sonora para fricativa labiodental sonora ocorre a partir da alteração do valor do traço [estridente], já que /β/ é [-estridente] e /v/ porta o traço [+estridente].

Ao longo da descrição dos dados desta pesquisa, foram sendo apresentados alguns apontamentos de análise que parecem já dar pistas para a resposta a algumas das indagações feitas no início deste texto, em relação ao funcionamento do processo de fonologização na diacronia do português. É preciso entender que a atuação dos traços na expansão dos inventários fonológicos não se dá de forma aleatória: existem forças que atuam sobre o sistema e orientam a emergência ou apagamento de fonemas. De maneira geral quatro parecem ser as forças atuantes nos processos evidenciados nesta Seção:

(a) o sistema oferecia espaços para fonologização: não havia contraste, por exemplo, na classe das fricativas, pelo traço [$\pm$ voz], o que motivou a busca da simetria do sistema; como o traço [$\pm$ voz] já integra a fonologia da língua, estabelecendo contraste entre as plosivas, o movimento passa a ser no sentido de maximizar a aplicação deste traço; da mesma forma, nota-se o sistema apresentava uma grande lacuna se for considerado o pequeno número de fricativas que contrastavam com as plosivas na classe das obstruintes, bem como aquelas que compartilham o traço [-anterior]. Pela atuação dos traços [coronal], [-anterior] e [+contínuo], emergem os novos fonemas, antes inexistentes no sistema;

(b) a fonologização é favorecida pelo contexto: segmentos podem emergir em consequência das unidades que lhe são vizinhas; ocorre, por exemplo, a assimilação dos traços [+ voz], [+contínuo] e [+coronal] presente nas vogais adjacentes e em algumas consoantes, em se tratando dos processos de sonorização, fricativização e palatalização;

(c) a fonologização tende a afluir pela criação de contraste decorrente de traço que não seja dos dois níveis mais baixos da Escala de Robustez (veja-se Quadro 3);

(d) a fonologização tende a ocorrer em classe de segmentos que compartilham traços que, em coocorrência, podem ser vistos como robustos, ou seja, a robustez, nesse caso, está na coocorrência de traços (MATZENAUER, 2015).

No processo de sonorização, por exemplo, parecem atuar as forças representadas em (a), (b) e (c) – o sistema do latim não esgotava as possibilidades de contraste do traço [$\pm$ son], na classe das obstruintes; o entorno [+ voz] favoreceu, por assimilação, a emergência de obstruintes sonoras; o traço [$\pm$ voz] não está nos níveis mais baixos da

Escala de Robustez. Já na fricativização e na palatalização, traços como [coronal] e [+contínuo], que ocupam os dois primeiros níveis da escala de Robustez de Clements (2009), oferecem o suporte para a fonologização, o que evidencia que a força apresentada em (d) pode também atuar na expansão dos sistemas fonológicos.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, é dado início à análise dos dados referentes à evolução do sistema consonantal do latim ao português, com foco especificamente nos contextos que promoveram a inserção de novos segmentos no inventário, ou seja, casos em que o fenômeno da fonologização é identificado. Para tanto, são consideradas as possíveis etapas apresentadas na Seção 3.3, sem que elas, naturalmente, sejam tomadas como possibilidade única de explicitação do processo alvo de análise.

4.1 A fonologização consonantal: do latim ao português

Com base nas descrições apresentadas ao longo do Capítulo 3, é possível chegar-se à constituição de um quadro (Quadro 34) que apresenta os processos responsáveis pela fonologização na diacronia do português, bem como as etapas evolutivas que a caracterizam e os tipos de traços envolvidos.

Quadro 34: Fonologização na diacronia do PB – processos, etapas e traços

PROCESSOS	ETAPAS	RESULTADO DA FONOLOGIZAÇÃO	TRAÇOS ENVOLVIDOS
SONORIZAÇÃO	/f/ > /v/	v	[+voz]
	/s/ > /z/	z	
FRICATIVIZAÇÃO	Vogal + /t j/ > /ts/ > /dz/ > /z/	z	[+contínuo]
	/b/ > /β/ > /v/	v	
	Vogal + /k/ + /e,i/ > /t i/ > /ts/ > /dz/ > /z/	z	
	Vogal + /ks/ ⁴⁶ +Vogal > /s/ > /z/	z	
PALATALIZAÇÃO	/k,p,f/ + /l/ > /k,p,f/ + /j/ > /k ^j / > /t ^j / > /tʃ/ > /ʃ/	ʃ	[coronal] [+contínuo] [-anterior]
	/ssj/> /sj/ > /ʃ/		
	Vogal + /ks/ + Vogal > /s/ > /s+j/ > /ʃ/		
	/g/ + V coronal > /g ^j / > /j/ > /d ^j / > /dʒ/ > /ʒ/	ʒ	
	/d/+i,j/ > /d ^j / > /dʒ/ > /ʒ/		
	/s/+j/ > /ʒ/	ʒ	
	Vogal+/kl/;/pl/;/gl/;/tl/;/bl/+Vogal > /ll/ > /jl/ > /ʎ/	ʎ	

⁴⁶ Somente no prefixo -ex.

	/l;/ll/ + /j/ > /ʎ/		[-anterior]
	/gn/ > /jn/ > /ɲ/	ɲ	[coronal]
	/i/+n/ > /ɲ/	ɲ	[-anterior]
	/n/+j/ > /ɲ/		
CONSONANTIZAÇÃO	/j/ → /dʲ/ → /dʒ/ → /ʒ/	ʒ	[-vocoide]
	/w/ > /β/ > /v/	v	[-vocoide]

Observando o Quadro 34, constata-se que toda uma classe de novos segmentos (as consoantes palatais) emerge como resultado de diferentes processos que constituem a fonologização na diacronia do português. Além disso, duas outras lacunas existentes no sistema latino (Quadros 4 e 5) são preenchidas com as fricativas sonoras /v/ e /z/, atribuindo um maior equilíbrio ao sistema.

A fonologização possui um papel fundamental na constituição da história das línguas, uma vez que é responsável pelo preenchimento de lacunas existentes no sistema fonológico: lacunas de segmentos e, conseqüentemente, lacunas de contraste entre traços (falta de oposição entre segmentos [$\pm$ voz], por exemplo); o preenchimento dessas lacunas pode implicar a introdução, no sistema, de um segmento ou até mesmo a criação de toda uma classe de segmentos inexistentes. Conforme destacam diversos estudos relacionados à evolução do inventário fonológico das línguas (FARIA, 1970; COUTINHO, 1979; SILVA NETO, 1979; ZÁGARI, 1988; CASTRO, 1991; HOLT, 1997; WILLIAMS, 2001), as mudanças ocorridas nos sistemas, ao se observarem o comportamento ou a fonologização de segmentos, obedecem a determinados parâmetros, relacionados, por exemplo, ao contexto silábico e aos tipos de segmentos adjacentes. Logo, a partir dos dados descritos na Seção 3 deste texto, é possível pautar as informações primordiais para uma coerente caracterização do processo de fonologização na diacronia do português. Os Quadros 35 a 41, além das origens dos novos fonemas do PB e das etapas evolutivas dos mesmos, sintetizam os fatores que estão intrinsecamente relacionados no processo de fonologização que culminou na implementação de seis novos segmentos no sistema consonantal do português, bem como a atuação dos traços nesse movimento de expansão identificado na diacronia da língua.

4.1.1 Sobre a fonologização da fricativa /v/

A fricativa labiodental sonora tem sua origem em três processos de fonologização distintos: a consonantização da semivogal /w/, a fricativização da bilabial

/b/ e a sonorização da fricativa labiodental surda /f/. Quanto ao contexto silábico, a fonologização de /v/ ocorreu tanto em onset absoluto como em onset medial, conforme apresentado no Quadro 35.

Quadro 35: O processo de fonologização do segmento /v/

Contexto silábico	Processo	Exemplo	Implicações	Etapas
Onset absoluto	Consonantização da semivogal /w/	/w/ino > /v/inho	Processo de fortalecimento (maior tensão articulatória) >> alteração nos traços da raiz do segmento >> alteração na ligação do traço de ponto do segmento [lab]	/w/ > /β/ > /v/
Onset medial	Fricativização da bilabial /b/	ar/b/ore>ár/v/ore ca/b/allu> ca/v/alo	Espraiamento do traço [+ cont] da vogal adjacente ou da consoante >> fricativização	b > v
Onset medial	Sonorização da fricativa surda /f/	profectum>proveito	Espraiamento do traço [+son] >> consoante sonora	f > v
Onset medial	Consonantização da semivogal /w/	a/w/ena>a/v/eia	Processo de fortalecimento (maior tensão articulatória) >> alteração nos traços da raiz do segmento >> alteração na ligação do traço de ponto do segmento [lab]	/w/ > /β/ > /v/

Considerando o processo de consonantização da semivogal /w/, verifica-se a sua ocorrência tanto em onset absoluto como em onset medial (COUTINHO,1979). Conforme dados apresentados por Mattos e Silva (2006, p. 86) sobre o português arcaico, em sua primeira fase, há uma oposição clara entre bilabial oclusiva e bilabial constritiva, ou seja, /b/ : /β/, que, em fase posterior, acaba desaparecendo, favorecendo a manutenção apenas da oposição /b/ : /v/. Essa oposição, em termos de traços, é marcada pela atuação da oposição [+voz], cujo papel passa a ser maximizado na classe das obstruintes, e pelo traço [±contínuo] na classe das labiais, estabelecendo contraste entre plosivas e fricativas cujos articuladores ativos são os lábios.

Segundo estudos de Maia (1986) a respeito da grafia portuguesa arcaica, a oposição /b/ : /β/ mostra-se pertinente principalmente porque havia clara distinção entre *cabo* < *caput* e *cavo*<*cauo*, aliado ao fato de existir uma variação gráfica <v,u> ~ - *arbore* por *árvore*; *nobenta* por *noventa*⁴⁷. Assim, é possível chegar-se à proposição do *continuum* evolutivo que, a partir da semivogal /w/, resultou na fricativa labiodental: entende-se que o processo de consonantização da semivogal tenha, em um primeiro

⁴⁷ Na fase galego-portuguesa, ou seja, na primeira fase do português arcaico, no noroeste peninsular, haveria uma oposição entre bilabial oclusiva e bilabial constritiva (/b/ : /β/), que convivia com os dialetos portugueses do sul em que se faria a oposição bilabial oclusiva e constritiva labiodental (/b/ ; /v/). Na segunda fase, a oposição /b/ : /β/ teria desaparecido nos dialetos setentrionais, neutralizando, portanto, os resultados históricos do /b/ e do /v/ que se mantêm nos dialetos centro meridionais (MATTOS e SILVA, 2006, p. 86).

momento, fonologizado um segmento fricativo bilabial e, só depois, culminado na fricativa labiodental.

Quanto ao funcionamento do processo em questão (consonantização), entende-se que o mesmo tenha sido impulsionado por um processo de fortalecimento, ou seja, a instalação de maior tensão articulatória, que implica, à luz da Geometria de Traços, uma alteração na raiz do segmento⁴⁸, a qual, no lugar dos traços [+soant, +aprox, +voc], passa a apresentar os traços [-soant, -aprox, -voc]. A alteração do valor do traço [vocoide], presente na raiz do segmento, implica o desligamento do nó PV; como consequência, o traço de ponto [labial], que era dependente de PV, tem sua ligação promovida ao nó PC. É importante salientar que os traços de modo [+cont] e [+son], presentes na semivogal, permanecem inalterados mesmo após o processo de fonologização como /v/, assim como o traço de ponto [labial] que, na verdade, muda apenas a sua localização na estrutura do segmento fonologizado, alteração esta motivada, conforme já foi explicitado, pela mudança ocorrida na raiz do segmento, que passa de [+voc] para [-voc].

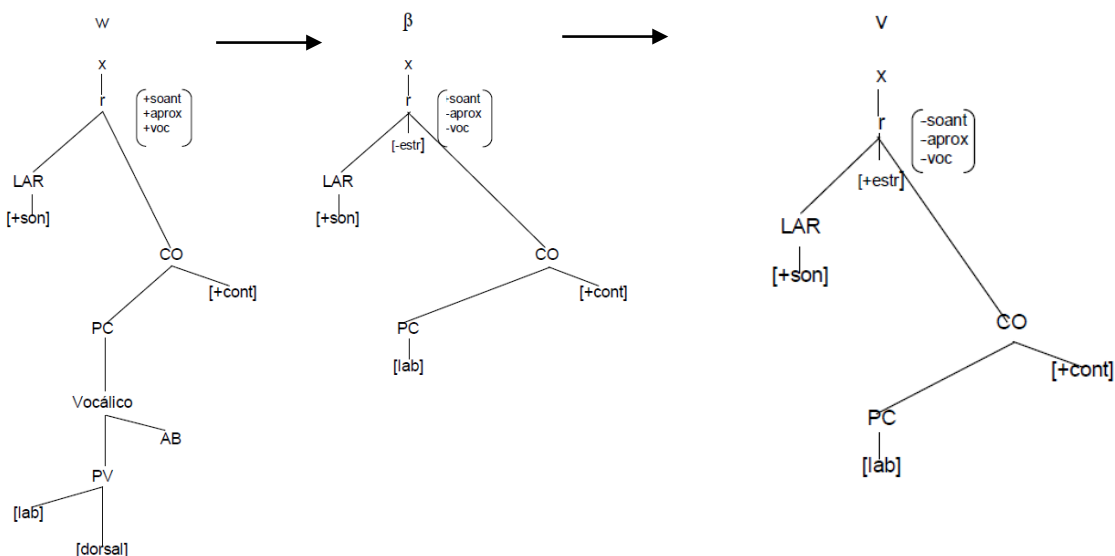


Figura 7: Evolução da semivogal /w/ para fricativa /v/

Na fonologização de /v/ ocorrida por meio do processo de fricativização da plosiva bilabial sonora /b/, há uma mudança no traço de modo de articulação [-cont], que passa a [+cont]. Essa alteração ocorre pela influência de segmentos adjacentes, os

⁴⁸ A Teoria Autossegmental, por meio da Geometria de traços, é capaz de explicitar claramente todos os referidos movimentos dos traços na constituição das etapas evolutivas que resultaram nos processos de fonologização aqui tratados. Sobre a teoria, consultar Clements (1995) e, para mais detalhes sobre as etapas evolutivas do sistema consonantal do PB via Teoria Autossegmental, ver Neuschrack (2011).

quais possuem este traço em sua estrutura e, no caso em estudo, é a presença de vogais ou ainda de consoantes com a propriedade [+cont] o gatilho para o referido processo. Além disso, pode-se considerar a presença de segmentos com o traço [+soante] como favorecedora da fricativização.

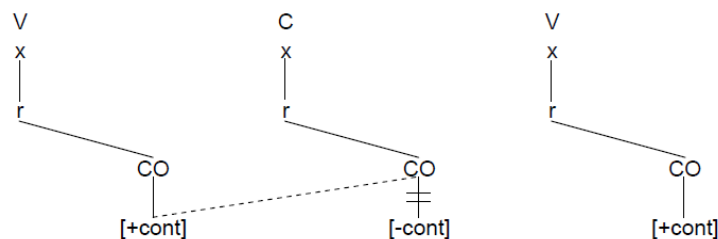


Figura 8: Fricativização de /b/

Também no caso da fonologização de /v/ pela sonorização da fricativa surda, a influência dos traços que constituem os segmentos adjacentes é determinante para a implementação da mudança. O referido processo ocorre, por exemplo, em contexto intervocálico, em que a assimilação do traço [+voz] proveniente da vogal adjacente resulta em uma fricativa labiodental sonora, inexistente no sistema do latim.

Assim, é possível identificar a atuação dos traços [+contínuo] e [+voz] na fonologização da fricativa labiodental /v/, permitindo, além do preenchimento de uma lacuna existente no sistema, também a constituição de mais um par opositivo dentro da classe das obstruintes, encaminhando assim para maior simetria. Observando-se, à luz modelo de Clements (2009), os traços que se mostraram decisivos na fonologização de /v/, vê-se que sua atuação parece estar de acordo com o princípio de Economia de Traços, uma vez que traços já existentes passam a definir um maior número de contrastes dentro do sistema. Em relação à Escala de Robustez, identifica-se a atuação de traços pertencentes ao segundo e terceiro nível da hierarquia (vide Escala de Robustez – Quadro 3), o que implica que traços bastante robustos passaram a ter ampliada, no sistema, a ação de estabelecer contraste.

4.1.2 Sobre a fonologização da fricativa /z/

No que se refere à fonologização da fricativa alveolar sonora, sua atuação restringe-se exclusivamente ao contexto de onset medial, o que é atestado pela baixa frequência de palavras iniciadas por /z/ no português; /z/ em onset absoluto se faz presente em casos específicos de vocábulos provenientes principalmente do grego e de línguas africanas e línguas indígenas. É possível pressupor essa quase inexistência pelo

fato de que os elementos em posição precedente àqueles fonologizados são importantes no referido processo, logo o onset absoluto, por não contar com segmentos precedentes, não atenderia às exigências para a implementação dessa mudança. O quadro a seguir apresenta os processos que constituíram a fonologização de /z/, bem como as etapas evolutivas e as implicações resultantes da atuação dos traços no referido fenômeno.

Quadro 36: O processo de fonologização do segmento /z/

Contexto silábico	Processo	Exemplo	Implicações	Etapas
Onset absoluto	-	-	-	-
Onset medial	Sonorização de /s/ intervocálico ou posterior a consoante [+soante]	ro/s/a>ro/z/a spon/s/u > espo/z/o	Espraiamento do traço [+son] >> consoante sonora	/s/ > /z/
	Fricativização de: /k/ seguido de /e/ ou /i/, precedidos de vogal /t/ mais iode, precedido de vogal	vi/k/inu>vi/z/inho ra/tj/one>ra/z/ão	Alteração no traço[±cont] >> nó CO da vogal passa a configurar a estrutura da consoante consonantal >> eliminação das características vocálicas espraiadas>> implementação de africada >> sonorização >> perda da primeira articulação consonantal >> fricativa alveolar /z/	/tj/>/ts/>/dz/>/z/ ⁴⁹
	/ks/ intervocálico no prefixo ex-	e/ks/amen>e/z/ame	Queda da plosiva velar surda >> sonorização da fricativa alveolar surda	/ks/>/s/>/z/

Em onset medial, a sonorização é um dos processos responsáveis pelo surgimento da fricativa /z/. Assim como ocorreu com /f/ (vide Seção 4.1.1), a presença de segmentos adjacentes [+son] contribuem para a mudança sofrida pela fricativa alveolar /s/, que passa de [-son] para [+son], em contexto intervocálico. Além disso, de acordo com Borges (1996), não apenas o contexto intervocálico mostra-se como responsável para o processo de sonorização. Consoantes sonoras, que também contêm o traço [+soante], como /r/, /m/ e /n/, pertencentes ao ambiente fonológico de palavras que apresentam esse fenômeno, são facilitadoras da sonorização de /s/, por exemplo (ro/s/am > ro/z/a ; spon/s/u > espo/z/o). Convém ressaltar que o processo de sonorização é um fenômeno bastante importante na evolução histórica do português e ainda

⁴⁹ Segundo Williams ([1961]2001, p. 90), as duas sequências, tanto a formada por plosiva velar /k/ como a formada por plosiva dental /t/ seguem o mesmo desenvolvimento, devido a uma confusão decorrida do uso comum em latim vulgar de /k/ mais iode pelo /t/ mais iode.

observável no português moderno⁵⁰, ainda que atualmente não implique nenhum caso de fonologização.

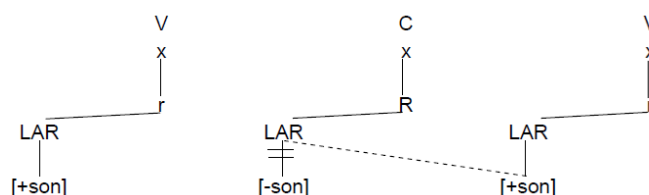


Figura 9: Sonorização de /s/

A fricativização também é responsável pelo surgimento de /z/ no sistema consonantal do português. Este segmento fonologizou-se basicamente em dois contextos específicos: plosiva velar surda seguida de /e/ ou /i/ ou plosiva alveolar surda seguida de semivogal palatal, ambas precedidas de vogal. Embora constituídas por elementos diferentes, segundo Zágari (1988, p. 111) e Williams (2001, p. 90), as referidas sequências seguiram um mesmo caminho, conforme apresentado no Quadro 17, pois, segundo esses autores, a primeira sequência (k + e,i) passou a ser produzida como a segunda (t+j), o que também é referido por Castro (1991, p. 109).

A sequência /tj/ revela-se como motivadora para o surgimento de uma consoante africada alveolar surda /ts/. Sob os pressupostos da Geometria de Traços, esse processo ocorre a partir do espreadimento do nó CO do segmento vocálico e todos os seus constituintes para o nó da raiz da consoante.

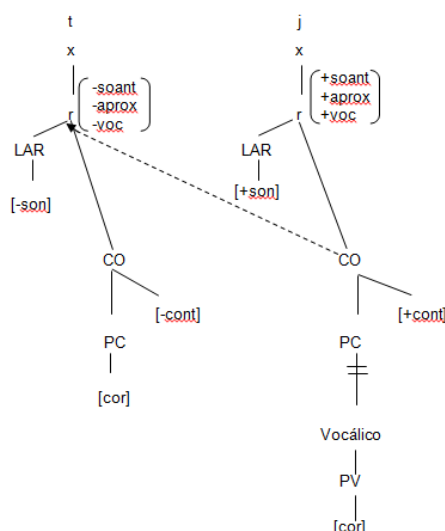


Figura 10: Sequência /tj/ e espreadimento

⁵⁰ Quando o morfema de plural <s> se encontra em situação intervocálica <portas [z] abertas>, verifica-se também o processo de sonorização.

Como o espriamento se dá a partir do nó pertencente ao segmento vocálico para a raiz da consoante, os traços [-soant, -aprox, -voc] acabam por acarretar, por relação implicacional, o desligamento do nó Vocálico, já que esse nó só ocorre quando na raiz o traço [voc] tem o sinal positivo. Em virtude de o traço [cont] manter dois valores diferentes, como resultado tem-se a formação de uma consoante africada alveolar surda /ts/, um segmento complexo que apresenta o chamado efeito de borda, com a sequência dos dois valores de um mesmo traço, nesse caso o [cont].

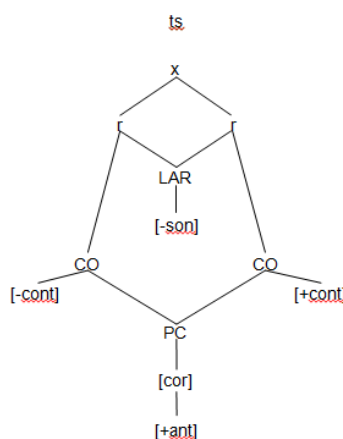


Figura 11: Consoante africada alveolar surda /ts/

Considerando que a análise da evolução da sequência /tj/ toma o contexto intervocálico (pre/tj/are>pre/z/ar) como constituinte desse processo evolutivo, a partir da implementação da africada alveolar surda /ts/, em etapa posterior, essa consoante tem seu traço [-son] alterado para [+son] por influência dos segmentos vocálicos adjacentes, ou seja, por espriamento, ocorrendo assim uma assimilação desse traço das vogais.

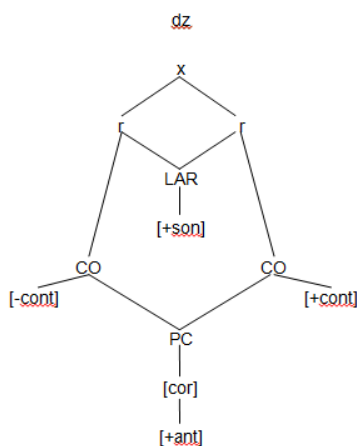


Figura 12: Geometria de traços da africada alveolar sonora /dz/

Na etapa seguinte, a africada alveolar sonora /dz/ tem a sua borda esquerda completamente desligada, provocando uma reorganização na estrutura do segmento resultante, que passa de segmento de contorno a segmento simples: a fricativa alveolar sonora /z/.

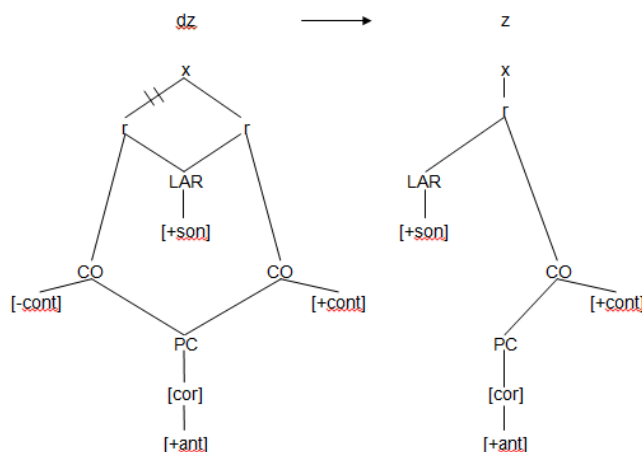


Figura 13: Desligamento de borda da africada alveolar sonora /dz/ e geometria de traços da fricativa alveolar sonora /z/

Outro contexto bastante produtivo para a fonologização de /z/ é a sequência /ks/ quando intervocálica e presente no prefixo latino *ex-*. Ocorre que, em um primeiro momento, possivelmente a plosiva velar surda tenha caído, fruto da obediência à Lei do menor esforço, uma lei fonética que tem como premissa “tornar mais fácil aos órgãos fonadores a articulação das palavras” (COUTINHO, 1979). Considerando exemplos de vocábulos do português moderno, observa-se exatamente a atuação dessa lei no sentido de simplificar a sequência a fim de facilitar a articulação: *e/ks/pressio* > *e/s/pressão*; *e/ks/clamatio* > *e/s/clamar*; *e/ks/ternus* > *e/s/terno*. Assim, após a queda da plosiva e manutenção da fricativa da sequência /ks/, o que ocorreu foi a sonorização da fricativa alveolar surda, resultando por fim na sua homorgânica sonora, o que também vai ao encontro dos dados do português na atualidade: *e/ks/ilium* > *e/z/ílio*; *e/ks/alatio* > *e/z/alação*.

Assim, tem-se que, na fonologização de /z/, dois processos fonológicos estão envolvidos: a sonorização e a fricativização. No primeiro, o traço [+voz] atua na implementação de um novo par opositivo dentro da classe das fricativas coronais /s z/; na busca pelo preenchimento da lacuna existente, atua também o traço [+contínuo], já que no latim havia apenas a fricativa alveolar surda. Sob os pressupostos do modelo de Clements (2009), em relação ao Princípio de Economia de traços, esse movimento

identificado dentro do sistema consonantal implica a maximização das possíveis combinações de traços já ativos, uma vez que o traço [+contínuo], no latim, era muito pouco econômico, visto que estabelecia contraste entre apenas seis fonemas, do total de oito obstruintes existentes, considerando-se o sistema do latim clássico. Em relação ao Princípio de Robustez, tem-se que os traços atuantes na fonologização de /z/ compõem o segundo e o terceiro níveis da hierarquia (veja-se Quadro 3), exatamente como havia ocorrido em relação à fonologização de /v/, citado na seção precedente; esse fato implica que traços bastante robustos passaram a ter maior papel no estabelecimento de contrastes no sistema.

4.1.3 Sobre a fonologização da fricativa palatal /ʃ/

Pela fonologização de /ʃ/, é integrado ao sistema uma consoante palatal; opera, portanto, um processo de palatalização. A palatalização é processo de fonologização bastante produtivo na diacronia do português, responsável pela introdução de quatro novos segmentos no sistema consonantal português, todos inexistentes no latim: /ʃ/, /ʒ/, /ɲ/, /ɲ/. O Quadro 37 apresenta especificamente os contextos de origem, bem como as etapas evolutivas e as implicações da atuação dos traços que resultaram na fonologização de /ʃ/.

Quadro 37: O processo de fonologização do segmento /ʃ/

Contexto silábico	Processo	Exemplo	Implicações	Etapas
Onset absoluto	Palatalização: sequências /kl/, /pl/, /fl/	/kl/ave>/ʃ/ave /pl/uva>/ʃ/uva /fl/ama>/ʃ/ama	Enfraquecimento da consoante líquida ⁵¹ >> distanciamento de sonoridade no onset complexo >> incorporação de características vocálicas à consoante >> influência do traço [coronal] da característica vocálica na estrutura consonantal do segmento >> promoção de articulação secundária à primária >> borda esquerda do segmento suscetível a “desligamento” >> implementação da fricativa ʃ	/k,p,f + l/>/k,p,f + j/>/k/>/t/>/tʃ/>/ʃ/
Onset medial	Palatalização: ss + j	pa/ssj/onem>pai/ʃ/ão	Simplificação de geminada >> influência do traço [-anterior] do segmento vocálico na estrutura da consoante >> reorganização da estrutura segmental: implementação de ʃ	ss+j>s+j>ʃ

Em onset absoluto, somente as sequências /kl/, /pl/ e /fl/ fonologizaram-se em

⁵¹ Segundo estudos diacrônicos, no latim, quando uma lateral se apresenta em posição subsequente a outra consoante, ela é considerada “turva”, assim, suscetível à vocalização – há, no latim, a tendência à busca de distanciamento de sonoridade entre elementos que constituem onset complexo.

/ʃ/. Cabe observar que estas mesmas sequências se modificaram também para /kr/, /pr/ e /fr/, respectivamente, e Coutinho (1979, p. 119) explica que “as primeiras transformações se teriam operado na zona norte da Península Ibérica, ao passo que as outras se verificaram ao sul”. Williams (2001, p. 74) sustenta a tese de que os caminhos percorridos pelas referidas sequências foi semelhante e Hora (2007) apresenta o seguinte *continuum* evolutivo, baseado em Williams: /k,p,f/ + /l/ > /k,p,f/ + /j/ > /tʃ/ > /ʃ/. Logo, nas sequências consonantais cujo segundo elemento é a líquida lateral /l/, a primeira etapa do processo concentra-se no enfraquecimento da consoante líquida, que passa a glide.

Na passagem da sequência /kj/ para /tʃ/, o gatilho para o processo de assimilação está no traço [coronal] do glide /j/, que motiva que a sequência fique coronalizada, ou seja, palatalizada na posição de onset silábico. É importante considerar que, nesse *continuum* evolutivo, possivelmente tenha havido uma consoante palatalizada /kʲ/, que então passa para /tʲ/, por influência do traço [coronal] do segmento vocálico, para só depois surgir a africada palato-alveolar /tʃ/. Para isso, considera-se então que, após a implementação da consoante palatalizada /kʲ/, novamente por influência do traço [coronal] do PV da articulação secundária palatal (/kʲ/ é uma consoante dorsal palatalizada), o ponto de articulação primária do segmento passa de [dorsal] para [coronal], originando assim a consoante coronal palatalizada /tʲ/.

A produção da consoante coronal africada, a partir da forma palatalizada, dá-se em razão da promoção da articulação secundária à primária, bifurcando-se a consoante em duas raízes (CLEMENTS 1989, 1995, BISOL & HORA, 1993).

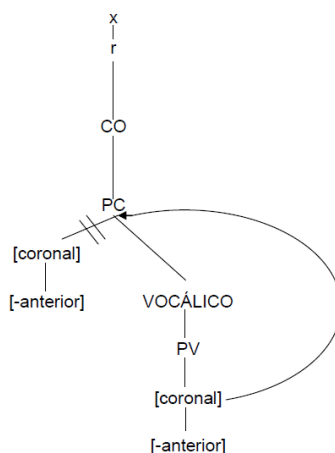


Figura 14 Promoção da articulação secundária

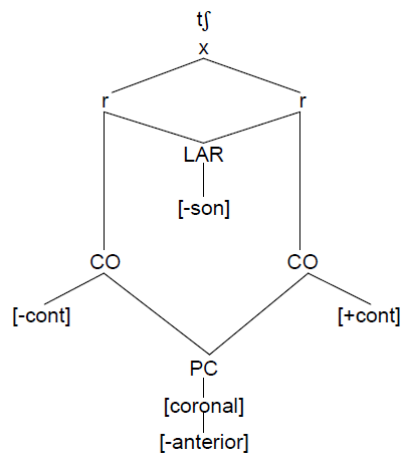


Figura 15: Geometria de traços da africada /tʃ/

Por fim, tem-se a passagem do segmento de contorno /tʃ/ para a fricativa /ʃ/. Nesse caso, a africada tem a sua borda esquerda desligada. Por influência do processo ocorrido em /kl/, o mesmo parece ter-se efetivado também nas sequências /pl/ e /fl/.

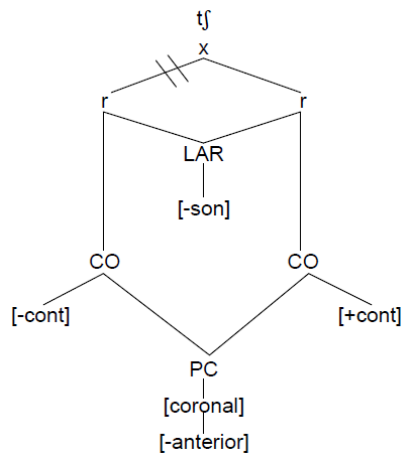


Figura 16: Desligamento da borda esquerda do /tʃ/

Ainda sobre a fricativa /ʃ/, outra origem desse segmento é a sequência /ssj/ em onset medial. Após a simplificação da geminada /ss/, o espraçamento do traço [coronal] da vogal coronal funciona como gatilho do processo de palatalização.

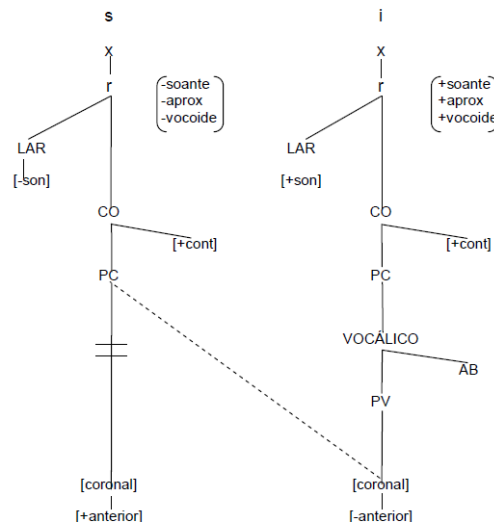


Figura 17: Espraçamento do traço [coronal]

Com o espraçamento do traço [coronal], a estrutura reorganiza-se: o espraçamento dos traços [coronal] e [-anterior], provenientes do nó Vocálico, ao se vincularem ao PC, provocam o desligamento da linha de associação que liga os traços [coronal] e [+anterior] ao PC da consoante e passam a ocupar essa posição. Assim, chega-se à constituição de um novo segmento: a fricativa palato-alveolar /ʃ/, a qual, nesta pesquisa, é considerada uma consoante simples, da mesma forma como o faz Mira Mateus (2000) em resenha sobre Bisol (2005). Segundo a autora, a representação da consoante fricativa palatal com um traço secundário não corresponde à consoante palatal do português, que, segundo ela, é uma consoante simples.

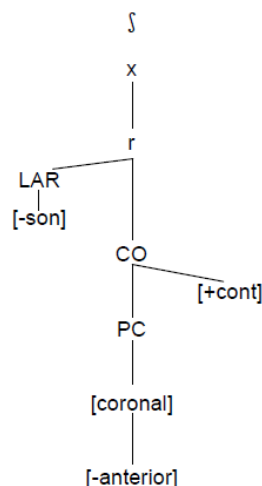


Figura 18: Geometria de traços da fricativa palato-alveolar

Na fonologização de /ʃ/, há a atuação de diferentes traços, uma vez que este segmento pertence a uma classe (as fricativas palatais) que não fazia parte do sistema

latino. Destaca-se, no entanto, que, com essa fonologização, o sistema não passou a contar com a oposição de um novo traço, mas, como ocorreu nos casos de fonologização de /v/ e /z/, traços já ativos passam a estabelecer novos contrastes. Observando-se os princípios de organização de inventários fonológicos propostos por Clements (2009), os traços que atuam na fonologização de /ʃ/ são pertencentes a níveis altos da Escala de Robustez (veja-se Quadro 3): o traço [coronal] integra o nível (a) da Escala e os traços [contínuo] e [anterior] fazem parte do nível (b) da Escala; esses traços atuam conjuntamente de forma decisiva na busca pela expansão do sistema.

4.1.4 Sobre a fonologização da fricativa palatal surda /ʒ/

Na fonologização da fricativa palatal /ʒ/, dois foram os processos fonológicos atuantes: a consonantização e a palatalização, os quais acabam se cruzando em sua evolução. O Quadro 38 apresenta os contextos de atuação, bem como as etapas envolvidas e as implicações da atuação dos traços nos referidos processos.

Quadro 38: Processo de fonologização da fricativa palatal sonora /ʒ/

Contexto silábico	Processo	Exemplo	Implicações	Etapas
Onset absoluto	g +e,i	/ʒe/ntem>/ʒ/ente /ʒe/neru>/ʒ/ênero	Característica vocálica passa a fazer parte da estrutura da consoante >> desligamento de articulação primária (efeito suspensivo) >> articulação de segmento puramente vocálico >> traço default [coronal] preenche o “espaço vazio” da articulação potencial >> promoção do traço [coronal] da articulação secundária para articulação primária >> segmento de contorno (africada) >> desligamento de borda esquerda do segmento complexo >> segmento simples 3.	g+e,i>gʲ>j>dʲ>dʒ>ʒ
	Consonantização /j/ inicial	/j/am>/ʒ/á	Realização de pronúncia palatalizada, como em /g+e,i/ >> traço default [coronal] preenche o “espaço vazio” da articulação potencial >> promoção do traço [coronal] da articulação secundária para articulação primária >> segmento de contorno (africada) >> desligamento de borda esquerda do segmento complexo >> segmento simples 3	j>dʲ>dʒ>ʒ
Onset medial	d+j, precedidos de vogal	ho/dj/e>ho/ʒ/e	Assimilação do traço [coronal] da vogal >> promoção do traço [coronal] da articulação secundária para articulação primária >> segmento de contorno (africada) >> desligamento da borda esquerda do segmento complexo >> segmento simples 3	d+j> dʲ>dʒ>ʒ

g+e,i (precedidos de consoante) g+e,i (precedidos de vogal) g+j	gin/gi/vam< gen/3/iva vi/gi/lare>vi/3/iar fu/gj/o>fu/3/o	Característica vocálica passa a fazer parte da estrutura da consoante >> desligamento de articulação primária (efeito suspensivo) >> articulação de segmento puramente vocálico >> traço default [coronal] preenche o “espaço vazio” da articulação potencial >> promoção do traço [coronal] da articulação secundária para articulação primária >> segmento de contorno (africada) >> desligamento de borda esquerda do segmento complexo >> segmento simples 3	g+e,i,j>g^j>j>d^j>d₃>3
s+j	ecl/sj/a>igre/3/a	Sonoridade e o traço [-anterior] da vogal >> reestruturação da fricativa >> implementação de 3	s+j>3
Consonantização j intervocálico	cu/j/ium>cu/3/o	Realização de pronúncia palatal, como em /g+e,i/ >> traço default [coronal] preenche o “espaço vazio” da articulação potencial >> promoção do traço [coronal] da articulação secundária para articulação primária >> segmento de contorno (africada) >> desligamento de borda esquerda do segmento complexo >> segmento simples 3	j>d ^j >d ₃ >3

A sequência /ge;i/, tanto em onset absoluto como em onset medial, constitui-se como uma das origens da fricativa palatal sonora do português.

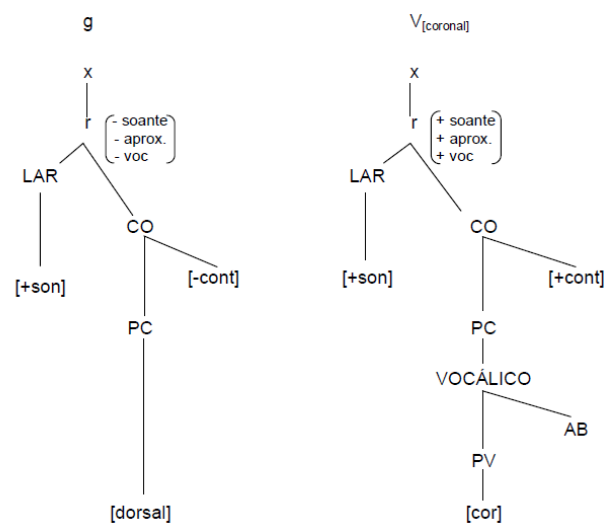


Figura 19: Sequência [g+ vogal coronal]

Na etapa inicial do processo de fonologização, para a formação da consoante palatalizada, dá-se o espraçamento do nó vocálico da vogal palatal para o PC, sem desligamento de traços da consoante, o que resulta em uma plosiva velar palatalizada.

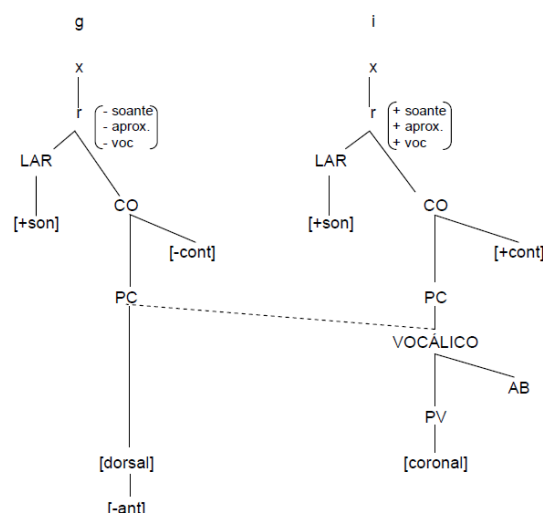


Figura 20: Espraçamento do nó Vocálico para o PC

O resultado é a consoante complexa /gʲ/, contendo uma articulação primária consonantal e uma secundária vocálica, que provém do espraçamento do traço [coronal] do PV da vogal para o PC da consoante.

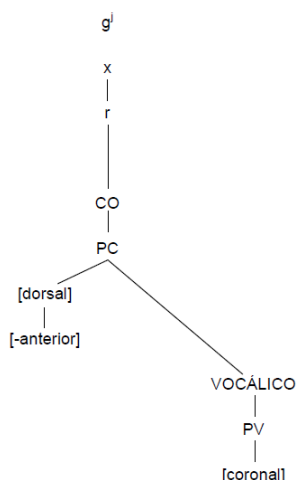


Figura 21: Geometria de traços da consoante palatalizada /gʲ/

O próximo passo seria o desligamento da articulação primária da consoante palatalizada /gʲ/ – esse desligamento parece ter efeito suspensivo, uma vez que a estrutura desligada pode ser religada, em etapa subsequente da evolução do sistema. Possivelmente seja fenômeno da mesma natureza do que é observado nos segmentos soantes palatais do português /ɲ/ e /ʎ/: as variantes que tais segmentos da língua apresentam podem ser motivadas pela desassociação de um dos traços das consoantes complexas quando da sua realização pelo falante (realização como [l] ou como [j] para /ʎ/, por exemplo). Matzenauer (1999), ao tratar das variantes da lateral palatal /ʎ/, aponta para o desligamento do nó vocálico, o que levaria à realização da construção

consonantal, originando, assim, a líquida lateral [l].

No caso da consoante palatalizada /g^j/, segundo Neuschrnk (2011), o traço [dorsal] da articulação primária fica desligado com efeito suspensivo, suscitando, assim, a produção apenas da articulação secundária, que caracteriza um segmento vocálico. O fato apresentado pela autora como provavelmente inovador é a possibilidade de se considerar todo apagamento como uma suspensão, o que explicaria a possibilidade de, na evolução envolvendo a consoante palatalizada em questão, haver, em um momento, o desligamento de sua borda esquerda, destacando as características vocálicas presentes no segmento e, em momento subsequente, novamente voltar a se efetivar o mesmo tipo de segmento (complexo), mudando, porém, de [dorsal] para [coronal], resultando assim em uma africada sonora. Em se comparando com a de Williams (2001), essa proposta apresenta uma etapa a mais na evolução da sequência /gj/, mas estruturalmente mostra um caminho mais natural da língua.

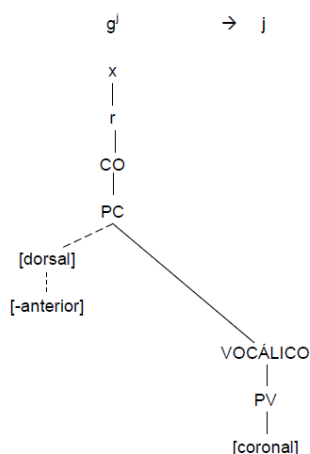


Figura 22: Suspensão do traço [dorsal] e realização da articulação secundária

Segundo Pinheiro (2009), para muitos casos de apagamento de segmentos, a Fonologia Autossegmental assume que existem segmentos denominados *default*, que preenchem esses elementos vazios quando toda a sua estrutura é apagada. No português, o *segmento vocálico default* é a vogal /i/, que, segundo Cristófar-Silva (2003), se manifesta foneticamente nessa posição como um glide palatal [j]. Em se considerando “traços de ponto”, o *default* é o [coronal].

A supressão ocorrida na consoante palatalizada /g^j/ atinge apenas seu traço [dorsal], ou seja, sua articulação primária, que é a consonantal. Após essa suspensão e realização apenas vocálica, a língua trata de preencher o espaço “vazio” do segmento, que guarda uma “articulação potencial”, antes ocupado pelos traços consonantais. Esse

preenchimento ocorre por recuperação da estrutura interna de /g/, contaminada porém pelo traço [coronal] do glide, e o resultado acaba fazendo surgir o segmento /dʲ/. Dessa forma, surge novamente uma consoante palatalizada, porém agora com os traços [coronal] [-anterior], por influência da articulação secundária.

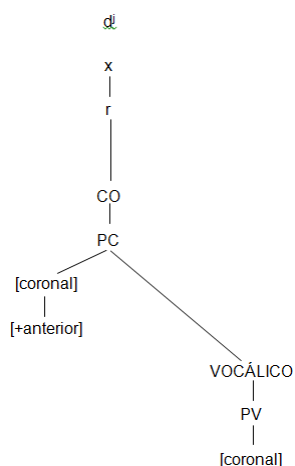


Figura 23: Consoante palatalizada /dʲ/

O passo seguinte da evolução em análise é a passagem da consoante palatalizada /dʲ/ para uma consoante africada /dʒ/. Para a consoante complexa /dʲ/ passar à consoante africada /dʒ/, segundo Clements (1991) e Bisol & Hora (1993), há a promoção do traço secundário [coronal] à articulação primária e posteriormente uma cisão no segmento.

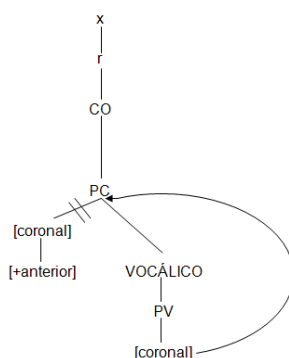


Figura 24: Promoção da articulação secundária

O segmento resultante possui sequências de diferentes valores do mesmo traço, o que permite reconhecer o chamado “efeito fonológico de borda” (CLEMENTS e HUME, 1995, p. 254), ou seja, ele comporta-se em relação a uma das bordas de acordo com o valor (+) e em relação à outra borda, conforme o valor (-) de um traço; no caso analisado, isso ocorre com o traço [cont]. Logo, tem-se um segmento de contorno, confirmando que as africadas são candidatos naturais para esse tipo de segmento.

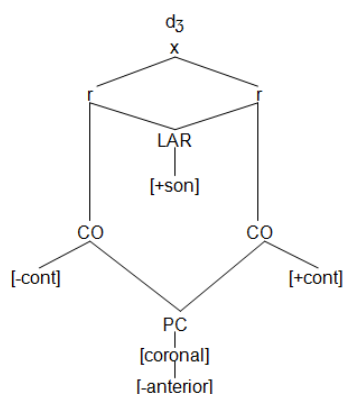


Figura 25: Geometria de traços da consoante africada /dʒ/

Porém, pela complexidade de produção desse segmento, houve uma simplificação em sua estrutura ocasionada pela perda do elemento plosivo, no caso o /d/, que tem toda a sua estrutura apagada.

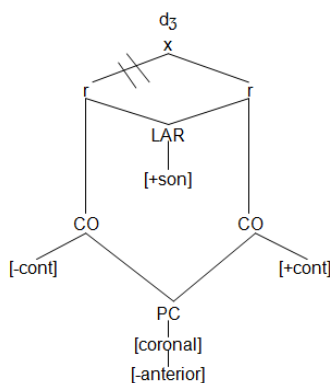


Figura 26: Desligamento da borda esquerda de /dʒ/

A partir desse processo, efetiva-se a realização apenas do elemento fricativo, ou seja, da borda com o traço [+contínuo], passando, assim, de segmento de contorno para segmento simples.

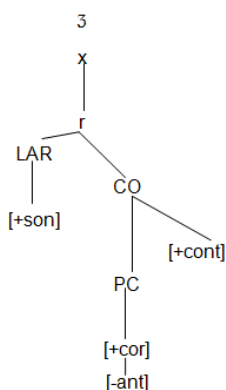


Figura 27: Resultado do apagamento da estrutura do segmento plosivo

Quanto à consonantização da semivogal /j/, que ocorre tanto em onset absoluto como em onset medial, considera-se o que refere Ilari (2008, p.80) quando trata do

desenvolvimento de uma consoante palatal a partir do /j/. Segundo o autor:

Período latino: o i-semivogal adquire uma pronúncia acentuadamente palatal, confundindo-se na pronúncia com o g(e,i).

Período românico: resultam as mesmas três situações descritas para g(e,e): a palatalização involui no sardo, que conserva a semivogal; na România oriental desenvolve-se numa africada /dʒ/; na România ocidental chega-se a uma fricativa.

Para uma melhor visualização do que propõe Ilari, o autor apresenta um quadro semelhante ao que segue.

Quadro 39: Resultado da evolução da semivogal /j/ - adaptado de Ilari (2008, p. 81)

Latim vulgar	sardo	romeno	italiano	francês	espanhol	português
<i>iugu</i>	<i>juu</i> /j/	<i>jug</i> /dʒ/	<i>giogo</i> /dʒ/	<i>joug</i> /ʒ/	<i>yugo</i> /j/	<i>jugo</i> /ʒ/

Na proposta de Ilari tem-se a corroboração da posição de Williams (2001, p.72) e Castro 1991, p. 105-106), que afirmam que o /j/ inicial do latim clássico passa a /ʒ/ no português. No latim vulgar, o som da semivogal e o proveniente do /g/ inicial seguido de /e/ ou /i/ do latim clássico tornaram-se idênticos. Considerando-se que a realização da semivogal inicial /j/ acabou, em certo momento, sendo a mesma de /g/ seguido de /e/ ou /i/, os processos envolvidos em sua evolução acabam sendo os mesmos. Assim, retoma-se que, por influência do referido contexto, a semivogal palatal /j/ passa a formar antes da africada a consoante palatalizada /dʲ/. Em seguida, há a passagem da consoante palatalizada /dʲ/ para uma consoante africada /dʒ/ através de uma promoção do traço secundário [coronal] à articulação primária e posteriormente uma cisão no segmento. Por fim, a africada sofre um desligamento de toda sua borda esquerda, passando assim de segmento de contorno /dʒ/ para segmento simples /ʒ/. Essas etapas podem ser visualizadas por meio das Figuras 23 a 27.

Ainda, em onset medial, a sequência /dj/ também se fonologiza em /ʒ/. Nesse processo, a primeira regra aplicada é a de assimilação que, de acordo com a Fonologia Autossegmental, é representada como um processo de espraçamento do traço [coronal] da vogal seguinte para o PC da plosiva. O traço coronal da vogal, que é dependente dos nós Ponto de Vogal e Vocálico, espraia para a consoante. Desse espraçamento resulta a forma palatalizada /dʲ/ antes do surgimento da forma africada /dʒ/. Como já foi mencionado nesta pesquisa, para a formação da consoante palatalizada, por inserção

default, há uma reorganização estrutural do segmento necessária para caracterização da constrição vocálica desse segmento. Resulta, assim, a consoante complexa /dⁱ/, que contém uma articulação primária consonantal e uma secundária vocálica, proveniente do espreamento do traço [coronal] do PV da vogal para o PC da consoante. Logo, os nós Ponto de Vogal e Vocálico acabam sendo inseridos no segmento consonantal /d/, para que o traço [coronal] proveniente da vogal se mantenha com sua natureza de Ponto de Vogal. Além disso, sendo toda vogal [coronal] também [-anterior], o espreamento desse traço vocálico faz com que a articulação primária consonantal passe a ser [-anterior].

Para a consoante complexa /dⁱ/ passar à consoante africada /dʒ/, novamente considera-se o que propõem Clements (1991) e Bisol & Hora (1993): promoção do traço secundário [coronal] à articulação primária e posterior cisão no segmento. Após o espreamento do traço [coronal] da vogal /i/ ou da semivogal /j/ seguintes à consoante plosiva coronal, a africada /dʒ/, que possui sequências de diferentes traços, com valores distintos em cada borda, sofre o “efeito fonológico de borda” (CLEMENTS e HUME, 1995). Como etapa final do processo evolutivo em estudo, a africada /dʒ/ passa a fricativa /ʒ/ a partir da perda total do elemento plosivo de sua estrutura (vejam-se Figuras 23 a 27).

Por fim, na sequência /sj/ em onset medial, que também se fonologiza em /ʒ/, a fricativa alveolar possivelmente tenha sofrido influência tanto do traço [-anterior] como do traço [+voz] do segmento vocálico palatal, influenciando uma reestruturação da fricativa, que passa de alveolar para palatal.

Assim, é possível identificar que para a fonologização do fonema /ʒ/ basicamente três foram os traços que atuaram de forma decisiva na expansão do sistema, contribuindo para a formação da classe das palatais: [coronal], [-anterior] e [+contínuo]; além desses, também os traços [-vocoide] e [-soante] (alteração do [+voc] e do [+soante]) atuaram especificamente no contexto em que a fricativa palatal tem sua implementação por meio de um processo de consonantização.

Observando-se os princípios preconizados por Clements (2009), vê-se que, no processo de fonologização de /ʒ/, o Princípio de Economia de Traços se faz presente no sentido de maximizar as combinações possíveis dos traços que já estavam ativos no sistema, como é o caso do traço [+contínuo] que, coocorrendo com o [-anterior] e o

[coronal], é responsável pelo surgimento de uma nova classe dentro das [-soantes]. Em relação à Escala de Robustez, é possível constatar que a coocorrência dos traços [coronal,-soante] dá base para a expansão do sistema: estes são traços que ocupam o mais alto nível da hierarquia proposta por Clements (2009) – veja-se Quadro 3.

4.1.5 Sobre a fonologização da nasal palatal /ɲ/

A nasal palatal tem sua origem restrita ao contexto de onset medial, visto que as palavras que, no português, começam por este segmento são empréstimos de outras línguas. Além disso, nos empréstimos, para desfazer esse onset absoluto não atestado na língua portuguesa, normalmente os falantes tendem a inserir uma vogal epentética antes da palatal nasal, assim como também ocorre com a lateral palatal. Apesar de serem três as sequências que dão origem a este segmento, todas elas acabam convergindo para um mesmo caminho, devido à atuação dos mesmos traços, por isso as suas etapas assemelham-se, conforme pode ser visualizado no Quadro 40.

Quadro 40: Fonologização da nasal palatal /ɲ/

Contexto silábico	Processo	Exemplo	Implicações	Etapas
Onset absoluto	-----	-----	-----	-----
Onset medial	Palatalização n+j precedidos de vogal	se/nj/orem>se/ɲ/or	Característica vocálica interfere na reestruturação do segmento >> adição de nó vocálico >> implementação de consoante complexa	n+j>ɲ
	i+n	vi/n/um>vi/ɲ/o		
	gn intervocálico	pu/gn/um>pu/ɲ/o	Característica vocálica interfere na reestruturação do segmento >> adição de nó vocálico >> implementação de consoante complexa Vocalização da consoante dorsal >> assimilação dos traços vocálicos >> consequente reestruturação do segmento >> implementação de consoante complexa	i+n>ɲ gn>ɲn>ɲ

Assim, as sequências /nj/ e /in/, ao originarem /ɲ/, seguem exatamente o mesmo percurso, já que há apenas uma inversão na ordem dos segmentos envolvidos, cujas características fonológicas são praticamente idênticas. Adotando a proposta de complexidade da estrutura interna da consoante palatal nasal (WETZELS, 1992), o processo de palatalização em análise dá-se a partir do espraçamento do nó Vocálico do segmento palatal para o PC da consoante nasal precedente, dando origem, assim, a um

segmento com dupla articulação: um consonantal e outra vocálica.

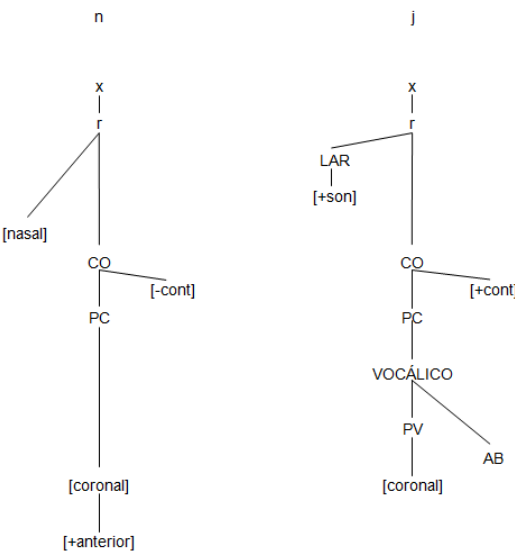


Figura 28: Geometria de traços da sequência /nj/

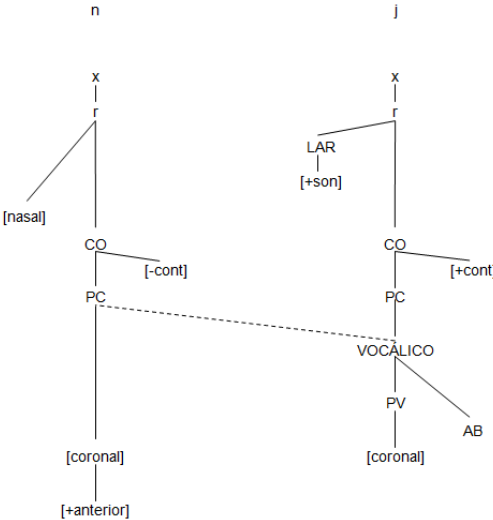


Figura 29: Espraiamento do nó Vocálico

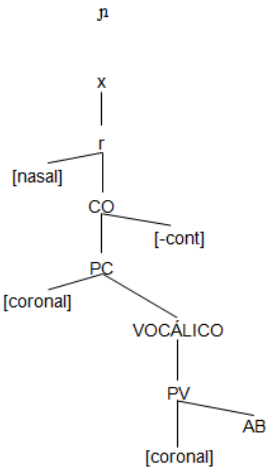


Figura 30: Geometria de traços da consoante nasal palatal

Em relação a /gn/ como uma das bases da fonologização de /ɲ/, o primeiro processo pelo qual a sequência passa é a vocalização da plosiva velar /g/, conforme referem Coutinho (1979), Williams (2001), Ilari (2008). A partir daí, o caminho seguido é o mesmo verificado nas sequências anteriores: espraçamento do nó Vocálico do segmento palatal para o PC da consoante nasal, originando um segmento com dupla articulação: um consonantal e outra vocálica (consoante complexa).

Assim, é possível identificar que uma mudança no traço de ponto de articulação (alveolar > palatal), juntamente com a atuação dos traços [-anterior] e [-contínuo] compõem o processo de fonologização de /ɲ/ quando sua origem é uma sequência de nasal com traço [+anterior] e vogal palatal, que inerentemente porta o traço [+contínuo]. De acordo com os pressupostos de Clements (2009), mais uma vez se confirma o funcionamento do sistema de acordo com o Princípio de Economia de Traços no processo evolutivo da língua, no sentido de que há uma maximização das combinações dos traços já ativos. Além disso, nesse processo de fonologização de um novo segmento, há a manutenção dos traços [+soante] e [coronal], que pertencem ao mais alto nível da Escala de Robustez; assim, esse processo diacrônico evidencia, assim como os outros já aqui apresentados, a tendência à preservação dos traços mais robustos nos casos de fonologização de segmentos.

Quando a fonologização de /ɲ/ tem sua origem em uma sequência de plosiva velar surda [-soante, dorsal] e nasal alveolar [+soante, coronal], a primeira consoante sofre a influência do traço [+vocoide], passando então a uma semivogal palatal; os traços da nasal são mantidos [+soante, coronal], porém há uma mudança no ponto de articulação por influência do segmento vocálico (alveolar > palatal) e o traço [-anterior] atua decisivamente na implementação do novo segmento. Todo esse “movimento” ratifica a busca pela maior combinação possível dos traços existentes no sistema, o que está de acordo com o princípio de Economia de Traços de Clements (2009).

4.1.6 Sobre a fonologização da lateral palatal /ʎ/

A lateral palatal originou-se especificamente de um processo de palatalização ocorrido apenas em onset medial. As etapas evolutivas bem como as implicações relacionadas à atuação dos traços nesse fenômeno estão apresentadas no Quadro 41.

Quadro 41: Fonologização da lateral palatal /ʎ/

Contexto silábico	Processo	Exemplo	Implicações	Etapas
Onset absoluto	-----	-----	-----	-----
Onset medial	Palatalização kl,pl,bl, gl,tl intervocálicos	apicula>abeʎa scopulum>escoʎo tegulam>teʎa tribulu>triʎo rotulam>roʎa	Assimilação total dos traços da líquida lateral >> OCP provoca dissimilação >> traço [-voc] passa a [+voc] >> inserção de nó vocálico potencial (presença dos traços [+soante;+aprox.] na raiz) >> implementação de j >> característica vocálica interfere na reestruturação do segmento >> adição de nó vocálico >> implementação de consoante complexa	kl,pl,bl, gl,tl>ll>jl>ʎ
	l,ll+j precedidos de vogal	fi/lj/um>fi/ʎ/o a/llj/um>a/ʎ/o	Característica vocálica interfere na reestruturação do segmento >> adição de nó vocálico >> implementação de consoante complexa	l+j>ʎ ll+j>ll+j>ʎ

As sequências de consoantes das quais surgiu o /ʎ/ são /kl/, /gl/, /pl/, /bl/, /tl/. É interessante destacar que, considerando-se a escala de sonoridade de Bonet & Mascaró (1996) e sabendo-se que essas sequências figuram em onset silábico em contexto medial de palavra, depois de um processo de desaparecimento da vogal que originariamente se encontrava entre as consoantes que posteriormente passam a ficar adjacentes, tais sequências apresentam um mesmo valor crescente de sonoridade (de 0 a 3), sem exceção, já que o primeiro elemento é sempre uma plosiva e o segundo é a lateral alveolar⁵². Essa constatação serve como reforço para a consideração de que as sequências consonantais podem copiar o processo sofrido por outras do mesmo tipo.

Segundo Teyssier (2007), a partir da síncope da vogal /u/ há, por exemplo, o surgimento do grupo consonantal /kl/, como se vê em palavras como *o/k/ulum* > *o/kl/lu*, *api/k/ula* > *api/kl/a* e *auri/k/ula* > *auri/kl/a*. O mesmo ocorre quando a vogal se encontra entre outras plosivas, como /t/, /g/, /p/ e /b/ e a lateral alveolar /l/. De acordo com Teyssier (2007,p.13), apesar da ausência de documentos linguísticos entre os anos 409 e 711, é possível identificar a linha geral de evolução da língua, que permite visualizar a transformação do latim imperial em proto-romance e o surgimento de certas fronteiras linguísticas. Uma delas é a que acabou separando os falares ibéricos

⁵² A Escala de sonoridade de Bonet e Mascaró (1996) apresenta o grau de sonoridade das classes de segmentos: plosivas – 0; fricativas e “r” forte – 1; nasais – 2; líquidas laterais – 3; glides e “r” fraco – 4; vogais – 5.

ocidentais, de onde surgiu o galego-português, de falares do centro da Península, de onde provém o castelhano, por exemplo. O autor supõe que provavelmente nessa época tenha ocorrido a evolução do grupo consonantal /kl/ e, segundo ele, após a síncope da vogal /u/, a plosiva /k/ passa a iode, formando uma nova sequência /jl/.

Possivelmente, em uma primeira etapa, a sequência presente no referido contexto tenha sido /ll/. O /k/ passaria a /l/, primeiramente, por um processo de assimilação: em formalização pela Geometria de Traços, a lateral alveolar espraia todo o seu nó de raiz para a plosiva, formando assim um segmento idêntico. Borges (1996) apresenta vários casos em que, na diacronia do português, é possível considerar-se a ocorrência de assimilações totais de traços entre segmentos adjacentes, como $n > l$ e $r > l$. No primeiro contexto, assim como o caso aqui analisado, a formação de uma sequência consonantal tendo como um dos segmentos a lateral /l/ ocorre a partir da queda de uma vogal interveniente ($n > l$: *molinariu* > **molnariu* > **mollairo* > *moleiro*; *lunula* > **lulla* > *lula*; *coronula* > **corolla* > *corola*; *esmolina* > **esmolla* > *esmola*; $r > l$: *per+lo* > *pello* > *pelo*).

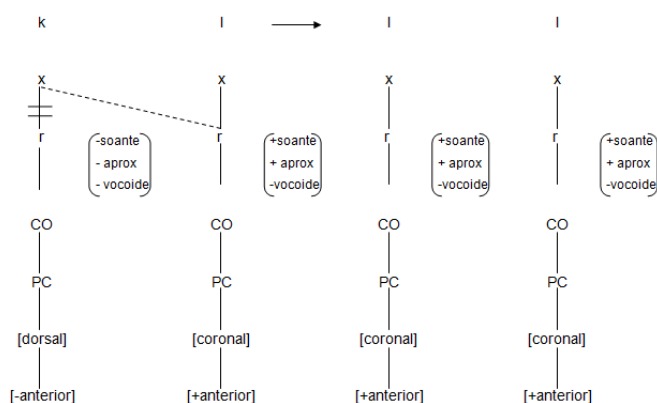


Figura 31: Processo de assimilação-espraçamento do nó de raiz do /l/

Quando a lateral alveolar /l/ espraia todo o seu nó de raiz para a plosiva, ocorre o desligamento de toda a característica estrutural que está imediatamente abaixo e que caracteriza o segmento /k/, mantendo-se apenas a unidade de tempo fonológico, a qual, por sua vez, se liga ao nó de raiz do segmento imediatamente adjacente /l/, formando-se então uma sequência de duas consoantes idênticas, o que seria a primeira etapa do processo que culminará em uma palatalização. Porém, sabe-se que uma sequência desse tipo viola um princípio fundamental da Teoria Autossegmental: o Princípio do Contorno Obrigatório (OCP); por isso, como segunda etapa do processo em questão, ter-se-ia uma dissimilação. Assim, o traço de raiz [-vocoide] do primeiro /l/ passaria a [+vocoide], motivado pela necessidade de não haver violação ao OCP. Segundo Clements & Hume

(1995) e Matzenauer (2005, p.66), muitas são as línguas que fazem uso do processo de dissimilação para não incorrer em uma violação ao Princípio do Contorno Obrigatório. A mudança de valor do traço [vocoide] do segmento implica a inserção de um nó Vocálico potencial em razão dos traços [+soante] e [+aprox], presentes na raiz, fazendo surgir a semivogal [j], que mantém o traço [coronal] em sua estrutura, porém agora imediatamente abaixo do nó ponto de vogal, e o traço [anterior], especificado agora como [-anterior] também em razão da mudança do traço [vocoide] na raiz do segmento (toda vogal é [-anterior]).

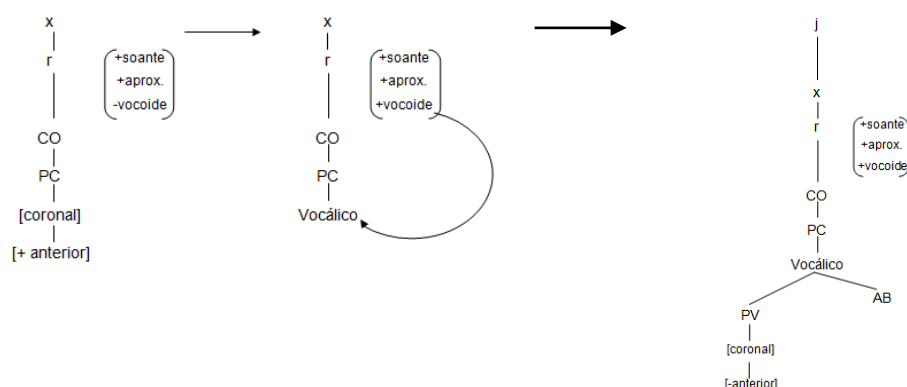


Figura 32: Dissimilação/mudança do traço [vocoide] e atualização do nó Vocálico:

Após essa segunda etapa, na qual o primeiro segmento da sequência /l/ passa a /j/, tem-se uma nova sequência: /jl/. A última etapa do processo de evolução da sequência /kl/, agora alterado para a sequência /jl/, configura o surgimento de um novo segmento: a lateral palatal /ɬ/, motivado pela presença da semivogal palatal /j/, que espraia seu nó vocálico para a consoante lateral /l/.

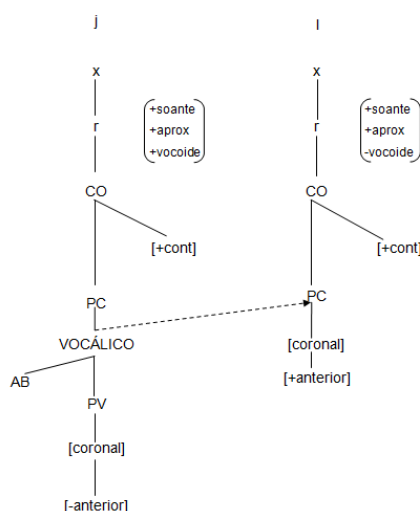


Figura 33: Espraçamento do nó vocálico de /j/ para /l/

Após o espraramento do nó Vocálico da semivogal palatal, é desencadeada uma reorganização das estruturas envolvidas, culminando em um novo segmento, o /ɬ/, que possui em sua estrutura interna uma dupla articulação (WETZELS, 1992): uma consonantal e uma vocálica; ocorre o desligamento da estrutura do segmento /j/ acima do nó Vocálico; esse nó Vocálico passa a ficar vinculado à estrutura da consoante lateral, dando origem à lateral palatal /ɬ/, aqui configurada como consoante complexa (Figura 34).

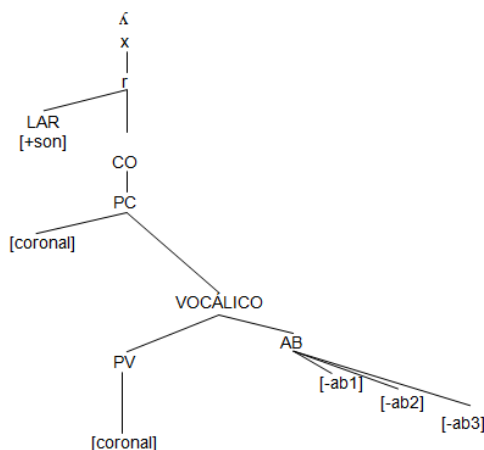


Figura 34: Geometria de traços da lateral palatal /ɬ/

Na sequência **lj**, que também dá origem à lateral palatal, há o espraimento do nó Vocálico do contexto seguinte para o PC da consoante, tornando-a um segmento com duas articulações, como vê-se na Figura 35.

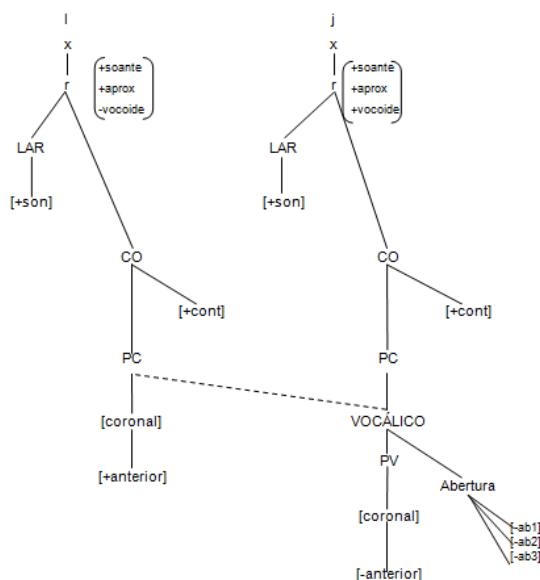


Figura 35: Espraimento do nó Vocálico para o PC da consoante

Assim, tem-se como resultado a constituição de um segmento complexo, ou seja, um segmento com uma articulação primária consonantal e uma articulação secundária

vocálica. A estrutura da lateral palatal considerada como segmento complexo permite entender-se por que, na aquisição da fonologia do português, muitas vezes no lugar do segmento consonantal é produzido um glide [j]: é apenas o nó Vocálico dessa estrutura consonantal que se manifesta (MATZENAUER, 1999).

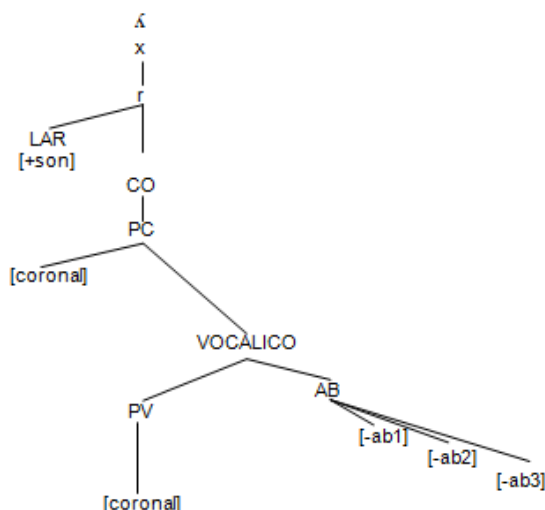


Figura 36: Lateral palatal

Na fonologização da lateral palatal, quando o contexto de origem é uma plosiva seguida de lateral alveolar, defende-se haver uma assimilação total de traços da lateral para a plosiva, provocando com isso a mudança do traço [-soante] para [+soante]. Além disso, há a atuação do traço [+vocoide] para que se desfça a sequência de segmentos adjacentes idênticos, por força do OCP, vocalizando a primeira consoante, formando uma nova sequência: **jl**. No espraçamento do nó vocálico para o PC da consoante, o traço [-anterior] passa a atuar, emergindo então mais um segmento integrante da nova classe das palatais: o /ʎ/. Todo esse “movimento” ratifica a busca pela maior combinação possível dos traços existente no sistema, o que está de acordo com o princípio de Economia de Traços de Clements (2009).

As mudanças sofridas pelo sistema consonantal do português, ao longo de sua evolução, sinalizam basicamente dois movimentos dentro do sistema: (a) busca de simetria no interior das classes de segmentos e (b) busca de expansão do sistema pela emergência de uma nova classe de segmentos.

O primeiro é o que se verifica na fonologização de /v/ e /z/: há a busca de simetria no interior da classe das consoantes [-soante], cujo equilíbrio foi alcançado por meio do preenchimento de lacunas existentes, já que o inventário contava com /f/ e /s/.

Os traços implicados nesses casos de fonologização já eram pertinentes no sistema, como o [+voz], no processo de sonorização, ou ainda o traço [+contínuo], no processo de fricativização.

Pelo movimento de expansão do sistema, visível a partir da emergência de uma nova classe, o sistema do português recebeu a fonologização das palatais. Para a fonologização das palatais [-soante], o traço [coronal] impera como o gatilho desse processo, acompanhado ainda pelos traços [+contínuo] e [-anterior]; para a fonologização das palatais [+soante], o traço [-anterior] mostra-se atuante, enquanto os traços [coronal] e [$\pm$ contínuo] se mantêm inalterados.

Além disso, cabe mencionar também as mudanças ocorridas em se considerando o ponto de articulação das consoantes: apenas no processo de sonorização, não há alteração do ponto, tomando-se o contexto de origem da fonologização e o seu resultado; já a fricativização e a palatalização implicam modificações no ponto de articulação dos segmentos.

Observada a constituição do sistema consonantal do português sob o prisma do modelo de Clements (2009), relativo à formação de sistemas fonológicos, vê-se que o movimento diacrônico seguiu em boa parte as tendências das línguas quando da composição de seus inventários, descritas por meio dos Princípios Fonológicos Baseados em Traços. Na diacronia do português, tais Princípios sinalizam tendências consistentemente confirmadas, se observada a atuação dos traços nos processos envolvidos nos casos de fonologização descritos e analisados nesta pesquisa.

Por exemplo, os contrastes estabelecidos na busca da expansão do sistema dão-se por meio do estabelecimento de contrastes novos por meio da atuação dos traços presentes nos mais altos níveis da hierarquia de robustez de traços (mas não do 1º nível), como [$\pm$ anterior] e [$\pm$ contínuo], inserindo-se no grupo de contrastes altamente favorecidos nos inventários das línguas, o que é previsto pela Escala de Robustez. Além disso, a utilização de traços já ativos na língua de modo a maximizar as combinações possíveis também é um movimento que se faz presente na história da constituição do sistema consonantal do Português, no sentido de que traços como [+voz] e [+contínuo], por exemplo, passam a ser mais amplamente combinados, em novas coocorrências de traços, o que indica maior economia da língua, de acordo com o Princípio de Economia de Traços.

Clements (2009) aponta que as línguas tendem a evoluir na direção dessa economia, no sentido de passarem a ter contrastes estabelecidos por traços já existentes

em sua gramática e, também, no sentido de eliminarem traços responsáveis por um único contraste: é o que prevê o Princípio de Economia de Traços.

Por fim, cabe apontar que a continuidade da análise poderá evidenciar a atuação de outros princípios do modelo de Clements (2009) na evolução do sistema consonantal do português. Pode-se aventar, por exemplo, que o Princípio de Reforço Fonológico, que refere a necessidade que as línguas às vezes têm de licenciar a ativação de traços considerados mais marcados, a fim de reforçar contrastes perceptuais mais fracos, justifica a ativação do traço [+contínuo] que, embora considerado mais marcado, atua de modo significativo em muitos dos casos de fonologização ocorridos na evolução do sistema consonantal do português.

4.2 Princípios Fonológicos Baseados em Traços e a constituição do inventário consonantal na diacronia do Português

4.2.1 Correlações entre traços na constituição do inventário consonantal do Português

Ratifica-se a pertinência do foco em traços distintivos em um estudo sobre a evolução histórica de sistemas consonantais e sobre o processo de fonologização, uma vez que os traços reconhecidamente desempenham um papel central na estruturação de inventários de sons contrastivos das línguas. Tal fato já é apontado nas referências iniciais sobre as propriedades mínimas que entram na composição dos segmentos das línguas, com consagrados linguistas como Trubetzkoy e Jakobson, e continuou sendo salientado por linguistas contemporâneos, dentre os quais se destaca Clements, especialmente por suas proposições na Fonologia Autossegmental. Clements & Hume (1995, p.245), na introdução de capítulo sobre a organização interna dos sons das línguas, referem que a aceitação da teoria de traços resulta do fato de ela oferecer explicações diretas para muitos fenômenos potencialmente não relacionados. Além disso, e dentre numerosos aspectos salientados pelos autores, a teoria dos traços “oferece explicações para muitas generalizações nos domínios da aquisição da linguagem, dos desvios linguísticos e da mudança histórica, entre muitos outros”.

A preocupação recente com a organização dos traços nas representações fonológicas leva ao entendimento de que, assim como os traços têm de ser tratados como entidades autônomas, ou seja, como autossegmentos, têm também de ser analisados como unidades que, de forma coocorrente, constituem a estrutura interna dos

segmentos. Nos casos de fonologização na diacronia do português tratados neste estudo, evidencia-se que os novos fonemas inseridos no inventário fonológico ao longo do processo evolutivo do sistema consonantal do português são produtos, em sua maioria, de novas combinações de traços já pertinentes na língua⁵³.

Os casos de fonologização na diacronia do português, então, passam a ser entendidos como novas combinações de traços que, em etapas anteriores, não estabeleciam contrastes. Assim, novas coocorrências de traços integram-se àquelas já ativas no sistema, contribuindo para o processo de expansão do sistema, definido pelo jogo de equilíbrio/desequilíbrio característico da mudança. Salienta-se que a noção de equilíbrio/desequilíbrio em um sistema tem a ela subjacente não apenas a ideia de traços, mas especialmente a ideia de classes naturais de segmentos: é a avaliação de uma classe de segmentos que permite a identificação ou não de lacunas, de equilíbrio ou não na sua estrutura. E observa-se, mais uma vez, que, mesmo ao se considerar central a ideia de classe de segmentos, a noção de traço também mantém esse status, pois, conforme dizem Clements & Hume (1995, p.245), classes de sons unicamente podem ser definidas em termos de um conjunto compartilhado de traços.

Os casos de fonologização na diacronia do português apontados no presente estudo referem a integração, ao inventário consonantal, dos fonemas /v/, /z/, /ʃ/, /ʒ/, /ɲ/ e /ʎ/. Cada um desses acréscimos ao sistema fonológico encontra relação direta com a existência de lacunas em classes de consoantes e de lacunas em possíveis novas coocorrências de traços que já funcionavam como unidades distintivas na fonologia da língua. O movimento desencadeado por esse processo vai em direção da busca pelo melhor aproveitamento particularmente do traço [coronal], de modo especial em coocorrência com o traço [-anterior], sendo que este, no latim, era um traço pouco econômico, visto que não estabelecia contraste em nenhuma das classes⁵⁴. E a coocorrência de traços [coronal, -anterior], com a fonologização de consoantes palatais no português, foi ativada com função contrastiva nas duas mais amplas classes de

⁵³ Dos traços que integram os segmentos fonologizados no português, apenas o traço [anterior] não era pertinente no sistema consonantal do latim.

⁵⁴ O traço [anterior] não era responsável pelo estabelecimento de contraste no sistema do latim, uma vez que não havia, no inventário consonantal latino, coronais [-anteriores]. Assim, o traço [+anterior] acabava sendo redundante, já que toda consoante com traço [labial] comporta também o traço [+anterior], ao passo que toda consoante com traço [dorsal] comporta o traço [-anterior].

consoantes: nas obstruintes e nas consoantes soantes.

Em relação às consoantes obstruintes, as quais compartilham o traço [-soante], identifica-se, com o processo de fonologização que caracterizou a diacronia do português, o estabelecimento de maior equilíbrio dentro da classe, a partir das novas coocorrências na classe das fricativas: [-soante, labial, +voz] e [-soante, coronal, +voz], além de [-soante, coronal, -anterior]. Com quatro novas fricativas – /v/, /z/, /ʃ/, /ʒ/ –, a classe das obstruintes passou a contar com o mesmo número de segmentos plosivos e fricativos, todos distribuídos em pares com contraste estabelecido pelo traço [$\pm$ voz]. Considerando-se o português arcaico como etapa intermediária da evolução do sistema consonantal do português moderno, é possível entender que o jogo de equilíbrio e desequilíbrio no sistema, apontado por Martinet (1973), pode ser identificado se forem considerados os processos de fonologização e desfonologização ocorridos e que constituem as mudanças estabelecidas no inventário consonantal desde o latim até o português⁵⁵.

Trubetzkoy (1976) salienta uma tarefa importante da fonologia estruturalista, que é a descrição exaustiva das complexas redes de relações que se estabelecem dentro do sistema de uma língua, entre todos os fonemas. Entende-se neste estudo, além da ideia de maior ou menor proximidade entre os fonemas de acordo com os traços distintivos que os compõem (JAKOBSON, 1963), que as correlações existentes entre os traços, as quais são responsáveis por agrupá-los de acordo com suas afinidades estruturais, são responsáveis pela expansão do sistema, ocasionada pelo processo de fonologização, pressionado pelos Princípios propostos por Clements (2009).

Considera-se importante para o desenvolvimento das análises aqui pretendidas, retomar os apontamentos feitos por Matzenauer (2008) em relação às pressões que conduzem à formação do inventário consonantal do PB, ainda que se refiram ao processo de aquisição. Segundo a autora, as forças que orientam a emergência das

⁵⁵ Embora não seja o foco deste trabalho a análise dos casos de desfonologização na diacronia do português, é importante para este estudo que tal conceito seja resgatado ao tratar-se daquilo que Martinet classifica como jogo de equilíbrio e desequilíbrio através do qual todo e qualquer sistema se constitui. Assim, um caso evidente de desfonologização na diacronia do português é o das geminadas: no momento em que o traço de [quantidade] perde o seu papel de estabelecimento de contraste, os fonemas que dependiam deste traço para figurarem em uma relação de oposição acabam reduzindo-se a consoantes simples.

consoantes na aquisição do sistema consonantal do PB são de três tipos:

- (a) ‘pressão’ do tipo de segmento quanto ao modo de articulação – fonologicamente representada pela coocorrência dos traços [$\pm$ soante, $\pm$ contínuo, $\pm$ nasal, $\pm$ lateral];
- (b) ‘pressão’ do tipo de segmento quanto ao ponto de articulação – fonologicamente representada pela coocorrência dos traços referidos em (a) com os traços [labial], [coronal] e [dorsal];
- (c) ‘pressão’ do tipo de segmento quanto à sonoridade – fonologicamente representada pela coocorrência dos traços referidos em (a) e em (b) com o traço [$\pm$ voz] (MATZENAUER, 2008, p. 59).

Tais considerações são retomadas neste estudo porque parecem também orientar os caminhos percorridos na evolução do sistema consonantal do português. Os tipos de “pressão” que conduzem os processos de fonologização parecem ser de mesma natureza na diacronia e na aquisição. Além disso, é possível estabelecer ainda uma relação com o ordenamento da emergência das consoantes que integram gradativamente os inventários das línguas, também na aquisição, apresentado por Matzenauer (op. cit.) em referência às observações feitas por Jakobson (1968 [1941]):

- (a) plosivas e nasais tendem a emergir antes de fricativas e líquidas;
- (b) consoantes com ponto de articulação [+anterior] tendem a emergir antes de consoantes com ponto de articulação [-anterior];
- (c) obstruintes desvozeadas tendem a emergir antes de obstruintes vozeadas (MATZENAUER, 2008, p. 59-60).

Tomando o sistema do Latim como referência (conforme Quadro 5), confirmam-se na diacronia quase todas as tendências relacionadas à aquisição das consoantes nas línguas. O sistema latino apresentava a classe das plosivas com a mesma constituição apresentada pelo sistema do português; em relação às nasais, o latim apenas continha nasais com a propriedade [+anterior] – a nasal [-anterior] passou a integrar o sistema no decorrer do processo evolutivo, mais especificamente passou a fazer parte do sistema consonantal do português arcaico, o que está de acordo com a ideia apresentada em (b), referente ao processo de aquisição da linguagem: consoantes com traço [+anterior] tendem a emergir antes de consoantes com traço [-anterior].

O traço [-anterior], no sistema consonantal latino, não possuía papel relevante, nem mesmo nas coocorrências: ele só constituía, por exemplo, as plosivas dorsais, contexto no qual acabava sendo redundante, já que todas consoantes com traço [dorsal] possuem invariavelmente o traço [-anterior]; o traço [anterior] passou a estabelecer contraste e exercer um papel constitutivo nas coocorrências a partir da constituição do

sistema consonantal do português arcaico. Aliás, o traço [-anterior] foi o principal atuante no processo de fonologização da classe das palatais.

Na diacronia do português, as obstruintes com traço [-voz] mantiveram-se inalteradas ao longo do processo evolutivo, ao passo que o traço [+voz] estava presente, no sistema do latim, apenas em coocorrência com o traço [-contínuo], considerando a classe das consoantes [-soante]. O traço [+voz] passou a estabelecer correlação com o traço [+contínuo] a partir da constituição do inventário consonantal do português arcaico, o que está de acordo com a ideia apresentada em (c), relativa à aquisição fonológica, de que consoantes [-voz] tendem a emergir depois de consoantes com traço [+voz]. Desse modo, evidencia-se que tendências universais apontadas no processo de aquisição das consoantes das línguas podem também ser identificadas na diacronia do português.

As pressões que orientam a aquisição das consoantes do português, apresentadas por Matzenauer (2008), relacionam-se diretamente com o princípio de Robustez proposto por Clements (2009), ao tratar da constituição de inventários fonológicos. É importante que uma análise sobre o processo de fonologização na diacronia do português leve em consideração não apenas a robustez dos traços tomados de forma isolada, referindo sua capacidade de estabelecimento de contraste: estes precisam também ser vistos por meio das correlações que estabelecem entre si, como parte de uma organização que estrutura internamente cada segmento da língua. Para tanto, por meio da geometria de traços e dos diagramas arbóreos de cada um dos segmentos envolvidos nos processos que culminaram na implementação de novos segmentos no sistema consonantal do português, desde a sua origem no latim, é possível visualizar os tipos de coalizão ocorridos nos contextos em que operou a fonologização na diacronia do português.

4.2.2 A fonologização de segmentos do português a partir de sequências do latim

A fonologização dos segmentos /z/, /ʃ/, /ʒ/, /ɲ/ e /ʎ/ no sistema consonantal do português ocorreu a partir de sequências de fonemas do latim. Apenas o fonema /v/, ao que os dados apontam, não se fonologizou a partir da coalizão de traços combinados em razão da origem de uma sequência de segmentos. Assim, nesta seção, recebem especial atenção nas análises as sequências latinas que se constituem como o contexto de origem

dos novos fonemas integrantes do sistema consonantal do português. O que se pretende é explicitar, a partir das análises que evidenciarão o tipo de coalizão estabelecida entre os traços, como os Princípios fonológicos propostos por Clements podem ter papel fundamental nos casos de fonologização identificados na diacronia do português.

Para tanto, serão retomadas as geometrias de traços já apresentadas na Seção 4.1, a fim de que possam ser explicitados, além dos tipos de coalizão ocorridos, também as novas correlações estabelecidas entre os traços, que permitiram a integração de novos fonemas no inventário fonológico do português. É importante salientar que vão ser aqui destacadas apenas as etapas evolutivas pertinentes para evidenciar o movimento de traços no processo que deu origem a consoantes do português que não integravam o inventário de segmentos do latim.

A linha de análise a ser seguida pressupõe que os traços da estrutura interna dos segmentos envolvidos no processo evolutivo sejam examinados à luz dos Princípios Fonológicos Baseados em Traços (CLEMENTS, 2009): Economia de Traços, Evitação de Traços Marcados, Robustez e Fortalecimento Fonológico⁵⁶. Assim, a fonologização de cada um dos segmentos que se originou de sequências latinas será analisada, nesta seção, com base no tipo de coalizão ocorrido entre os traços envolvidos e nas consequentes correlações estabelecidas; além disso, serão buscadas evidências sobre a pertinência dos Princípios Fonológicos Baseados em Traços nesse movimento que, envolvendo traços, permitiu a fonologização na diacronia do português.

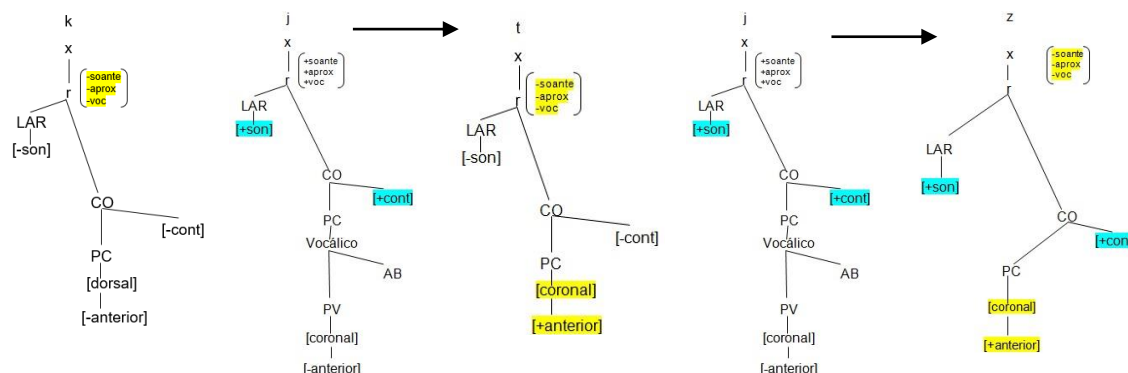
4.2.2.1 Coalizão de traços na fonologização de /z/

Conforme já referido neste trabalho⁵⁷, um dos contextos que propiciou a fonologização da fricativa alveolar /z/ foi a sequência formada por uma consoante com traço [-soante, dorsal, -contínuo, -voz], que por sua vez passa a ser realizada com o traço [coronal], seguida de consoante [+soante, coronal, +contínuo, -anterior]. As possíveis etapas evolutivas seriam: $kj > tj > ts > dz > z$ (veja-se Seção 3.3.2). Dispondo-se lado a lado os diagramas da sequência latina de onde se originou o fonema /z/, é possível visualizar na Figura 37 qual a contribuição, em termos de traços aproveitados, de cada segmento na constituição do novo fonema.

⁵⁶ Para uma caracterização dos Princípios, veja-se Seção 2.2.1.

⁵⁷ Veja-se Seção 3.3

Figura 37: Coalizão de traços da sequência /kj/ na fonologização de /z/



Legenda
 Traços da 1ª consoante
 Traços da 2ª consoante

Conforme já explicitado na Seção 4.1, a primeira etapa da fonologização de /z/ a partir da sequência /kj/ consiste na assimilação do traço [coronal] do primeiro segmento para o segundo, o que faz com que a sequência /kj/ passe a /tj/, também identificada como uma das origens da fricativa /z/. Assim, tomando como referência a sequência /tj/, é possível identificar, por meio dos diagramas arbóreos, que os traços de raiz [-soante, -aprox, -voc], bem como os traços de ponto [coronal, +anterior] da primeira consoante da sequência, mantiveram-se na estrutura do novo fonema, ao passo que os traços [+voz] e [+contínuo] provieram do segundo fonema da sequência.

A manutenção do valor do traço [soante] no referido processo de fonologização pode ser entendida como evidência de que na diacronia, assim como ocorre na aquisição, o Princípio de Robustez atua orientando o estabelecimento de contrastes entre as classes de segmentos, uma vez que o traço [soante] pertence ao nível mais alto da Escala de Robustez (veja-se Quadro 3) – a robustez pode responder pela estabilidade do traço. Da mesma forma, o traço [coronal] integra um movimento favorável ao estabelecimento de novos contrastes no sistema e, assim como o traço [soante], pertence ao mais alto nível da hierarquia proposta por Clements (2009), segundo a qual contrastes estabelecidos por estes traços são favorecidos nas línguas. Assim, pode-se entender também que a coocorrência [-soante, coronal] seja favorecida na diacronia do português como base para a expansão do sistema, em virtude de serem estes traços que pertencem ao mais alto nível da Escala de Robustez proposta por Clements.

Porém, o Princípio de Robustez parece não ser o único com papel fundamental na determinação do tipo de movimento ocorrido no processo de coalizão entre os traços dos segmentos das sequências latinas que se fonologizaram em segmentos que não integravam o inventário de consoantes do latim. Quanto à preferência pela manutenção do traço [coronal] em relação ao [dorsal]⁵⁸, é possível entender ainda que o Princípio de Evitação de Traços Marcados também possa estar sendo evidenciado como responsável pelos caminhos seguidos pelo sistema em se considerando os casos de fonologização ocorridos.

A literatura da área da fonologia aponta, como também o faz Clements (2009), que o traço [dorsal], em relação ao [coronal], é considerado mais marcado; aí reside a motivação de mostrar menor frequência nas línguas do mundo. Neste caso, o sistema do português opta por atender ao princípio que milita a favor dos traços não marcados na constituição do inventário consonantal do português, para o estabelecimento de contrastes entre classes de segmentos, visto que a fonologização de /z/, portanto o traço [coronal], amplia a classe das fricativas⁵⁹, ao mesmo tempo em que encaminha para um maior equilíbrio dentro da classe das soantes.

Clements chama a atenção para o fato da constante interação entre alguns princípios, dentre os quais se destacam o Princípio de Evitação de Traços Marcados e o Princípio de Economia de Traços: ao mesmo tempo em que este milita a favor do melhor aproveitamento de traços já ativos no sistema, independentemente de seu status quanto à marcação, aquele orienta para que sejam evitados os contrastes estabelecidos pelos traços mais marcados⁶⁰. Da mesma forma, o favorecimento do traço [+anterior] decorre do fato de ser este o valor menos marcado do traço.

Do segundo fonema da sequência, são “aproveitados” os traços [+voz] e [+contínuo] que, em se comparando o inventário do latim com o do português moderno, eram traços pouco econômicos, visto que não estabeleciam muitas oposições dentro do

⁵⁸ Conforme já referido neste trabalho, Williams (2001, p. 90) aponta para o fato de que a sequência [tj] já no latim vulgar, passou a ser utilizada no lugar de [kj], sem distinção.

⁵⁹ A expansão do sistema dá-se dentro de uma classe já existente, que é a classe das fricativas.

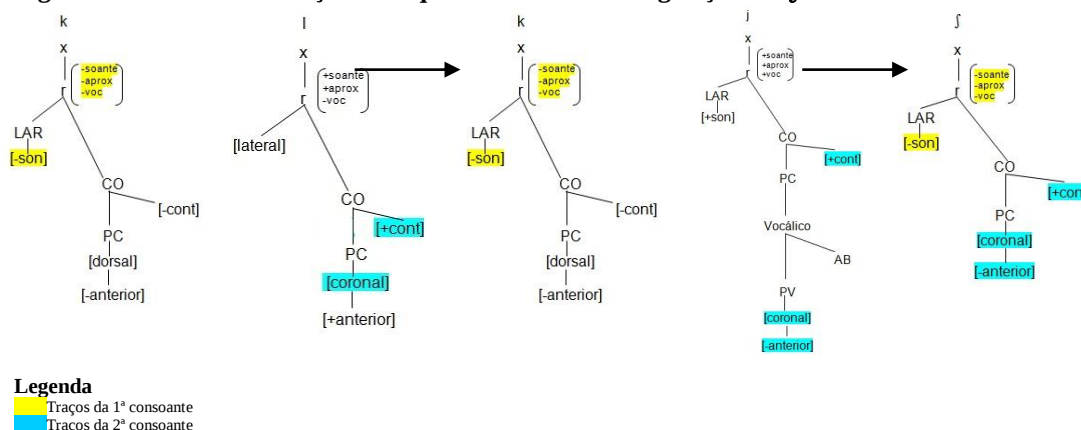
⁶⁰ Clements (2009) propõe uma lista que apresenta quais são os traços considerados mais marcados na constituição dos inventários consonantais das línguas: [+soante], [+contínuo], [+nasal], [+estridente], [+posterior], [+lateral], [glote aberta], [glote constrita].

sistema⁶¹. Assim, o Princípio de Economia de Traços de Clements também pode ser evidenciado como determinante para o tipo de coalizão ocorrida na fonologização de /z/, a partir da sequência /tj/⁶². Este também é um princípio que interage continuamente com os demais, especialmente com o princípio de Robustez e o princípio de Evitação de Traços Marcados, conforme já foi acima mencionado: ao mesmo tempo em que o sistema busca uma combinação máxima dos traços ativos, os contrastes estabelecidos pelos traços mais robustos são os favorecidos, e isso ocorre principalmente a partir de valores não marcados.

4.2.2.2 Coalizão de traços na fonologização de /ʃ/

Em relação à fonologização da fricativa palatal /ʃ/, sabe-se que ocorreu a partir das sequências kl, pl, fl, em onset absoluto ou, quando medial, após consoante. É possível visualizar o tipo de coalizão de traços ocorrida se forem expostos, lado a lado, os diagramas arbóreos da sequência consonantal e o segmento fonologizado, conforme Figura 38.

Figura 38: Coalizão de traços da sequência /kl/ na fonologização de /ʃ/



⁶¹ O traço [+voz] era responsável pela oposição existente exclusivamente na classe das plosivas. Já o traço [+contínuo], dentro da classe das [-soante], estabelecia a oposição somente entre fricativas, todas [-voz], e plosivas.

⁶² Outro contexto de fonologização de /z/ são as sequências /ks/ e /sk/, ainda que representem um menor número de ocorrências. Nestes casos, entende-se que tenha havido a suspensão da estrutura da plosiva e, estando a referida sequência em contexto intervocálico, o traço [+voz] das vogais adjacentes acaba motivando também o vozeamento da fricativa surda. Neste caso específico de fonologização de /z/, é possível definir o Princípio de Economia de Traços como atuante no processo, visto que, pelo aproveitamento de um traço já ativo no sistema, porém ainda pouco econômico, uma lacuna na classe das fricativas é preenchida, permitindo a oposição [±voz] dentro desta classe e propiciando, novamente, um maior equilíbrio na classe das [-soante], a partir do contraste proporcionado pelo traço [±contínuo].

Por meio da disposição apresentada na Figura 38, que representa em parte⁶³ o processo evolutivo da fonologização de /ʃ/ a partir da sequência /kl/, é possível identificar os traços presentes na referida sequência consonantal, a qual em etapa posterior tem um de seus segmentos vocalizado, e que constituem o novo fonema integrado ao sistema.

A partir dos diagramas arbóreos apresentados, é possível identificar que, no processo de fonologização de /ʃ/, os traços da raiz do segmento permanecem os mesmos presentes na primeira consoante da sequência, ou seja, o traço que determina a classe a que o segmento pertence [-soante] se mantém inalterado, assim como o traço que determina a sonoridade [-voz]. Em relação aos traços de ponto de consoante, estes são aproveitados do segundo segmento da sequência, inicialmente consonantal, mas que, em etapa posterior, se vocaliza. Assim, a coocorrência [coronal, +contínuo, -anterior], provinda do segundo segmento da sequência, passa a integrar o fonema consonantal, motivando o surgimento de um fonema que, ao ser considerado o ponto de articulação, constitui uma nova classe dentro das consoantes portadoras do traço [-soante]: as fricativas palatais.

Mais uma vez, é possível entender que o Princípio de Robustez seja o responsável pelo comportamento do sistema, marcando o favorecimento de contrastes a partir dos traços [-soante] e [coronal], ou seja, traços robustos (veja-se Quadro 3) mantêm-se inalterados. Por serem estes traços que se encontram no mais alto nível da Escala de Robustez, integram sempre a coocorrência base para boa parte dos casos de fonologização a partir de sequências do latim. A coocorrência [-soante, coronal], em correlação com os traços [+ contínuo] e [anterior], é responsável pelo estabelecimento de contraste dentro da classe das fricativas. O traço [-anterior], na classe das fricativas, é responsável apenas pelo contraste entre fricativas palato-alveolares e fricativas alveolares. O fato de ser este traço responsável por um contraste tão específico deve-se possivelmente à sua posição na Escala de Robustez, já que o traço [-anterior] integra o

⁶³ As possíveis etapas evolutivas envolvidas nos processos de fonologização tratados nesta pesquisa, representadas por meio dos diagramas arbóreos, são apresentadas e analisadas na Seção 4.1. Neste momento, interessa discutir a respeito dos tipos de coalizão ocorridos no processo evolutivo de constituição do sistema consonantal do português, no sentido de explicitar quais traços de cada um dos segmentos que dão origem aos novos fonemas estão presentes na estrutura arbórea dos segmentos fonologizados.

nível (b) da hierarquia. Isso significa que o traço [-anterior] estabelece contrastes bem mais específicos do que aqueles proporcionados pelos traços mais robustos, como é o caso do [soante], que promove o contraste entre toda a classe de obstruintes e todas as soantes.

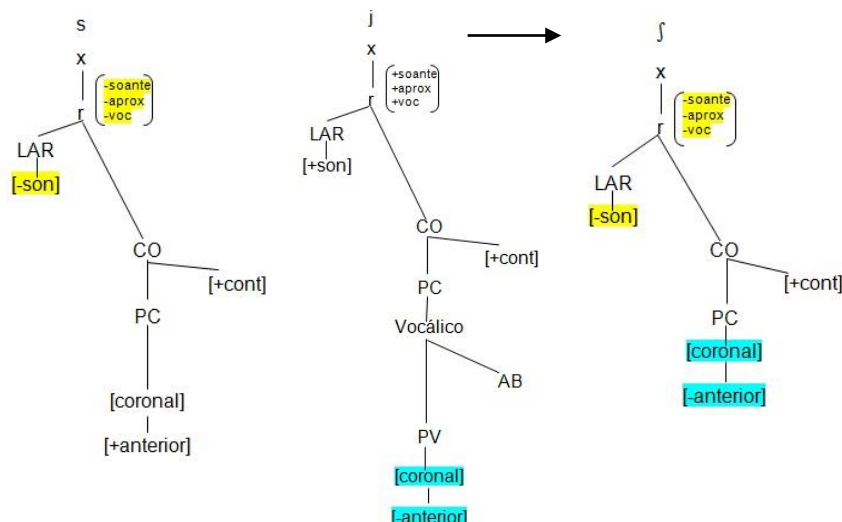
Ainda neste caso de fonologização de /ʃ/, o Princípio de Economia de Traços parece novamente atuar no sentido de promover o melhor aproveitamento de traços já ativos no sistema, como é o caso dos traços [+contínuo] que, no sistema consonantal do latim, se combinava minimamente com os demais ou acabam sendo redundantes; nesse jogo de busca de economia organizacional, o traço [anterior] passou a ser ativado no sistema de oposições da língua: na fonologia do português, o traço [±anterior] mostra pertinência. É importante destacar também o papel da coocorrência desses traços na constituição do sistema consonantal do português, visto que a correlação dos traços [+contínuo, anterior] determina o contraste dentro da classe das coronais. A partir da ativação dos dois valores do traço [anterior] para o estabelecimento de contrastes, aponta-se para a possibilidade de seu aproveitamento de forma mais eficiente no sistema do português em relação ao sistema do latim. O mesmo ocorre com o traço [+contínuo], que atua na expansão do sistema consonantal, mais especificamente na fonologização de novos segmentos na classe das fricativas.

Quanto ao Princípio de Evitação de Traços Marcados, é possível apontar para a sua atuação no favorecimento do traço [-soante] em relação ao [+soante], considerado o mais marcado por sua ausência em algumas línguas (CLEMENTS, 2009). Além disso, também parece ser seu papel a manutenção do traço [-voz] na estrutura do segmento fonologizado, apontado por Clements (2009) como o valor menos marcado nas línguas. Assim, embora o Princípio de Economia de Traços possa apontar para o melhor aproveitamento dos traços [+voz] e [+soante], o Princípio de Evitação de Traços Marcados anula esse movimento. Esse princípio, porém, não tem a mesma força em se considerando os traços [contínuo] e [anterior], visto que o Princípio de Economia acaba por se sobrepor ao de Evitação de Traços Marcados, favorecendo a ativação dos traços [+contínuo] e [-anterior], mais marcados no sistema.

Dando continuidade aos contextos de origem da fonologização de /ʃ/ no português, outra sequência que permite a integração desse fonema no sistema do

português é /sj/, cujos diagramas arbóreos são apresentados na Figura 39, a fim de que seja possível visualizar o tipo de coalizão de traços ocorrida neste processo.

Figura 39: Coalizão de traços da sequência /sj/ na fonologização de /ʃ/



Legenda
Traços da 1ª consoante
Traços da 2ª consoante

Na fonologização de /ʃ/ a partir da sequência /sj/, é possível identificar que os traços de raiz do segmento fonologizado provêm da estrutura do primeiro fonema da sequência, preservando o fonema novo na classe das consoantes [-soante]. Em coocorrência com os traços [coronal, -anterior] oriundos do segundo fonema da sequência, os traços [-soante, -voz] do primeiro segmento, juntamente com o traço [+contínuo] presente em ambos, propiciam a fonologização não só de um novo segmento, mas contribuem para a constituição da nova subclasse de fricativas no sistema consonantal do português: as palatais.

É possível evidenciar a atuação do Princípio de Robustez marcando o tipo de contraste favorecido no sistema, a partir da manutenção dos traços [soante] e [coronal], presentes no nível (a) da Escala de Robustez como definidores de uma grande classe contrastante no sistema consonantal do português: as obstruintes coronais. Além disso, o Princípio de Marcação de Traços favorece a manutenção do traço [-soante] em relação ao [+soante], que é mais marcado no sistema, assim como milita a favor do traço [-voz] em relação ao [+voz], que também tem o status de mais marcado. Porém, este mesmo princípio não produz efeitos na constituição do sistema em relação aos traços [contínuo] e [anterior], já que, nestes casos, o Princípio de Economia de Traços prevê um melhor

aproveitamento dos traços [+contínuo] e [-anterior], que já estavam ativos no sistema, porém combinavam-se minimamente no estabelecimento de oposições.

Das observações apresentadas sobre a fonologização da fricativa palatal desvozeada /ʃ/ na evolução do latim ao português, é possível verificar a ação prevalente de três princípios gerais, que, segundo Clements (2009), respondem pela estruturação dos inventários das línguas do mundo: o Princípio de Economia de Traços, o Princípio de Robustez e o Princípio de Marcação de Traços. Assim, ao lado da tendência estrutural de preenchimento de lacunas existentes em classes de segmentos, princípios de caráter universal mostram-se também atuantes no processo de fonologização de segmentos na diacronia do português.

4.2.2.3 Coalizão de traços na fonologização de /ʒ/

A fonologização de /ʒ/ decorre basicamente de três diferentes sequências de segmentos, a saber /gi/, /dj/ e /sj/. Os diagramas arbóreos das duas primeiras são apresentados nas Figuras 40 e 41.

Figura 40: Coalizão de traços da sequência /gi/ na fonologização de /ʒ/

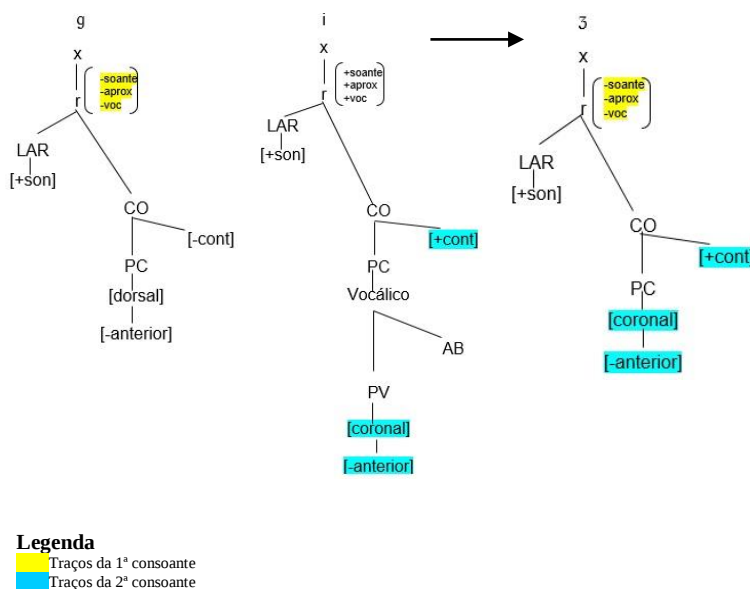
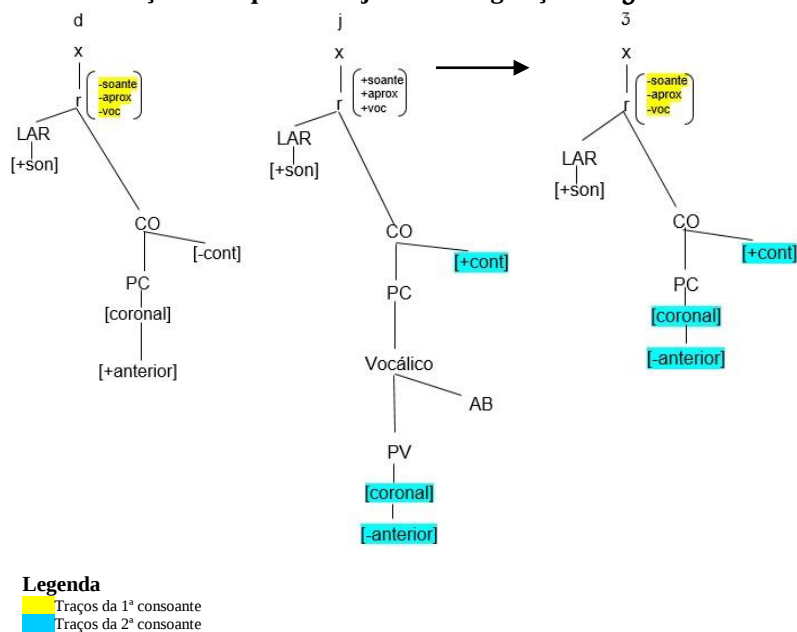


Figura 41: Coalizão de traços da sequência /dj/ na fonologização de /ʒ/



A partir das Figuras 40 e 41, é possível identificar que o processo de fonologização, apesar de envolver sequências diferentes, segue o mesmo caminho, uma vez que em ambos os contextos os traços de raiz do segmento /ʒ/ provêm da primeira consoante da sequência. Ao mesmo tempo, os traços [+contínuo, coronal, -anterior] são oriundos do segundo segmento, enquanto que a sonoridade não se altera, visto que os dois tipos de sequências têm o traço [+voz] na estrutura dos dois segmentos.

Assim, novamente, evidencia-se o Princípio de Robustez como o responsável pelo manutenção do novo segmento na mesma classe a que pertence o segmento consonantal de sua sequência de origem – essa é uma consequência da robustez do traço [soante]. Além disso, este mesmo princípio confirma o traço [coronal] como altamente favorecido para o estabelecimento de contrastes no sistema consonantal do português. Novamente, é possível apontar a coocorrência [-soante, coronal] como responsável pelo estabelecimento de contraste dentro da classe das obstruintes, favorecido pelo fato de ambos os traços estarem presentes no mais alto nível da Escala de Robustez de Clementes (veja-se Quadro 3).

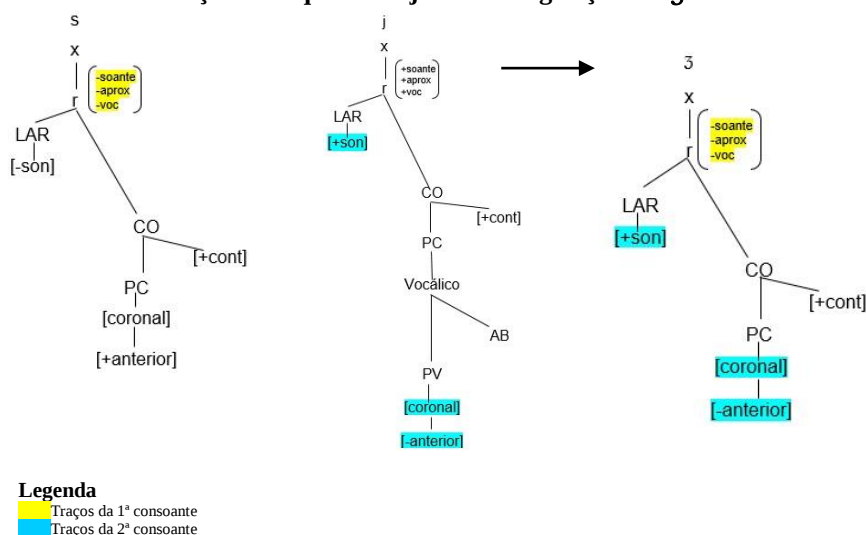
O Princípio de Evitação de Traços Marcados novamente parece favorecer a manutenção do traço [-soante] em relação ao [+soante], este último considerado como mais marcado e, por isso, muitas vezes evitado na constituição dos inventários das línguas. Além disso, o traço [coronal] do segundo segmento da sequência é favorecido

em relação ao traço [dorsal] presente na estrutura do segundo segmento, visto que este último, por estar ausente no inventário de diversas línguas, é considerado um traço marcado.

Também é possível apontar a atuação do Princípio de Economia de Traços no processo de expansão do sistema consonantal pela fonologização de /ʒ/, visto que é dele o papel de encaminhar o melhor aproveitamento de traços latentes⁶⁴ no sistema, porém minimamente combinados, como o [+contínuo] e [-anterior]. Este mesmo princípio justifica a não aplicação do Princípio de evitação de Traços Marcados em todos os contextos possíveis, uma vez que ambos os valores dos referidos traços são considerados mais marcados, porém acabam sendo mais bem combinados a fim de um melhor aproveitamento destes traços, ainda que carreguem consigo a característica de marcação.

Em relação à sequência /sj/, que também dá origem ao fonema /ʒ/ no português, podemos identificar, por meio da Figura 42, que o encaminhamento do processo de fonologização da fricativa palatal ocorre praticamente de forma idêntica às sequências /gi/ e /dj/, com exceção do traço de sonoridade, que neste caso não é idêntico nos dois segmentos, sendo favorecido o traço [+voz] proveniente do segmento vocálico da sequência:

Figura 42: Coalizão de traços da sequência /sj/ na fonologização de /ʒ/



⁶⁴ Considera-se latente a possibilidade do uso contrastivo do traço [±anterior] no sistema do latim, uma vez que incluía consoantes coronais anteriores; havia, portanto, a latência do uso desse traço para o estabelecimento de novas oposições no inventário segmental.

Assim como ocorre nos demais casos de fonologização atestados até aqui, os traços de raiz do novo segmento têm como base aqueles presentes na estrutura do primeiro fonema da sequência: [-soante], [-aprox] e [-voc]. Já a coocorrência [coronal, -anterior] tem sua origem no segundo fonema da sequência, assim como o traço que dá a característica de vozeamento [+voz] ao novo segmento.

Quanto ao papel dos Princípios Fonológicos na determinação dos movimentos identificados entre os traços dos segmentos envolvidos nesse processo de fonologização, novamente é possível pressupor a atuação do Princípio de Robustez no favorecimento dos contrastes estabelecidos a partir de traços considerados mais robustos. No caso analisado, tais traços constituem a coocorrência [-soante, coronal], altamente favorecida na constituição dos inventários das línguas, o que se evidencia também na diacronia do português, uma vez que boa parte dos casos de fonologização identificados envolve essa coocorrência, o que justifica o maior número de fonemas fonologizados a partir da correlação estabelecida entre tais traços⁶⁵. Além disso, a própria manutenção e alargamento desse contraste é o que permite que contrastes estabelecidos a partir de traços menos robustos (como o traço [+voz], por exemplo), possam também integrar o sistema.

Mas o Princípio de Robustez não atua sozinho na determinação dos caminhos que conduzem à fonologização de /ʒ/ a partir da sequência /sj/: o Princípio de Evitação de Traços Marcados, em interação com o de Robustez, favorece que o traço [-soante] integre a estrutura do novo segmento e supere a atuação do traço de valor oposto [+soante], visto que, segundo a Escala de Marcação proposta por Clements, o [+soante] é o valor considerado como marcado na constituição dos inventários das línguas. O autor salienta a constante interação entre os Princípios Fonológicos propostos em seu Modelo, sobretudo os Princípios de Robustez, de Evitação de Traços Marcados, além do Princípio de Economia. Essa interação ocorre no sentido de que, por vezes, alguns limites acabam sendo impostos à atuação de um determinado princípio, em razão da interferência dos encaminhamentos ditados por outro.

⁶⁵ Considerando o sistema consonantal do Português Arcaico, é possível identificar sete novos fonemas que apresentam a coocorrência [-soante, coronal]: /ts/, /dz/, /z/, /tʃ/, /dʒ/, /ʃ/ e /ʒ/.

Assim, identifica-se também, no caso de fonologização analisado, a ação do Princípio de Economia de Traços, mais uma vez encaminhando um melhor aproveitamento de traços já ativos no sistema, porém minimamente combinados. É esse princípio que favorece a presença dos traços [-anterior] e [+voz] na estrutura do segmento fonologizado, ainda que os mesmos sejam portadores de valores de traços mais marcados e não estejam no topo da Escala de Robustez. Dessa forma, novamente é possível evidenciar a coocorrência [coronal, -anterior] sendo mais ativa no sistema, no sentido de que passa a responder pelo estabelecimento de contrastes antes não identificados no sistema.

A análise da fonologização da fricativa palatal vozeada /ʒ/ na evolução do latim ao português mostra curso paralelo com a fonologização de /ʃ/, também com a ação predominante de três princípios gerais, que integram a proposta de Clements (2009), no estudo sobre estruturação dos inventários das línguas do mundo: o Princípio de Economia de Traços, o Princípio de Robustez e o Princípio de Marcação de Traços. Mais uma vez se evidencia que, ao lado da tendência estrutural de preenchimento de lacunas existentes em classes de segmentos, princípios de caráter universal também se mostram decisivos no processo de fonologização de segmentos na diacronia do português.

4.2.2.4 Coalizão de traços na fonologização de /ɲ/

Em relação à nasal palatal /ɲ/, de acordo com a descrição dos dados apresentada na Seção 3.3.3, sabe-se que três foram as sequências latinas que motivaram a sua fonologização no português, a saber: /nj/, /in/ e /gn/. Embora sejam identificados três contextos distintos, em todos eles o movimento entre os traços, ao que tudo indica, parece ser o mesmo, visto que envolve um processo de assimilação de parte da estrutura vocálica pela consoante, formando assim um segmento complexo⁶⁶. Esse movimento pode ser visualizado nas Figuras 43 e 44.

⁶⁶ Inclusive na sequência /gn/ é este o movimento identificado, já que, de acordo com os dados, o segmento [-soante, dorsal] da sequência passa a constituir-se pelos traços [+soante, coronal], ou seja, acaba passando a glide e carrega em sua estrutura características vocálicas.

Figura 43: Coalizão de traços da sequência /nj/ na fonologização de /ɲ/

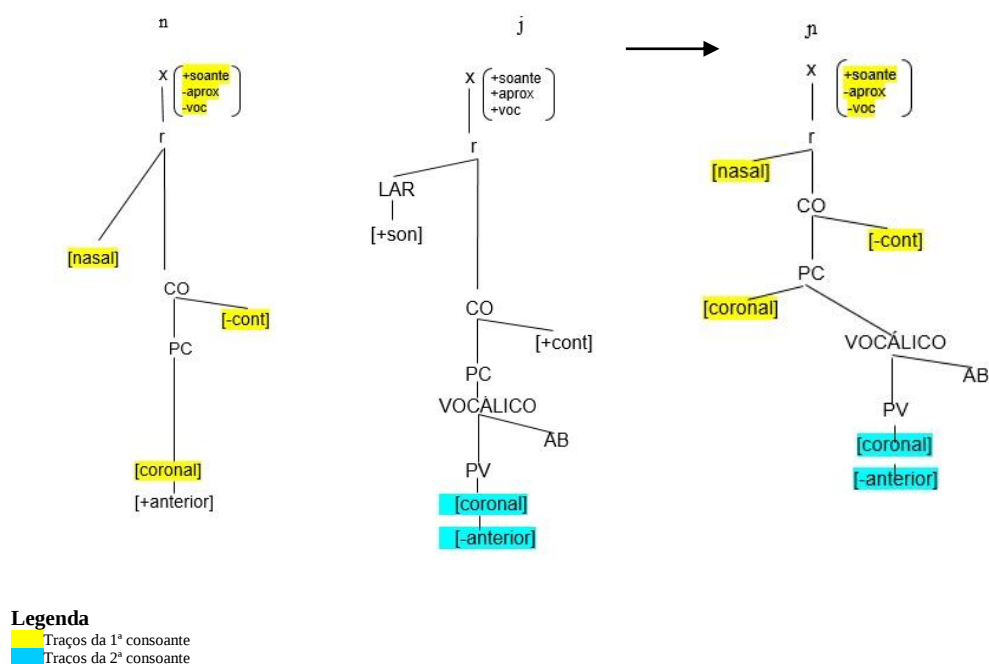
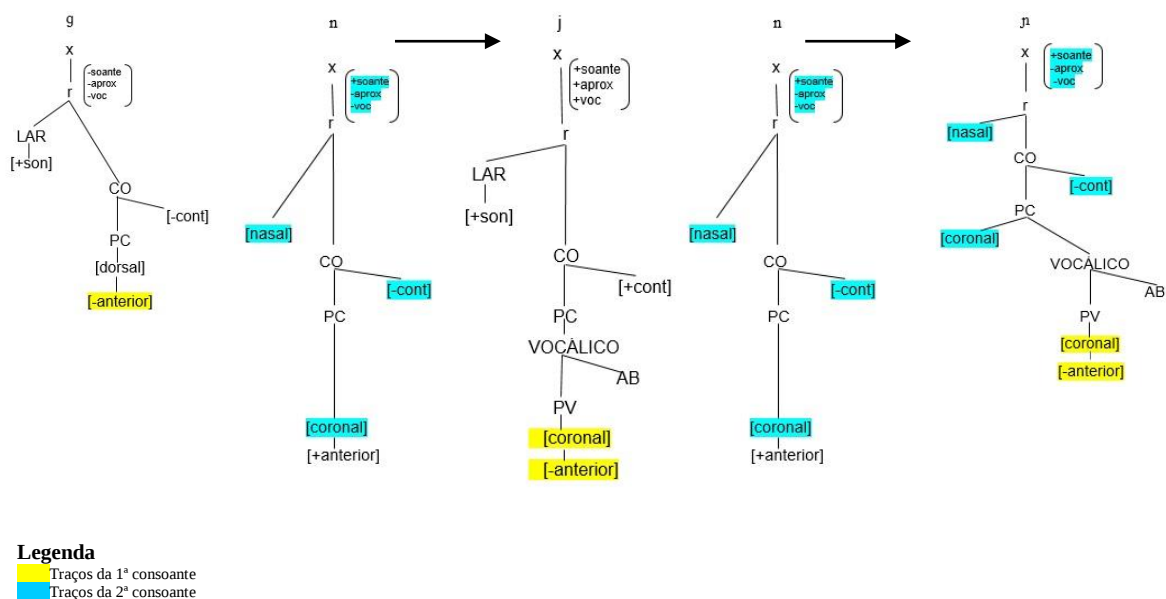


Figura 44: Coalizão de traços da sequência /gn/ na fonologização de /ɲ/



Os três contextos, então, acabam reduzindo-se a uma sequência que envolve os mesmos traços. O segmento fonologizado recebe seus traços de raiz [+soante, -aprox, -voc] da consoante nasal, assim como o próprio traço [nasal] e o [-contínuo]. Do segmento com traço [+voc], provém a coocorrência [coronal, -anterior], responsável pelo estabelecimento de um novo contraste dentro do grupo das nasais coronais: /n/ e /ɲ/.

O Princípio de Robustez favorece a manutenção dos traços [+soante] e [coronal], por sua alta capacidade de estabelecimento de contraste dentro do sistema de consoantes do português, já que são traços mais robustos, que ocupam o primeiro nível da Escala de Robustez (veja-se Quadro 3). Esses resultados confirmam o poder de previsibilidade do princípio em relação à constituição do inventário fonológico do português, em sua diacronia: as mudanças ocorridas no sistema seguem a mesma tendência verificada na constituição natural dos inventários das línguas, bem como no processo de aquisição, ou seja, são privilegiados no processo de fonologização os traços responsáveis pelo estabelecimento dos mais robustos contrastes dentro do sistema.

O Princípio de Evitação de traços Marcados, mais uma vez, atua na preferência dada à manutenção do traço coronal⁶⁷ em relação ao traço [dorsal], considerando a sequência latina /gn/, assim como favorece a manutenção do traço [-contínuo] em relação ao [+contínuo], este último considerado o valor marcado. Apesar de alguns movimentos serem orientados por esse princípio, a sua ação acaba sendo minimizada em relação a outros traços, por força da atuação do princípio que prevê a máxima combinação possível dos traços que estão ativos no sistema, ainda que os mesmos sejam traços marcados.

O Princípio de Economia de Traços age favorecendo o aproveitamento de traços, como é o caso do [+nasal], ainda que seja definido como um traço marcado, por sua ausência em algumas línguas do mundo, além de ser também um traço menos robusto, em razão da menor preferência dada a ele pelas línguas para o estabelecimento de contrastes nos inventários consonantais. O referido princípio também é responsável pelo aproveitamento do traço [-anterior], que no latim, embora estivesse latente, não estabelecia contrastes dentro do sistema, o que passa a acontecer no português, a partir de sua correlação com o traço [coronal], com que forma a coocorrência base para a maior parte dos processos de fonologização identificados na diacronia do português.

Essas considerações sobre a fonologização da nasal palatal /ɲ/ na evolução do latim ao português evidenciam, assim como na fonologização das fricativas palatais /ʃ/ e

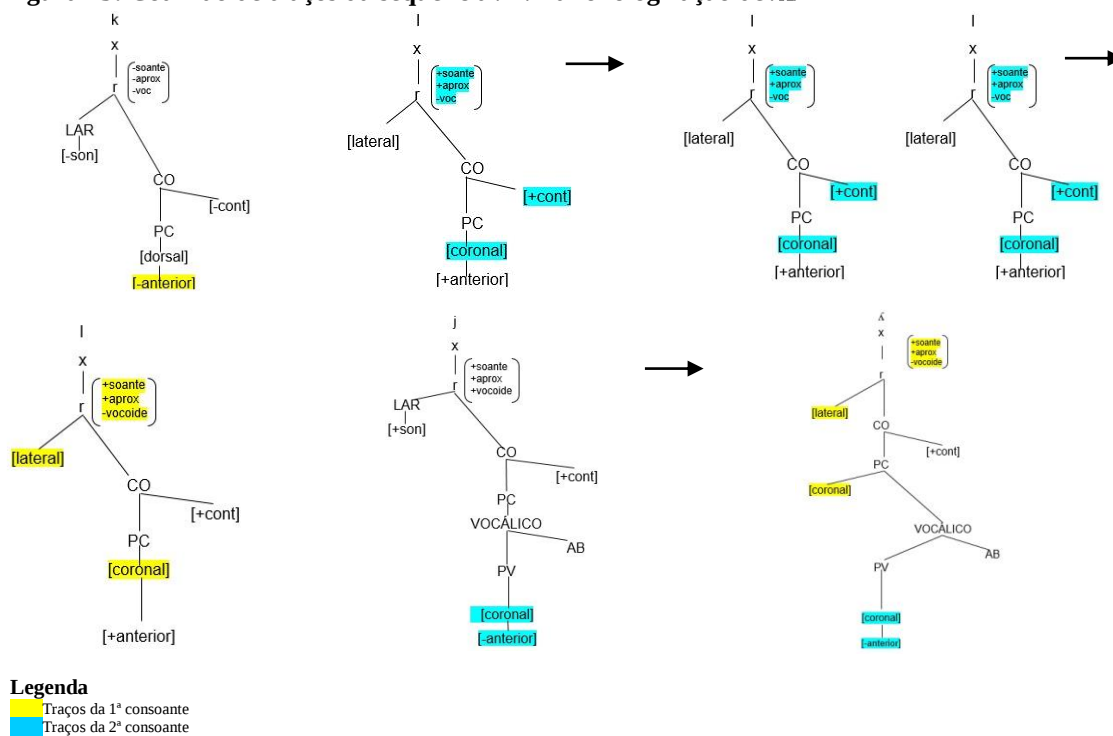
⁶⁷ Segundo Clements (2009), o [coronal] é o traço *default*, não marcado, uma vez que está presente no inventário de todas as línguas, diferentes dos traços [labial], que está presente em algumas, e o [dorsal], presente em outras, considerados, desta forma, como traços marcados.

/ʒ/, também com a ação efetiva de três princípios gerais presentes no modelo de Clements (2009): o Princípio de Economia de Traços, o Princípio de Robustez e o Princípio de Marcação de Traços. Assim, a fonologização de /ɲ/ vem não apenas preencher lacuna na classe das nasais, mas o faz de modo a atender princípios de caráter universal.

4.2.2.5 Coalizão de traços na fonologização de /ʎ/

Na fonologização de /ʎ/, o contexto base para que o novo fonema possa emergir no sistema do português é a sequência /lj/⁶⁸, que se constitui também como uma das etapas evolutivas das sequências /kl/, /gl/, /pl/, /bl/, /tl/⁶⁹. O processo evolutivo de emergência da lateral palatal, evidenciando-se os movimentos ocorridos em direção à coalizão dos traços envolvidos, pode ser visualizado na Figura 45.

Figura 45: Coalizão de traços da sequência /kl/ na fonologização de /ʎ/



⁶⁸ Embora as sequências de obstruinte mais lateral se constituam também como a origem do referido fonema, evidencia-se nas Seções 3.3.3 e 4.1.6 que há uma assimilação total da estrutura da lateral, com posterior vocalização, o que justifica ser apresentada a sequência /lj/ como a base para a fonologização de /ʎ/.

⁶⁹ Segundo Williams (2001) e Teyssier (2008), o caminho evolutivo percorrido por essas sequências é o mesmo: assimilação total da consoante lateral e subsequente vocalização.

Por meio do diagrama arbóreo do fonema /ʎ/, bem como da representação do seu percurso evolutivo evidenciado através das geometrias de traços apresentadas na Figura 45, é possível identificar qual a origem dos traços que compõem a sua estrutura interna. Os traços de raiz do segmento [+soante, +aprox, -voc], bem como os traços [lateral] e [coronal] provêm, no caso da sequência /lj/, do primeiro segmento da sequência. Já a coocorrência [coronal, -anterior] têm sua origem no segmento que possui em sua estrutura características vocálicas.

No processo de fonologização de /ʎ/, mais uma vez é possível identificar a ação do Princípio de Robustez no encaminhamento dos movimentos que constituem a coalizão ocorrida entre os traços dos segmentos presentes nas sequências latinas que dão origem ao novo fonema palatal. Tal princípio favorece a manutenção dos traços [soante] e [coronal], já que ocupam o mais alto nível da escala de Robustez, o que evidencia a preferência que as línguas têm em estabelecer contrastes com base nesses traços e nas possíveis cominações destes com os demais. Novamente, é possível afirmar que esta seja a coocorrência de base para quase que a totalidade dos casos de fonologização identificados na diacronia do português⁷⁰.

Em relação ao Princípio de Evitação de Traços Marcados, evidencia-se novamente a sua atuação no sentido de favorecer a presença do traço coronal em relação ao traço [dorsal] e ao [labial], presentes na constituição de algumas das sequências latinas que se fonologizaram em /ʎ/, considerando as sequências latinas /kl/, /gl/, /pl/, /bl/. Porém, novamente a sua ação acaba sendo minimizada em relação a outros traços, por força da atuação do princípio que orienta para um máximo aproveitamento dos traços ativos no sistema, inclusive aqueles considerados mais marcados.

O Princípio de Economia de Traços, que favorece o aproveitamento de traços pouco utilizados na efetivação de contrastes, age a favor do aumento de combinações possíveis para a emergência de um maior número de fonemas a partir de um reduzido número de traços, o que define o índice de economia da língua, conforme apontado por Clements (2009). Tal princípio orienta, então, o melhor aproveitamento do traço [lateral], por exemplo, que no latim atuava de forma pouco econômica, visto o baixo

⁷⁰ Apenas a fonologização de /v/ não encontra respaldo na coocorrência [soante, coronal], já que o referido fonema é constituído pelo traço [labial].

rendimento em termos de contraste que proporcionava. Da mesma forma, o Princípio de Economia de Traços orienta para o melhor aproveitamento do traço [+contínuo], ainda que este seja considerado um traço marcado. Conforme Clements aponta, se um dado valor de traço marcado está no ativo no sistema, caracterizando um número reduzido de fonemas, a tendência é que o mesmo passe a constituir novas oposições, contribuindo assim para a expansão do sistema, como o que ocorreu na diacronia do sistema consonantal do português, especificamente com o traço [+contínuo], que no latim caracterizava apenas duas fricativas (f, s)⁷¹, uma lateral (l) e dois glides (w, j). Por fim, o referido princípio também milita a favor da combinação do traço [-anterior], que no latim não estabelecia contrastes dentro do sistema, mas que no português, em coocorrência com os traços [-soante, coronal], é responsável pela oposição existente dentro da classe das fricativas, ao passo que em coocorrência com os traços [+soante, coronal] estabelece contraste dentro da classe das laterais e das nasais, aumentando assim o índice de economia do sistema consonantal do português.

A fonologização da lateral palatal /ʎ/, segundo as observações aqui apresentadas, seguiu caminho similar ao da emergência da nasal palatal /ɲ/ na evolução do latim ao português evidenciam. Assim como foi apontado na fonologização das fricativas palatais /ʃ/ e /ʒ/ e da nasal palatal /ɲ/, também para a fonologização da lateral palatal militaram três princípios gerais presentes no modelo de Clements (2009): o Princípio de Economia de Traços, o Princípio de Robustez e o Princípio de Marcação de Traços. Conforme foi registrado ao ser tratado o fenômeno da fonologização das palatais /ʃ/, /ʒ/ e /ɲ/, também a fonologia de /ʎ/ não somente apenas preencheu lacuna na classe das laterais, como também respondeu a princípios gerais que norteiam a organização de inventários segmentais das diferentes línguas humanas.

⁷¹ Se considerado o possível sistema do Latim clássico apresentado no Quadro 5, haveria ainda mais uma fricativa: a dorsal /h/.

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ao propor os cinco Princípios Fonológicos Baseados em Traços, pode dizer-se que Clements (2009) trouxe ao campo da análise fonológica uma releitura da abordagem que Jakobson (1939) e Martinet (1955) previam como sendo fundamental ao serem tratadas as questões relacionadas à constituição dos inventários das línguas, inclusive no tocante à mudança. A ideia de que um sistema de sons se constitui a partir da correlação existente entre os traços presentes e ativos em sua estrutura, já presente em Jakobson e Martinet, está na base do funcionamento dos princípios propostos por Clements, ao mesmo tempo em que garante aos autossegmentos o devido reconhecimento do seu papel na constituição dos fonemas e na sua integração em um sistema.

Segundo Martinet (1955), em muitos casos, uma mudança na realização de um fonema ocorre em função da modificação de um só de seus traços. Partindo do ponto em que o traço distintivo se posta como unidade de mudança, pode-se esperar que qualquer articulação distintiva mude com independência das demais articulações com as quais se combina para formar fonemas individuais. Dessa forma, o rendimento funcional de um traço tem um papel de destaque em sua teoria por ser um dos fatores que contribuem para a conservação ou supressão de um fonema.

A análise dos dados do presente estudo permite afirmar que, na diacronia do português, a fonologização ocorre por uma constante atuação e interação dos princípios universais propostos por Clements (2009), de modo mais efetivo em se tratando do Princípio de Economia de Traços, do Princípio de Robustez e do Princípio de Marcação de Traços.

Destaca-se que um quarto princípio, o Princípio do Reforço de Traços, segundo Clements (2005), age mais nas classes naturais de sons do que nos segmentos individualmente. Ele consiste no incremento de um traço marcado para reforçar um contraste acusticamente fraco entre dois sons ou uma classe de sons. Conforme já delineado na Seção 2.4.2, a adição do traço [+ estridente] às plosivas coronais, como /t/, é um bom exemplo para ilustrar a ação deste princípio, pois o traço [+estridente] aumenta a distância auditiva das formas fonéticas que representam /tʃ/, que têm estridência, daquelas de /t/, que não são estridentes.

Na diacronia do português, então, pode interpretar-se que este é mais um princípio que norteia o *continuum* evolutivo do sistema, visto que toda uma classe de africadas foi inserida no sistema (no português arcaico), ainda que posteriormente tenham evoluído para suas correspondentes fricativas. Para além da atuação isolada desse princípio, é preciso considerar a possibilidade de sua interação, por exemplo, com o Princípio de Evitação de Traços Marcados, visto que esses princípios geram movimentos contrários no sistema, pois o Reforço pode dar-se a partir da inserção de um traço marcado no sistema, para o que o Princípio de Evitação tenderá sempre impor certas barreiras, o que pode explicar a supressão das africadas no sistema do português.

O quinto princípio, o Princípio de Limitação de Traços, pode ser considerado um princípio de atuação geral, no sentido de que orienta o sistema em relação ao limite de fonemas e de contrastes possíveis a partir do conjunto de traços ativos. Esse princípio, de certa forma, poder ser considerado como um filtro, que limita o próprio processo de fonologização na constituição do inventário consonantal do português, no sentido de que não é possível que qualquer segmento seja fonologizado: a fonologização só ocorre com base nos traços que já estão ativos no sistema. Nesse sentido, esse princípio mostra ação integrada como o Princípio de Economia de Traços.

As lacunas de segmentos na estrutura do sistema não são a condição básica a determinar a fonologização de novos segmentos, mas as correlações existentes entre os traços que compõem o sistema. Os traços e suas coocorrências é que são definidores de quais segmentos são inseridos e mantidos, e o conceito de economia, proposto por Martinet, relaciona-se diretamente com os apontamentos feitos por Clements na proposição dos cinco princípios. Segundo Martinet (1973, p. 207-210) dois são os aspectos fundamentais a serem considerados em relação à mudança:

- a) a integração dos fonemas no sistema fonológico: um fonema integrado em um feixe de oposição (que se refere às possíveis correlações entre traços) é relativamente mais estável que o fonema não integrado, mesmo que aquele não tenha um rendimento funcional tão abrangente. O autor exemplifica com os dois fonemas ingleses /θ/ e /ð/, que há séculos se mantêm em oposição, mesmo com um rendimento funcional quase nulo, porém encontram-se perfeitamente integrados na “poderosa correlação de sonoridade”. Acrescenta, ainda, que uma “casa vazia” numa correlação tenderá a ser preenchida, porém nunca se chegará

a um momento de plena simetria e estabilidade, embora os feixes de relações mais firmes sejam sempre aqueles que menos se prestam a possíveis mudanças – essa observação de Martinet pode ser relacionada diretamente com a noção de robustez dos traços proposta por Clements.

- b) A tendência à economia ou melhoramento de rendimento funcional: segundo Martinet, é de grande importância o rendimento funcional das relações, aproveitando-se ao máximo as rendosas e eliminando-se as de baixo rendimento. Nem todos os fonemas de uma língua apresentam um mesmo rendimento, visto que alguns figuram na distinção de uma centena de palavras, apresentando então um alto rendimento, enquanto que outros são empregados em bem menor número ou em contextos bem mais específicos, o que detona um baixo rendimento. Segundo o autor, é possível supor que um rendimento alto iniba a mudança, enquanto que um rendimento baixo a favoreça – essa observação de Martinet pode ser relacionada diretamente com o Princípio de Economia de Traços, proposto por Clements.

As fricativas [+voz] são um bom exemplo da interação entre os princípios relacionados à Marcação e Economia, pois apresentam em sua estrutura valores de dois traços marcados: [+ voz] e [+ contínuo]. Clements (2009) entende que esse possa ser o motivo de as fricativas [+voz] não integrarem praticamente metade dos inventários das línguas do mundo. Em contrapartida, atesta que, estando uma fricativa presente no sistema, há o dobro de probabilidade de haver outra fricativa, ou seja, a possibilidade de duas fricativas integrarem um inventário é muito maior do que haver apenas uma. Isso talvez justifique a concentração do processo de fonologização na diacronia do português na classe das fricativas. Ainda que no português arcaico tenham se fonologizado também as africadas /ts, dz, tʃ, dʒ/, estas evoluíram para o segmento fricativo correspondente ao seu ponto de articulação /s, z, ʃ, ʒ/.

É possível afirmar que a evolução do sistema do português tenha buscado ampliar o índice de economia, aumentando o número de sons e, ao mesmo tempo, aumentando a produtividade dos contrastes estabelecidos pelos traços que compõem a estrutura dos segmentos que já integravam originalmente o inventário. Uma rápida comparação entre os sistemas do latim vulgar e do português moderno é capaz de atestar esse aumento: enquanto o sistema latino integrava catorze fonemas, o sistema do

português apresenta dezenove. Quanto ao número de traços, evidencia-se a perda do contraste por meio do traço [quantidade] e do traço [estridente], por exemplo, no entanto, observa-se também a maior produtividade do contraste de outros traços já atuantes no inventário.

Entenda-se que o processo evolutivo de todo sistema se dá pelo constante jogo de equilíbrio e desequilíbrio, proporcionado, conforme já foi aqui observado, pela atuação de princípios universais, conforme a proposição de Clements. As análises encaminhadas nesta pesquisa, que evidenciam a busca por uma simetria dentro do sistema, mais especificamente na classe das consoantes [-soante], corroboram os apontamentos feitos por Tarallo (1994, p. 108). Segundo o autor, a simetria existente na classe das oclusivas em latim também é trazida para as fricativas. Assim, em correspondência com as consoantes já existentes /f/ e /s/, o sistema estabeleceu a contrapartida sonora desses fonemas fricativos, fonologizando /v/ e /z/.

Em simetria com as oclusivas que apresentavam ponto de articulação labial, dental ou pós-palatal, o português deu espaço para a fonologização de duas novas consoantes, /ʃ/ e /ʒ/. De acordo com Tarallo, tal inserção abriu espaço para que também fossem simetrizadas, via ponto de articulação, as nasais e as laterais, fonologizando-se /ɲ/ e /ʎ/. As análises evidenciam que essa simetria na classe das fricativas é encaminhada por meio das novas correlações estabelecidas pelos traços [anterior], [voz] e [contínuo], que são os responsáveis por grande parte da fonologização na diacronia do português.

Tomando como base as classes de segmentos e os traços que as constituem, os resultados das análises evidenciam as novas oposições que emergiram a partir do processo de fonologização: na classe das fricativas, o contraste pelo traço [$\pm$ voz] faz com que haja uma fricativa [+voz] (/v, z, ʒ/) para cada fricativa [-voz] (/f, s, ʃ/); especificamente nas fricativas com traço [coronal], a coocorrência com o traço [$\pm$ anterior] estabelece um novo contraste entre fricativa [coronal, -anterior], /ʃ, ʒ/ e fricativa [coronal, +anterior], /s, z/; na classe das nasais, o novo contraste é estabelecido por meio da coocorrência [coronal, $\pm$ anterior], opondo assim nasal [coronal, -anterior], /ɲ/ e nasal [coronal, +anterior], /n/, o que também se efetiva na classe das laterais, em que o contraste estabelecido se dá entre lateral [coronal, -anterior], /ʎ/ e lateral [coronal,

+anterior], /l/; por fim, na classe das palatais cabe ao traço [$\pm$ soante], assim como ao traço [$\pm$ contínuo], o papel de contrastar /ʃ, ʒ/ e /ɲ, ʎ/.

Ao serem analisados os tipos de coalizão ocorridos entre os traços que compõem as sequências latinas que deram origem aos novos fonemas do português, evidencia-se que a coocorrência [-soante, -voc] é favorecida em relação a [+soante, +voc], ao mesmo tempo em que a coocorrência [+soante, -voc] é favorecida em relação a [+soante, +voc]. No que se refere às relações estabelecidas entre os traços e seus efeitos na constituição do sistema, todas as fonologizações a partir de sequências têm a coocorrência [soante, coronal], que atuam em coocorrência com os traços [contínuo] e com o traço subsidiário de ponto [anterior].

A manutenção do traço [-soante] na fonologização de um novo segmento no sistema está relacionada com um tipo de coalisão que implica uma fusão dos traços presentes nos dois segmentos da sequência. Para constituir os espaços da estrutura do novo fonema, os traços que se opõem diretamente “disputam” o mesmo espaço, e pode-se afirmar que o que determina o favorecimento de um em relação ao outro pode ser relacionado com o papel dos Princípios Fonológicos propostos por Clements.

Nesse sentido, o Princípio de Evitação de Traços Marcados rege o favorecimento, por exemplo, da manutenção do traço [-soante] em relação ao [+soante], já que este, segundo Clements, é o traço mais marcado em se considerando a constituição do inventário consonantal das línguas do mundo. Além disso, favorece também a manutenção do traço [coronal] em relação ao [dorsal], o que justifica a fonologização de um maior número de fonemas coronais, já que o [coronal] está presente em todas as línguas do mundo, recebendo o status, portanto, de traço não marcado.

É possível, ainda, identificar certa convergência nos “movimentos dos traços” no processo de coalizão a partir das sequências latinas que se fonologizaram em novos segmentos no português. Na classe das [-soantes], a tendência é que os traços de raiz [soante, aproximante, vocoide] se mantenham aqueles presentes no primeiro fonema da sequência⁷², considerando-se as mudanças sofridas pelos segmentos no processo

⁷² A única exceção a essa tendência parece ser as sequências /sk/ e /ks/, pelo fato de que, ao que indicam as gramáticas históricas, o segmento plosivo caiu, fazendo com que não se constitua mais uma sequência de fonemas, atuando, então, o processo de sonorização da fricativa /s/.

evolutivo que culmina com a fonologização, enquanto que os traços de ponto [coronal, anterior] são oriundos do segundo fonema, que, nos casos da fonologização de segmentos palatais, é uma vogal ou semivogal palatal. O traço [+contínuo] do segundo fonema sempre supera o [-contínuo] do primeiro, nos casos em que tal oposição se faz presente na sequência. Já o traço [+voz] provém ou do segundo fonema, ou dos segmentos vocálicos adjacentes à sequência.

Na classe das menos soantes, há uma diferença em relação à posição do segmento de onde provêm os traços de raiz e de ponto, não sendo possível estabelecer a mesma tendência evidenciada nas consoantes soantes, mas é possível considerar que os traços de raiz se mantêm aqueles oriundos do fonema da sequência que já pertencia à referida classe, no caso os segmentos /n/ e /l/, o que não deixa de evidenciar uma relação com o que ocorre na classe das [-soante], que se configura da mesma forma. As sequências que se fonologizaram em [+soante] “recebem” os traços de ponto [coronal, -anterior] às vezes do primeiro, às vezes do segundo fonema, mas sempre da semivogal palatal. Talvez esses fatos evidenciem que, mais do que a ordem dos segmentos nas sequências, o tipo de traço que constitui cada fonema é o verdadeiro fator determinante no processo de fonologização, ou seja, na combinação de traços que dá origem ao segmento fonologizado.

As análises e os resultados apresentados nesta pesquisa evidenciam que há dois movimentos de expansão do sistema, identificados na diacronia do português, representativos do processo de fonologização: um movimento em busca de maior simetria no interior da classe das obstruintes, que se reflete na fonologização dos fonemas /v/ e /z/; e um movimento que implica a inclusão de uma nova classe no sistema, promovendo a emergência das palatais /ʃ/, /ʒ/, /ɲ/, /ʎ/. A inclusão de uma nova classe não é motivada pela busca de atribuição de maior simetria, ao se considerar o sistema de origem, mas traz a simetria em sua essência, já que é uma classe natural que emerge e, não, segmentos escolhidos aleatoriamente. A motivação para a emergência de toda uma classe de segmentos, no processo evolutivo de um inventário fonológico, pode residir no maior aproveitamento dos traços que se mostravam pertinentes no sistema de origem. Destaca-se que, pela análise proposta no presente estudo, subjacente aos dois movimentos de expansão do sistema pelo processo de fonologização, está a noção de traço como unidade fonológica, conduzida por seu vínculo a princípios universais.

Tais apontamentos ratificam a ideia, aqui já defendida, de que as mudanças ocorridas no inventário consonantal do português são implementadas não apenas pela configuração estrutural do sistema, como defendiam os estruturalistas diacrônicos. A motivação para a mudança não está, portanto, somente na existência de lacunas no sistema e na busca pelo manutenção ou restabelecimento de seu equilíbrio interno⁷³, mas no tipo de relação existente entre os traços que constituem os segmentos do sistema. E as correlações possíveis entre os traços, por sua vez, são estabelecidas de acordo com princípios fonológicos universais, que agem de forma integrada, uma vez que não representam leis invioláveis, mas tendências universais na formação dos inventários das línguas do mundo, evidenciadas também na constituição histórica do sistema consonantal do português.

⁷³ Segundo Lucchesi (2004, p. 146), o equilíbrio interno seria proporcional à simetria de sua configuração interna.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Feitas as análises e discutidos os resultados, reforça-se, aqui, o fio condutor que encaminha este estudo, ou seja, a ideia de que trabalhos que dão enfoque às mudanças linguísticas contribuem para demonstrar que essas transformações, muitas vezes entendidas como mero erro durante o “embate entre variantes”, na verdade não são aleatórias. Ao contrário, o dinamismo é da essência das línguas e sempre pode e deve ser explanado teoricamente. Aquilo que ainda não foi explicado poderá sê-lo, desde que as teorias sejam suficientes para tanto.

Partindo-se dessa premissa, considera-se a pertinência do aparato teórico utilizado nas análises apresentadas nesta Tese, uma vez que se entende que os objetivos desta pesquisa foram alcançados, bem como as questões norteadoras respondidas satisfatoriamente, a partir do suporte fornecido pela Teoria Autossegmental (CLEMENTS e HUME, 1995) e pelo Modelo de Princípios Fonológicos Baseados em Traços (CLEMENTS, 2009).

Considerando, para a investigação do processo de fonologização na diacronia, o contexto de atuação deste fenômeno, as possíveis motivações, os traços envolvidos em sua implementação e a sua repercussão na constituição do inventário fonológico do português, os seguintes apontamentos podem ser apresentados, os quais se relacionam diretamente com o primeiro objetivo específico apresentado na introdução desta Tese: *caracterizar o sistema consonantal do latim e, desse ponto de partida, traçar o processo evolutivo para o português com foco nos traços e processos envolvidos na mudança, motivadores do processo de fonologização*.

Para a composição do sistema consonantal do português, a fonologização operou basicamente por meio de quatro processos:

- Sonorização: que resultou no preenchimento de duas lacunas existentes na classe das fricativas por meio da fonologização de /v/ e /z/.
- Consonantização: que se constitui como uma etapa dos processos de fricativização de /v/ e palatalização de /ʒ/.
- Fricativização: que também resultou no preenchimento de duas lacunas existentes na classe das fricativas por meio da fonologização de /v/ e /z/.
- Palatalização: que se constitui como o processo mais produtivo ocorrido na diacronia do português, visto que é responsável pela fonologização de uma nova classe: a classe das palatais, com /ʃ/ ; /ʒ/ ; /ɲ/ ; /ɫ/.

Considerando o contexto silábico, a fonologização atuou na diacronia do português da seguinte forma: em onset absoluto fonologizaram-se os segmentos /ʃ/; /ʒ/; /v/, enquanto que em onset medial se fonologizaram /ʃ/; /ʒ/; /ɲ/; /ʎ/; /v/; /z/. É possível, ainda, relacionar o contexto silábico ao tipo de processo fonológico: a sonorização e a fricativização ocorrem no contexto de onset medial, enquanto que a palatalização e a consonantização ocorrem tanto em onset absoluto como em onset medial.

Em relação ao papel dos traços na implementação do processo de fonologização, são possíveis também alguns apontamentos, os quais dialogam diretamente com o segundo objetivo específico deste trabalho: *analisar a evolução do sistema consonantal do português, formalizando por meio de traços, em uma visão autosegmental* (CLEMENTS e HUME, 1995; CLEMENTS, 2009), *o fenômeno da fonologização, que determinou mudanças linguísticas no referido sistema*. Além disso, tais considerações resumem ainda a resposta para a primeira questão norteadora desta pesquisa: *como se constitui a trajetória evolutiva do latim à língua românica em estudo, em termos de traços e processos envolvidos no fenômeno da fonologização?*

- A consonantização é caracterizada como um processo de fortalecimento, que pressupõe maior tensão articulatória, que por sua vez implica mudanças na raiz do segmento por meio da atuação do traço [-vocoide];
- A fricativização ocorre pela atuação do traço [+cont] da vogal adjacente ou da consoante /r/, que acaba espraiando-se para a estrutura do segmento alvo; além disso, a alteração do traço [±cont] implica uma reestruturação do segmento;
- A sonorização dá-se pela atuação do traço [+voz] proveniente do contexto intervocálico, que se espraiava para a estrutura da consoante surda;
- A palatalização pode ser entendida como processo que resulta da incorporação de traços vocálicos ao segmento consonantal simples, que por sua vez passa a segmento complexo; e também um processo em que se evidencia a atuação dos traços [coronal], [+contínuo] e [-anterior].

A análise dos dados ainda permitiu evidenciar que o contexto silábico, os segmentos adjacentes e, principalmente, a atuação dos traços são fatores intrinsecamente relacionados no processo de fonologização, já que, dependendo de cada um deles e de sua combinação, uma mesma sequência de segmentos pode resultar em um fonema diferente, o que se relaciona diretamente, ainda que de forma resumida, com

o terceiro objetivo desta pesquisa: *discutir o processo de fonologização de traços e de segmentos consonantais na diacronia do português, à luz do Modelo de Princípios Fonológicos Baseados em Traços (CLEMENTS, 2009), verificando articulações entre princípios universais e a evolução histórica do inventário fonológico do português. As observações apresentadas sumarizam também as respostas obtidas na pesquisa para as demais questões norteadoras desta Tese: que princípios e que traços, segundo a proposta de Clements (2009), estariam atuando sobre as unidades do sistema consonantal latino, condicionando o fenômeno da fonologização de segmentos na história do português? A robustez dos traços, amplamente evidenciada como o princípio que orienta os processos de expansão e solidificação dos sistemas em aquisição, pode ter um papel igualmente fundamental em se tratando das mudanças sofridas pelo sistema consonantal do latim? Pela coocorrência de traços, é possível explicar os caminhos delineados na evolução das consoantes do latim ao português, em se tratando da expansão do sistema?*

Do ponto de vista da Escala de Robustez e do Princípio de Economia de Traços, evidencia-se que um tipo de fonologização ocorrido é aquele em que há a atuação de traços já pertinentes no sistema para a configuração de um novo contraste, que se dá em uma nova coocorrência de traços. Nesse caso, a fonologização ocorre em virtude de um melhor aproveitamento de traços já ativos no sistema, como é o caso do [+vozeado]. Também a fonologização pode ocorrer pela atribuição de valor contrastivo a traço redundante no sistema: foi o que ocorreu com o traço [anterior], que, sendo redundante no latim, passou a ser contrastivo no português. Pelas análises propostas, é possível definir que os traços [+vozeado], [-anterior] e [+contínuo] são os responsáveis pelo estabelecimento de novos contrastes na evolução do latim ao português, sendo que tais traços pertencem a níveis altos da Escala de Robustez de Clements (2009), o que lhes atribui a propriedade de *robustos*, e que as novas coocorrências em que tais traços passaram a operar implicou o seu emprego mais econômico, atendendo ao Princípio de Economia de Traços.

Além disso, a análise e a discussão dos resultados com o suporte do Modelo de Princípios Fonológicos Baseados em Traços permite identificar quais são as coocorrências de traços que servem como base para a ativação de determinados traços. Por exemplo, para o traço [+vozeado] ser ativado como motivador de novos contrastes, a base é a coocorrência [-soante, -contínuo]; para a ativação de [+contínuo], a

coocorrência de [-soante, -contínuo]; para [-anterior] e [-vocoide], a coocorrência [coronal, $\pm$ contínuo]. É o que evidencia a importância de um olhar para a Escala de Robustez não apenas de acordo com a atuação dos traços isolados, mas também com base na atuação conjunta desses traços. É possível depreender, das análises aqui realizadas, que os traços do nível mais alto da hierarquia dão base para a expansão do sistema, enquanto que os demais servem para o estabelecimento de contrastes.

As análises apresentadas nesta Tese também evidenciam que as correlações existentes entre os traços, as quais permitem agrupá-los de acordo com suas afinidades estruturais, são responsáveis pela expansão do sistema, ocasionada pelo processo de fonologização, pressionado por princípios fonológicos universais, que agem de forma mais ou menos integrada na constituição do inventário consonantal do português. Isso é o que permite ratificar a ideia de que não é apenas a estrutura do sistema que motiva a mudança, mas as correlações existentes entre os traços que compõem esse sistema. O que realmente define quais segmentos são inseridos e mantidos, em um contínuo jogo de equilíbrio e desequilíbrio, não são somente as lacunas existentes: é também a força exercida por princípios fonológicos que consideram a atuação dos traços na constituição dos inventários fonológicos das línguas, permitindo que segmentos se encontrem mais ou menos integrados dentro desse sistema.

BIBLIOGRAFIA

ABAURRE, M. B. SANDALO, M. F. Os róticos revisitados. In: HORA, Dermeval; COLLISCHONN, Gisela. (orgs.) Teoria Linguística: Fonologia e outros temas. João Pessoa, Editora Universitária: 144-180. 2003

AMORIM, C. Padrão de Aquisição de Contrastes do PE: a interação entre traços, segmentos e sílabas. Tese de Doutorado. Porto: Universidade do Porto, 2015.

BASSETTO, B. F. Filologia Românica I. São Paulo: EDUSP, 2005.

_____. Filologia Românica II. São Paulo: EDUSP, 2010.

BISOL, L. Sândi vocálico externo: degeminação e elisão. Cadernos de Estudos Linguísticos. Campinas: UNICAMP, n. 23, p. 83-101, 1992.

_____. Fonologia: uma entrevista com Leda Bisol. Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL. Vol. 4, n. 7, agosto de 2006.

Bisol, L.; HORA, D. da. Palatalização da oclusiva dental e fonologia lexical. *Actas do IX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Coimbra: APL, p. 61-80, 1993.

BONET, E.; MASCARÓ, J. On the representation of contrasting rhotics. Universidade Autônoma de Barcelona, 1996.

BORGES, P. R. S., Comparação entre o processo fonológico de assimilação encontrado na diacronia e na aquisição do português, 1996. 169f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística Aplicada) – Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

BRESCANCINI, C.; MONARETTO, V. Os róticos no sul do Brasil: panorama e generalizações. Revista SIGNUM: Estud. Ling., Londrina, n.11/2, p. 51-66, dez. 2008.

BYBEE, J. Word Frequency and Context of Use in the Lexical Diffusion of Phonetically Conditioned Sound Change. *Language Variation and Change*, 14, p. 261-290, 2002.

CALLOU, D.; LEITE, Y. & MORAES, J. Processo(s) de enfraquecimento consonantal

no português do Brasil. In: ABAURRE, M. B & RODRIGUES, A. (orgs.) Gramática do português falado. v. VIII: novos estudos descritivos. Campinas: UNICAMP/FAPESP, 2002.

CAMARA Jr, J. M. Línguas europeias de ultramar: o português do Brasil. In.: UCHÔA, C.E.F. (Org.). Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr, Rio de Janeiro: FGV, 1963.

_____. Dicionário de Filologia e Gramática. 4a. ed. Rio de Janeiro. Ozon. 1970.

_____. História e estrutura da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Padrão, 1975⁷⁴.

_____. Estrutura da língua portuguesa. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1976.

_____. Problemas de linguística descritiva. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984⁷⁵.

_____. Dicionário de linguística e gramática referente à língua portuguesa. Petrópolis/RJ, Vozes, 1998.

CASTILHO, A. T. de. Nova Gramática do Português Brasileiro. São Paulo: Editora Contexto. 2010.

_____. Representações das categorias cognitivas e sua diacronia. Interface Linguística cognitiva - Linguística histórica. **Filologia e Linguística Portuguesa**, Brasil, v. 13, n. 1, p. 63-87, jun. 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59879>>. Acesso em: 05 Jun. 2014.

CASTRO, I. Curso de história da língua portuguesa. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.

CHEN, M., WANG, W.S.-Y. Sound change: actuation and implementation. *Language* 51(2), 255—281, 1975.

⁷⁴ Foi consultada também a versão de 1985.

⁷⁵ Foi consultada também a versão de 1979.

CHOMSKY, N.; HALLE, M. *The Sound Pattern of English*. New York: Harper and Row. 1968.

CINTRA, L.F.L. Nova proposta de classificação dos dialetos Galego-portugueses. *Boletim de Filologia* XXII, 81-116, 1970.

CLEMENTS, G.N. The geometry of phonological features. *Phonological Yearbook*, n.2, p. 123-140, 1985.

_____. Representational economy in constraint-based phonology. In: HALL, Alan (org.). *Distinctive feature theory*. New York: Mouton de Gruyter, 2001.

_____. Features and Sound Inventories. *Symposium on Phonological Theory: Representations and Architecture*. New York: CUNY, 2004.

_____. The Role of Features in Phonological Inventories. *Symposium on Phonological Theory: Representations and Architecture*. New York: CUNY, 2005.

_____. The Role of Features in Phonological Inventories. In: RAIMY, Eric e CAIRNS, Charles E. *Contemporary Views on Architecture and Representations in Phonology*. Cambridge: MIT Press, 2009.

CLEMENTS, G.N. & HUME, E.V. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J.(ed.) *Handbook of Phonological Theory*. Oxford: Blackwell, 1995.

CLEMENTS, G.N. KEYSER, S.J. *CV Phonology: a generative theory of the syllable*. *Linguistic Inquiry Monograph*, Cambridge, Mass.: MIT Press, n.9, 1983.

COSERIU, E. *Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança linguística*. Rio de Janeiro: Presenca, 1979.

COUTINHO, I. L. *Pontos de gramática histórica*. 6. ed. rev. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1973⁷⁶.

CRISTÓFARO-SILVA, T. *Fonética e fonologia do português*. São Paulo: Contexto, 2003.

⁷⁶ Foi consultada também a versão de 1976.

DIAS, E. F. Processos de palatalização das consoantes velares e alveolares no português arcaico / Elaine Ferreira Dias. Belo Horizonte, 137f. PUC Minas – Belo Horizonte, 2009.

DONADEL, G. Sequências de obstruintes na história da língua portuguesa: da Variação nas Gramáticas Antigas à Teoria da Otimidade. Mestrado, UFRGS, 2007 .

FARACO, C. A. Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas . São Paulo: Parábola Editorial, 2005, edição revista e ampliada.

FARIA, E. Fonética histórica do latim. 2. ed., rev. e aum. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1957.

GOLDSMITH, J. A. Autosegmental Phonology. New York, NY: Garland Publishing, 1976.

HARRIS, J. Syllable Structure and Stress in Spanish. A non linear analysis. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1983.

HOLT, E. D. The role of the listener in the historical phonology of Spanish and Portuguese: an optimality- theoretic account. Tese de doutorado - Graduate School of Arts and Sciences of Georgetown University, Washington, 1997.

HORA, D. LUCENA R. M. Democção de fidelidade na evolução do português: uma abordagem baseada em restrições. Revista da ABRALIN, v. 6, n. 2, p. 57-83, jul./dez. 2007.

ILARI, R. Linguística Românica. 3 ed. São Paulo: Ática, 2008.

JACOBS, H. Lenition and Optimality Theory. Proceedings of the 24th Linguistic Symposium Romance Languages. University of Southern California and University of California, Los Angeles, 1994.

JAKOBSON, R. Observations sur le classement phonologique des consonnes. Proceedings of the 3rd International Congress of Phonetic Sciences, 34-41, 1939.

_____. Essais de linguistique générale. Paris: Minuit, 1963.

_____. Child language, aphasia and phonological universals. The Hague:

Mouton, 1968.

_____. Principes de phonologie historique. In: Trubetzkoy, N. S. Principes de phonologie. Paris: Klincksieck: 315-336 (apêndice). Original de 1931 TCLP. Versão inglesa: "Principles of historical phonology". In: Baldi, P. & N. Werth. (eds.) Readings in historical phonology. Pennsylvania University Press: 103-120, 1970.

JAKOBSON, R., FANT, G., HALLE, M. Preliminaries to speech analysis. Cambridge: MIT Press. 1952.

KING, R. D. Historical linguistics and generative grammar. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall. 1969.

KIPARSKY, P. Phonological change. Doctoral dissertation, M.I.T. 1965.

_____. Sound change and Phonologization. IV Seminário Internacional de Fonologia. Porto Alegre: PUCRS, 2012.

KOLOVRAT, G. de. Etude sur la vocalization de la consonne l dans les langues romanes. Paris: Jouve. 1923.

LABOV, W. The social motivation of a sound change. I: Sociolinguistic patterns. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. Resolving the neogrammarian controversy. Language, 57, n. 2, 1981.

_____. Building on empirical foundations. In W. Lehmann & Y. Malkiel (eds.), Perspectives on Historical Linguistics. Amsterdam/Phila: John Benjamins. Pp. 17-92. 1982.

_____. Principles of linguistic change. v. I. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.

LAZZAROTTO-VOLCÃO, C. Modelo Padrão de Aquisição de Contrastes: uma Proposta de Avaliação e Classificação dos Desvios Fonológicos. Tese de Doutorado. Pelotas: UCPEL, 2009.

_____. Uma proposta de Escala de Robustez para a aquisição fonológica do PB. Revista Letrônica, Porto Alegre v.3, n.1, p.64, julho 2010.

LEITE DE VASCONCELOS, J. Lições de filologia portuguesa. 3. Ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1959.

LIMA, J. M. de. Filologia Românica. Belém, EDUFPA, 2008.

LIGHTFOOT, D. Explaining syntactic change. In.: Explanation in linguistics. Ed. Hornstein & Lightfoot. London: Longman, 1981.

_____. How to set parameters: Arguments from language change. Cambridge, MA: MIT Press, 1991.

LYONS, J. Linguagem e Linguística. LTC. 2009

MAIA, C. História do Galego-Português, Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI. Coimbra: INIC, 1986.

MARTINET, A. Économie des changements phonétiques. Berne: A. Francke, 1955.

_____. Elementos de Linguística Geral. 6ª ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1975⁷⁷.

MAURER JR., T. H. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1959.

MATTOS e SILVA, R. V. Fluxo e refluxo: uma retrospectiva da linguística histórica no Brasil. *D. E. L. T.A.*, v.4, n^o 1, 1988.

_____. O português arcaico: fonologia. São Paulo, 1996.

_____. O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. Teorias da mudança linguística e a sua relação com a(s) história(s) da(s) língua(s). Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto - Vol. 3 –

⁷⁷ Também é referida a versão de 1973.

2008.

MATZENAUER, C L. B. Aquisição da fonologia e aplicações teóricas: um estudo sobre as soantes palatais. In: LAMPRECHT, Regina Ritter (org.). Aquisição da Linguagem: questões e análises. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

_____. Introdução à teoria fonológica. In.: BISOL, Leda. Introdução aos estudos de fonologia do português brasileiro. 4ª ed. rev. e ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

_____. A generalização em desvios fonológicos: o caminho pela recorrência de traços. Letras de Hoje, v. 43, n. 3, p. 27-34, jul./set. 2008.

_____. Generalizações e princípios na variação, na aquisição e nas tipologias de línguas. Cadernos de Pesquisas em Linguística (PUCRS), v. 4, p. 6-20, 2009.

_____. Modelagem do inventário consonantal na aquisição da fonologia. Comunicação oral; III SAF: Universidade Federal de Pelotas, 2011.

_____. Contrapontos na aquisição de gramática fonológica. Apresentação oral: III Encontro nacional sobre a Linguagem da Criança, UFRGS: 2015.

MATEUS, M.H.M. Resenha: *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. DELTA vol.16 n.1 , São Paulo 2000.

MEILLET, A. Linguistique historique et linguistique générale. Volume I. Reed. Paris: Klincksieck, 1926.

_____. Linguistique historique et linguistique générale. Volume II. Nova tiragem. Paris: Klincksieck, 1951.

MONARETTO, V. N. O. A vibrante pós-vocálica em Porto Alegre. In.: BISOL, Leda. Introdução aos estudos de fonologia do português brasileiro. 4ª ed. rev. e ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

_____. O estudo da mudança de som no registro escrito: fonte para o estudo da fonologia diacrônica. In: Letras de hoje. Porto Alegre N. 141, 2005.

MONARETTO, V. QUEDNAU, L.; HORA, D. As consoantes do português. In:

BISOL, L. (org.). Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

NASCENTES, A. Elementos de Filologia Românica. Org. José Pereira da Silva. Rio de Janeiro: Botelho Editora, 2009.

NARO, A. J. Estudos Diacrônicos. Petrópolis: Vozes, 1973.

NEUSCHRANK, A. Do latim ao português: um continuum à luz de teoria fonológica, Dissertação de Mestrado, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas. 2011.

PIERREHUMBERT, J. Exemplar dynamics: Word frequency, lenition, and contrast. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. (Eds.) Frequency effects and the emergence of linguistic structure. Amsterdam: John Benjamins, p.137-157; 2001.

PINHEIRO, N. L. A. O processo de variação das palatais lateral e nasal no português de Belo Horizonte, 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

QUEDNAU, L. R. O acento do latim ao português arcaico. Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2000. In: LEFFA, Vilson J. (compilador). 2000. TELA - Textos de Linguística Aplicada. Pelotas, Educat. CD-ROM. 2000.

SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. 34. ed. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye, com a colaboração de Albert Riedlinger. Prefácio à edição brasileira: Isaac Nicolau Salum. São Paulo: Cultrix, 2012.

SCHNEIDER, E. W. 2002. "Investigando variação e mudança em documentos escritos." Em JK Chambers, Peter Trudgill & Natalie Schilling-Estes, eds. O Manual de Língua Variação e Mudança. Oxford, Malden, MA: Blackwell 2002.

SILVA NETO, S. História do Latim vulgar. Rio de Janeiro: Biblioteca Brasileira de Filologia, 1957.

_____. História da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

TARALLO, F. Tempos linguísticos: itinerário histórico da língua portuguesa. São Paulo: Ática, 1994)

TEYSSIER, P. História da língua portuguesa. São Paulo: Martins Fontes, [1997] 2007.

TRUBETZKOY, N. S. Principes de Phonologie, Paris: Klincksieck, 1976.

VASCONCELOS, J.L. Lições de filologia portuguesa. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1959.

WANG, W. S-Y. Competing changes as a cause of residue. Language 45. p. 9-25. 1969.

WEINREICH, U; LABOV, W. ; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. I: LEHMAN, W. & MALKIEL, I. Directions for historical linguistics. Austin: University of Texas Press, 1968.

WETZELS, L. Mid Vowel Neutralization in Brazilian Portuguese. Cadernos de Estudos Lingüísticos.23:19-55. 1992

_____. Consoantes palatais como geminadas fonológicas no Português Brasileiro. Revista Estudos Linguísticos, volume 9, n. 2, p. 5-15. Belo Horizonte, 2000.

_____. Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

WILLIAMS, E. Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, [1961] 2001.

ZÁGARI, M. R. Fonologia diacrônica do português. Juiz de Fora: EDUFJF, 1988.